



12

53689

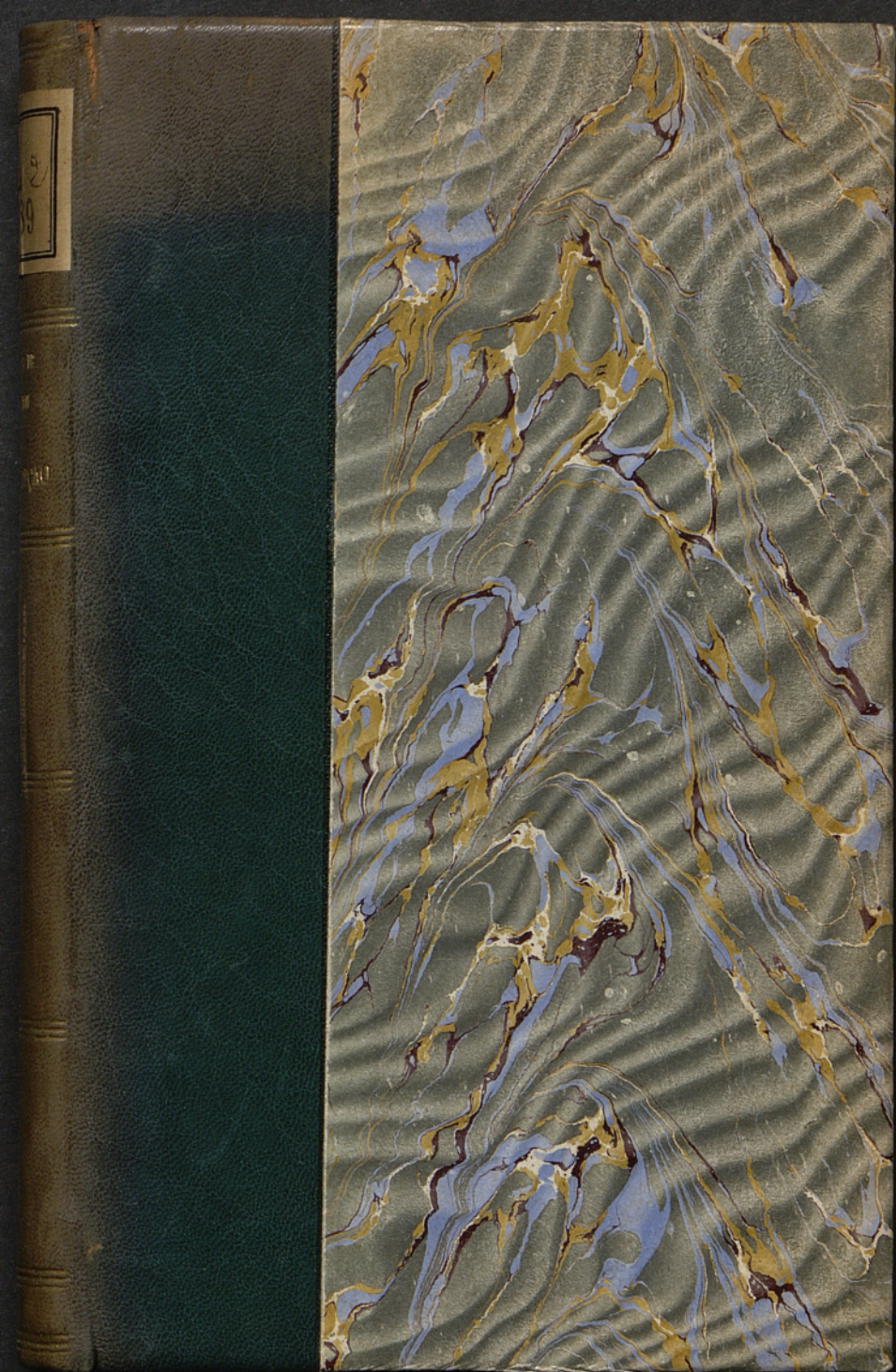
FRANCISCO DE

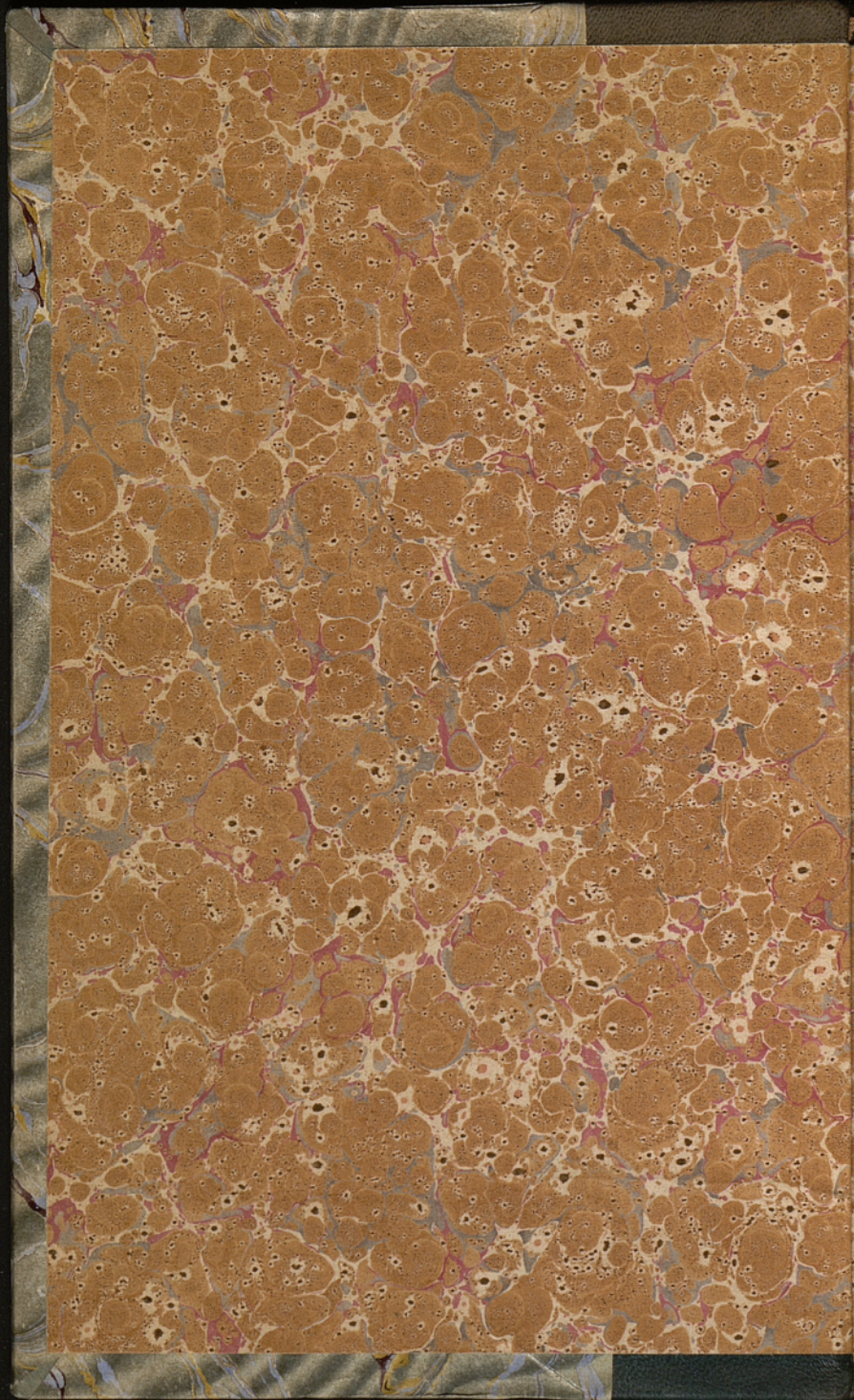
S. CARLOS

—

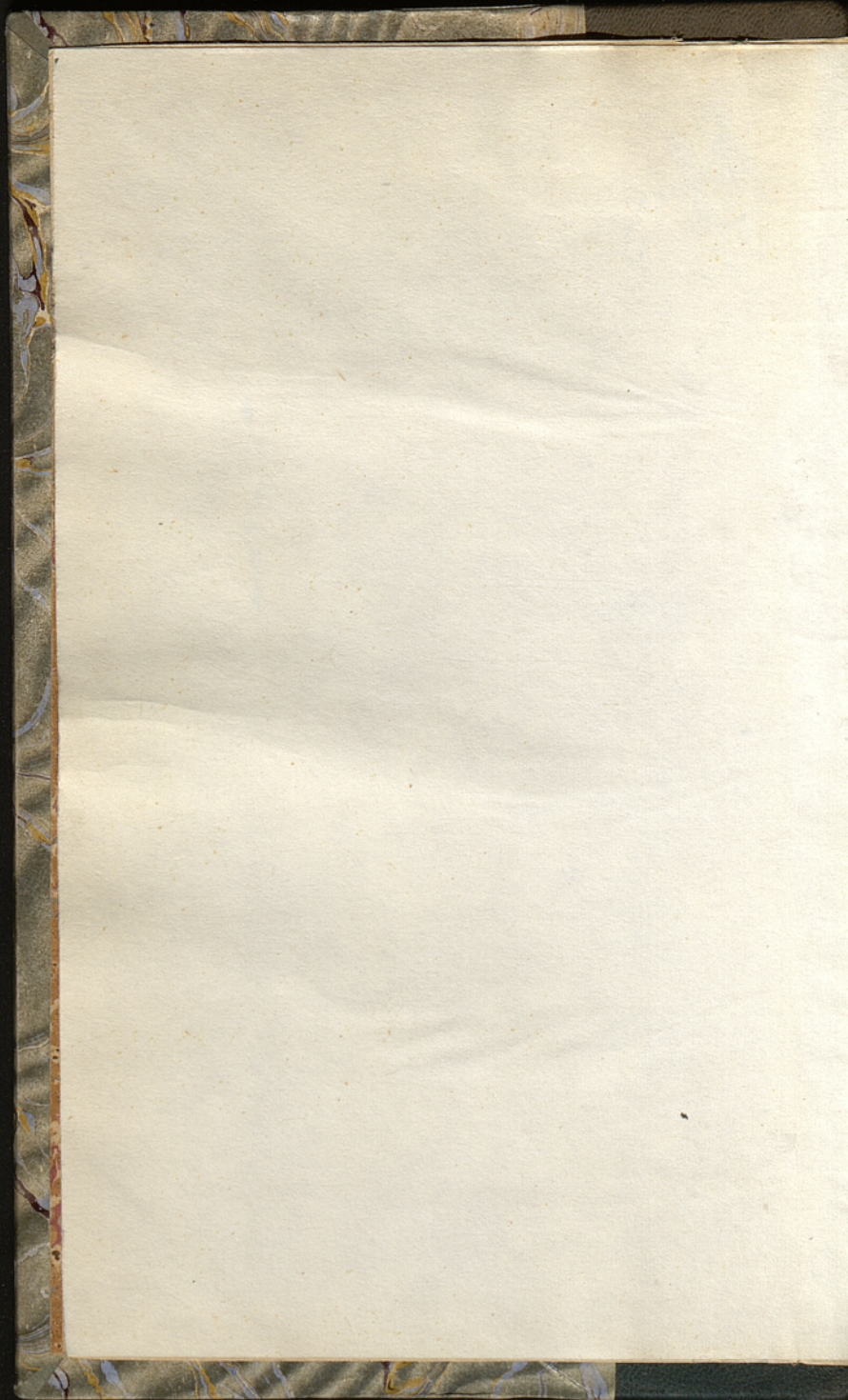
A ASSUMPÇÃO

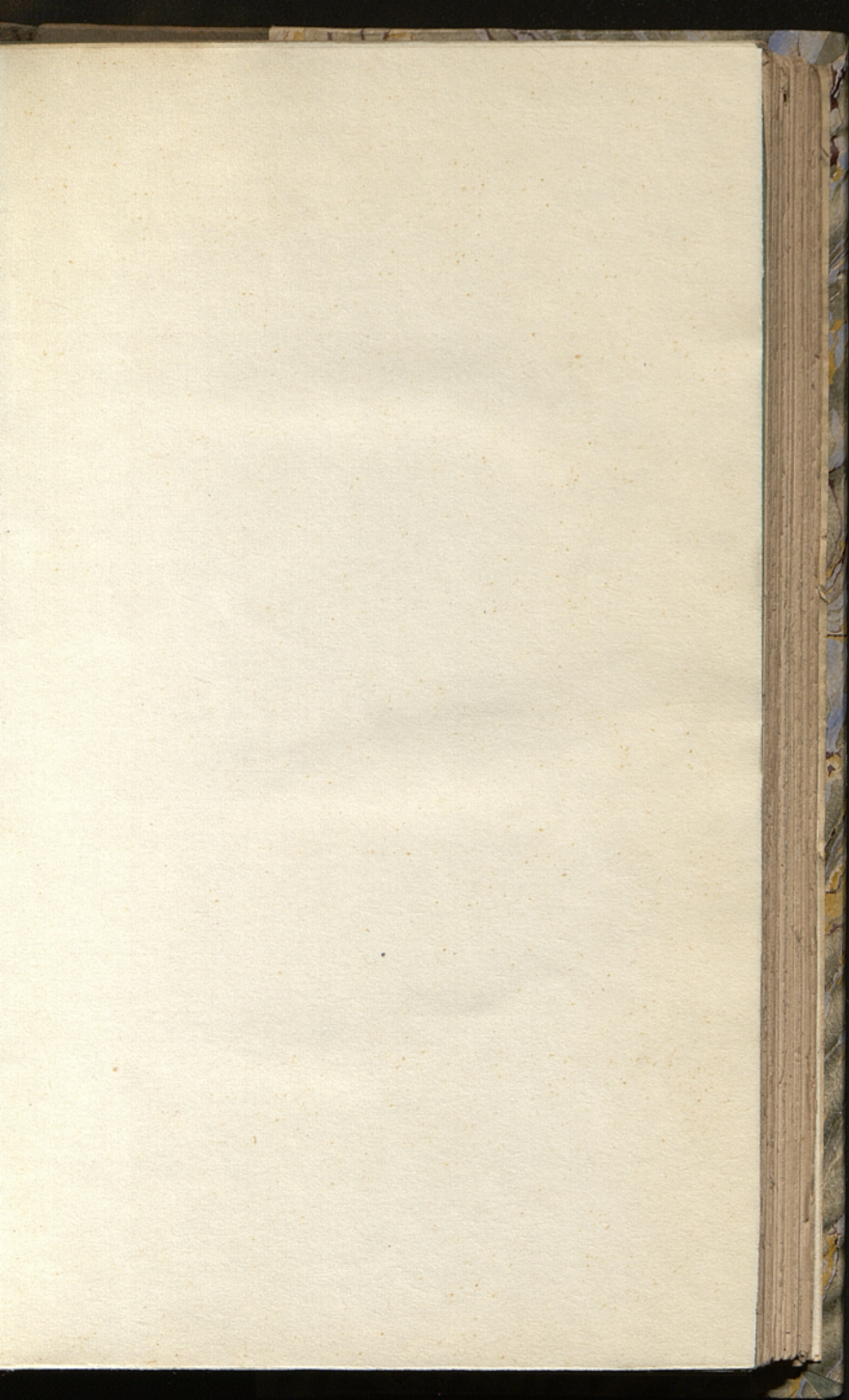


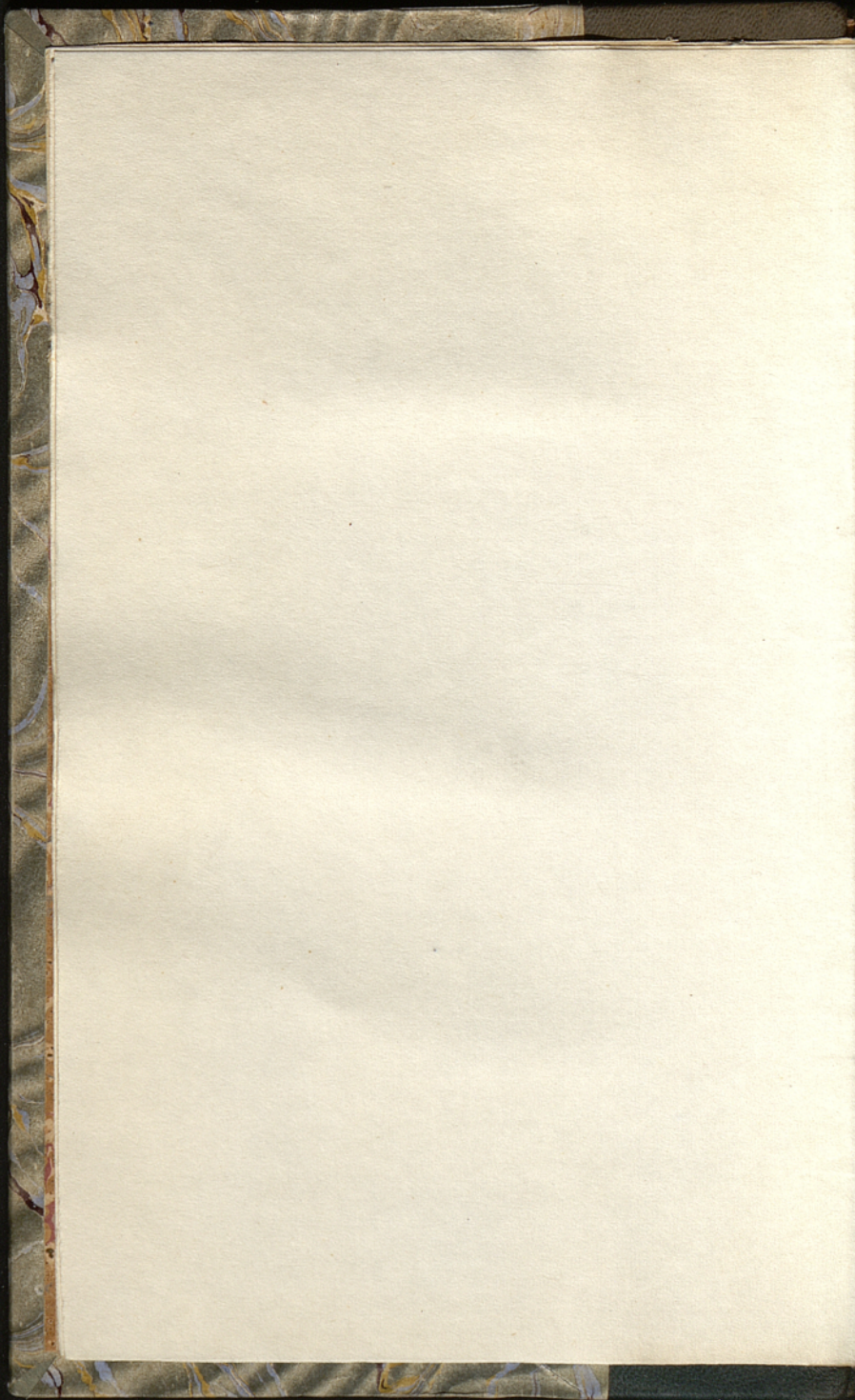


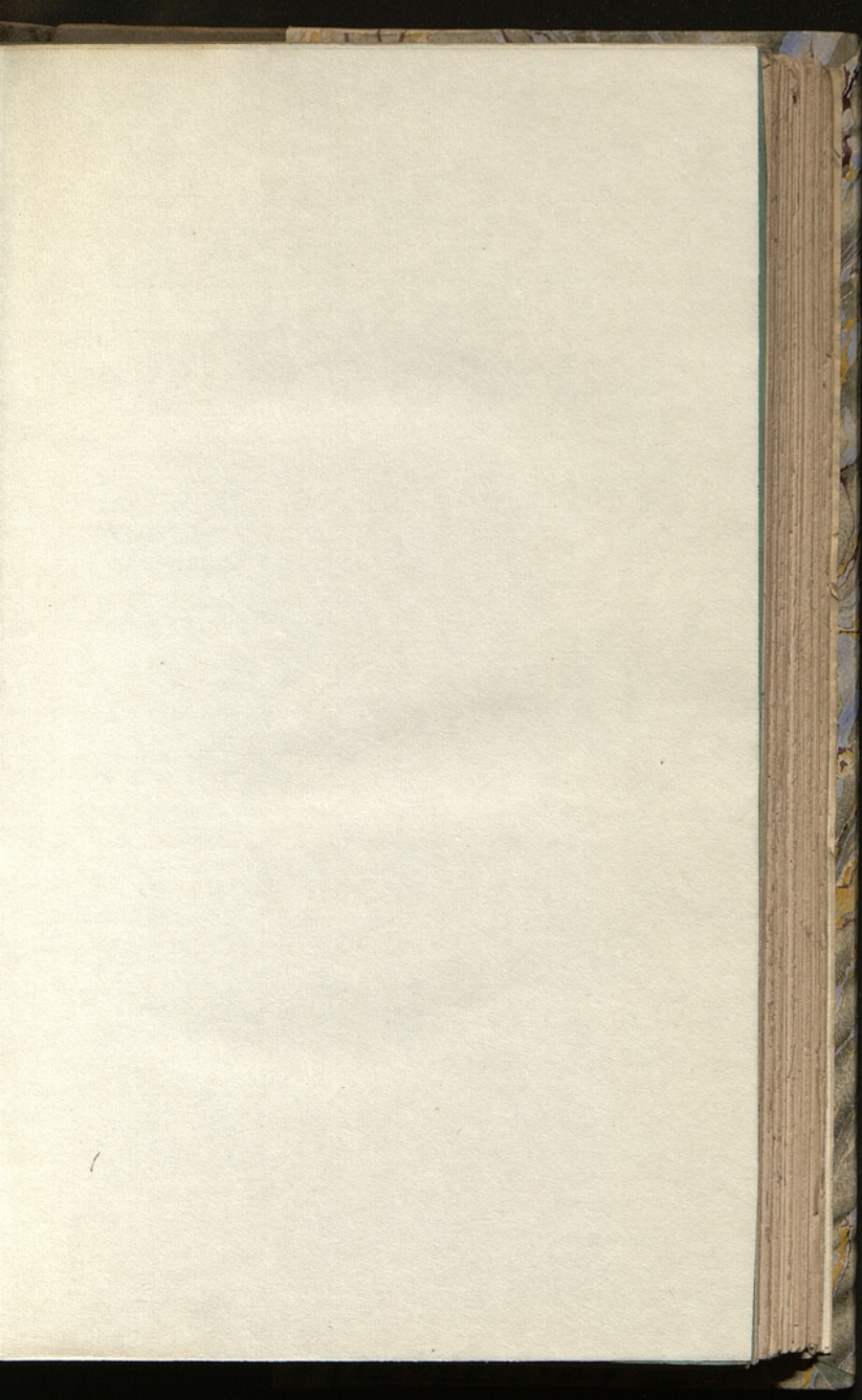


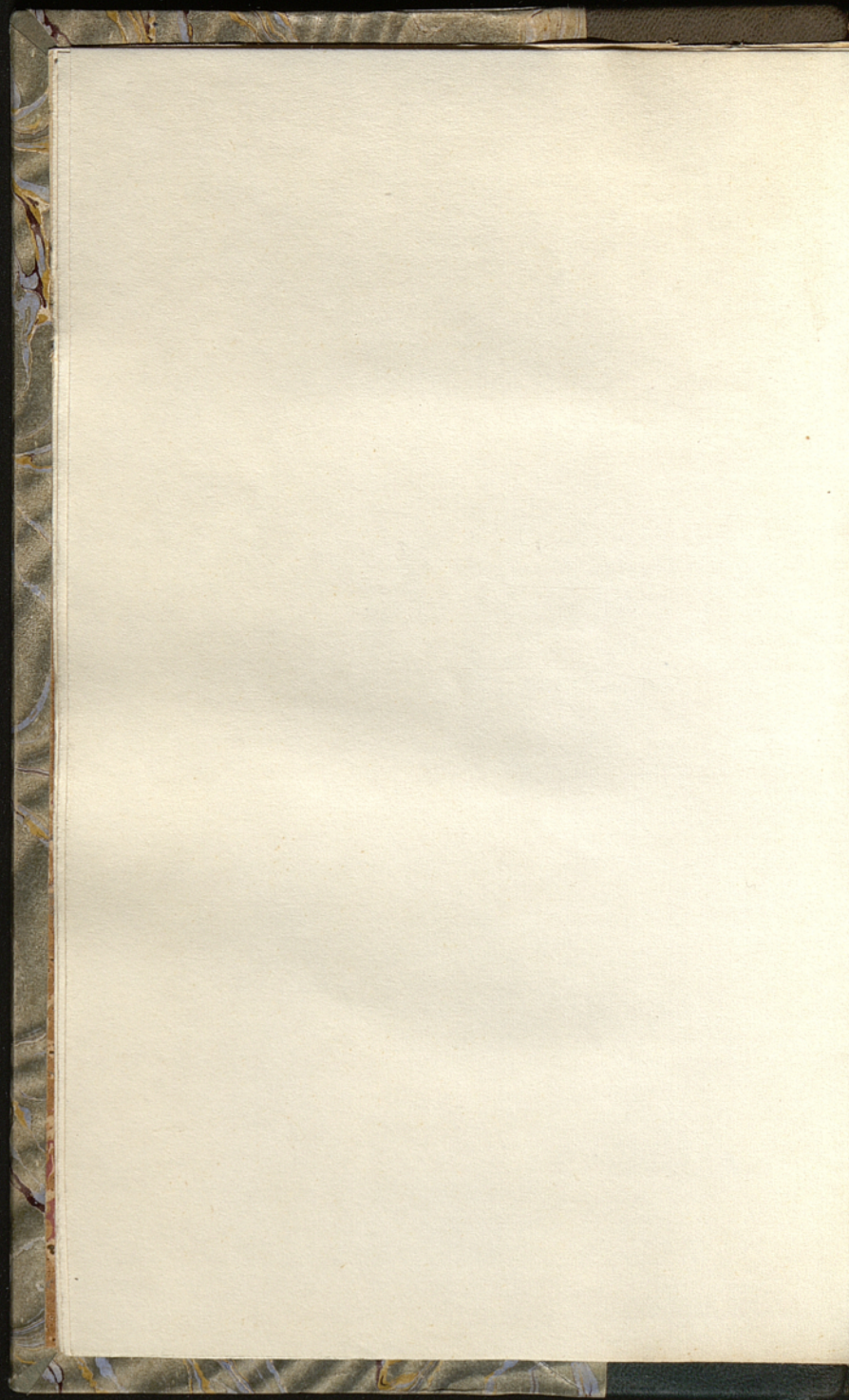


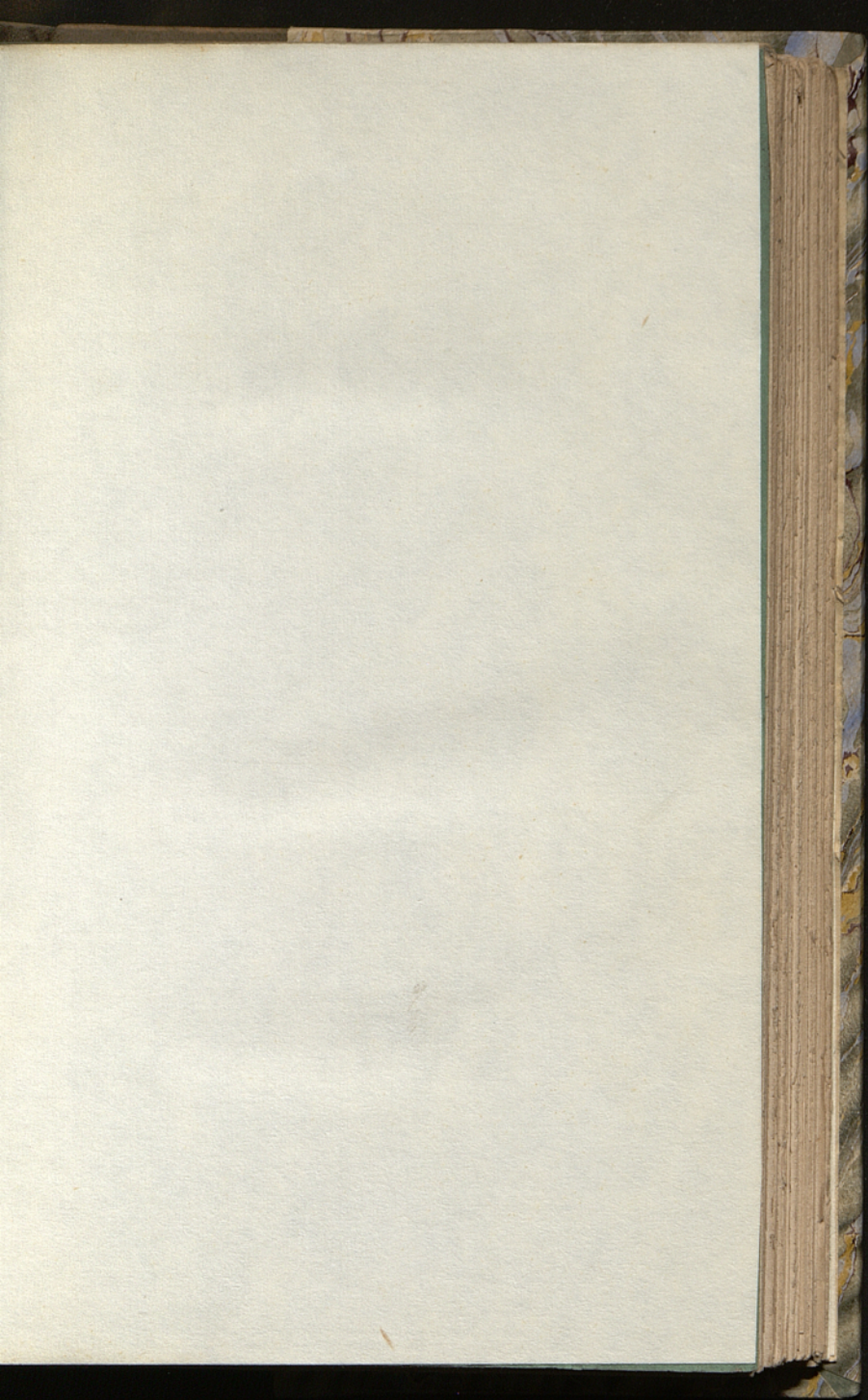


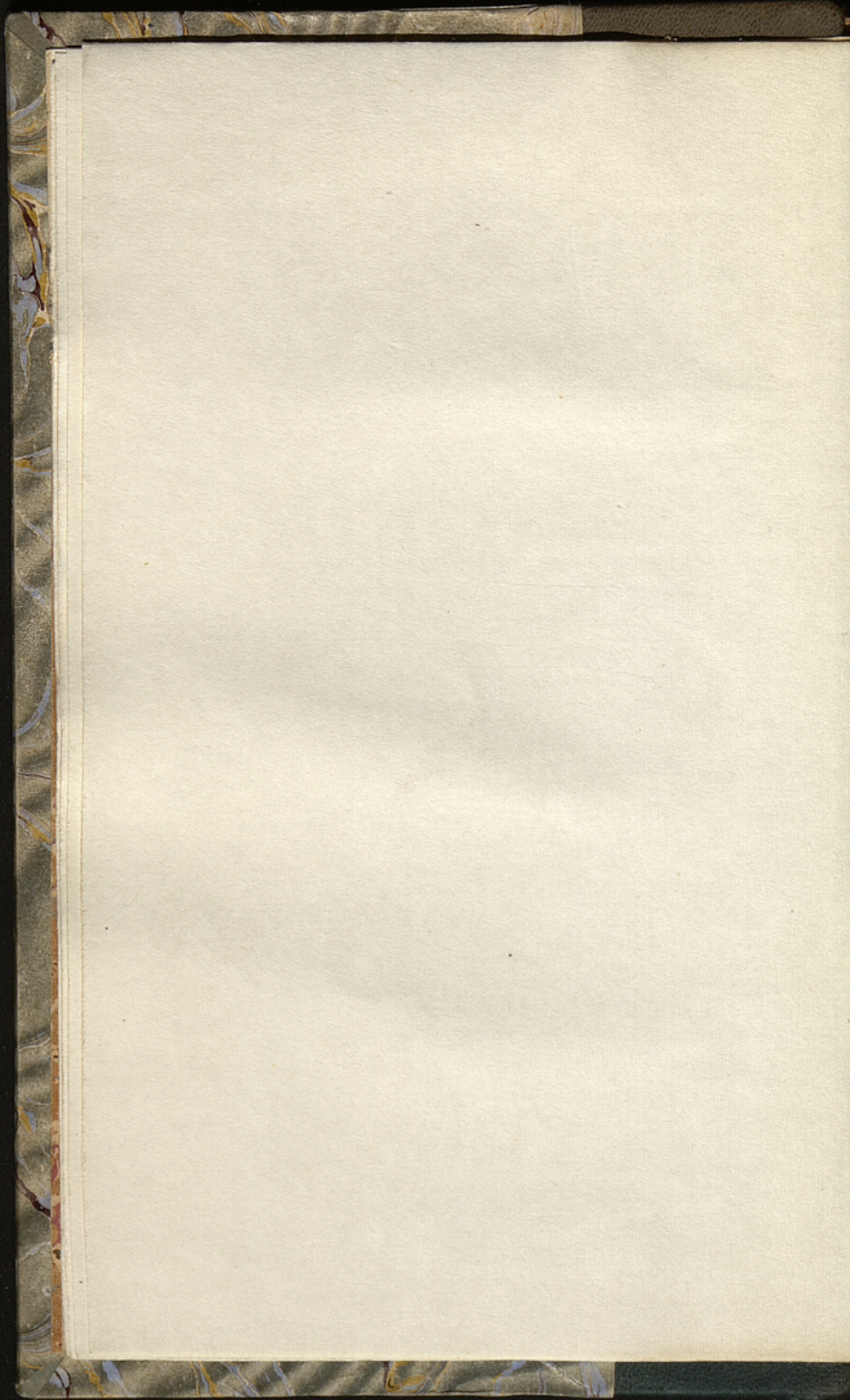


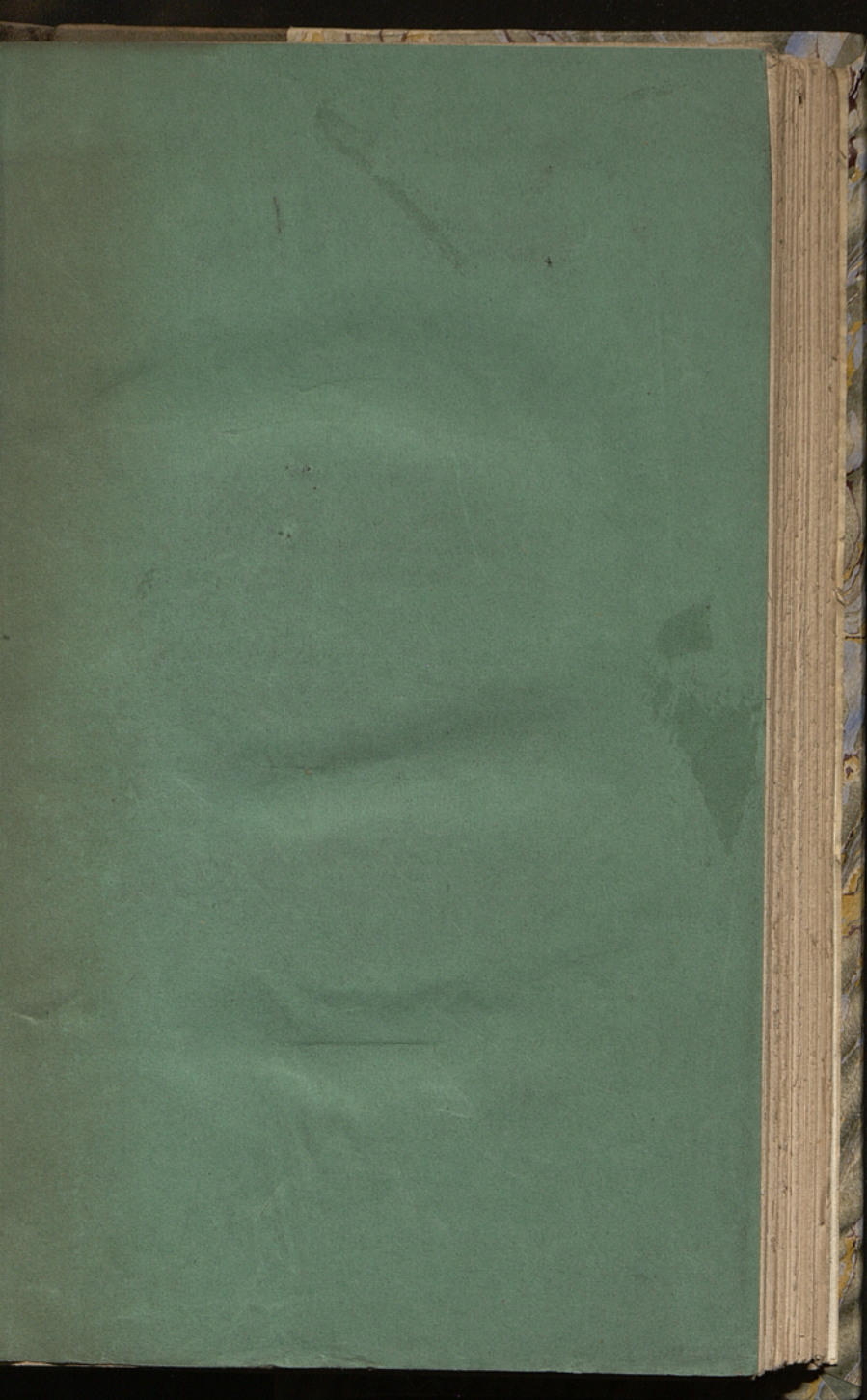


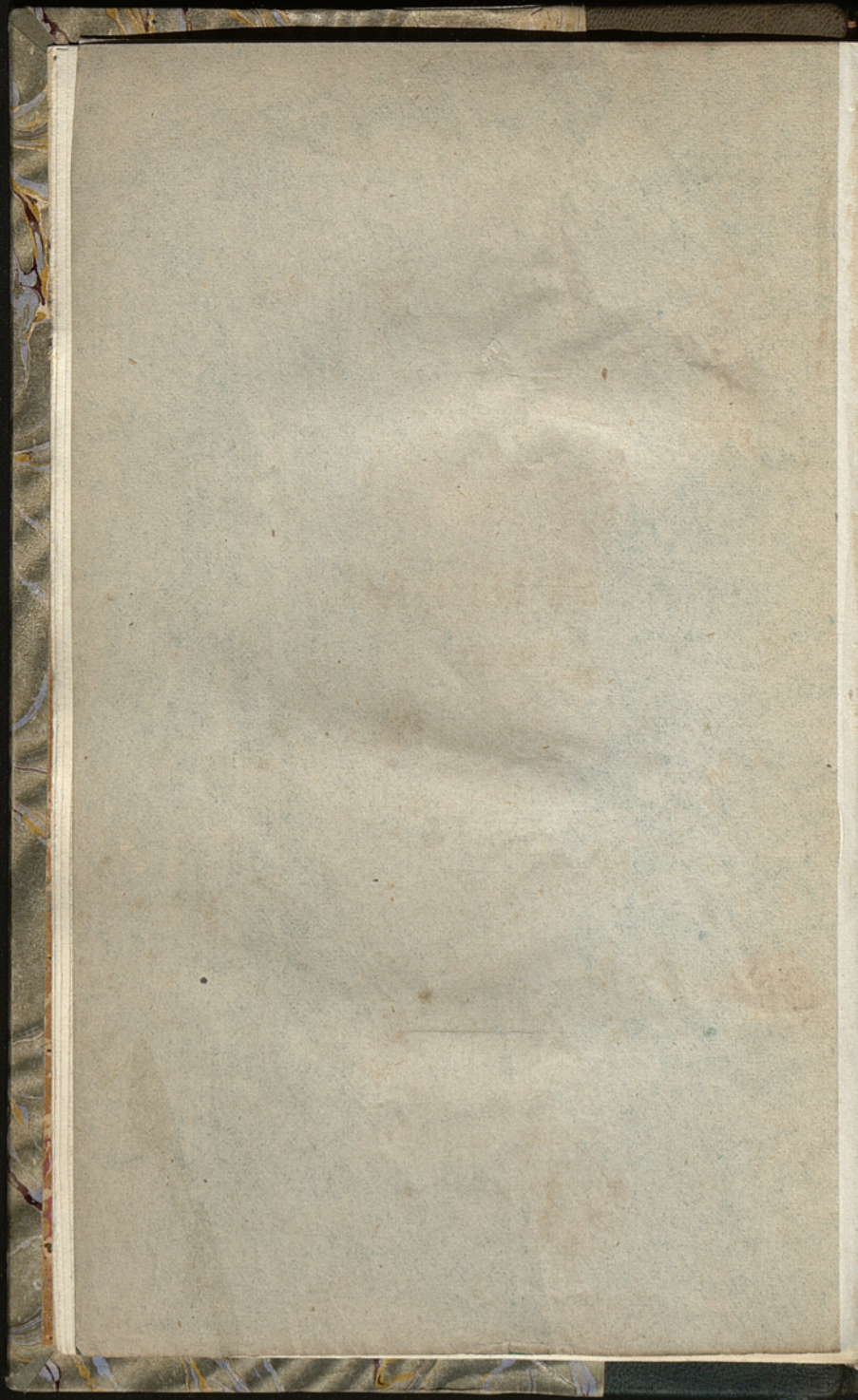












Δ. 53689 2

53689  
2

A

# ASSUMPÇÃO

POEMA.

Paris. — Imp. de P.-A. BOURDIER et C<sup>ie</sup>, 30, rue Mazarine.

Δ 53689<sup>2</sup>

A

# ASSUMPÇÃO

PÔEMA COMPOSTO EM HONRA

DA SANTA VIRGEM

POR

FREI FRANCISCO DE S. CARLOS

FRANCISCANO REFORMADO DA PROVÍNCIA DA CONCEIÇÃO DO BRAZIL  
E NATURAL DO RIO DE JANEIRO

NOVA EDIÇÃO

CORRECTA, E PRECEDIDA DA BIOGRAPHIA DO AUCTOR  
e d'um juizo critico ácerca do poema

PELO CONEGO

D<sup>r</sup> J.-C. FERNANDES PINHEIRO



RIO-DE-JANEIRO

LIVRARIA DE B.-L. GARNIER

69, RUA DO OUVIDOR

—  
1862

MISSISSIPPI

THE STATE OF

MISSISSIPPI

THE STATE OF

MISSISSIPPI

THE STATE OF

MISSISSIPPI

THE STATE OF

MISSISSIPPI

THE STATE OF

MISSISSIPPI

THE STATE OF

MISSISSIPPI

## PREFAÇÃO

---

Ja mais campeí por Poeta, nem nunca me veio á imaginação que tinha traçado huma Epopea : sei a sua difficuldade, não desconheço a fraqueza do meu pulso. Esta ligeira producção, a que dou o nome de Assumpção, não he mais que hum brinco da minha fantazia sobre a maior Solemnidade da Santa Virgem, á qual Solemnidade desde os primeiros annos consagrei hum especial affecto. Porém para mais espaçar, e lizongear melhor a minha devoção; eu procurei dar-lhe hum arremedo, ou sombra de Epico, admittindo-lhe invocação, narração, maquinas, episodios, etc., etc. Bem entendido, que nem por isso se hão de exigir estas intrigas delicadas, estes desenvolvimentos de nó mui sagazes, estes dialogos bem manejados; e sobre tudo estas allegorias muito alambicadas, que

alguns traductores, afferrados aos seus auctores, adivinham nas suas traducções. Servi-me dos versos endecasyllabos, ou heroicos rimados dous e dous por mais commodo, e facilidade. Tenho nos nacionaes alguns exemplos, nos estrangeiros infinitos. Que estes sejam os versos proprios para cantar grandes successos, ja o dice Horacio remetendo-se a Homero. *Res gestæ regumque ducumque, e tristia bella, etc.* He verdade que a rima dous e dous, ou o *similiter desinentia* dos latinos concorre pouco para a bella euphonia da metrificacão em vulgar. Dei tarde por este erro, e as vezes ha males, que são immedicaveis.

Conheço, que o meu verso algumas vezes he pouco cerrado; cada hum tem o seu estilo. Com tudo não approvo o gosto dominante (ao menos o grande Cantor das Luziadas não o seguio) do meado do seculo passado, de sobrecarregarem os versos de epithetos pela maior parte latinos, que as vezes nada dizem, e quazi sempre tornão a dicção escura, e arripiada. Tudo tem limites; o espirito arrebatase mais dos pensamentos, do que das vozes. He

verdade que o bello epitheto unido ao bello pensamento he o misterio da arte, he hum rubi engastado em oiro. Tambem esta producção estava condemnada ao fogo, ou a ser pasto do verme, ou a ser proscripta a hum esquecimento eterno, se alguns amigos me não animassem, e mesmo ajudassem a dalla ao prelo. Excitou-se-me mais o dezejo de contemporizar com elles; quando infelizmente cahio entre as minhas mãos hum poemeto Francez com o titulo de la Chandelle de Arras. Esta obra infernal, ja infame em poezia, he hum tecido de blasfemias contra JESUS CHRISTO, sua bemdita Mãi, e seus discipulos. Ella me fez tremer: e não duvido affirmar, que estas, e outras semelhantes producções tão blasfemicas, dessembainharão a espada de Deos, e fizerão inundar de sangue huma grande parte da Europa no fim do seculo proximo passado. Por vingar pois, quanto podem os meus fracos talentos, a Mãi de meu Redemptor, eu resolvi-me dar á luz a Assumpção. Se não são versos, ao menos não são blasfemias: e se não falo a linguagem do Pindo,

falo a do Calvario. Abri a Scena em Epheso, tenho por mim grandes Padres, que a Virgem ali morrera : ainda que no quinto seculo da Igreja Jeruzalem apprezente hum novo tumulto da Senhora á veneração dos fieis.

Como o meu objecto não he huma que-rella de heroes, nem a descoberta de novas terras, nem huma batalha memoravel, porém huma viagem toda aerea; parece-me que foi feliz a descoberta do Paraizo, onde estão Enoc, e Elias, para ter lugar a narração. Estes dous homens, segundo Santo Agostinho, estão juntos; e se o tal Paraizo está no ar, como parece colher-se das escripturas, ficava em caminho; e se na terra, não ha inconveniente algum, que os Anjos ali levassem a Senhora para dar este alegrão a tão grandes personagens. Fui buscar o principio da narração daquella parte da historia, em que o coração da Mãe seria mais apertado pela vehemencia das saudades do Filho, e he propriamente da dispersão dos Apostolos por toda a terra. Se he remoto, e eu não desempenho o *Sit quod vis simplex dumtaxat et unum* de

Horacio, torno a dizer, isto he sómente hum brinco da minha imaginação. Além de que dezejos de morrer, a morte, o triunfo da mesma morte pode-se tudo reputar por huma só acção. Ao menos a Santa Igreja inclue tudo isto em huma só solemnidade. Poderá alguém dizer-me, que a Assumpção não he huma acção da Virgem, que ella se porta neste successo meramente passiva. Mas além de que seguir-se-hia, que na Religião Christãa haverião factos estrondosos, incapazes de entrar na Epopea, o que he scandalizante, respondo, que tambem a colera não he acção, mas huma paixão d'alma; e com tudo Homero canta a de Achilles na Iliada; em quanto o mesmo Achilles está amuado a bordo das suas náos, e não apparece, senão depois da morte de Patrocolo, isto he, quasi no fim do Poema. Se a Assumpção he obra unicamente dos Anjos, esta pompa, este triunfo, estes obsequios erão devidos ás acções, e merecimentos da Heroína.

Na descripção do Paraizo, servi-me de algumas fructas, e aves Americanas : sendo

tudo obras do mesmo Creador, tanto direito tem de ser cantado o rouxinol, como o colibrio, a pêra, como o ananaz. No quarto Canto introduzi huma mulher idolatra, sahindo ao encontro a hum filho mancebo, que ja instruido na fé marchava a dar-lhe testemunho pelo martírio. He tão verdade este facto, como he verdade que a Virgem fizera jamais esta narração. Os Actos dos Apostolos contão a perseguição de Epheso em grosso, eu tirei da verosimilhança o meu episodio, e como o pathetico he a alma da Epopéa, por isso o introduzi neste lugar. Neste mesmo Canto narrei a entrevista, que teve o Evangelista S. João com hum seu discipulo, que havia degenerado em Chefe de Salteadores. Ninguém me arguirá de anachronismo neste incidente; se advirtir, que os annos da Senhora são muito incertos nos auctores Ecclesiasticos. Ha quem diga, que ella pouco sobreviveo ao Filho, e outros, que chegou a mais de setenta annos de idade. Nesta incerteza abracei a opinião que mais me convinha, e vem a ser a segunda. Sendo assim, não ha contradicção alguma, que

ainda ella fosse viva quando aconteceo este successo, e que S. João contasse então cinquenta annos : idade, que ja se começa reputar velhice. Procurei para modelo o Poeta Sannazaro no seu poema sobre o parto da Virgem; obra que tinha lido na primeira idade sem maior reflexão; e sendo, como he, tão pura, e elegante, poderme-hia prestar alguns socorros; porém não a pude mais haver ás mãos, a pezar das minhas deligencias. Tambem li, que Godeau Bispo de Vence, de quem corre hum corpo de Theologia Moral, entre as producções de seu talento deixou escripto hum poema sobre a Assumpção da Santa Virgem. Mas nos fins da terra, onde nasci, sem meios, sem soccorros, sem correspondencia, os meus dezejões de o ver forão estereis. Desorte, que trilhei huma vereda nova, e escabroza só, e sem guia.

Se a pezar destas razões alguem disser, que não desempenhei, confesso a culpa. Porém o melhor modo de castigar estes insultos feitos ao Parnaso, he apparecer com alguma producção original, que desempenhe o objecto. E o delinquente,

longe de se queixar do castigo, beijará a mão que o fere, vendo vingado por hum talento mais habil que o seu hum assumpto tanto da sua paixão. De resto conhecendo, que a sua insufficiencia dera causas a sahir á luz hum chefe d' obra; elle se applicará de bom grado aquillo de Horacio :

..... Ergo fungar vice cotis, acutum  
Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.

---

# BIOGRAPHIA

DE

FR. FRANCISCO DE S. CARLOS

---

Francisco Carlos da Silva, que na Ordem Seraphica tomou o nome de Fr. Francisco de S. Carlos, nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro aos 13 de Agosto de 1763. Baptisou-se na freguezia da Sé como filho legitimo de José Carlos da Silva e D. Anna Maria de Jesus, ambos naturaes desta mesma cidade.

Na tenra idade de treze annos tomou o habito de S. Francisco no convento de S. Boaventura da villa de Macacú, onde mais tarde professou. Seu grande amor pela solidão, e pelo estudo, levaram no a dar semelhante passo; e em verdade-nenhuma outra profissão podia tão bem quadrar ao genio melancolico de S. Carlos.

No collegio desta capital fez o joven religioso os seus cursos de philosophia e de theologia, e chegando á idade canonica recebeu o presbyterado que lhe foi conferido pelo illustre bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, a quem tanto deve a nossa diocese; sendo logo depois eleito passante (professor substituto) do seu collegio em premio do seu grande talento e notavel applicação.

A instancias dos seus superiores partiu S. Carlos em 1790 para a cidade de S. Paulo afim de ahi exercer, por cinco annos, o honroso cargo de lente de theologia dogmatica; o que desempenhou com geral applauso. Regressando á patria em 1796, foi nomeado commissario dos Terceiros da Penitencia, em cujo emprego pouco demorou-se por ter de acompanhar a Bernardo José de Lorena, capitão-general de Minas-Geraes, na qualidade de visador geral das Ordens Terceiras e Confrarias Franciscanas.

Terminada a sua honrosa commissão, voltou ao Rio de Janeiro em 1804, onde a fama dos seus grandes talentos oratorios o havia precedido a tal ponto, que o bispo Mascarenhas convidou-o para reger a cadeira de eloquencia sagrada no seminario de S. José.

No curto espaço de cinco annos exerceu duas guardianias (a do convento do Bom-Jesus da Ilha, e de N. S. da Penha da provincia do Espirito-Santo) com grande prudencia e criterio, fazendo amar-se pelos seus confrades. Coube-lhe mais tarde (em 1813) a honra de presidir ao convento desta côrte, recebendo em galardão dos seus relevantes serviços os cargos de definidor e visitador geral da provincia da Immaculada Conceição, como se denomina a ordem franciscana do Brazil.

Sendo escolhido para prégar por occasião das festividades que se celebravam nesta capital pela chegada da familia real (1808), ficou o principe-regente (depois

el-rei D. Joao VI) tão encantado da sua eloquencia, que confessou nunca ter ouvido nada de melhor, escolhendo-o logo para prégador da sua real capella; e agradecendo-o pouco tempo depois com o honorifico emprego de examinador da Mesa da Consciencia e Ordens.

Retirado do pulpito, theatro da sua gloria, logo que se sentiu falta de forças recolheu-se á solidão do claustro, onde calmos se deslisaram seus derradeiros momentos, e onde veio buscal-o o archanjo da morte no dia 6 de Maio de 1829, na idade de sessenta e seis annos, tres mezes e sete dias. Jaz sepultado na quadra em que se enterram os religiosos.

Estas particularidades sobre a vida conventual de Fr. Francisco de S. Carlos (que devemos á bondade do muito digno provincial dos Franciscanos, o Rev<sup>mo</sup> padre-mestre Fr. Antonio de Coração de Maria e Almeida) foram desprezadas pelos seus anteriores biographos, por julgal-as talvez

de pouco interesse para o publico. Discordamos do seu juizo, do que lhes pedimos desculpa; porque pensamos que não pôde ser indifferente aos vindouros o saberem se o frade foi ou não considerado em sua ordem, quaes os cargos que nella exerceu, e a que circumstancias deveu o elevar-se na hierarchia monastica. Seria completa a biographia d'um militar em que se omittissem as patentes que obtivera, as batalhas em que se distinguira, e as praças que commandára? — Não por certo; pois o mesmo acontece com o frade.

Outra consideração nos levou a indagar-mos dos passos da sua carreira claustral. Para obter um logar distincto na Ordem Franciscana do Rio de Janeiro na época em que viveu S. Carlos, em que tantos talentos floresciam á sombra do santuario, em que tão profundo e variado saber abrigava-se debaixo da estamenha, devêra-se possuir um merito real, e uma illustração transcendente: taes eram, pois,

as qualidades de Fr. Francisco de S. Carlos.

Dupla corôa adornava sua magestosa fronte, a d' orador e a de poeta : como orador sagrado magnetizou seus contemporaneos, que chamavam-no — *serêa do pulpito* — ; como poeta, legou-nos o poema da *Assumpção da Virgem*, que a critica colloca a par do *Paraíso Perdido* e da *Messiada*.

Fr. Francisco de S. Carlos era o Pindaro da tribuna sagrada ; delle diria Bocage :

« . . . . . Agitado d'impeto divino  
« Acesoos turbilhões na voz desatas. »

Torrentes de eloquencia despenhavam-se de seus labios, como as aguas do rio S. Francisco na cachoeira de Paulo Afonso ; sua voz maviosa, semelhante á do sabiá, deleitava os ouvidos do auditorio ; enquanto sua vigorosa dialectica prendia as attenções. Por vezes abandonava-se á inspiração ; voava sobre as azas do improvviso e arrebatava os ouvintes a regiões

desconhecidas : então era Chrysostomo , era Basilio , era Gregorio de Nazianzeno , n' uma palavra , era Massillon. A frescura das suas imagens, o viço e o esplendor da sua dicção transmutava o sermão em hymno, e dir-se-hia que dedilhava a harpa de David. Na oração funebre reconhece-riam nelle um digno emulo Bossuet e Flechier. Fallando da que pronunciára nas exequias da rainha D. Maria I, assim se exprime o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva :

« Todo este sermão é admiravel; os  
 « pensamentos superiores, a elegancia da  
 « phrase, a eloquencia das idéas e a viva-  
 « cidade do estylo se reúnem, e se com-  
 « binam em proporções iguaes : a alma  
 « do prégador expande-se maravilhosa-  
 « mente; seu coração falla em todas as  
 « palavras; sua intelligencia apparece em  
 « todas as expressões : Fr. Francisco de  
 « S. Carlos, com este sermão funebre,  
 « toma logar entre os mais respeitados e

« conhecidos prégadores de todas as mordenas nações <sup>1</sup>. »

Seguindo a trilha do grande bispo de Meaux na sua famosa oração funebre da rainha de Inglaterra, viuva do desgraçado Carlos I, o nosso illustre patricio iguala, se não excede o seu modelo.

O que ha de mais pathetico do que o logar em que descreve a morte da Sra. D. Maria I, e de mais sublime do que a sua entrada na bemaventurança? Julgamos não abusar da benevolencia dos leitores citando este bellissimo trecho :

« ..... — Assim viviamos, quando. ....  
« E direi eu, Portuguezes, aquelle surro triste e pavoroso, que vossos corações presagos rejeitavam, como ave de  
« máo agouro?... Aquella voz surda, que  
« sahia pela boca do povo, e que dizia,  
« como que em segredo — Nossa rainha  
« está mal — Nossa rainha perece —

<sup>1</sup> PLUTARCHO BRAZIL., Tom. I, pags. 132 e 133.

» morre! — Oxalá que não fôra! Verifi-  
« cou-se! — Morreu! — Aqui a tendes  
« morta! — Morta? — Eu me reporto —  
« não — viva, porque os justos não mor-  
« rem! — Era necessario que se rompesse  
« este muro de divisão, que impedia-lhe  
« ver o seu Deus sem enigmas: era neces-  
« sario que os olhos, que foram sempre  
« inundados de lagrimas, estancassem o  
« pranto, e vissem aquella fermosura sem-  
« pre antiga e sempre nova, como diz  
« Santo Agostinho. Bate pois as azas, oh!  
« pomba, solta-te das prisões terrestres,  
« do peso da casa de barro! Hoje é o dia  
« dos teus triumphos! Ergue o collo al-  
« tivo; remonta os vôos, atravessa as por-  
« tas dos tabernaculos eternos, abysma-  
« te no coração do teu Jesus, cujas ingra-  
« tidões nos peccadores tanto magoaram  
« o teu. Recebe o sceptro que elle te ha  
« preparado; mas que sceptro? — Uma  
« vara arrancada de uma arvore, despo-  
« jada de suas folhas, privada de fazer

« sombra, a que o artista dando-lhe um  
« verniz d' oiro não lhe tirou a condição  
« de corromper-se? Não. — É este sceptro  
« da virtude de Deus que o Senhor envia a  
« Sião para dominar sobre seus inimigos.  
« Arrecada o reino em que teu Deus te  
« mette de posse : mas que reino ? — O  
« de Portugal, que foi fundado em rios de  
« sangue nos campos d' Ourique, que no  
« quarto seculo da sua fundação esteve  
« em perigo de ser a herança de estranhos,  
« que no sexto gemeu na viuvez, e que  
« agora um atrevido repartia sem ser o  
« seu dono<sup>1</sup>? — Não. — É este reino  
« que não tem fim; *et regni ejus non erit*  
« *finis*. — Recolhe emfim a corôa que te  
« é reservada pelo justo juiz. — Que co-  
« rôa? — Disto que se chama oiro, a que  
« um falso brilhantismo dá o mereci-  
« mento, e a avareza o preço? — Destas  
« pedras chamadas ricas, que brilham

<sup>1</sup> Allude á divisão do reino de Portugal por Napoleão I, em virtude do tratado secreto de Fontainebleau.

« com a claridade emprestada do sol, e  
 « para dizer tudo — terra e mais terra — ?  
 « Não : a recompensa e corôa é o mesmo  
 « Deus recompensador ! »

Juntai ao vivo colorido destas palavras a magia d'uma pronunciação clara e elegante, gestos expressivos e apaixonados, a natural sympathia que inspirava uma bella e magestosa figura, que seus coetaneos comparavam á de S. Basilio, e formareis idéa do eximio orador que possuiu o Rio de Janeiro na pessoa de Fr. Francisco de S. Carlos.

Mas, me perguntareis vós, onde param as homilias, os sermões, as orações fúnebres do illustre Franciscano? Monte Alverne responder-vol-o-ha :

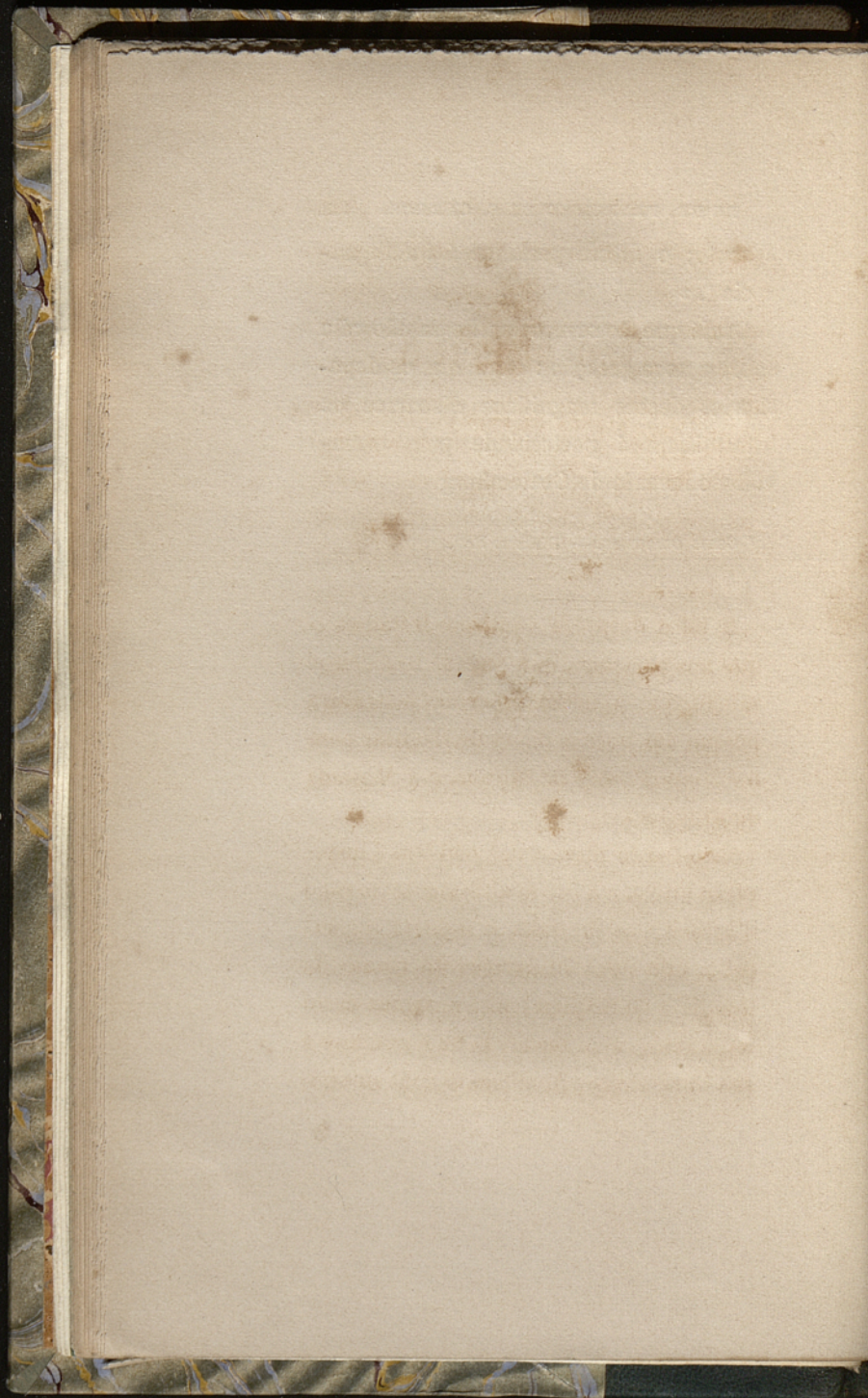
« A difficuldade da impressão, a falta de  
 « recursos, a indifferença para com toda  
 « a sorte de empresas typographicas ,  
 « talvez mesmo a modestia dos autores,  
 « impediam a execução destes projectos  
 « que illustraram outras nações, e fizeram

« avultar a massa dos conhecimentos hu-  
« manos. Todas essas inspirações do genio,  
« essas felizes producções que faziam o  
« encanto e a admiração dos nacionaes e  
« dos estrangeiros, eram destinadas a  
« morrer no mesmo dia de sua apparição,  
« ou quando muito a obter, qual peça de  
« theatro, novas recitas. A posteridade  
« estava fechada para os nossos oradores :  
« as honras da imprensa eram apenas con-  
« cedidas aos discursos recitados por  
« occasião d'algum grande acontecimento,  
« e cuja publicação convinha áquelles  
« que os pré-gavam ou faziam imprimir.  
« A ninguém lembrou ainda reunir as  
« orações funebres de S. Carlos e de  
« S. Paio, e formar uma collecção, qual  
« a que os Francezes fizeram das ora-  
« ções funebres de Bossuet e Flechier.  
« Estes brios nacionaes estão quasi ex-  
« tinctos : para nós tudo está material-  
« sado ; nossa vida é para o dia de hoje,  
« porque a vida dos sentidos — é o pre-

« sente; o futuro pertence á intelligencia<sup>1</sup>. »

Oxalá que tão severo anathema não cáia sobre a nova geração : oxalá que os depositarios desses magnificos discursos os transmittam á posteridade pelo maravilhoso invento de Guttemberg.

<sup>1</sup> OBRAS ORATORIAS. — *Discurso Prel.*, pag. XI.



## JUIZO CRITICO

Á CERCA DO POEMA

---

É tal o desprezo com que tratamos o que nos pertence, que poucos Brasileiros sabem que a nossa nascente litteratura possue um poema digno de rivalisar com o *Paraíso Perdido* de Milton, e a *Messiada* de Klopstock.

Se o bardo fluminense não tem a inspiração altiva, e o estylo altisonante do cego d'Albion; se lhe falta a mystica melancolia, que unge os carmes do emulo de Goethe e de Schiller; não é menos casto o seu estro, nem menos bella e graciosa a sua imaginação. Apontemos com sinceri-

dade as bellezas e defeitos que julgamos encontrar em tão preciosa producção.

A devoção para com a Virgem Santissima inspirou a Fr. Francisco de S. Carlos o assumpto do seu poema, e d'entre as diversas phases de sua gloriosa vida escolheu elle a *Assumpção*, como a que mais larga margem offerecia aos vôos da imaginação.

Serviu-se com talento da pia crença que a faz viver em Epheso depois da morte de seu filho, indo porém morrer em Jerusalem, e até a omissão dos Evangelistas lhe foi favoravel. A causa dessa omissão é bellamente explicada pelo abbade Orsini, nestas eloquentes palavras :

« Nada nos resta sobre a residencia de  
« Maria em Epheso ; explica-se facilmente  
« esta omissão pelas preoccupações da  
« época. Depois da resurreição do Salva-  
« dor, os apóstolos, unicamente occupados  
« com a propagação da fé, consideraram  
« como secundario tudo o que não entrava  
« de modo directo e saliente nesse vital

« interesse. Compenetrados de sua alta  
 « missão, entregues á salvação das almas,  
 « esqueceram-se tão profundamente de si  
 « próprios, que apenas nos deixaram pe-  
 « queno numero de documentos incom-  
 « pletos sobre os trabalhos evangelicos,  
 « que mudaram a face do globo; de sorte  
 « que sua historia assemelha-se a um epi-  
 « taphio sublime, porém meio apagado,  
 « a que falta o começo e o fim. Concebe-se  
 « que a Mãe de Jesus tenha partilhado a  
 « sorte dos apostolos; deslizando-se longe  
 « de Jerusalem os ultimos annos de sua  
 « vida n'uma terra estranha, onde sua es-  
 « tada não assignalou-se por nenhum facto  
 « notavel, não offerecendo senão uma su-  
 « perficie lisa, que não deixou vestigio du-  
 « ravel na fugaz memoria dos homens.  
 « Todavia o estado florescente da igreja  
 « de Epheso, sua terna devoção para com  
 « Maria, e os elogios que S. Paulo faz á  
 « sua piedade, indicam sufficientemente os  
 « fructuosos cuidados da Virgem, e as di-

« vinas benções que por toda a parte  
« acompanharam-na. A rosa de Jessé  
« deixou o ar impregnado do seu perfume,  
« e esse vestigio, por mais ligeiro que pa-  
« reça, é preciosa revelação da sua pas-  
« sagem <sup>1</sup>. »

Sem vaidade, sem nenhuma pretensão aos fóros de poeta epico, escreveu S. Carlos o seu livro, como elle proprio nos confessou no seu modesto prologo, e como mais tarde, á beira do tumulto, dizia ao seu venerando amigo o padre-mestre Mont'Alverne.

Como explicação da origem deste poema, e sua apreciação pelo proprio autor, julgamos comprazer aos leitores, transcrevendo aqui o quadro da ultima entrevista dos dous illustres Franciscanos, esboçado pelo vigoroso pincel do nosso particular amigo, o Sr. Araujo Porto-Alegre :

« Na ultima visita que lhe fez o padre-

« mestre Mont'Alverne, quando o poeta  
 « encarava a morte com toda a resignação,  
 « rolou a conversação sobre o seu poema,  
 « sobre as criticas que soffreu, e nesta  
 « mesma circumstancia disse o illustre  
 « moribundo — que levava o pezar de não  
 « ter podido reimprimir a sua obra com  
 « todas as alterações que lhe fizera, não  
 « só no todo, como em muitas partes, pois  
 « havia composto alguns episodios, e aug-  
 « mentado outros.

« E nisto, tremulo se debruça, cava de-  
 « baixo do travesseiro, tira um volume, e  
 « mostra-o ao seu amigo : era o da pri-  
 « meira edição, todo riscado, emendado,  
 « escripto á margem, intercalado com  
 « folhas manuscriptas e augmentado com  
 « caderninhos do mesmo formato; tudo  
 « escripto pelo proprio punho, e nitida-  
 « mente feito e prompto para sahir á luz  
 « da imprensa.

« Eis aqui o meu poema, diz elle ao  
 « meu amigo (o padre-mestre Mont'Al-

« verne). Possa esta obra dar algum realce  
« á nossa Ordem no Brasil. Sinto morrer  
« sem mostrar que fui docil á opinião dos  
« amigos e criticos que me honraram.  
« Eis aqui uma obra, cuja historia é sim-  
« ples, mas curiosa, porque nasceu de-  
« baixo de inspirações alheias ao appare-  
« cimento destas creações : aqui nada  
« houve de profano, nada do que pertence  
« ao seculo.

« Na minha primeira guardiania, que  
« pouco ou nada me dava que fazer, co-  
« mecei por devoção e desenfado a compôr  
« alguns hymnos a Nossa Senhora : era  
« uma pura devoção. Depois de haver bor-  
« rado algum papel, senti o innocente de-  
« sejo de unir todos aquelles cantos em um  
« todo, e dar-lhe uma fôrma mais ampla  
« e mais digna da minha devoção : dest'arte  
« empregava o meu tempo nobremente,  
« encurtava-o com o trabalho, e tinha mais  
« um vehiculo por onde fizesse sahir as  
« emoções de minha alma, e mesmo o

« amor da patria : não havia ainda idéa  
« de poema, e muito menos de publicação.

« A obra foi crescendo, e, á proporção  
« que avultava, foi tambem crescendo o  
« desejo de a embellezar com algumas  
« descripções brasileiras, com algumas  
« pinturas do nosso paiz : mostrei-a,  
« quando regressei a esta casa, a alguns  
« dos nossos bons e illustrados compa-  
« nheiros ; mostrei-a tambem a alguns dis-  
« tinctos seculares, e todos me animaram  
« a progredir e a publical-a; levei nesta  
« publicação mais o desejo de testemunhar  
« a minha devoção á Virgem Nossa Se-  
« nhora, do que o amor da gloria mun-  
« dana ; e vós bem o sabeis, pois a minha  
« vida foi o fiel retrato da minha alma.

« Arrependi-me de a ter publicado ,  
« porque fui o primeiro a reconhecer suas  
« imperfeições, logo que sahiu á luz : e  
« muito mais lamentei a minha precipi-  
« tação, quando ouvi a opinião dos sabios :  
« era já tarde. O que fazer para desfazer

« um erro? Melhoral-a; e fiz quanto pude  
« para isso, como se vê ahi. Os Gregos,  
« quando escreviam nas suas obras —  
« fazia, — tinham toda a razão; porque as  
« obras d'arte nunca se acabam, e o ho-  
« mem morre fazendo-as; ha sempre que  
« corrigir, ha sempre incertezas e mui  
« fundadas desconfianças da propria capa-  
« cidade.

« Aqui está um filho que me fez passar  
« dias mui felizes e tormentosos durante  
« a sua formação : aqui está a sentença  
« terrivel do que fui na terra, e o docu-  
« mento da minha incapacidade. Não me  
« arrependo inteiramente de o ter es-  
« cripto; porque nelle está o nome da  
« minha Santa Virgem, porque nelle ha o  
« meu amor pela minha patria. Não o  
« posso reimprimir; seja feita a vontade de  
« Deos <sup>1</sup>. »

<sup>1</sup> Carta do Sr. Porto-Alegre ao Sr. Dr. Lagos, inserta na  
*Revista Trimensal* do Instituto Historico Geographico do  
Brazil, Tomo III, n. 12 da 2.<sup>a</sup> serie, pags. 544-545.

Neste testamento litterario, stenographado das intimas práticas de Mont'Alverne, pelo distincto autor das *Brazilianas*, assistiram os leitores á formação do poema da *Assumpção*, e penetraram no segredo das dôres e alegrias que por sua causa experimentou o padre-mestre Fr. Francisco de S. Carlos.

Além de uma infinidade de criticas anonymas, consta-nos que dous homens notaveis (o conego Januario e Ledo) se occuparam com a analyse da obra, e a seus conselhos refere-se certamente o poeta nas palavras acima citadas. Pena é que não nos reste o seu juizo, ao qual de bom grado submetteriamos o nosso.

Quaes são, porém, os defeitos que se podem objectar contra o poema da *Assumpção*? Examinemo-los com imparcialidade.

*Resente-se a acção de certa frieza e monotonia* : mas a natureza do objecto não permittia que o poeta procurasse agradar a

todos os paladares, variando a cada passo de situações, e imprimindo á marcha do poema uma vivacidade pouco consentanea com o assumpto. Lembremo-nos que S. Carlos escrevia um poema sacro, e não imitava o *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto. Aos que se queixam da monotonia da *Assumpção* recommendamos a leitura da *Messiada*, tão applaudida na Allemanha, e estimada no mundo litterario.

*Peccou contra as unidades de tempo e de lugar.*— Confessamos que, a querer pautar este lindissimo paema pelos preceitos estabelecidos na *Arte Poetica* de Aristoteles, impossivel será deixar de censurar-lhe o haver collocado no espaço a sua acção, não assignando-lhe um periodo de duração determinado.

Para defesa do poeta basta porém que attendamos á sua declaração de não ter querido fazer uma epopéa, para a qual foram estabelecidas estas regras, que não são por tal modo infalliveis, que não te-

nham sido com vantagem violadas por grandes engenhos, como por exemplo Dante et Milton.

*Confunde o sagrado com o profano, e recorre á miúdo aos deuses da fabula.* — É um grave defeito, mas filho da educação litteraria que então se recebia. Travava-se no espirito dos poetas acerbo antagonismo entre as reminiscencias classicas e as crenças religiosas:— Dante, Tasso, Milton e Camões pagaram o tributo ás idéas do seu tempo, e admittiram em seus immortaes poemas o amplexo do christianismo com a mythologia: partindo todos do falso principio de que sem o Olympo não podia haver poesia. Como o cantor dos *Lusiadas*, conhecia S. Carlos a impropriedade das imagens pagãs; o que se collige destes versos, que se encontram no canto III:

- « Não direi que no amago d'annosa
- « Faia se esconde Driada formosa:
- « Que os travessos capripedos dão saltos
- « Na campina, alternando bailes altos;

- « Que as Napéas brincando pelos prados,
- « Seus risos lhes consagram, seus agrados.
- « Nem que o velho Sileno, honrando os velhos,
- « Dicta ao joven Thioneo almos conselhos.
- « Não, só presidem anjos tutelares
- « Que do logar dissipam os pezares. »

mas empregava-as como ornato poetico.

« A ninguem é dado, disse judiciosamente Cousin, ir adiante do seu seculo. »

*Muitas das suas descripções, como, v. g., a do inferno, são visivelmente imitadas.* — É fora de duvida que assim é : a poucos cabe em partilha a originalidade. Ninguem pretendeu jámais elevar Fr. Francisco de S. Carlos á categoria de genio; mas, contentamo-nos com marcar-lhe um distincto logar entre os fecundos e primorosos talentos da nossa terra. Descobrem-se os signaes de suas muitas e variadas leituras nas paginas do seu poema. Imita o que acha de bom nos que lhe precederam, mas não copia servilmente : e se a imitação fosse um crime, a *Eneida* merecêra ser queimada pela mão do algoz. Infinitude de poetas têm descripto o inferno, guiando-

se por Homero e Virgilio; só Dante apartou-se da vereda, e conseguiu ser inimitavel. O que ha em todas as litteraturas que seja comparavel ao supplicio de Ugolino? Mas o Orestes de Florença achava-se em circumstancias excepçionaes : vagava de cidade em cidade, e fustigava com o azor-rague da satyra a geração passada e a geração presente.

*São demasiadamente longos os episodios.*—

No nosso fraco entender, a maior belleza do poema consiste nesses mesmos episodios. O assumpto, posto que de summo interesse para as almas pias, correria perigo de tornar-se enfadonho para o commum dos leitores, se o poeta não descobrisse nos episodios maneira de attrahir sua attenção, e recrear a sua phantasia. Fallando em episodios, não emittiremos como prova da franqueza com que procedemos a este juizo a má impressão que causou-nos a pintura do sonho de Demetrio, na narração da Virgem, pela mal ca-

bida apparição de Diana. Convinha que a humilde habitadora de Nazareth, criada á sombra do templo de Jehovah, fosse menos erudita na sciencia profana do que parece em todo o seu discurso dirigido a Elias e a Enoch, e principalmente de seus labios não partisse a menor allusão aos deuses do paganismo, cujo culto seu Divino Filho viera destruir.

Aqui só póde desculpar-se o poeta franciscano com o muito conhecido verso d'Horacio.

Quandoque bonus dormitat Homerus.

*Monotona e fatigante é a sua metrificacão.* — A primeira pagina de leitura do poema convencerá ao leitor da justiça desta censura. Levado por uma pasmosa facilidade em encontrar consoantes, e vendo por outro lado que os melhores poetas portuguezes haviam buscado na rima a melodia que tanto os caracteriza, cahiu S. Carlos no excesso, e abusou da rima.

Primeiro que ninguém conheceu o poeta o erro em que cahira, como se deprehende do seu prologo. Se somos bem informado teria na nova edição desaparecido este inconveniente, se o poeta a tivesse feito em sua vida, ou se circumstancias, que logo examinaremos, não obstassem o cumprimento do seu voto.

*Escaparam-lhe locuções prosaicas e não poucos gallicismos.* — Encadeado ao pesado jugo do metro que adoptára, não restava ao poeta tempo para pesar o valor de cada palavra e acceção em que devêra tomal-a. Assim, pois, sahiram da sua penna termos improprios, como sejam os verbos *aguar*, *avinagrar*, dizendo no canto II :

« Conheceraam os anjos que a anarchia

« Do inferno vinha *aguar* sua alegria;

e no canto V :

« E *avinagrando* aquelle santo riso,

« Converteu em inferno o paraíso. »

e muitos outros. A respeito dos gallicismos, que infelizmente abundam neste bello

livro, podemos dizer que é este um defeito mui generico, ainda aos nossos melhores escriptores, originado pela sua grande applicação á litteratura franceza, com menospreço da nacional.

Tendo assim feito o inventario dos defeitos do poema, pelo que podemos julgar, indiquemos tambem algumas das suas infinitas bellezas, que lhe servem para remissão.

O maior merito que para nós tem a *Assumpção* é o de ser um poema eminentemente nacional : um desses poucos monumentos que nos legou a geração passada para a formação da nossa litteratura. N'uma época em que os bardos brasileiros volviam as suas vistas para além do Atlantico, em que só achavam o Tejo, o Douro e o Mondego dignos de seus cantos, suspirando eternamente pela fabulosa Arcadia; quando Santa Rita Durão empregava a medo os termos brazilicos; quando Claudio Manoel da Costa escrevia no prefacio das

suas obras: « A desconsolação de não poder  
« substabelecer aqui as delicias do Tejo,  
« do Lima e do Mondego, me fez entor-  
« pecer o engenho dentro do meu berço;  
« mas nada bastou para deixar de confes-  
« sar a seu respeito a maior paixão; » Fr.  
Francisco de S. Carlos deparava com um  
oceano de poesia nas comparações patrias,  
nas allusões aos nossos usos e costumes;  
collocava no paraizo os nossos fructos,  
para ter occasião de descrevêl-os; e encon-  
trava em um dos emblemas do canto da  
Virgem a pintura do Brazil, e especial-  
mente do Rio de Janeiro. Quando outro  
merito não tivesse o poema da *Assumpção*,  
bastaria este para recommendal-o á poste-  
ridade.

Com que delicadeza não nos descreve  
elle o Paraizo em que Elias e Enoch aguar-  
davam ha tantos seculos a vinda do Mes-  
sias? Inspirado por dous poderosos senti-  
mentos, que quaes duas musas equilibra-  
vam o seu estro, o amor da religião e o da

patria, o vate fluminense deixou-nos no seu canto III um quadro de inestimavel valor, abrilhantado pelo mais fino colorido. E se d'entre tantas bellezas se pudesse especialisar uma, mencionariamos a graciosa metamorphose da grinalda da Virgem em constellação.

No canto V recommenda-se, pela sua originalidade, a pintura da morte, em que o poeta, encarando-a como philosopho christão, empresta estas palavras á sua heroína :

« Para mim direi sempre que foi bella ,  
« Alto dom do Senhor, risonha estrella ,  
« Mensageira do céo, guia segura  
« Que me arrancou das mãos da desventura. »

A narrativa dos ultimos momentos da Mãe de Deos, que se lê nesse mesmo canto, exhala agradabilissimo perfume, e foi dictada pela mais pura devoção.

Sempre Brasileiro, não perde occasião de fallar em seu paiz, e viajando mentalmente pelas constellações do zodiaco,

aproveita-se do ensejo para commemorar com admiravel exactidão e em riquissimos versos a moagem das cannas, que começam no mez de Junho.

Nesse mesmo VIII e ultimo canto deparará o leitor com a formosa imagem de Astréa, que, sahindo ao encontro de Maria, declara que ella nunca fôra mais do que uma figura, e que o verdadeiro symbolo da justiça e da paz era a Rainha dos Anjos. A falla de Jesus, que se vê poucas paginas adiante, produz o melhor effeito, e distingue-se pela perfeita alliança da dignidade do Deus com a ternura do Filho. Finalmente, a descripção dos muros da Jerusalem celeste muito abona o bom gosto, e conhecimentos estheticos do nosso benemerito patricio. Mas, ao largar a harpa de Sião, em que tão nobre e santamente cantára, queixa-se, como outr'ora o cantor do Gama, do pouco caso que d'elle faziam seus contemporaneos, nestes melancolicos versos :



- « Vale-me agora , ó musa , tu sómente .
- « Que só me tens valido até o presente.
- « Que aquelles mesmos que meus suores
- « Deveriam ter parte são peiores.
- « Surdos se têm mostrado e indifferentes
- « A tão nobres vigílias. Vê que gentes ,
- « Que estima pelas musas , que alto brio
- « Produz do teu Janeiro o illustre Rio. »

Antes de concluirmos o nosso imperfeito trabalho, digamos duas palavras sobre esta nova edição.

Como viram os leitores no extracto da carta do nosso douto amigo o Sr. Porto-Alegre, deixou S. Carlos correcto o seu poema, que a morte lhe vedava de novamente publicar.

Consta dessa mesma carta que o padre-mestre Mont'Alverne lhe pedira para ser editor, ao que se recusára o illustre moribundo, allegando que já d'elle fizera doação a uma sua irmãa. Mais tarde o conego Januario procurou obter dessa senhora a obra emendada, offerecendo-lhe todos os lucros da empresa, ao que se recusou ella, pedindo pela cessão dos manuscritos a

quantia de doze contos. Não foi portanto  
avante o projecto do conego, que por ex-  
periencia sabia quão ruinosas são para os  
homens de letras no Brazil as empresas  
deste genero.

Annos se passaram sem que ninguem  
mais fallasse no poema da *Assumpção*, e,  
quando algum *bibliomaniaco* o mencionava,  
não faltava quem levantasse as espadoas  
exclamando : *É uma obra mystica, horri-  
velmente massante!*

Cumpre não olvidar o generoso esforço  
do nosso illustrado amigo o Sr. J. Nor-  
berto de Souza e Silva, a quem tanto  
devem as letras patrias; o qual, desejando  
quebrar os sellos do indifferentismo, tras-  
ladou para as columnas do *Mosaico Poetico*,  
que redigia, o poema de que nos occu-  
pamos.

Incumbido pelo Sr. Garnier de presi-  
dirmos esta nova edição buscamos por in-  
termedio d'um digno magistrado obter  
*as corrigendas* do P. M. S. Carlos, que param

em mãos d'uma sobrinha sua. Não quiz porém esta desprender-se do seu thesouro senão por uma quantia relativamente fabulos, attento o pouco apreço de que ainda gozam entre nós as letras: á vista do que limitamos á expurga-la dos erros mais grosseiros que afejavam a de 1819, não tomando porém sobre nós o alterar o texto, convencidos da insufficiencia propria, e piamente crendo que só d'essa tarifa com vantagem podia encarregar-se o auctor.

# ASSUMPÇÃO

POEMA

---

## CANTO I

---

### ARGUMENTO

Parte a Senhora de Epheso para o Ceo. O Padre Eterno ordena ao Archanjo S. Miguel que a vá encontrar. Exclamações dos Apostolos vendo o Sepulchro vazio. Descripção do Carro do triunfo. Entretanto desce a embaixada celeste.

Cantem alguns da illustre Mãi do Eterno  
A ventura de ser : outros do Averno  
Os trofeos, que alcançou, mal que animada.  
Aquelles a virginea flor nevada,  
E outros dons, que a fizerão na carreira  
Mortal unica ser, ou ser primeira ;  
Que eu canto, por nutrir minha ternura ,  
Sua Assumpção ditoza á etherea altura.

O' tu, grande Signal, raro Portento  
Dos Seclos, e do ethereo Firmamento ;  
Nova Idèa brilhante, a mais perfeita  
Do Archetypo Exemplar ; e tão acceita ,  
Que chegaste a ser delle, oh maravilha !  
Doce Mãi, linda Espoza, cara Filha,

Aspira os votos meus ; e que meu canto  
Cauze á terra prazer, ao Orco espanto.  
Aspira, ó Virgem, por que cante, e diga,  
Quanto a verdade, e a devoção obriga.

Pulchros Celicultores, que os assentos  
Occupaes dos Syderios aposentos ;  
Rubis, donde refracta a formosura,  
Desde o berço da luz, da luz mais pura :  
Vos, que mil vezes nesta Santa empreza  
Medistes-vos co' a barbara fereza  
Do Cáos ; e de seus monstros, e tirannos  
Frustrastes as traições, e negros planos ;  
Se por mim celebrada se sublima  
Vossa Augusta Princeza em doce rima,  
Dai tambem novo ardor ao canto nosso,  
Que sendo por quem he, tambem he vosso.

E tu, Igreja, tu nunca invocada,  
Muza do Ceo, de estrellas coroada ;  
Nesta via escabroza, e tão confuza  
Ah! digna-te de seres minha muza.  
Os misterios descobre ao vate altivos,  
Que em cofres d' ouro guardão teus arquivos :  
Dize-lhe, como pôde a tanta altura  
Elevar-se a terrena creatura ;  
Que louros recebeo, que recompensa  
Da alta Mão, que no premio he grata, e immensa.  
E he crível, que essas furias lá do Averno  
Obstassem aos decretos do Ente eterno ;

Reluctando atrevidas, que a ditoza  
Virgem galgasse a esfera luminoso?  
Acazo sobre os bemaventurados  
Tem inda algum influxo estes malvados?  
Ou seu negro rancor, ou seus tormentos  
Os arrastão a taes atrevimentos?

E tu, Padre Christifero, cocheiro,  
E carroça gentil do pregoeiro  
Esquadrão da Evangelica pobreza,  
Nosso muro, e bração, nossa defeza;  
Tu, que em teus membros nunca profanados,  
Como em ouro, trazias engastados  
Os purpureos rubis do Author da vida,  
Estampa em seus ardores esculpida;  
Tu, que á inclita Mãi, inda no mundo,  
Déste provas de hum culto o mais profundo,  
Vem, pois lhe foste em vida tão amigo,  
Romper o pégo em meu baixel comigo.

E vós, Martires, Virgens, Confessores,  
Da immortal primavera immortaes flores;  
Vós, ó Santos, e Santas, que tranquillos  
Nas praias do prazer certos asylos  
Ja possuis; tocada a meta, e o norte,  
Só inquietos pela nossa sorte;  
A vós todos invoco : minha empreza  
Escudo em vós encontre, e alta defeza.  
Mostrai-nos de harmonia novos modos,  
Cantem todos o bem, que toca a todos.

O carro magestoso, obra traçada  
Por dezenho dos Anjos, destinada  
A fins tão venturozos, já mui finas  
Hiã deixando as torres Ephesinas.  
Resta na Azia menor esta Cidade,  
Celeberrimo emporio n' outra idade,  
Colonia, que se o erro não impera,  
Lá das margens do Thánais viera.  
Antiga fundação dessas frecheiras  
Penthesileas, e outras mil guerreiras,  
Que em tuas aureas margens beber vias,  
Claro Thermodóonte, as agoas frias.  
Acerrima no oraclo da impostura,  
Que cultos tributou á vã figura  
Da trigemina Dea : cujo templo  
Sendo da arte, e do gosto raro exemplo  
E typo de hum engenho alto, e profundo ;  
Hum dos sete milagres foi do mundo.  
Mas tanto que o farol da fé brilhara,  
E do erro infame as sombras espancara,  
Attrahida adoptou-a com tal zelo,  
Que no berço da Lei já foi modelo.  
Por discipulas tendo esclarecidas  
Sete Igrejas fieis, recém-nascidas,  
Mas hoje em dia, oh dor ! que a senhorêa  
Do impostor de Medina a vil cadêa,  
Perdeo seu nome, e tão detriorada  
Se apresenta da fama já passada,

Que he sombra do que foi, triste memoria  
Do antigo esplendor de sua gloria.  
Aqui deixara a Virgem estampadas  
Suas virgineas ultimas pégadas.  
Aqui á doce sombra de outro filho  
Tocou a meta do seu aureo trilhão.  
Aqui os moradores lacrimozos  
Da bôca fria, e exangue os preciozos  
Derradeiros suspiros recolherão,  
E a seus despojos monumento erguerão.  
Rematando o Obelisco desta gloria  
Com grão capitel d' ouro por memoria :  
Pois vingarão depois os filhos seus  
Os direitos de ser a Mãe de hum Deus.

Era no tempo frígido, e sereno,  
Em que ao nosso Hemisferio o rizo ameno  
Já mostra a primavera : vida ganha  
O verdor dos Jardins, e da Campanha  
Hia o Sol em Astrea quazi entrando,  
Seus raios inda froxos dardejando.  
O torto Cajueiro se adornava  
Das purpureas folhinhas, que brotava.  
Cobria-se de flores a mangueira,  
E o ar embalsamava a laranjeira.  
A sua fruta d' ouro, que em doçura  
Vence a Aristeo, cahia de madura.  
O terno Sabiá buscando amores  
Já saudava por entre os mil verdores

Do copado pomar, seu senhorio,  
A chegada das agoas, e do Estio.  
Das ursas o Pyrhois se desviava,  
E ao Capripedo termino voltava.  
Do polo Arctico a parte toda escura  
Deixando, o Ceo da linda cynozura,  
O Lapão frio, a inculta Noruega,  
A quem natura quazi tudo nega.

No frio Agosto pois, e desta illustre  
Cidade se apartava a pompa, e o lustre,  
Quando na etherea caza Soberana  
Do Olimpo, onde se escreve a sorte humana,  
Aquelle, que no Ceo, e fóra existe,  
A cujo alto poder nada reziste,  
Que traja a luz que em Serafins habita,  
E a comp'render-se em fim não se limita  
Meios de honrar a Santidade ordia,  
E fallando comsigo só dizia —

« Pois que! Já mais o rosto, e o casto peito  
« De meus justos tingio por meu respeito  
« Huma lagrima só, que o tal excesso  
« Não deixasse ver logo o cunho impresso  
« De minha grata mão; e ora apoucado  
« Tenho o meu braço immenso abreviado  
« Com quem comigo foi das creaturas,  
« A mais rica em finezas, e ternuras?  
« Já nessa prisca idade, que passara,  
« Fiz meu nome atroar, e a minha vara;

« Tremeo o chão, por onde o Nilo mora,  
« Com os deozes sacrilegos, que adora ;  
« Ouvio-me a voz o mar, e mal que ouvio,  
« As phalanges de Memphis engolio :  
« Oito lustros o Ceo, por meu mandado,  
« Regalou a Jacob, meu servo amado ;  
« Vio o Nébo, e o Sinai, mudos de espantos,  
« E depois de prodigios taes, e tantos,  
« Tenho hoje o coração tão pouco terno  
« Para a Mãi coroar do Verbo Eterno?  
« E aonde está meu poder? Aonde os meus  
« Brios? Não será assim : eu sou hum Deus. »

Disse : e a natureza, que escutara

A voz da força immensa, que a creara,

Com profundo respeito, e fé sobeja

Respondeo de joelhos : Assim seja.

Então odôr mais fino, que a Panchaia  
Por todo o Santuario já se espraia.

Ribombão mil trovoens, trisulcão raios,

Pregões do seu furor, e seus ensaios.

Hum arco de esmeraldas fulgurante

Já brilha mais, que a filha do Taumante.

E os vinte quatro Santos anciãos,

Que estão de pé com harpas entre as mãos,

Em respeito ao Senhor, que a Estyge aterra,

Suas corôas d'ouro poêm por terra.

Certo já Michael da voz do Eterno :

(Michael domador do negro inferno,

E hum dos sete, que com zelo incrível  
Guardão do Immenso o throno inaccessible),  
Forma elegante toma; e veste a idade  
Dos rizos juvenis da puberdade.  
Apenas sobre o labio apparecia  
Superior, que a purpura tingia,  
O pubere signal, que o peregrino  
Semblante ser inculca masculino.  
Ja calça huns borzeguins rubros; brilhantes  
De rica abotoadura de diamantes.  
Eis nascem das espadoas cristalinas,  
Com pontas d' ouro as azas argentinas.  
O peito de alabastro orna a couraça  
De escamagem de prata, dura maça.  
No elmo singular, que em parte encobre  
Loura crespa madeixa, se descobre  
Inclinada plumagem refulgente,  
Dos olhos illuzão; nem sabe a mente  
Discernir se he topazio, ou diamante,  
Que assim varia as côres tremulante.  
Empunha a mão direita o ferro, emblema  
Da sua intrepidez, e força extrema.  
Brilhante franja d' ouro, que apanhava  
Hum mui grosso rubi, parte mostrava  
Da columna de jaspe: e assim luzia,  
Que o farol das esferas desmentia.  
Nunca a fabula vio a prole armando  
De Thetis, ou de Venus, e lhes dando

Vulcanéo bronze d'ouro entretecido,  
Guerreiro tão gentil, nem tão temido.  
Se ella o visse, diria por seus vates,  
Que armado, era o fatal Deus dos combates;  
Mas dezarmado, longe dos horrores  
Da guerra, era o gentil Deus dos amores.  
Pintava o aureo escudo por memoria  
As mais bellas acções de sua gloria.  
Ali sentindo estava o pezo enorme  
Da planta angelical o drago informe.  
E a cauda com mil giros enroscando,  
De estrellas terça parte hia arrastando.  
Estava todo o Ceo pasmado, e mudo  
Ao duello assistindo : e o sanhudo  
Cherubim dezertor, que se cegara  
Das Luzes, que o Eterno lhe otorgara,  
Atrevido disputa ao proprio Dono  
O imperio dos Ceos, e o mesmo throno.

Lá vem rodando; e bate com soada  
Nas fornaldas do abismo : na pancada  
Mugirão as cavernas do profundo,  
E o choque fez tremer a todo o mundo.  
E se apraz comparar com muito o pouco,  
Qual estampido fero, horrendo, e rouco,  
Que o pedaço da rocha dezunido  
Rolando faz, das agoas aluido :  
E o que encontra converte em vil poeira,  
Troncos, vimes, calhãos, herva rasteira;

Té que batendo o plano, treme o plano ;  
Tal baqueou Lusbel lá no Sumano.  
Fatal metamorfoze ! A grande estrella  
Já vai se escurecendo ; e eclipsa a bella  
Forma : toca a madeixa, e logo sente,  
Por douradas melenas, crista ingente.  
Olha depois as mãos, e as viperinas  
Mãos ja lhe mostram garras serpentinhas.  
Como reptil, no chão vê-se estendido,  
Marchando antes de pé, com garbo erguido.  
Novo monstro fatal, cerulea cobra,  
Que humas vezes se dobra, outras desdobra,  
Já dá silvos subtilezas : negras escamas  
Pelo indomito còlo arrojão chamas.  
Hum moto undulatorio vago, e horrendo,  
Pela espinha dorsal lhe anda correndo.  
Em fim he a soberba tão valente,  
Que faz de hum Cherubim feia Serpente.

Mais avante se via debuxado  
O velho Synedrim, ja desprezado.  
Que, quando a Synagoga foi Princeza,  
Della foi este Principe a defeza.  
Tambem se via a face ali gravada  
De hum Virgem gentil ; mas carregada  
No aspecto ; a quem ornava roçagante  
Manto de aureo lavor, obra importante.  
Sustinha a mão direita hum vazo d' ouro,  
Aonde arte á materia leva o louro.

Dos extremos dos labios lhe sahia  
Niveo circo, que raios despedia.  
A sinistra porem tinha abraçada  
Da victima do Ceo a ara sagrada.  
Pendentes traz ao cinto as chaves d' ouro,  
Que abrem da Santa Igreja o grão thezouro.  
Olhos no Ceo, chamas no peito, e a peça  
Da corôa triregna na cabeça.  
Outros muitos brazões do illustre Archanjo  
Rezumia o pavez em bello arranjo.  
Por timbre, em letras d' ouro, que cegava,  
« Quem como Deus? » de longe coruscava.  
Qual o artista subtil, que delinea  
Com as ruivas conxinhas da alva arêa  
Ramos, folhas, frutinhas, lindas flores,  
Columnas, pedestaes, vasos, lavores;  
Té que apresenta em destra contextura  
Hum todo de formosa architectura;  
Assim trajava, ornato por ornato,  
O ministro do Ceo sereno, e grato.  
Mas alem desta externa gentileza,  
Inda era mais gentil por natureza.  
Tal no lindo painel aurea moldura  
Realça mais a graça da pintura.

A penas elle estava revestido,  
Quando côros do Olimpo esclarecido,  
Ledos querem seguir o Chefe illustre,  
Anhelando ter parte em tanto lustre.

O' tu, Revelação, raio celeste  
Da razão immortal, tu, que desceste  
Outrora sobre os vates soberanos,  
A explicar-lhes do Ceo altos arcanos ;  
Vem agora dizer-me, que Anjos erão,  
Que o cortejo da Virgem compuzerão.  
Ensina-me seus nomes, e excellencias,  
Seus empregos, lugares, precedencias,  
Que sem o teu socorro em cauza tanta  
Não dá passo o mortal, nada adianta.

Junto ao throno do Eterno estão presentes  
Milhares de milhares destes entes,  
Que ao som das arpas d' ouro de contino  
Louvão as perfeições do Ser divino.  
Intelligencias puras, sublimadas,  
De argila crassa, e vil ja mais manchadas,  
Dotadas da razão, de altos conselhos,  
Das idéas Archetipas espelhos,  
Em ordem, natureza, e qualidade  
Mais perfeitas, que a nossa humanidade.  
Estrellas, que a luzir no Ceo começam,  
Antes que os Protoplastas appareção ;  
Do mundo na primeira madrugada  
Co' a luz do Eterno á ellas emprestada.  
Vem logo os Serafins, altas bellezas,  
Dos vulcões divinaes chamas acezas :  
Que antoão sem cessar o doce canto  
Do trisagio eternal, trez vezes Santo,

CANTO I.

E os que na fonte só da divindade  
Bebem a grandes sorvos a verdade :  
Pelos vates antigos inspirados  
Lucidos Cherubins denominados.  
Espiritos de luz, astros brilhantes,  
Em dotes ricos, em saber prestantes,  
A cuja vista os sabios mais felizes,  
Que atroão nos Licéos, são aprendizes.  
Anjos em fim na graça os mais crescidos,  
Se os primeiros não forão tão subidos.  
As Dominações altas, que o Superno  
Poder tem, vendo ser o empenho eterno  
Trofeo da Mãe de hum Deus, sua victoria ;  
Não quizerão roubar-se a tanta gloria.  
Moverão-se os Poderes, cujas frentes  
Cingem fexas de estrellas refulgentes.  
E que tem de contino as furias prezas  
Nas tartareas fornalhas sempre acezas.  
Vem os Thronos depois, que o tratamento  
Tem de serem do Eterno throno, e assento.  
Em cujos peitos mostrão-se gravados,  
Em letras de diamante, os mais sagrados  
Nomes do grande Jéhovah terriveis,  
A' humana intelligencia incomprehensíveis.  
De graça, e de poder authorizados  
Seguião-se os sublimes Principados,  
Que, quaes Principes altos, e Senhores,  
As Jerarchias regem infriores.

Das roupas, que em brancura a neve excedem,  
Raios de luz brilhantes se despedem.  
Cobrindo os pés mimozos virginaes  
Fios de aljofar, rozas matinaes.  
Taes dos justos serão, ou mais formozos,  
No Ceo hum dia os corpos gloriozos.  
Tambem, Virtudes, vós ali viestes,  
Distincta flor dos esquadrões celestes.  
Por quem na terra são os virtuosos  
Em obras, e palavras poderozos.  
Vós dizeis : pára incendio ; deixa a preza :  
Logo o incendio contem sua braveza.  
Por vós se torna a fluidez estavel.  
Cahe da Parca a tizoura illacrimavel,  
Pára na esfera o jornaleiro Etonte,  
E muda de lugar o valle, e o monte.  
Não se esquecem de vós tambem meus versos,  
O' Archanjos illustres, que diversos  
Em officios sois nuncios relevantes,  
Que as commissões encheis mais importantes.  
Em fim os Anjos vem, que em tratamentos  
Mais inf' riores são, e nos assentos :  
E que são dos terrenos viageiros  
Guardas, guias fieis, e companheiros.

Nas planices celestes ha hum templo,  
Obra no gosto rara, e sem exemplo :  
Cujas cornijas são, cujas cimalhas  
De ouro puro mocisso ; as ricas talhas,

Onde a Dedalea mão se esmera, e apura,  
Outros tantos trofeos são da escultura.  
De hum mosaico formozo, e bem lavrado  
Se mostra o pavimento matizado.  
Vê-se a riqueza co' subtil engenho  
Acolá disputando o dezempenho.  
Sustenta-se esta maquina importante  
Sobre columnas altas de diamante.  
No fundo do edificio rico, e immenso  
Ha hum altar, chamado o altar do incenso,  
Onde girão em torno as sempre ardentes  
Rogativas dos justos. Differentes  
Estão em outro á parte, qual thesouro,  
Utensis mil sagrados, tudo de ouro.  
Candelabros, turibulos, navetas,  
No risco, e no lavor obras completas.  
E o fogo Santo, o nunca morto lume,  
E massas exquizitas de perfume,  
Com que o throno de Deus, e o Ceo inteiro  
Recendem sempre de suave cheiro.

Aqui pois os celestes se fornecem  
De quanto para o exito carecem.  
Mas o Chefe gentil, que os conduzia  
Breve falla fazendo, lhes dizia —  
« Eternos moradores do estrellado  
« Polo, já mais emprego tão honrado  
« Se nos encarregou : nem a memoria  
« Recorda-se de acção de tanta gloria.

« Qualquer pois por si, e todos juntamente,  
« O meio arbitrem mais conveniente  
« De honrar a grão Princeza desta Côrte  
« Celestial : e honralla de tal sorte,  
« Que mais obriguem nossos sacrificios  
« Da Mãi o amor, do Filho os beneficios.  
« Coragem ; que se acazo não me engano,  
« Vem contra nós as forças do Sumano.  
« Bem conheceis de longe a sua manha,  
« Como se irrita, como emfim se assanha,  
« Se alguma acção brilhante o Eterno ordena,  
« Que a nós motive gloria, e a elles pena.  
« Quanto mais os perversos são batidos,  
« Tanto mais reproduzem-se atrevidos.  
« Elles conhecem bem sua desgraça,  
« Mas conhecem em vão ; daqui não passa.  
« Podem do Ceo propicio obter piedade,  
« Como se humilhem ; nada de humildade.  
« No crime endurecidos, e aviltados  
« Querem antes soffrer desesperados.  
« Tambem seu odio contra Deus não cança :  
« Mas juro-vos, que eu só com esta lança  
« (Mostrando a lança) por vingar o Eterno,  
« Sou capaz de varar a todo o inferno. »  
Elle diz : e já todos diligentes  
Sahirão pelas portas refulgentes ;  
Portas, que á muito havia afferrollado  
Do primeiro mortal o crime ouzado :

Mas que se abrirão, quando em fim voltara  
Aquelle, que da morte triunfara.  
Não sahe com mais ardor, nem mais contente,  
O enxame dos pequenos innocente  
Do gymnasio das letras, procurando  
O Lar nativo, e os passos appressando,  
Onde os chama a lembrança, e amizade  
Das Mães, que tambem morrem de saudade;  
Como os Anjos á pompa, que convinha  
A' Santa Mãe de Deus, sua Rainha.

Mas em quanto estas couzas se passavão  
Dentro da Sala eterna, os que choravão  
A morte da Deipara ditoza,  
Por mitigar o pranto, e doloroza  
Idêa da saudade, que os magôa,  
Suspirão que alvoreça a tócha Eôa.  
Apenas pela esfera o pintor louro  
Tingindo vinha as nuvens de côr d'ouro;  
E no clarão do rubido horizonte  
Mascava os freios de diamante o Etonte,  
Quando prestes se erguerão do seu leito,  
Que aos amantes o somno he pouco acceito.  
Não longe do lugar hum predio estava  
De hum habil hortelão, que conservava  
Todo o tempo purpureas frescas rozas,  
Hervas de aromas, flores mil cheirozas.  
Os aligeros côros das campinas  
Vem cedo aqui provar as vozes finas.

Neste vergel ameno parecia,  
Rirem duas auroras á porfia.  
Huma, que o Ceo pintava de mil côres;  
Outra, que o retratava em suas flores.  
Tal o cristal brilhante, e lizongeiro  
Espelha tudo em si, que tem fronteiro  
O Sol, mal que nascia, vizitava  
Este lugar das graças; que o encantava.  
E o rocio a dourar, novo thezouro  
Nas folhinhas ostenta em gotas d' ouro.  
Tal finge a fabula, que auricorria,  
Tocando as mãos de Midas a agoa fria.  
E a chuva, em que se Jove transformara  
Quando de Acrisio as torres violara.  
Ali, verde alecrim, sempre germinas,  
Exalando de ti fragrancias finas,  
Cujo raminho debil, e florido  
He da próvida abelha tão querido.  
Rasteira mangerona nos verdores  
Traçando mil debuxos, e labores.  
Alcatifa cheiroza ali tecia;  
Que nisto as de Aquemenia esta vencia.  
Com listras de carmim toda engraçada  
Branquejava a açucena; que orvalhada  
Das matutinas lagrimas da aurora,  
Quanto mais se vê rir, tanto mais chora.  
O eterno amarantho não recêa  
O raio abraçador da luz Febêa:

Dizendo : flor nenhuma lhe excedia,  
Pois que vendo-as morrer, jámais morria.  
Pelas lizas columnas gira em torno  
A debil trepadeira, novo adorno,  
Do qual, nobre Chorinto, te esqueceste,  
Quando a ordem das tuas compozeste.  
Sobre o lucido tanque transparente  
Das agoas preguiçosas, fielmente.  
O narcizo se via retratado,  
De sua propria sombra namorado.

Aqui pois o saudozo ajuntamento  
Provizões ajuntava ; e para o intento  
Festões tecendo de purpureas flores,  
Vai o prazo abordar dos seus amores.  
Mas que sustos, oh Ceos ! , quando já via  
De longe revolvida a campá fria !  
Que pasmo ! Que silencio amargurado !  
Vendo de perto o cofre expoliado  
Dos ossos virginaes, do seu thezouro !  
Pelo plano espalhados com desdouro  
Os pavorozos véos, com que a piedade  
Envolve os restos da mortalidade !  
Então mádidos olhos alongando  
Pelo golfo estellifero, hum alçando  
A voz entrecortada, é com o dedo  
Attentando no chão, rompe o segredo —  
« Este mundo, ó Feliz, que por doçura  
« Te fez sorver só dózes de amargura ;

« Este mundo traidor, mundo de ferro,  
« Onde em perpetuo mizero desterro,  
« Como escrava servil, somente magoas  
« Tinhas no coração, nos olhos agoas ;  
« Contigo uzando, quanto uzar devia,  
« Inda assim mesmo não te merecia.  
« Não he por certo patria verdadeira,  
« Onde a sorte se chora de estrangeira.  
« Embora escondão pedras preciosas  
« Rôtas fragas de serras escabrozas :  
« Que o seu natal paiz, se bem contemplo,  
« São diademas dos Reis, joias do templo.  
« O Ceo á muitos dias murmurava  
« Por boca da saudade, e se queixava  
« De ver nelle habitar tanto intervallo  
« De tempo, quem não era de habitallo.  
« Cesse agora a final, Rainha augusta,  
« De tão piedosa queixa a couza justa.  
« Deixa-o pois, vôa a Deus, busca as estrellas,  
« Que são dignas de ti, tu digna dellas.  
« E do seio do Filho, onde os agrados  
« Recolhes ; destes ermos mal fadados  
« Soffre, Bemdita, soffre (que os gemidos  
« Nossos não envenenão teus ouvidos)  
« Soffre pois, que em segredo te digamos  
« Os tristes cazos, que ainda aqui choramos.  
« Não foi, não foi, ditoza creatura,  
« Só por ti que sobiste a tanta altura.

« Acazo o throno illustre, donde imperas  
« Por mil virtudes inclitas, que encheras,  
« Fixando-te no summo da grandeza,  
« Te fez degenerar tua nobreza?  
« Não, não : no peito, de honra abrigo,  
« Não muda a sorte nova o genio antigo.  
« Olha pois. . . » Quer dizer, e mais não póde,  
Tolhendo a voz a dor, que ao peito acóde.  
Tal o roxo cantor da primavera,  
Enchendo a mata espessa, e a clara esfera  
De seus doces requebros, não cuidando  
No mal, que o caçador lhe estava armando,  
Estaca de repente no gorgueio,  
Suspende a voz, supita-a de receio,  
E sem finalizar, vòã assustado  
Do golpe, que o não fere, e foi errado.

« O' marmore ditozo (outro dizia  
Ao jazigo, que todo recendia  
Cheiro Celeste) ó marmore ditozo  
« Tu só, tu só podeste venturozo,  
« Entre milhares de cinzel brincados,  
« Tocar tão Santos membros delicados.  
« Pyramides, columnas, mausoleos  
« Da vaidade, e da morte iguaes trofeos,  
« Onde mais a soberba ostenta o nada,  
« Quanto se julga mais ser exalçada ;  
« Aprendei deste tumulto, o que he gloria,  
« A morte expira aqui, perde a victoria.

- « O' marmore, tu só no seio altivo  
« Guardaste o ouro, throno de Deus vivo.  
« Tu és o rico anel, onde engastado  
« Foi singular diamante, unico achado.  
« Guardão regios palacios com empenho  
« As bellas producções do humano engenho ;  
« Guarda a terra em seu seio, qual thezouro,  
« Ricas véas de prata fina, e d' ouro,  
« Flamigeros rubis, rijos diamantes,  
« E outras riquezas mais. Nas rebramantes  
« Cavernas guarda o mar, alem da massa,  
« Que a Sebeia, e a Pancaia em cheiro passa ;  
« Miudo aljofar, que a conchinha cria,  
« E perolas mais grossas da valia.  
« Guarda em fim toda a vasta redondeza  
« Raridades de preço, e tal belleza,  
« Que accendem a avidez do peito humano ;  
« Mas guardar o despojo Soberano  
« Da Virgem, Mãi de hum Deus, tu só podeste :  
« Tu só ventura tanta mereceste :  
« Tu pois, ó pedra, vences em riqueza  
« Palacios, mar, e terra, e a natureza.  
« Mas como consentiste, que roubada  
« A joia fosse, em ti depositada ?  
« Que desculpa darás ao mundo inteiro  
« De teu descuido, e zelo passageiro ?  
« Não vês, que a imparcial posteridade  
« Pode lançar-te em rosto esta maldade ?

« Ah ! nem sabes em ti quanto tiveste ;  
« E nem eu explicar-te o que perdeste.  
« Serás com tudo, sacro monumento,  
« Digno de eterno culto : alto, e opulento  
« Trofeo de mil despojos adornado,  
« Do estrangeiro fiel nunca ignorado.  
« Não são assim de Babylonia os restos  
« De mortíferas serpes sempre infestos.  
« Em torno de ti pois para memoria  
« Vegetem de prodigio, e tanta gloria,  
« Não do acipreste as ramas lacrimozas,  
« Mas pudicos jasmims, virgineas rozas,  
« E outras flores mimozas de alto porte,  
« Como troféos ganhados sobre a morte ;  
« Dizendo, os que as ceifarem algum dia,  
« São flores do Sepulcro de Maria. »

Desta arte os varões Santos se expressavão,  
E os lares já buscando, que habitavão,  
Voltarão com remissos, frôxos passos,  
Deixando os corações ali em pedaços.

As funereas exuvias carregando,  
Que á Princeza tocarão : reiterando  
Nellas osculos de amor, sagrados restos,  
Mais ricos que os auríferos aprestos,  
Que ornão paços de Reis ; e que a riqueza,  
Que em si fermenta, e peja a natureza.

Entre tanto já o carro luminoso,  
Altar portatil, throno venturozo

Da Virgem, tinha arado de seu passo  
Grande parte do Ceo ; por todo o espaço  
Raios a rutilar tão soberanos,  
Que se Deus publicasse seus arcanos,  
Terião visto aquella madrugada  
Novo signal no olimpo, da apartada  
Terra o viajor ainda mal desperto ;  
Do mar o nauta calejado, e experto  
Em chapas d' ouro fino ali se vião  
Mil emblemas, que a Virgem descrevião.  
Hum lirio entre os espinhos, couza estranha !  
Em cativo a Arca na campanha :  
Hum esgalho fatal, onde enroscada  
Estava a verde serpe : a ensanguentada  
Bôca hálitos de morte bafejando,  
O fraudulento pomo hia mostrando.  
Cuja cabeça indomita suplanta  
Com masculino vigor virginal planta.  
Todo o contexto emfim de sua vida,  
Por diversos pedaços repartida.  
Qual a maga pintôra, a natureza,  
Que a flor ornando com delicadeza  
Corroborava o pestilo enfraquecido,  
Dezenvolve o estame contrahido,  
As anteras polvilha, e com primores  
Do petalo purpureo aviva as côres ;  
Não de outra sorte o Ceo fez lizongeiro  
No thalamo da Esposa do Cordeiro.

A maquina puxavão á porfia  
Os cidadãos do Reino da alegria ,  
Tendo por grão mercê da sua sorte,  
Algum emprego ter neste transporte.  
E tanto se prezavão carregados,  
Que o pezo não sentião de prezados.  
Sobre hum globo de estranha architectura  
Hia a unica Feniz, Virgem pura :  
Leda no gesto, angelica, serena,  
E da Celeste unção tão rica, e plena,  
Que bem mostrava ser mimoza filha  
Daquelle Pay, que he todo maravilha.  
Dos olhos columbinos, onde a graça  
Thezouros ajuntara em nada escassa ;  
Mil reverberos vivos reflectião,  
Que do seu doce culto o orbe enchião.  
O zefiro, que alguma vez alçava  
O véo avaro, e rico, que occultava  
Da anelada madeixa os fios d' ouro,  
Ria de gosto, a expor tanto thezouro.

Fulgente tunica de côr incerta  
Traz vestida, que rico cinto aperta.  
Cinto digno de ver-se ; obra, e dezenho  
Do gosto angelical. No dezempenho  
Tecida estava, como por memoria,  
Da revolta de Eden em breve a historia.  
Via-se o Par no pranto já immergido,  
Da graça nu, de folhas vis cingido.

Da floresta exulado da innocencia,  
Victimas do affan, alvos da indigencia.  
Eis d' ouro hum Cherubim mostrava alçada  
Na dextra vingadora flamea espada,  
Ameaçando os colonos aggressores  
De vir colher no vacuo Eden as flores.  
Em tanta desventura, em tantas penas  
Virginia planta se diviza apenas.  
Conculcando o dragão; alta vingança!  
Dos Padres tão chorada na tardança.  
Tinha no cinto a angelica destreza  
Tambem bordado o Horeb: e na aspereza  
Da escabroza montanha affigurada  
A silva, em labaredas não crestada.  
Mais avante ancião de grão respeito,  
Maduro na razão, grave no aspeito,  
Que huma açucena empunha, venturozo  
Guarda, que o nome tinha só de espozó.  
Logo o Nuncio na forma humana alada,  
Que lá do Olimpo desce co' a embaixada;  
Tambem se via a candida Pombinha,  
Emblema do Alto Espirito; que tinha  
Do bico d' ouro hum raio, que tocava  
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava.  
Sem que a prole do Ceo, não vista empreza,  
Desbote a flor da virginal pureza.  
Depois arido plano, que sequiozo  
Do rocio do Ceo, hum branco, e airozo

Lirio offertava de novel frescura,  
Como se blazonara de cultura.  
Logo estrella fulgente, nos seus raios  
Sem ter diminuição, sem ter desmaios ;  
E hum vazo emfim de argila virgem, onde  
O nectar, que orvalhara o Ceo, se esconde.  
Nobres trofeos, fatídica pintura  
De prolifica Mã, de Virgem pura ;  
O resto serpeando com largueza  
Aljofares, rubis, toda riqueza.  
Emfim manto ceruleo sobre tudo,  
Brincando rozas d' ouro no veludo.

Nunca o prisma ante os olhos applicado  
Em lindas côres foi tão variado ;  
Nunca do velho cáos a longa idade  
Vio formozura tal, tal magestade ;  
Nem o Trino poder a produzira,  
Quando do nada as agoas extrahira ;  
Se he que ella não foi essa formoza  
Matrona illustre, de astros luminoso  
Que tu, Aguia sublime, has deenhado,  
Lá nas grutas de Pathmos exulado.

Mas vendo a Virgem neste acatamento  
Dos Anjos, que era nella todo o intento  
Fazer brilhar do Eterno a magestade ;  
Deixando-se tocar desta humildade,  
Que humilde o mais soberbo tornaria,  
Para o Ceo cristalino assim dizia :

« O' tu, Pintor gentil, que tens pintado  
« O Ceo de estrellas, de matiz o prado;  
« Substancia bemfazeja, cuja essencia  
« Se manifesta mais pela clemencia;  
« Tu, ante quem os evos vão passando,  
« E em vez de te adorar, vão te aggravando;  
« Grava embora na argila vil a imprensa  
« Do teu saber, da tua Dextra immensa;  
« Pinta o denso vapor, doura dos raios  
« Desse Sol, que jamais soffre desmaios;  
« Troveja, mostra em mim os teus poderes,  
« Que quanto mais mostrares, ou fizeres,  
« O prazer, que minha alma, e peito lava,  
« He merecer de ti ser tua escrava.  
« Oh! ditozos aquelles, cujos peitos  
« Generozos enchendo os teus preceitos,  
« O periodo fechão felizmente  
« Do teu divino amor na pira ardente  
« Sem a morte temer; a desprezalla,  
« Longa a vida a fazer, com encurtalla.  
« Sabios, que as tuas Leis investigarão,  
« E os misterios da graça penetrarão;  
« Que por ti, não por suas reflexões,  
« Calcão o mundo, zombão das paixões.  
« Será delles feliz sempre a memoria;  
« Eterna a fama, e o nome, eterna a gloria.  
« Enormes massas sobirão aos Ceos,  
« Milagres d' arte, do saber trofeos :

« Dos insultos do tempo eterno insulto ,  
« Onde brilhe seu nome , e impere o culto.  
« Virão de longe os povos concorrendo  
« Suas cinzas beijar , e as recolhendo ,  
« Ledos publicarão agradecidos  
« Os dons do Ceo , por ellas recebidos.  
« Virão os mesmos Reis , virão Princezas  
« Que os joelhos curvando das grandezas ,  
« A' face abaterão de seus altares  
« Seus sceptros, e seus dons mais singulares.  
« Mas que fundo de gloria lhes prepara  
« Tua mão bemfazeja ! Que preclara  
« Coroa ! Que Provincias , que thezouros !  
« Quantos trofeos sublimes , quantos louros  
« Será com elles o prazer , e a vida  
« Huma só couza, em ambas confundida.  
« Bem como com a braza o ferro caza ,  
« Que não parece ferro, mais só braza.  
« E por mais que blazonem exercicios  
« De altas virtudes , de altos sacrificios ,  
« Será sempre mais alta a recompensa ;  
« Digna de ti, e como tu immensa. »  
Fallou assim : e quando assim fallava,  
O pejo as faces de rubor córava.  
Tal a aurora, raiando vergonhoza ,  
Pintando vem o Ceo de côr de roza.  
Este discurso os Anjos recolherão ,  
E em laminas de prata transcreverão ,

Aturdidos de ver, quanto a humildade  
Desconhece seu preço; e na verdade  
Quando assim ella os outros elogia,  
Tambem se retratava, e não sabia.  
Tal debuxa o cristal do tanque a alhêa  
Sombra; e a si já mais se delinea.

Entretanto o Ministro sublimado,  
Nuncio do Deus Altissimo enviado,  
Deixa o Empyreo feliz: lugar, aonde  
Já mais o Ser Eterno a face esconde.  
E onde os materiaes são diamantes,  
Ouro, perlas, e couzas semelhantes,  
Que estão compondo os paços sublimados,  
Em que habitão os bemeventurados.  
Já as estrellas atraz deixa brilhantes,  
Que são milhões de sóes flamigerantes:  
Que em tanta longitude, e tanta alteza  
Perdem a luz, e perdem a grandeza.  
Esquadrões de oradores, que publicão  
As obras do Senhor, e o glorificação;  
E do Atheo a cegueira condemnando,  
Contra o impio dos Ceos estão prégando.  
Atravessa depois a cinta d'ouro,  
Fóra da qual não roda o Delio louro.  
Onde estão repartidas dôze cazas,  
Que tu, ardente Febo, entrando abrazas.  
Collecção de estrellinhas, claras, puras,  
Que o Egypto nomeou. Destas alturas

Desce para Saturno, a quem luzeiros  
Cinco girando estão, bem como archeiros :  
Vende a fxa, que o cinge rubra, e ingente,  
Que o anel se appellida vulgarmente.  
Bate as azas de novo, e n' hum momento  
Atravessa de Jove o apozeno.  
E os seus satellites, menor escolta,  
Que em torno deste centro dão a volta.  
Qual a não mercantil, que avidamente  
Vai demandar as costas do Oriente,  
Por ensacar diamantes, e senhora  
Ser de mil producções, que cria a Aurora ;  
Ja deixa de Bengala o vasto seio,  
Deixa Sião, e passa pelo meio  
De Sumatra, e dessa aurea Chersonezo,  
Que vio do Luzo marte o fogo acezo ;  
Tal o Nuncio do Ceo vai progredindo  
Pastor de linda grei, elle mais lindo.  
Descendo mais hum pouco já da terra  
A orbita atravessa ; onde se encerra  
A Lua ali sem fazes ; branca Lua,  
Que brilha com a luz, que não he sua.  
E que o manto de estrellas se dezata,  
O mar, a terra, e o Ceo cobre de prata.  
Toca emfim nossa turbida atmosphaera,  
Onde o raio se inflama, e a nuvem gera.  
Que em vapores da terra o Sol attrahe,  
E sobre a terra em agoa, e fogo cahe.

Descança por hum pouco sobre o cume  
Do Thabor, onde o Sacro Eterno Lume  
Em carne revelara a tres amantes  
A hypostatica gloria : as crepitantes  
Azas bate de novo demandando  
Anatolia ; de lá de cima olhando  
As ilhas , e as cidades mais florentes ,  
Que estão juncando o mar , e os continentes.  
Ja deixa Ptolomaida arruinada ;  
Deixa a Fenicia , e Tyro , que chamada  
Foi Rainha dos mares : tu Carthago ,  
Dalli vens, que levaste a Roma o estrago :  
Cujas praías já forão conhecidas ,  
Do murice purpureo ennobrecidas.  
Já o Tyrrheno mar se mostra ao lado  
Da mão sinistra : mar tão decantado  
Das viagens do Grego , e do Troiano ;  
Hum facundo , e sagaz , e o outro humano.  
Mar emfim , que já mais éstos conhece ,  
E de ilhas mil famozas se ennobrece.  
Assim vinha o Celicola buscando  
A sacra pompa do cortejo , quando  
Não a vendo a final nestes lugares  
Sobe á esfera outra vez , e tenta os ares.

---

## CANTO II

---

### ARGUMENTO

O Principe das trevas, invejozo do triunfo da Virgem, ajunta hum conciliabulo para o impedir. Entretanto os Anjos vão levando a Senhora, narrando huns aos outros varias passagens illustres de sua vida. Arma-se hum temivel oppozição por artificio diabolico. O Archanjo São Miguel chega nesta occazião, e com a Milicia Celeste dissipa esta manobra infernal. Faz seu cortejo á Virgem. Determinão os Anjos levalla ao Paraizo, onde estão Enoch, e Elias.

Mas em quanto o Celeste Nuncio corta  
As orbitas do Ceo, a Estyge aborta  
Infame ardil. O Author da má zizania  
Arrebenta de inveja, arde de insania,  
Como visse que a pompa ao Ceo sobia,  
Invito seu poder, e tirannia.

N' huma horrivél prizão, que fez o Eterno  
Na mais interna furna lá do inferno;  
Onde em recto Juiz sopra inflexivel  
Contra os reprobos chama inextinguivel  
Habita Lucifer: sentindo o pezo  
De Deus, que ali o suplanta em ira acezo.

He hum monstro medonho, e tão disforme  
Na massa colossal do vulto enorme,  
Que se o doce repouzo, e o paz gozara,  
Deitado duas geiras occupara.  
De tão sombria, e horrenda catadura,  
Que faz pavor á mesma Estyge escura.  
No reprobó semblante retractado  
Vê-se todo o rancor d' hum condemnado.  
Os olhos affigirão dois cometas,  
Que ardem entré duas nuvens pretas.  
A bôca era, se abria, internamente  
Estuante fornalha. Quando ardente  
Do peito o ar pestifero bafeja,  
De vivas brazas turbilhões dardeja.  
Assim do Ethna o gigante, se respira,  
Lavas de enxofre acezo a Jovê atira :  
Todo o monte convulso se a outro lado  
Revira o enorme corpo, meio assado.  
Não he tão fêa, não, a noite umbroza,  
Que apanha o viajor em mata idoza,  
Perdido entre fuzis, raios frequentes,  
Urros de tigres, silvos de serpentes,  
Como este monstro singular, e incrível,  
Quazi sem fórma, quazi indefinivel.  
Se o Cantor Ulisseo vira este demo,  
Diria ser gentil o Polifemo.

Em torno delle girão a milhares  
Vãos espectros, nas fórmas singulares.

Do peccado , e da morte infame raça  
Que lhe faz côrte , que lhe faz a praça.  
As Eumenides , furias tão medonhas ,  
De grifo armadas , e fataes peçonhas.  
A fera Erinix , ou cruel Alecto ,  
De serpes engrenhada a coma , e aspecto.  
Carybdes , Scylla , Esphinges desconformes ,  
E d' hum só olho as Gorgonas enormes.  
Equipedes Nubigenas monstruozos  
Da leve nuvem partos vergonhozos :  
Triformes Geriões , Janos bifrontes ,  
Os Aloidas altos mais que os montes.  
Hydras de cem cabeças , mil serpentes  
Na escama verdes , e na crista ingentes :  
Nas mãos com a tocha a anguifera Megera ,  
E com flagello horriuel. A chimera ,  
Que labareda em turbilhões vomita :  
A blasfemia , que de continuo grita  
Pelas furnas do cáos : « Guerra aos ministros  
« Do Rei do Empyreo , sempre a nós sinistros. »  
De farças taes os Anjos se vestirão ,  
Des que rebeldes lá do Sol cahirão.  
Entre si estes monstros se aborrecem ,  
Debellão-se huns aos outros , não conhecem  
A paz , nem união ; antes se mordem  
Co' atroz rancor. Em fim tudo he dezordem.  
Certo já dos triunfos da Divina  
Mãi do seu Deus , blasfema , e dezatina.

E no throno, em que rege a infame praga,  
N' uma cobra enfaxado, que lhe afaga  
Co' a triple lingoa os labios, fero, e irado,  
Dando forte punhada, e rude brado,  
Exclamou: « Onde está meu heroismo?

« De que me serve ser Chefe do abismo? »  
Do brado o éco retumbou no averno,  
E as furias, que exercitão la no inferno  
Nas almas condemnadas o supplicio,  
Pararão de assustadas o exercicio.

« He crível (continua) que a Donzella  
« De Nazareth nascesse em tel estrella,  
« Que calcando meu sceptro, e minha furia,  
« Ostente a meu pezar ser minha injuria?  
« Ja no instante fatal, em que bafeja  
« O hálito da vida malfazeja,  
« He na graça gerada: desprezados  
« Meus terriveis grilhões, grilhões sagrados,  
« Que sem rezerva arrastão os humanos  
« Sejam escravos, sejam Soberanos:  
« Vive depois, e vive sempre altiva,  
« De meus carinhos desdenhoza, e esquiva:  
« Surda á sagrada voz do meu preceito,  
« Sem menor attenção a meu respeito:  
« Morre a final, de si sempre Senhora,  
« Do mundo, e seus encantos vencedora:  
« Victima de hum rival, e o vituperio  
« Dos poderes da morte, e meu imperio.

« E agora, por mais summa da desgraça,  
« Sôbre as azas dos Anjos ao Ceo passa  
« A gozar de huma gloria nova, e immensa,  
« Tratando-me com tanta indifferença?  
« E sou eu inda aquelle que por sorte  
« Houve o Reino das trevas, e da morte?  
« E quem crer pôde, vendo que não pude  
« Domar huma mulher, que assim me illude?  
« Quem humilde virá daqui em diante  
« Prostrar-se a mim em ar de supplicante,  
« Offerecer-me dons, victimas raras,  
« E perfumes queimar nas minhas aras?  
« Mas tambem se largar de mão a empreza,  
« Já não he mostra infame de fraqueza?  
« Não farei tal : a honra nada cede :  
« Hum prompto dezaggravo a injuria pede :  
« Heide-me oppor : fatal, bravo transtorno  
« Vou cauzar no triumpho estulto. Em torno  
« Delle raios, trovões, nuvens, tormentas,  
« Guerras de sangue, e horror sempre sedentas,  
« Tudo farei valer; quer eu consiga,  
« Ou não, o bom successo desta intriga.  
« Atacar, he signal sempre de forte,  
« Vencer, algumas vezes he da sorte. »

Como isto disse, chama a brado ingente  
Hum ministro infernal, seu confidente,  
Por convocar as furias, que a milhares  
Vagão por terra, e vagão pelos ares.

Era o tal confidente, seu correio,  
Hum monstro nunca visto, negro, feio :  
De gibo , pontas , unhas , juba , e pêlo ,  
Sem ser tigre , urso , bôï , leão , camelo.  
Já mais a fantazia em vôo errante  
Compoz quimera tão extravagante.  
Nem o enfermo febril , quando mal dorme ,  
Vio em sonhos vizão mais disconforme.  
Com tudo , por cumprir qualquer intento ,  
Era rapido mais , que o pensamento.  
Por azas cartilagens estendidas  
Uzava , de unhas corneas guarnecidas ;  
Como as aves , que fazem crebros giros  
Na escuridão dos sepulcraes retiros.  
Do infame rei do averno alto conceito  
Gozava , e grande estima : e era acceito ,  
Por ter enchido com gentis destrezas  
**M**uitas vezes do Tartaro as emprezas.

Há quem diga , que fôra este embusteiro  
O movel principal , o author primeiro  
Do escandalo fatal do Paraizo ,  
Quando inda ali folgava a paz , e o rizo.  
E que depois , o mundo ja avançado  
Em annos , este monstro ao crime uzado ,  
O vencedor vencera de Golias  
Pela espoza gentil do honrado Urias.  
E que emfim la na Scena do Calvario ,  
No infando Deicidio , temerario

Insufiou quanto pôde; aconselhando  
Esse aborto traidor, fructo execrando,  
Escandalo fatal da humanidade,  
Homem só na figura : o mais maldade.  
Por estes altos feitos grão valia  
Lograva em todo o abismo; e precedia  
Aos mais authorizados e mais velhos  
Em lugar, em nobreza, e nos conselhos.  
Mas do rei sobre tudo era estimado,  
Porque trazia o cáos sempre intrigado :  
Que he este de ordinario o distintivo  
Nas grandes Côrtes de hum valido altivo.

Ardendo ja na honra do monarchia,  
Bate o vôo fatal, que o mundo abarca.  
Emboca enorme tubo retorcido,  
Cujo tremendo som foi logo ouvido.  
Ouvio do polo austral a plaga fria;  
A do Arcturo, em que he eterno o géllo; e o dia  
Dura seis mezes; e os paizes, onde  
Fica o berço da aurora, e o Sol se esconde.  
Ao bosque as aves trepidas fugirão :  
E á gruta as feras, que a trombeta ouvirão.  
Os pequenos de susto ao lar correrão,  
E nos maternos mantos se esconderão.  
Tal ao guincho voraz do aerio abutre,  
Em quanto o estrume a revolver se nutre,  
Clama a ave de Marte, que ha inimigo,  
E a prole pelo instincto busca abrigo.

Com este horrendo ensaio principia  
As commissões do Tartaro, que o envia.  
Dando as ordens, que teve; e convocando  
Os monstros, que na esfera andão gerando  
Pestes, raios, tufões, ou outros damnos,  
Com que lezão os mizeros humanos.  
Desce depois á terra, e nella impreca  
Os que habitão n' alguma vil charneca.  
E nos porticós velhos, detestados,  
Por serem delles mesmos assombrados.  
E aquelles, que alta noite, ou ás escuras  
Atterrão os mosteiros com figuras  
Fantasticas, e espectros mil horrendos,  
A que chamão vampiros, ou duendos.  
Não lhe esquecem as furias, que os officios  
Gozão de prezidir aos feios vicios.  
Tambem vos convidou, pais da impiedade,  
Nos oraculos vãos da antiguidade.  
Vôa a Delfos; dahi passa a Dodona,  
Onde o carvalho infame o erro abona.  
Atravessa depois a Libia ardente  
Por fervidas arêas: finalmente  
Chega ao fano de Amon, tudo convida  
O ministro infernal com dura lida.  
Depois de ter enchido a infame empreza,  
Volta outra vez aos lares da tristeza:  
Deixando a terra livre da odioza  
Prezença de huma furia tão damnoza.

Eis vem a chusma : as testas engrenhadas ,  
De viboras , com sangue salpicadas .  
Nunca forão do enfermo os varios sonhos  
Tanto para assustar ; nem tão medonhos  
Os Geriões triformes ; nem tão fêas  
As Esphinges , Arpias , e Sereas .  
Nunca se virão , nunca , taes semblantes ,  
Nem tão fêas feições , e extravagantes  
Nos delubros pagãos , que ainda a historia  
Nos conserva em traslados por memoria ;  
E se confião por modelo áquelles ,  
Que a arte prezão de Parrhasio , e Apelles .

Alguns affectão d'homens ; mas disformes  
Nos queixos , e narizes : tão enormes ,  
Que quer tudo fugir , tudo he desgosto ,  
Ao ver tão alterado o humano rosto .  
Quaes as larvas burlescas , que na festa  
Publica o vulgo inventa , pinta , e apresta  
De velhas , e de velhos asquerosos ,  
Por dar mêdo a pequenos , rizo a idozos ;  
Taes erão , e mais fêas as figuras  
Daquellas enormissimas diabruras .  
Ja mais tantos enxames denegridos  
Nos putridos estrumes com zunidos  
Se condensão de moscas ; como as furias ,  
Que vão vingar do cáos falsas injurias .  
Ja se introduzem pelo o orço avaro  
Em grão tumulto ; e forão no Tenaro

Com gritos, guinchos, silvos, e alaridos  
Dos outros igualmente recebidos.

Pizando vão por hum brazeiro eterno,  
Té chegar, onde assiste o Rei do inferno  
Vendo ao passar torturas inauditas,  
Que ali soffrem as almas ja proscriptas.  
As graves penas dos blasfemadores,  
Que contra o ceo vomitão inda horrores.  
Dos ministros do altar de más conductas :  
Das justiça venaes de mãos corruptas :  
As dos vates, em metro perigosos,  
Que abuzarão da muza : os espantozos  
Tormentos dos fataes heresiarcas,  
Que os povos seduzirão, e os Monarcas :  
O erro a derramar, que novo encanta,  
Rasgando a tunica da Madre Santa.  
Dos açoutes tambem o som ouvindo,  
Que nos réos sem cessar estão zunindo.  
O tinnir das algemas, e cadêas,  
Que ali se arrastão nas masmorras fêas.  
E o alarido horrivel, que fazendo  
Os reprobos estão : dentes rangendo,  
E bradando na immensa escuridade :  
O' vingança de hum Deus! O' eternidade!

Virão das penas entre o rigorismo  
Hum impio, que exclamava em todo o abismo :  
« Tomai de mim, mortaes, tomai dos meus  
« Damnos o ensino : e não zombeis de hum Deus. »

Oh esteril pezar! oh tardo acerto!  
Oh vozes de quem clama no deserto!  
Virão também a pena, nunca ouvida,  
Que ali padece o ingrato Deicida.  
Ai infeliz! seu mal he tão sobido,  
Que lhe fora melhor não ter nascido.  
Todos elles padecem, não só o damno  
Da privação de Deus, que he o soberano  
Mal dos males; porem também a pena,  
Que a sofrer nos sentidos os condemna.  
Morrendo sem morrer, sempre fervendo  
Em fogo, que não morre: já mais tendo  
Esperanças de alívio: pois no inferno  
He nulla a Redempção, ja disse o Eterno.  
N' hum total abandono sepultados  
Jamais, jamais de alguém serão lembrados.  
Em vão chorem, em vão bradem chorando,  
Que dos Anjos, e justos, que exultando  
Vegetão em perpetuas alegrias,  
Nenhum ouve seu pranto, ou agonias.  
Por que do condemnado, que padece,  
Ninguem se dóe, ninguem toma interesse.

Vão enfim outros males divizando,  
Que estão os condemnados supportando.  
Por quanto estes malditos, se padecem  
Tambem supplicios mil, inda carecem  
Das tartareas prizões. Pois só do mundo  
La-na conta final he, que no fundo

Do abismo elles serão por fim lançados ,  
Para sempre penar afferrolhados.  
Debalde intente da fornalha ardente  
Fugir ; prezos serão eternamente.  
Tal nos giros Dedaleos , que intrincara  
Avido pescador na lymphá amara ,  
Entra o incauto aquicola , anhelando  
O bocado traidor : mas farto quando  
Quer ao largo tornar , por mais que lida ,  
Não acha mais nem porta , nem sahida.

Eis já se se arranja a turba mal aceita ,  
Huns á esquerda , e outros á direita.  
Formando-se em coroa , ou circo indino  
O Senado do Cáos Luciferino.  
Huns assentão-se em laminas ardentes ,  
Outros em vivas brazas rubescentes.  
Arde na escura sala a ingrata massa  
Do enxofre , que no Cáos por cheiro passa.

A' vista desta turba amotinada  
Satan de olhos no chão , face agastada ,  
O rosto sobre a mão , fingindo o geito  
De humá interna afflicção , do negro peito  
Arranca alto suspiro , ergue a vizeira ,  
E á canalha fallou desta maneira. —  
« O' inclitos poderes , que do inferno  
« Comigo repartis o grão governo ;  
« Meus collegas fieis , caros amigos ,  
« E não menos recurso aos meus perigos ;

- « Que attentado foi este maquinado  
« Contra vosso poder, nunca violado?  
« Como assim consentis de sangue frio  
« Insultos taes no vosso senhorio?  
« Como deixaes agora impunemente  
« Atravessar a esfera refulgente,  
« E galgar as celestes jerarquias  
« Essa pobre mulher, Mãi do Messias?  
« Sois vós acazo os principes do mundo,  
« Os reitores das trevas do profundo,  
« Oraculos fieis, cuja verdade  
« Tão respeitada foi da antiguidade?  
« Respondei : ah ! estaes em grande aperto :  
« Degenerastes : não, não sois por certo.  
« Que ! esgotarão-se as fontes do recurso?  
« Ja nada alcança mais vosso discurso?  
« Ja não tendes hum raio, ou hum corisco,  
« Que reduza a pó tudo, a cinza, e cisco?  
« Ja vos não lembrão mais do Paraizo  
« As ameaças? Forão brinco, e rizo?  
« E se então ja nos quiz calcar o colo,  
« Que esperaes, se sobir agora ao Polo?  
« Se a tenue sombra só, ou se seu nada  
« Ja nos foi tão terrivel ; assentada  
« Agora a par do Filho, manejando  
« Com elle o grão poder, o sceptro, e o mando,  
« Julgaes que em gráo maior de authoridade  
« Vos terá mais amor, mais amizade?

- « Ah! sahi do lethargo somnolento ,  
« Onde vos vejo em fêo abatimento.  
« Preveni tantos males , taes abalos ,  
« Que he melhor prevenir , do que chorallos.  
« Tem inda o mal remedio , se começa ,  
« Não espereis que engrosse , nem que creça.  
« Porque depois que o incendio enfim se atêa  
« Ou tarde , ou nunca mais se remedêa.  
« Temeis , que a vossa sorte seja infausta ,  
« E a coragem será por isso exhausta?  
« Ateimai , que a feroz tenacidade  
« Foi sempre o môr signal da heroicidade.  
« Peor será , se accazo em vós fraqueza  
« Sentir-se , ou menor sombra de surpresa :  
« Quando hum Chefe padece esta vil nota ,  
« Assás marchado tem para a derrota.  
« Supponhamos com tudo , que a victoria  
« Não he por nos ; he ja pequena gloria  
« Affligires o Ceo ? Que môr esbulho  
« Quer o vosso rancor , quer meu orgulho?  
« Não prevedes tambem quantos dezares  
« Ja de longe ameação nossos lares?  
« Quantos milhões de victimas roubadas  
« A's lobregas prizões , nossas moradas?  
« Sabei , que huma mulher he compassiva  
« Por natureza : tudo lhe motiva  
« Lagrimas : e tocada da ternura  
« Não pode ver o pranto , e a desventura.

« Ora que impios serão para o futuro ,  
« Que achando nella asylo tão seguro ;  
« Venhão soffrer eternamente afflictos  
« O premio, e o fructo dos seus máos delictos ?  
« E que ouzaria o Filho emfin negar-lhe  
« No momento , em que astuta ella mostrar-lhe  
« O seio carinhoso, que a substancia  
« Nos dias lhe suprio da tenra infancia ?  
« Eis aqui quanto temo : eis que me affronta :  
« E que tambem temer deveis por conta  
« De vós mesmos. Taes são os meus receios ,  
« Que por obstar em vós demando os meios.  
« Ide pois, filhos meus, bravos soldados,  
« Tornai os artificios malogrados  
« Desse Empyreo infeliz, que miseravel  
« Ouza nosso rival ser implacavel.  
« Em quanto a mim, pelo meu sceptro juro,  
« Tantas almas vos dar no reino escuro ,  
« Que nellas bem vingada a vossa offensa ,  
« A' vingança inda exceda a recompensa. »

Fallou : e foi incrível o odio occulto ,  
Que essa arenga excitou pelo tumulto.  
« Vamos, se disse a turba detestavel ,  
« Vamos, que he justo, e o tempo favoravel.  
« Quem do instante opportuno se assegura  
« Deve contar c' os premios da ventura.  
« Não esperão por nós, desprevenidos  
« Estão, seremos pois bem succedidos.

« He hum fraco poder , que sobe á gloria ,  
« A quem não lizonjea ja a victoria ? »  
Oh cegueira ! O Senhor de la da altura  
Vio o projecto , e rio-se da loucura.

Sem mais nada esperar , em hum momento ,  
Qual repellão do prematuro vento ,  
Vão de tropel por hum furame augusto ,  
Unica porta do solar do susto .  
Nunca em publicos fogos de festejos ,  
Em que os povos em galas , e cortejos ,  
Solemnizão dos Reis o natalicio ,  
Voão tantos comêtas de artificio ;  
Nem o vezuvio acezo dardejara ,  
Quando Herculana em cinzas suffocara ,  
Tantas lavas sulfureas ; como o averno  
Brotou monstros fieis ao rei do inferno .

Mas em quanto esta trama se tecia  
La no reino da noite , a companhia  
Santa faustamente hia sobindo  
Amigo o Ceo. Tal vai a esfera abrindo  
Igneo balão nocturno , que nos rastros  
Parece hir augmentar de novo os astros .  
No meio de hum clarão hia a Divina  
Filha do Eterno , qual a matutina  
Estrella d' alva , que toda engraçada  
Vem das gotas do mar inda molhada .  
Luzeiro o mais gentil , que no Ceo brilha ,  
Da Hyperionia luz serena filha ,

Precursora da aurora, como a aurora  
He do Sol a rizonha precursora :  
Que de fios de aljofar vem bordando  
As flores ; seu matiz dezabrochando.  
Ou qual trofeo do grão Celi-Tonante ,  
Que estendido nos Ceos, tremula avante  
Dos batalhões angelicos : e o adusto  
Cáos descora de o ver, treme de susto.

Os Celites narravão mutuamente  
O que della sabião : a eminente  
Virtude do pudor, sua humildade,  
E outras, de que não tem rivalidade.  
Tambem destes astrigeros formozos  
No Virgineo cortejo officiozos,  
Se vião varios coros espalhados,  
Em diversos deveres occupados.  
Alguns os vegetaveis recedentes  
Desfolhados, que em côres differentes,  
As Thaumantéas tintas imitavão,  
De requissimas urnas espalhavão.  
Alguns as lagrimas, que os troucos chorão,  
Onde as hordes de Agar escrava morão,  
Em pyras d' ouro fino evaporando,  
Hião todo o ambiente perfumando.  
Alguns em fim, ao som de lyras d' ouro,  
Odes, hymnos, canções, rico thezouro,  
Que o bipartido monte em estro exhala,  
Soar fazião pela etherea sala.

Hum delles, que da voz no doce enleio  
Escurece dos cisnes o gorgueio,  
Trava do casco de huma tartaruga  
De manchas d'ouro; lucida, e sem ruga :  
Lyra Celestial, e nova peça  
Ferindo a corda o plectro, eis que começa. —  
« Creou Deus no principio Ceo e terra,  
« Mas nem tudo, o que aquelle, e esta encerra.  
« Por quanto a terra, em sombras era nua  
« Da, que ora ostenta gentileza sua.  
« Não serpeavão nella argenteas véas  
« De lymphas perennaes, nem inda as chêas  
« Alagavão cabanas, e campinas  
« Ferteis de rozas, ricas de boninas :  
« Uniforme, sem bosques, sem rochedos,  
« Não coroavão montes arvoredos.  
« O ar embaciado em triste, e escura  
« Nevoa se via, que galgava a altura.  
« Não rolava na Eclyptica o esplendente  
« Luzeiro matinal; nem no Nascente  
« Se apavonava dessas ruivas cores,  
« Com que lista o Horizonte, pinta as flores.  
« Não estendia a noite no Ceo puro  
« De estrellas mil bordado o manto escuro.  
« Era tudo embrião : tudo era feio :  
« Mas tanto que imperou do Eterno seio  
« Vos creadora, tudo em fim se ordena :  
« E a face, que ora ri, se rio serena. »

Cantou depois o Protoplasta , imagem  
Do Eterno : e amenissima paragem ,  
Onde espoza lhe deo formosa , e leda.  
Aqui affrouxa a voz ; e rouco a queda  
Do par novel cantou. Triste memoria !  
Desdouro o mais fatal da humana gloria !  
Mas logo erguendoa entôa a destra cura  
Celeste , que soldou tanta fractura.  
Em cujo ministerio , e maravilha  
A Virgem eis que assoma , e assás ja brilha.

Respira hum pouco ; e as cordas afinando  
De novo á lyra , foi continuando  
A inundação pasmoza , que afogara  
Do globo a vasta face na agoa amara.  
Despovoou-se a terra : não ha montes ,  
Nem mais rebanhos , cazas , bosques , fontes.  
Parecia de novo submergida  
No antigo cáos , do qual fora extrahida.  
Apenas pelo o ermo solitario  
Do volumozo cathaclismo aquario ,  
Arca , que o mundo péja , anda vagando :  
Qual hum monstro do mar , no mar boiando.  
Cantou depois o germen tão fecundo ,  
Que povoou de novo o vacuo mundo.  
O Seclo , que seguiu logo de ferro ,  
O abandono de Deus , as aras do erro.  
A vocação feliz do Pai dos crentes ,  
Donde mil gentes vem , e a Luz das gentes.

E concluo, que á antiga economia  
Ja mais brillhara sombra de valia,  
Que não affigurasse, ou Mãi, ou Filho,  
Ou d' hum, e d' outro juntamente o brilho.  
Qual acorde postura, que a mão destra  
Na cithara dedelha, de que he mestra;  
Aonde com voluveis, e habeis dedos  
Ostenta a magia da arte, e seus segredos;  
E o systema dos sons tanto equilibra,  
Que muitos fere, e quazi que hum só vibra;  
Tal era a symetria, a ordem justa  
Da pompa angelical, festiva, e augusta.

Então, porque a preclara Virgem fosse  
Mais honrada, e a derrota inda mais doce,  
Gabriel, alto Archanjo dos primeiros,  
Circunstancias revela aos companheiros.  
Gabriel, que he tambem dos sublimados  
Nuncios, a grandes couzas destinados.  
Festivo mensageiro do alto canto,  
Que estancou do primeiro crime o pranto.

« Prefixo o tempo, disse, a Potestade  
« Sublime, que os Ceos rege, á Liberdade  
« Querendo dar, e á Redempção comêço,  
« Poz-me a chave na mão de tanto preço.  
« Por agouro feliz ja tomo a idade  
« Do rizo, e fresca flor da puberdade.  
« Em minhas faces brinca a neve, e a roza;  
« E do cravo na bôca a côr mimoza.

« Pelos hombres eburneos espalhados  
« Fios d' ouro se encrespão : ja dos lados  
« Desce a chuva de prata, que brilhava  
« E a quem cinto de perlas abrochava.  
« Na mão esquerda o lirio florescia,  
« Troféo daquella, a quem o Ceo me envia.  
« A direita apontava ao Paraizo,  
« Donde a graça lhe vinha. O' triste rizo!  
« O' farça tão fatal! O' vão dezenho,  
« Que hias quazi trahindo o dezempenho!  
« Assusta-se a Menina vendo a estranha  
« Forma gentil de hum joven, que se entranha  
« Nos sacros penetraes de seu retiro;  
« Fita os olhos no chão; alto suspiro  
« Exhala; ao coração desce o desgosto;  
« E o pudor virginal chamando ao rosto  
« A côr, a fez tão bella, que se a vias,  
« De inveja, linda roza, morrerias.  
« Mas emfim, serenada a tempestade  
« Descubro-lhe a feliz proximidade  
« Do grão Reparador : que nova aurora  
« Devia deste Sol ser precursora :  
« Que desabrocharia o mais virente  
« Calis este pestilo : e finalmente  
« Que ella mesmo era a egreja creatura,  
« Unica preeleita á grão ventura.  
« E quando imaginava, que embaixada,  
« Nunca da natureza imaginada,

« A derretesse em prantos de contente ;  
« Tornou-me , que era Virgem , indifferente.  
« Como se preferisse a virgindade  
« Ao dom da Divinal maternidade.  
« Rara innocencia ! pejo inda mais raro !  
« O' feito nunca visto ! O' dom preclaro !  
« Em tal ponto de estima , e de grandeza  
« Maria préza a virginal pureza. »

Tal o nuncio do Olympo concluia  
O breve conto : e a fausta companhia  
Como ter concluido ja notasse ,  
De novo lhe rogava , que narrasse  
Outras mais aventuras ; que o successo ,  
Se bem que ignorem , sabem que he de preço.  
Annuio o Celeste , e a voz fagueira  
Ordem nova seguiu desta maneira —

« He prodigio na humana natureza  
« Ser humilde no fóco da grandeza :  
« Assim que o homem toca a altiva esfera  
« Só se lembra , quem he , mas não quem era.  
« Mal que se vê trofeo no ar alçado  
« Da ventura , ou seu monte sublimado ;  
« Mal que lhe ri fortuna , e a gloria o exalta ;  
« Eis se esquece o que foi , e o que lhe falta.  
« E por fado , que á Lei se não coaduna ,  
« Muda o genio , se muda de fortuna.

« Mas não he que se visse este defeito  
« Da illustre Virgem Mãe no illustre peito.

- « Apenas sente o thalamo florido  
« Do ineffavel Botão ; tendo sabido  
« Que a senil consanguinea attrahira  
« Tambem do Ceo favores ; ja suspira  
« Por gratular com ella o beneficio  
« Que a ambas outorgara o Ceo propicio.  
« Ja deixa o patrio lar , busca a parenta ,  
« E grande , e humilde , a urbanidade ostenta.  
« Não lhe aterra o fantasma da jornada ,  
« Nem do sexo a verdura delicada ;  
« Não lhe sugere á mente o novo cargo  
« Da filaucia cruel o fel amargo :  
« Dictando-lhe , que o fructo do cortejo  
« Fora certo abater-se , e com sobejo.  
« Antes conhece , que não tem estima  
« O esplendor , se ao mortal a graça intima ,  
« Que em circumstancias taes , tal conjunctura ,  
« Está a gloria em ceder do emprego a altura.  
« Empenhe-se entre tanto a natureza  
« Em festejar os passos da Princeza :  
« Baixem do Olimpo turmas , e em seus braços  
« Tomando-a com prazer , poupem-lhe os passos.  
« Ah ! não sejam as plantas magoadas  
« Da debil Virgem Mãi : nas argentadas  
« Abobedas do Ceo o refulgente  
« Luzeiro Eo-o embote a setta ardente ,  
« Por não lezar-se da Solar quentura  
« A linda flor do Empyreoo : da espessura

« Aligeros Demódocos gorgeios  
« Trinando, lhe consagrem seus recreios  
« E vós, vivos thuriblos das campinas,  
« Ephemerass na vida, vós boninas  
« Pavimentai o solo, para quando  
« For a Filha do Principe passando.  
« Nos evos pois por vir, se affigurado  
« Houver habil pincel em quadro alçado  
« Hum portico, marmorea escadaria,  
« Retalhos de jardins com symmetria;  
« Ao longe no horizonte serra erguida  
« De silvestre arvoredos; na sobida  
« Sobre o tópo Matrona idoza abrindo  
« A outra os braços que vai progredindo;  
« No atrio dois anciões, como á porfia,  
« Saudando-se com mostras de alegria;  
« Antolha-se ao vulgar que he hum cortejo,  
« Mas que misterios na pintura eu vejo!  
« Que senado ja mais reunio a terra  
« Que tanta santidade illustre encerra!  
« Q' assembleas de reis, ou que aureos tectos  
« Votarão em consulta mais projectos  
« A favor dos mizerrimos humanos,  
« Que estes insontes lares soberanos?  
« Que germes, que penhores sublimados  
« Nos carceres maternos retardados?  
« O Verbo, e seu correio, que meninos!  
« A que empregos chamados! Que destinos,

- « Que instrumentos fieis nos dois consortes  
« Da eterna salvação! Que dôces sortes  
« Dos toros maternas! E que Princezas  
« Idolos da fortuna, e das grandezas  
« Poderião nos dons ser confrontadas  
« Com estas duas Mães affortunadas?  
« Era o Ceto pulcherrimo da Igreja  
« Que assoma; e qual aurora o Ceo alveja.  
« Ou antes era o Empyreo passeando  
« Pela terra, e encuberto a consagrando.  
« Era emfim a semente, que escondida  
« No seio do terrão, reproduzida  
« Hirá abrolhando rebentões virentes,  
« Que engrossando co' tempo, em coma ingentes,  
« Farão tal espessura, que me obrigo,  
« Que das aves do Ceo sejam abrigo.  
« Trabalha por transpor o claustro escuro  
« Tanto que presentira do Ceo puro  
« Seu pregoeiro o Rei; e anticipado  
« Quer encher o preconio sublimado.  
« Então do Immenso alternão maravilhas  
« Da Levitica Tribu as duas Filhas.  
« A consorte anciã do taciturno,  
« Que do preclaro Abia rege o turno,  
« Sacerdote, tocada de almo zelo,  
« Co' a rival de louvor nutre hum duello.  
« Mas quanto mais encomios lhe condona,  
« Tanto a Virgem ao seu nada se abandona.

« Se a faz milagre das terrenas filhas ;  
« Responde-lhe, que o Céu faz maravilhas.  
« Se, por ser Mãi do Eterno , a louva, e gava ;  
« Torna-lhe, que do Eterno he mera escrava.  
« Se diz, que Deus he prodigo em favores ;  
« Toma-lhe o tom , e ento a Deus louvores.  
« Taes nas sextas amenas lá do estio  
« Duas aves, em mutuo dezafo ,  
« Trazem o prado, e os mesmos ares cheios  
« De seus doces reclamos, e gorgeios.  
« Então compôz Maria o immortal canto ,  
« Da humildade trofeo, do orgulho espanto. »

Desta arte o tempo os Anjos vão passando ,  
Cazos mil referindo, ou escutando.

Alguns louvando vão sua coragem  
Sem par , e exemplo : quando na voragem  
Do sanguinozo mar de hum Deus insonte  
▲ scena vio impavida no monte. . .

Es tu , barbaro Moria , a quem accuza  
Co' eternas nenias lacrimoza muza  
Porque nutando a universal pintura ,  
Extincto o Sol , em lucto a etherea altura ,  
Dezabando-se os montes : do almo templo  
O véo por si rasgado sem exemplo ;  
As rochas , por convulsas, escarpadas ;  
E dos mortos as cinzas reanimadas :  
Ella só junto á Cruz em pé sustinha  
O ar , e a magestade de Rainha.

Seccos os olhos seus, sereno o rosto,  
Qual hum rochedo ao mar, e ao vento exposto.  
Sendo que internamente a magoava  
Ferreo gume de dor, que a apunhalava.  
Tal de longe dos muros a cidade  
Mostra tranquilla estar : mas na verdade  
Dentro do seu recinto ferve tudo:  
Presente-se hum murmurio vago, e rudo  
De artes, pleitos, commercio, e hum giro insano :  
Sem fallar nas paixões do peito humano.

Ha nos ermos do espaço hum volumozo  
Planeta, de vapor sempre nublozo.  
Onde os raios do Sol pouco clareão  
Pelas fumaças turbidas, que ondeão  
Os volções, que ali fervem. Tão ingentes  
Miasmas deitão, que da terra as gentes  
Tem padecido ja, se o ar se empece  
Da putrida infecção, que dalli desce.  
Aqui postão-se os dragos de emboscada,  
Por surprender a pompa descuidada.  
Assim no immenso mar pirata forte  
Em silada espreitando ; de Mavorte  
O ferreo globo sibilante emprega  
Sobre incauto baixel, que ali navega.  
Aqui extrahirão dos volções ardentes  
De enxofre, cinza, e sães, ingredientes ;  
E assim mexerão, e taes voltas derão  
Os chimicos do cáos, que compozirão

Este pó destructor, que tantos damnos  
Cauzado tem aos mizeros humanos.  
He de então, que se data no profundo,  
Quando nasceo segunda morte ao mundo.

Ja vão tentar nos bronzeos instrumentos  
Os seus sulfureos, infernaes inventos  
Forjão enorme tubo, que acendido  
Com o pó extourou : o grão ruido  
Os fez rir : e desta arte nasce á terra  
A bombarda medonha em paz, e em guerra.  
Tentão depois panellas empregnantes  
De metralha mortal, que crepitantes  
Vomitão na explozão milhões de mortes  
Por varias partes, por diversas sortes.  
Bocas de fogo mil são inventadas,  
Nas formas, e tamanhos variadas.  
Feros trabucos, longas escopêtas,  
Balas ardentes, ferreas palanquetas,  
Curtas clavinas, grossos bacamartes :  
Mais fortes Egides dos bravos martes.  
Invenções infernaes, artes guerreiras,  
Da fera Libitina mensageiras.

Quaes os Cyclopes, que descendo, e alcançô  
Os malhos em cadencia, hião malhando  
Nos metaes; a compor as armaduras,  
Que Accidalia alcançou por mil ternuras  
Do sordido marido, por que armado  
Fosse o Troiano heroe, seu enteado ;

CANTO II.

Taes estavam os monstros denegridos,  
Em diversas manobras entretidos.  
Hum lima o bronze ; aquelle puxa o folle :  
Este do fogo o ferro em braza , e molle  
Tira co' as mãos : estoutros na bigorna  
Batem, revirão ; molhão n' agoa morna.  
Muitos estão c'os braços regaçados  
Broqueando os cylindros torneados.  
E desta sorte vazos mil fundirão  
Ao pó fatal , que á pouco descobrirão.

Erguerão alem disto as magas artes  
Do lugar por defeza baluartes ;  
Grossas muralhas , torres , baterias  
Gargantas de vulcano , artilherias.  
D' elles depois os homens he , que houverão  
Esta arte matadora , a quem pozerão  
De tactica de fogo o honesto nome ,  
Que a humana geração cresta , e consome.  
Tactica , que abrazando o campo , e os mares ,  
Vai devastando os homens a milhares ;  
Com tal furor , com sanha tão renhida ,  
Como se fôra longa a curta vida.  
Por toda a sorte emfim de ardis , e enganos  
Tentão opor-se aos córos Soberanos.  
Oh ! cegueira fatal ! Oh ! teima estranha !  
Como se contra Deus ha força , ou manha.  
Dezertores do Olympo , astros cahidos ,  
Pelo orgulho , os exemplos aprendidos

A' custa de tão mizera experiencia ,  
Não vos domarão inda essa insolencia ?  
Mas tu, soberba, és tal : coiza pasmoza !  
Que quanto mais calcada, mais teimoza.

Ja das portas de bronze torreadas  
Vão sahindo na marcha acceleradas  
As cohortes do Estyx : tremem nos ares  
Negras bandeiras : tubas militares  
Fazem tudo atroar. Nunca se virão ,  
Quando os paúes Niloticos cobrirão  
As dez pragas, de insectos mais enxames ;  
Que ora do Dite as legiões infames.  
Ja os eneas cylindros sulfurozos  
Na explozão, e rugidos espantozos ,  
Nos celestes espaços ribombavão ,  
Das ignivomas bombas, que arrojavão.  
Conhecerão os Anjos, que a anarchia  
Do inferno vinha agoar sua alegria.  
Como se o seu destino fôra o effeito  
De hum solar, que não tem prazer perfeito.  
Ou triste consequencia, e ferreo fructo  
De hum crime original, de hum pai corrupto.

Bem podera, a querer, pôr tudo em terra  
A Virgem, cujo aceno o Orco atterra.  
Mas, ou porque intentava confundido  
Ver o orgulho do inferno ; e que vencido  
Com todo o seu rancor, poder, e furia  
Fosse dos poucos seus, que he mais injuria ;

Ou porque já inspirada conhecia,  
Que opportuno favor do Ceo descia,  
E que imprevisita emfim qualquer victoria  
Dava aos Anjos mais graça, a Deus mais gloria:  
O certo he, que indifferente olhava  
A manobra infernal, que Pluto armava.

Julgão-se poucos, e com pouco abrigo  
Os Celestes á vista do inimigo,  
« Divina Guarda angelica, exclamarão,  
« Cujos raios no abismo já arrojarão  
« Da soberba os dragões; se he esta empreza  
« Tua, tua tambem seja a defeza.  
« Salva o decóro teu, que esta victoria  
« He hum sacro dever de tua gloria.  
« Não diga por ludibrio o cáos sanhudo,  
« Quem he o Deus dos Anjos? Nelle escudo  
« Não tem: e assim teu nome tão sagrado  
« Seja no Estyx dos monstros blasfemado. »  
Isto dito; eis se aprestão de concerto  
As hostes repellir; quando no aperto,  
O' escudo do Ceo, que nunca falha!  
Antes de dar-se a horrizona batalha,  
Chega o Nuncio do Olympo, o Enviado  
Michael, que o cáos vendo em massa armado,  
Aos collegas bradou: « Não ha perigo,  
« Eis-me aqui, não temais, vede o castigo:  
« Vede como hum agente só do Eterno  
« Calca aos pés o rancor de todo o inferno.

« Deixai-me essas falanges revoltosas ,  
« Indoceis a mil quedas vergonhozas :  
« Vulgo sem brio , sempre derrotado ,  
« Nem por tantas derrotas assizado .  
« Deixai-me , pois que ja por muitas partes  
« Fiz arrastar o pó seus estandartes :  
« Vereis ja dispersar-se esta caterva ,  
« Qual fumo em vento , qual em fogo a herva .  
« Perante mim he tudo debil palha ,  
« Que ao leve sôpro do tufão se espalha .  
« Se co' as agoas lustraes podem humanos  
« Atterrallos , nós entes Soberanos  
« Não poderemos mais ? Nós escolhidos  
« Mensageiros do Eterno , e a elle unidos ?  
« Podemos. » Disse : e bravo , e em chama accezo  
Brande o ferro fatal , e com tal pezo  
Baquea no tartareo nevoeiro ,  
Que elle só vale hum batalhão inteiro .  
Os olhos erão fogo , ira o aspeito ,  
Raios os braços dois , corage o peito ,  
E contra as furias do orco embravecidas  
Leão , que atasalhando espavoridas  
Ovelhas vai : Ja mais se vio na terra  
Tão destro militar na arte da guerra .  
Se os batalhões ferozes cá do mundo  
Experto elle mandara , e furibundo ;  
Maior , que este Romano , ou Peno , assello ,  
Que nunca fora Cezar , nem Marcello .

Segue o exemplo gentil, e assim fazia  
A milicia immortal, de que era guia.  
Subito dando sobre os scelerados,  
Que com golpes fataes são conculcados.  
Fervem os dardos, chovem as lançadas,  
Cruas feridas, feras estocadas;  
He tudo confusão, tudo bravura,  
Tudo se encontra, tudo se mistura.  
Tal no tufão do vento repentino  
Batem portas, o pó gira em contino,  
Entenebrece o Ceo, em hum instante  
Tolda-se o ar, á pouco inda brilhante.  
Debanda-se o redil, fogem pastores,  
Bate a fructa no chão, rompem-se as flores,  
E das arvores sobem pelos ares  
Em turbilhões, as ramas a milhares.

« Fugi, sombras aerias, (exclamava  
« O Anjo exterminador) fugi, ó brava  
« Phlegetontea caterva, que o rugido  
« Do Leão de Judá tem já vencido.  
« Dizei ao vosso Rei, que deixe o Mundo,  
« E cuide só das trevas do profundo  
« Que a se prostituir foi a partilha,  
« Que ganhou-lhe a Soberba sua filha.  
« Dizei, que aqui não vão as negras fúrias,  
« Que no cáos soffrem seus grillhões, e injurias.  
« Que aprenda a se humilhar ja desde agora  
« A' Mãe do seu Senhor, sua Senhora :

« Cujá sombra em Eden, se só possível,  
« Lhe foi fatal; verá, que he mais terrível  
« O vivo Original: e que se abstenha,  
« Se he que a novas desgraças não se empenha. »  
Disse: e os monstros batidos evadindo,  
Como chuva no cáos ferão cahindo.  
Taes as nocturnas aves vão-se embora,  
Mal que assoma no Ceo Titonia aurora,  
Buscando a escuridão, e não soffrendo  
O farol, que as deslumbra, e vem nascendo.  
Livre o campo, o jardim, o aprisco, tudo  
Do agudo guincho seu, do dente agudo.  
Ou taes nas salas fulgidas fenecem  
As trevas, quando os cirios amanhecem:  
Rutilos a brilhar lustres custozos,  
Das artes os trofeos mais orgulhosos;  
E tu, muda Poezia, alta Pintura,  
Que és da nivea parede a formozura.

Emfim pagando estão com mil supplicios  
Seus preversos ardís, seus artificios.  
Porque no lar do horror, e da dezordem  
Estas furias se irritão, e se mordem,  
Como leoens raivozos, e sedentos,  
Se abortão, ou naufragão seus intentos.  
Eis os premios aqui, e os condemnados,  
De que erão de seu amo esperançados.  
Em hum golpe de vista se faz tudo:  
O ar se aliza: o vento ficou mudo:

Dissiparão-se as nuvens : o Ceo brilha :  
Torna a virgínea paz, que he sua filha :  
Em trôno azul celeste a calma desce,  
E a horrissona borrasea se evaece.  
Passa o bem ao pezar, que dissipado  
He menor, que o prazer, o mal passado.  
Então co'a Virgem o Nuncio reverente  
As commisões encheo do Omnipotente.

Saibão porém as gerações do mundo,  
Que depois que as estrellas no rotundo  
Estellifero polo tem o imperio,  
Sobre as nocturnas sombras do emisferio,  
Depois que o matutino, e croceo Etonte  
Puxa o carro de aljofar no horizonte;  
E as sombras, dissipados seus horrores;  
Derretem-se em orvalho sobre as flores;  
Depois que a onda irada quebra a furia  
Na movediça arêa, sua injuria;  
E á voz se humilha, que lhe diz possante :  
« Pára aqui, não escoes mais avante; »  
Nunca em Deus se adorou tanta bondade,  
Nunca em mortal se vio tanta humildade.

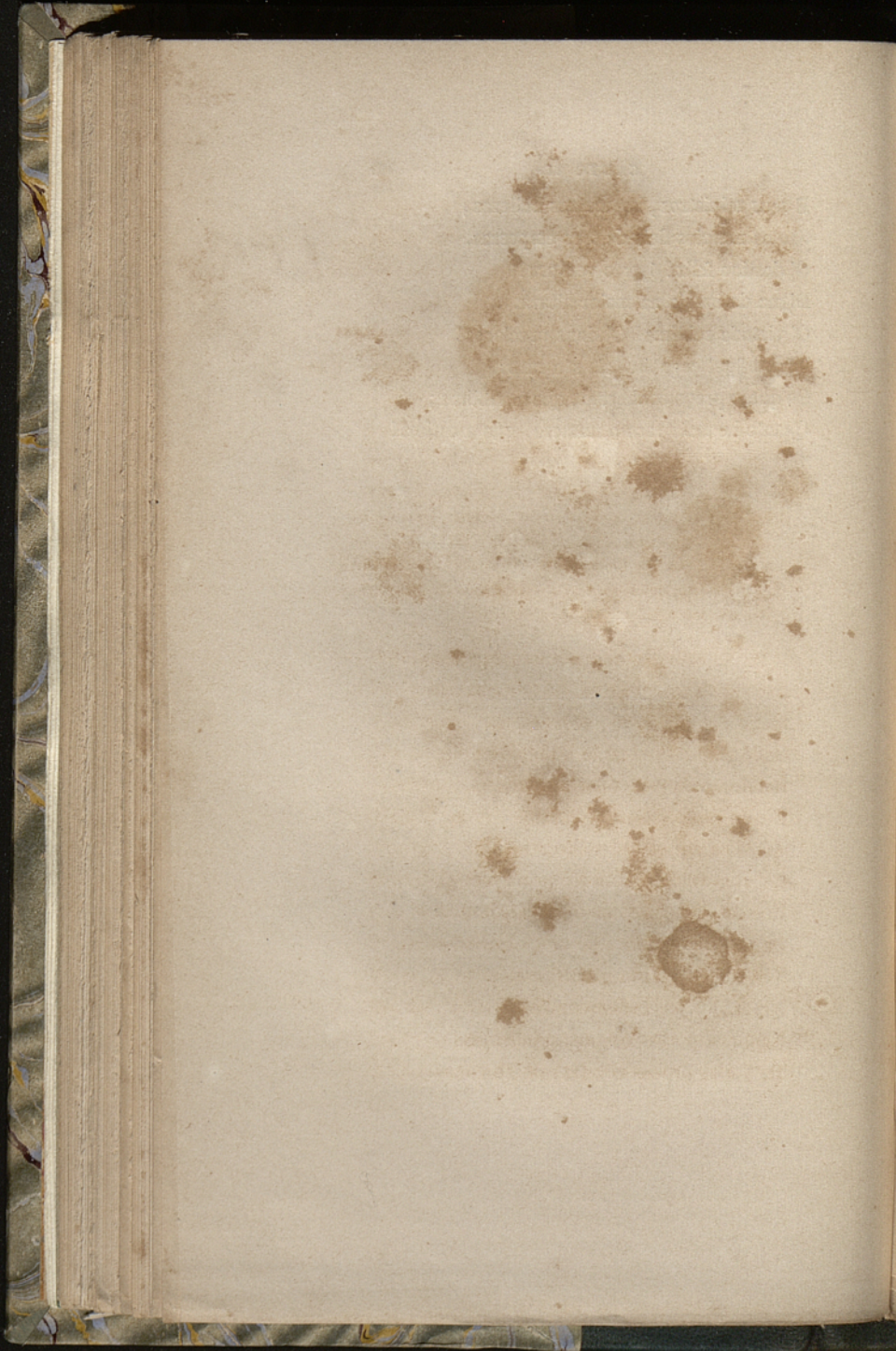
Acabado o cortejo, de concerto  
Assentarão os Anjos ser acerto  
Levar a Casta Mãi do Alto Messias  
Ao lugar, onde estão Enoch, e Elias,  
Porque fossem co' a vista recreados  
Tão Santos Pais, Varões tão sublimados.

Pois que de longe tinham já previsto  
Nas figuras da Lei a Mãe de Christo,  
Vissem também de perto, e de passagem,  
O proprio Original, depois da imagem.  
Agradou o conselho : felizmente  
Ninguém se oppoz : mas antes geralmente,  
Obtida a faculdade da Rainha,  
Para lá toda a pompa se encaminha.

Quanto he doce a virtude, quando alcança  
Tocar a meta, extincta já a esperança!  
He nada a lucta antiga tranzitoria  
Em razão do prazer, que dá a victoria.  
Transmutão-se os espinhos, e os rigores  
Em mar de gostos, em vergeis de flores.  
Nesse instante rizonho, extremo instante,  
Quizera mais perenne, e exuberante  
A tortura da mal fadada vida,  
Que coroa alcançou-lhe tão sobida.  
Então, qual folha secca, a realeza  
Dos sceptros se lhe antolha : a vã riqueza,  
Deoza de argila vil, que o cego adora,  
Por quem se avilta o avaro, o louco chora;  
A fortuna, seus rizos, suas flores  
Com as palmas dos bravos vencedores,  
He tudo sonho vão, que se esvaece ;  
Ella só fica, tudo o mais perece.  
O mesmo excelso Rey do ethereo assento  
Ordena se lhe faça o acatamento :

E seus ministros, immortaes bellezas,  
São os nuncios fieis de taes empresas.  
O' destino feliz! ó grão ventura!  
Digna da inveja na maior altura.  
O' virtude sublime! O' dons preclaros!  
Porem fatal cegueira! Se são raros,  
Os que o preço conhecem, que a sublima;  
Quanto he mais raro o numero, que a estima!

---



## CANTO III

### ARGUMENTO

Descripção do Paraizo, onde estão Enoc, e Elias. Hum ligeiro esboço de sua Missão. Pratica, que teve o Profeta Elias com a Senhora, em que lhe prova sua izempção á culpa Original. Elogio, que lhe fez o Patriarcha Enoc. Enfim rogão-lhe, que lhe narre sua morte, e seu triumpho.

Ha no seio do Immenso huma paragem  
Escondida aos mortaes; do Ceo imagem,  
Lugar Santo, ditozo, sem pezares,  
Onde os prazeres girão a milhares.  
Habitação da paz, solar do rizo,  
E com razão chamado Paraizo.  
Acola se entrelaça, como a héra  
Co' rico Outono a olente primavera,  
Frescos sempre os matizes da campanha  
De perenne verdor, de graça estranha.  
Não adulão a vista nestes prados  
Arvoredos por ordem alinhados:  
Nem marmoreas columnas Soberanas  
De varias ordens Gregas, ou Toscanas.

Nem maquinas hydraulicas, que as puras  
Aguas deitão por varias mil figuras.  
Só reina a natural simplicidade,  
Que excede sempre a arte em magestade.  
O' Muza , dá a meos versos a doçura  
Dos fructos , de que vou dar a pintura.  
A manga doce, e em cheiro soberana,  
Que imita o coração, no galho ufana,  
De hum lado a crócea cõr, e fulva exalta  
Do luzente metal, que a muitos falta,  
De outro lado pore[m] retrata aquella,  
Que o pudor chama às faces da donzella.  
Pendendo estão dos ramos verdejantes  
Os cajú[s], á saude tão prestantes;  
Huns amarellos, e outros encarnados,  
Das gostozas castanhas coroados:  
Talismans , que lhes deo a natureza,  
Por não se fascinar tanta belleza,  
Odoriferos jambos coroados  
Alvejão na vergonteia apinhoados.  
Negreja o lizo abrunho , emvolto em lucto,  
O qual da Syria veio : e o debil fructo,  
Que la de Cerasútha o nome toma,  
Por Lucullo trazido á velha Roma.  
Entre as folhas gigantes laceradas  
Dos bananais espessos arrançadas  
Lourejão suas filhas; aguçando  
O appetite, e os olhos afagando.

Dos folhudos festões estão pendentes ,  
Pelo tronco trepando, os recedentes  
Fructos da agreste flor , quadro imitante ,  
Do martyrio , e paixão de hum Deos amante.  
Gemem enfim as arvores curvadas  
Com o pezo das fructas sazoadas.  
Do limão virginal , da aurea laranja ,  
Pomos d' oiro talvez , que em vossa granja  
Hisperedes zelaveis : mas colhidos ,  
São por Tyrinthio a Euristheo trazidos.  
No mesmo ramo encanta a formozura  
Da fructa em flor , da verde , ou ja madura :  
Mostrando a natureza aqui reunido ,  
Quanto n' outras sazões tem repartido.  
Tal matrona fecunda em proles bellas  
Nubeis tem, huma ao collo , e outras puellas.  
Assim n' hum quadro só pinceis mui habeis  
Dezenhão mil objectos deleitaveis.  
Assim por São João , no mez nevado ,  
Depois do esbulho teres supportado  
De tuas ramas velhas , ó roseira ,  
Aos astros te apresentas lizongeira ,  
Quando as novas de rozas mil enxertas ;  
Humas inda em botão , outras ja abertas.

Em vão nedios racimos a encrespada  
Vide, que com o olmeiro está cazada  
A' luz febea expoem, tanta riqueza  
Ai! da pompa he troféo, he só belleza.

Aligero cantor da etherea estancia  
Apenas prova parte da abundancia.  
Tal era a sorte de outras muitas fructas ,  
Sempre das mãos intactas , e incorruptas.  
Tal a da pinha , que trazida outrora  
Do Eóo paiz , berço da aurora ,  
Com seo nectar suave torna escravos ,  
Abelhas de monte Hybla , vossos favos.  
Tal a tua , ananáz , rasteiro , e baixo :  
Mas que tens por coroa alto penacho ,  
E vestido de escamas , qual guerreiro ,  
Hum hálito bafejas lizongeiro.  
Nem baixo te reputes deshonorozo :  
Tal de Carlos o pai , mas foi famoso.  
E o bravo lá da Emathia , na estatura  
Apoucado , foi raio da bravura.

Sem dar accesso a Phébo a intonsa coma ,  
Os bosques todos são troncos de aroma.  
Seos ramos elevando aos áres puros ,  
Ao vento indoceis , ás borrascas duros :  
Tudo , quanto perfuma o ambiente ,  
Balsamos , canella , incenso ardente ,  
E tu , cedro odorifero , que exhalas  
Fragrancia , ardendo nas Circéas Salas ;  
Quando do Ithaco os Socios lá chegarão ,  
Que em ursos pela Maga se voltarão.  
A Cynirea prole criminoza  
Do bello Adonis mãe , toda choroza ,

Lembrada inda do crime, ali goteja  
A lagrima gelada, e bem fazeja.  
Vegeta a rama, e a folha perfumante,  
Com que Daphne roubou-se ao cego amante.

Negros picos, e fragas se avistavão  
Que ao longe os ceos serenos topetavão;  
Donde se despenhando crepitantes  
Alveos de varias lymphas escumantes;  
Vinhão dormir nas fraldas e campinas  
Sobre leitos de areas cristalinas.  
Tanques bordados do matiz de Flora,  
Doce attractivo do cantor da aurora,  
Prateados peixinhos agitando  
As caudas, pelo fundo estão brincando.  
Pelos prados floriferos serpeão,  
Humecthando o matiz, de que se arreião,  
Perennes agoas, fontes peregrinas,  
Quaes liquidas riquezas argentinas.  
Rolando vem com ellas pelo fundo  
Folhetas d' oiro; e tudo, quanto o mundo  
Em preço tem; o rígido diamante,  
O rubi, que da braza he semelhante;  
A amathista, a chrysolita, a turqueza,  
Lapidadas da propria natureza.

As margens dos ribeiros são teçumes,  
Que o ar incensão com subtis perfumes.  
Rasteira madresilva, hervas cheirozas,  
Do fresco orvalho sem cessar chorozas.

Assim como na seda, ou rica tella,  
A agulha brinca da gentil donzella;  
Tecendo com mil fios e mil cores  
Primorosos padroens, varios labores;  
Tal era destes prados a pintura,  
Que das agoas recebem a frescura.

Ali, purpureo cravo, tu vegetas  
Sem sentires do Sol ardentes settas.  
Sempre fresco, e brilhante, sempre inteiro,  
Eterna a tua cor, eterno o cheiro.  
E tu, sol dos jardins, roza engraçada,  
Que ja na Tyria cor, cor sublimada,  
Ostentas de Rainha a preminencia  
A vegetar ali tanta excellencia  
Ostentas, que em belleza inda as mais bellas  
Vences, como no Ceo Phebe as estrellas.  
Vecêja de Hiemen a estranha planta,  
Cuja amendoa torrada o gosto encanta.  
A flor, que desabroxa só nocturna,  
E se aggrava ao raiar a luz diurna.  
E a triste em cór tambem, que matizando  
De rouxo o prado, á Igreja está imitando  
No tempo, em que na cinza amargurada  
Chora do Espozo a scena ja passada.  
A magdonia thuricrema, que incensa  
Do grão Temistitão a riba extensa:  
De quem a florecencia dáta os annos,  
E epocas memoraveis dos paizanos.

O amarello Ipé, tão lizonjeiro  
Nas ribeiras do placido Janeiro :  
Prezado berço meu, que fez a sorte  
Do aurifero Brazil o centro, e a Corte.  
Por cujas matas, solidões amenas  
Tambem correm Castalias : e as Camenas  
Ao som das citharas do Pythio loiro  
Affinão vozes, cantão versos d' oiro.  
Tambem do alpestre Corcovado descem  
Perennes agoas, que não desmerecem  
As que borbulhão sobre a arêa fina  
Do talco argenteo, lá na Caballina.  
Brilha emfim a familia toda em summa  
Da balsamica Flóra, que perfuma.  
Diversa nas especies, e figuras,  
Grata nos cheiros, linda nas pinturas.  
Anemones, jasmins, goivos, acantos,  
Roxos lirios, perpetuos amarantos ;  
Cujas faces os Zefiros beijando,  
Vão lascivos o ar embalsamando.  
Não menos brilha, e ostenta, que o de Flora,  
O alado esquadrão, que ella namora.  
Pelas margens do lago, em passo lento,  
Procura a nivea garça o seo sustento.  
Geme a casta rolinha lá da inculta  
Brenha, quando o calor do Sol avulta.  
Curvada com seo pezo, sobre a espiga  
Ja loira do arrozal, a doce intriga

Modula o coleirinho, e lá do ramo  
Da aroeira responde o gaturamo.  
Sobre hum tronco despido o empavezado  
Pavão eis que escurece co' doirado  
Dos olhos do pastor e bellas pintas,  
Mensageira de Juno, as tuas tintas.  
Cruzavão pelo ar, bem como flores  
Aligeras, alados de mil cores.  
Dirieis, que a brilhante primavera  
Deixando o prado, matizava a esfera.  
O pequeno colibrio, esta ave rara;  
Troféo na pequenez da Mão, que a ornara,  
Ostenta o peito d' oiro; e esvoaçando  
Com susurro, e tremor, anda libando  
O nectar, e dulcissimos sabores,  
Que encerra o calix das mellifluas flores.  
Pygmeo na esfera das gentis volantes,  
Se na esphera das aves ha gigantes.  
Ve-se o ninho co' bico o passarinho  
Tecer, so da consorte o alado arminho  
Soccorros tem; e na cruel fadiga  
Ser o peito o compaço o instinto obriga.  
Porem nas dimensões com tal destreza  
Que não céde ao Geometra em certeza.

Aqui paixões não ha, não ha cuidados,  
Nem dezejos de gloria illimitados.  
Nem ciumes de amor, e a van cobiça,  
Que o fogo da ambição ao peito atica.

Não são bronzes tristes, e agoureiros,  
Das pompas Sepulcraes mil pregoeiros.  
Nem o rouco tambor bellico : a bandeira  
Não treme em batalhões ; nem tu, guerreira  
Tuba, despertas com teu som tirano  
O povo a esperdiçar o sangue humano.  
Tange a virginea paz, balha a alegria,  
Ou se recolha o Sol, ou nasça o dia.  
Somente sóa o gorgear das aves,  
Cujos reclamos são, e éccos suaves,  
Dos Padres a harmonia em doces hymnos,  
Do Ser interminavel metros dinos.  
Metros doces, grãdiloquos, alçados,  
Por elles concebidos, e rimados ;  
Que na gloria, em que exultão, não desprezão  
As filhas da memoria, antes se prezão  
De cultivar esta arte peregrina,  
Que com sublimes dons, com voz divina  
Eterniza a virtude, e Omnisciencia  
Do Ser, que he mesmo a gloria, he mesmo a essencia.

O triste enchame das doenças magras,  
E as salutíferas potagens agras,  
Que tu, pharmacia provida excogitas,  
Acolá não se encontrão : taes desditas  
Dezertão deste clima venturozo,  
Sempre salubre, sempre vigorozo.  
Tambem ignora o innocente sólo  
A intriga da chicana, a fraude, e o dolo.

A fêa ingratidão, cuja torpeza  
Deshonra a mente, e mancha a natureza.  
E a fome, que aconselha sempre o crime;  
E outros, de que se o mundo nunca exime.  
Ja mais ali se vio lá no horizonte  
Erguer-se a nuvem roxa atraz do monte:  
Que géra com estranha brevidade  
Trisulca chamma, horrivel tempestade.  
Só bafeja hum favonio meigo, e brando,  
Que o ar affaga; e que de quando, em quando  
Boliçozo derrama das folhinhas,  
Em riquezas de aljofar, mil gotinhas.  
Nada emfim há de quanto afflige, e atterra,  
Serenos sempre o ar, serena a terra.

Não direi, que no âmago da annoza  
Faia, se esconde Driada formoza.  
Que os travêssos Capripedos dão saltos  
Na campina, alternando bailes altos.  
Que as Napeas, brincando pelos prados,  
Seos rizos lhes consagrão, seos agrados.  
Nem que o velho Sileno, honrando os velhos,  
Dicta ao joven Thioneo almos conselhos.  
Não, só prezidem Anjos tutelares,  
Que do lugar dissipão os pezares.

Nunca os jardins da fama celebrados,  
Ja mais forão com este equiparados.  
Aquelle entre os Pheáces applaudido,  
E do Argolico Cisne encarecido;

Canse-se a muza, e fique enfim cansada  
Do cantor Esmirneo ; á este he nada.  
Esse outro , que ostentara a realza  
No soberbo festim , e a grão riqueza  
Do consorte de Esther , e houve a cultura  
De mãos scepthrigeras ; he van pintura.  
O Tempe de Thessalia, que escaldára  
Outrôra o estro , dos que a lympha clara  
Beberáo do Aganipe , e do Parnazo ;  
Ao pé deste painel he vacuo prazo.  
Vós mesmo , que a pezar da grão carreira  
De seclos desaseis , vista fagueira  
Ao Macedonio destes , ó immensos  
Babilonios vergeis , no ar suspensos ;  
Vós sois brinco infantil , sois mero rizo ,  
A' vista deste illustre Paraizo  
Risco do Architector , que sem compaço  
Curva linha traçou no ethereo espaço.  
Feliz habitação , se cá no mundo ,  
Ou se fôra do Geó , painel jocundo  
Podesse haver da Bemaventurança ;  
Tu foras copia só , só semelhança.

Em grutas de alabastro , matizadas  
De rozas , por jasmins entrelaçadas,  
Habitão em perennes alegrias  
Os Santos Anciaons Enoc e Elias.  
Acolá não se vê ouro , ou diamantes ,  
Nem lagrimas Memnonias rutilantes ,

Nem trofeos de estrutura alta , e sobida ;  
Que nisto não está o prazer da vida.  
Dourados tectos , pavilhões custozos ,  
Tambem cobrem suspiros amargozos.  
Ornára a lapa a madre natureza  
De nobre gosto , mas com singeleza.  
Huma vide fecunda , alta , e ramoza ,  
De luzidios pezos orgulhoza ,  
Verdejante docel ali tecia ,  
Impervio aos raios do fanal do dia.  
Aureas prizões pendentes não brilhavam  
De aligeros gentis , nem precisavam :  
Que na vide milhões destes cantores ,  
Tecendo ninhos , e nutrindo amores ,  
Com perpetuos trinados dos raminhos  
Lizongião de cima os dous vizinhos.

Ali plantada estranha arvore estava ,  
Unica, e singular ; que se chamava  
A arvore da innocencia : abastecida  
De folhas d' oiro ; grossa , annoza , e erguida.  
No atufado da copa alta , e sombria ,  
Qual frondoza Jaqueira parecia.  
Nella se aninhão leves , e contentes  
Os dons , que o Ceo envia aos innocentes.  
Cujo gorgoeio vario , e amigavel  
Soava a confusão mais delectavel.  
Saltão por entre as folhas as riquezas  
Ineffaveis da graça ; que as tristezas

Costumão dissipar dos peitos justos,  
No receio de errar sempre entre sustos.  
Os sonhos rapidos, que em seus grosseiros  
Leitos duros adejão : lizongeiros  
Trazendo-lhes de noite á fantazia,  
Quanto pensarão sobre o Ceo de dia.  
Vão também as alegrias puras,  
Que os tornão insensíveis ás torturas :  
E os desejos celestes atrevidos,  
Na côr das azas rubros ; os gemidos  
Do testemunho são da consciencia,  
Que he o brazão, e a gloria da innocencia.  
E, sua filha, a paz ; que acode ao rosto,  
E excede a todo vão terreno gosto.  
Perenne fonte mais rizonha, e clara,  
Do que quantas a fabulas sonhara,  
Ali está sempre, e sempre lacrimando,  
Por entre areas d' oiro serpeando.  
Quanto matiz reveste a vernal flora,  
Que o povo alado de Aristheo namora,  
Com suave perfume, e mil encantos,  
Thuricremando estão aos Varões Santos.  
Varões raros, varões assignalados,  
Por Deus ali retidos, e guardados  
Para os fins, que elle sabe ; e estão a espera  
Dos destinos, que o Ceo delles fizera.

La no fim das idades, quando o mundo  
Caduco, e a dilirar, for n' hum profundo

Abismo de maldades submergido ;  
E o Senhor de mui poucos conhecido ;  
Quando o crime sem pejo , impune , e velho  
Surdo for da virtude ao são conselho ,  
E a vil degenerada humanidade  
Desconhecer decoro , e probidade ;  
Hum monstro surgirá no meio disto ,  
Denominado a Besta , ou Anti-Christo.  
Scelesto ! Que blasfemo , e sem respeito  
Ouzará disputar todo o direito  
Só proprio do Eternal , como vapores  
Nabatheos , templo , altar , adoradores.  
Seu imperio fatal será disperso  
Nos dous polos , que abarca o Universo.  
Seus batalhões crueis , quasi sem conto ,  
Como folhas do bosque , agoas do ponto ,  
Hirão rapidamente assoberbando  
Os incolas do globo ; aos pés calcando  
Os povos Boreaes , aonde mora  
A gente , que primeira salva a aurora :  
Os que Phebo no mar vem sepultado :  
Aquelles , onde sopra o congelado  
Austrô , e as inhospitas longinquas ilhas ,  
Da madre terra as engeitadas filhas.  
O triste , que o ferrete , e o nome infame  
Do monstro em si negar , hum novo enchame  
De males soffrerá , tão espantozos ;  
Quaes nunca virão seclos desditozos.

Com esta Hydra truculenta e fêa  
Tem de sahir os dous Beroes a arêa.  
Mas em quanto não chega, o voto ardente  
Desafogão dizendo : « Oh' se decente  
« Fora ao fraco mortal chamar futuras  
« Desgraças, por tirar dellas venturas ;  
« Quizeramos ja ver o fim fadado,  
« De nossos sacrificios coroado.  
« Todavia, cruel, se os nossos votos  
« Podem ja int' ressar tempos remotos ;  
« Se nossas vözes candidas e puras  
« Ja romper ouzão as barreiras duras  
« Do teu solio fatal, com ancia incrível  
« Nós te imploramos, sim, que o mais terrivel  
« Traces de exquízitissimos tormentos,  
« Cruzes, rodas, punhaes, brazeiros lentos,  
« Ou peiores ainda ; mas que a vida  
« Não cures suffocar logo na lida.  
« Sê ao menos com nosco nisto humano,  
« Que esta graça he do genio d' hum tirano.  
« Pois no largo penar, na longa calma  
« Se te cresce o rancor, nos cresce a palma. »

Era o primeiro hum velho agigantado  
De membros, que mostrava ter gozado  
Do mundo antigo a força tão crescida,  
No diluvio depois enfraquecida.  
Erão suas feições, se bem que idozas,  
Na cor, e simetria, magestozas.

Os membros bem talhados : a figura  
Perfeitissima : em fim toda postura  
Mui regular ; por quanto inda a maldade  
Não havia estragado a humanidade.  
Se o destro Fidias outra vez quizera  
Traçar com magestade a effigie vera  
Em marmore de Jove , sem desvelo  
Tinha neste Ancião nobre modelo.  
Porem Jove piedozo , terno , brando ,  
Não em furor , ou raios dardejando.  
Não se sabe a materia , que trajava ,  
Se era lan , ou se linho ; descansava  
Sobre hum bastão de nós , tão grande , e grosso ,  
Que sem encarecer afirmar posso ,  
Que hum mancebo d' agora , o mais robusto ,  
Não o movia , sem mover com custo.  
Tinha outro porte o Vate do Carmelo ,  
Cingindo os rins de sedas de camêlo ,  
A barba intonsa , a crespá áte ao peito  
Felpudo ; fresco o rosto ; mas o aspeito  
Hum tanto carregado , e parecia  
Que inda o fogo do Ceo descer fazia.

Nos momentos , que aos extases restavão ,  
Scientificas materias dissertavão  
Co' Genio tutelar do Paraizo ,  
Ornando a mente , enriquecendo o sizo.  
Que he do grato saber tão doce o enleio ,  
Que até nos Divos serve de recreio !

A' sombra de huma faia alta e frondoza  
Nutrião a conversa deleitoza.  
Ao pé assentados de huma cristalina  
Fonte, que murmurando hia a campina  
A' pressa; de huma penha derivada  
Sempre de orvalho, e verde musgo ornada.  
Logrando n'hum só ver toda a belleza,  
Que não costuma unir a natureza.  
Lymphas, que fogem, aves mil fagueiras,  
Fructas á vista, e flores lizongeiças  
Ao olfacto; e mil objectos divertidos  
Que apraz á mente, e enlevão os sentidos.

Ali da sempre provida natura  
Revelava o Celeste a formuzura:  
Seus segredos, seus dons, suas riquezas,  
Que escapão inda a humanas subtilezas.  
Bem como a reunião do corpo, e alma,  
Seu mutuo influxo nas paixões, ou calma.  
Das asserções zombando extravagantes,  
Que dilirão, ou sonhão arrogantes  
Filozofos subtis; nome que allude,  
A' quem mais rixa, o vulgo ignaro, e rude.  
Descobrimdo aos profetas, qué o tangente,  
Do órgão visual era somente  
Dos seres a extenção multiplicada,  
Em varia côr, ou fôrmas terminada.  
Que as essencias das cousas, que as naturas  
Erão inda noções vagas, e escuras.

Que dos quatro elementos confundidos  
Se combinão os corpos conhecidos.  
Falsa a materia prima decantada,  
Nem tal, nem qual, nem quanta. O que? só nada.

Depois bellos discursos acrescenta  
Sobre o fluxo, e refluxo, que apresenta  
O Tridente infiel: cujos segredos  
Natura inda nos feixa em seus enredos.  
Segredos, que fadigas não pequenas,  
Por decifrar, tem dado a doudas pennas.  
Sendo os caprichos tantos, e os avizos,  
Quanto são, dos que pensão, os juizos.  
Tambem á scena veio a tão renhida  
Questão da cor infame e denegrida  
Que ao travez das idades succedentes,  
Tingindo vem a tez das Afras gentes.

Mas no ramo prolifico e frondoso  
Do Reino vegetal, que o Poderoso  
Dedo Eternal brincara de primores;  
He onde mais se exprião os louvores.  
« De certo assombra, o Anjo proseguia,  
« Como huma causa só tanta energia  
« Produz em tão multiplices sугeitos,  
« Tão diversos fenomenos, e effeitos.  
« A virtude matriz se communica  
« Por milhões de canaes, que ramifica  
« O pervio tronco, erguida ao mais alçado  
« Botão desde a raiz, que o tem brotado.

- « Aqui he huma flor , ali novinho  
« Rebentão , que se torna em hum raminho.  
« Acolá huma fructa saboroza ,  
« Que a cor vem despontando d' oiro, ou roza.  
« Mais alem huma folha , ou a cortiça  
« Do tronco que se engrossa , ou que se erriça.  
« Tal por arte sagaz do jardineiro  
« O vergel vai regando todo inteiro  
« De huma só fontezinha a lympha pura ,  
« A orvalhar por sulcos a verdura.  
« Na estação hiemal quasi que estanca  
« O bemfazejo humor ; e mal que arranca  
« A barreira fatal , que maravilhas !  
« Que novas raças vem de verdes filhas !  
« Rico Outono , vaidosa Primavera ,  
« Patentea os thezoiros , com que impêra  
« A pingue meza lauta , e o apparatus ,  
« Que á donzella , e altar serve de ornato.  
« Que riquezas , que dons , que formuzura ,  
« Que tanto esmalta a universal pintura !  
« Novos Ceos eis assomão , nova terra ,  
« Que o humido vapor de vós desterra.  
« Tristes vestigios , restos , que imprimira  
« O pé brumal , ao Sol quando fugira.  
« Brilha o olho do Ceo puro , e sereno :  
« Rutilo o ar , rizonho o prado ameno.  
« O verde , e vegetal veludo flores  
« Traja , como atavios de mil cores

« A pudica puella , que medroza  
« Ao pubere offerece a mão de espoza.  
« Ri-se a relva do vale , ris-se a fonte ,  
« Ri-se ao longe tambem musgozo monte.  
« Vem alados insectos susurrantes  
« Roubar os succos melicos fragrantés.  
« Sôa das aves nova sinfonia ,  
« He das graças o tempo , he d' alegria.  
« E tudo fausto agoura da riqueza ,  
« Que ostentará no Outono a natureza ;  
« Quando as massas offerte , ja guizadas ,  
« Nos cheiros , e sabores variadas.  
« Em cujo gosto e madurez trabalha  
» Não pouco o astro que de noite falha.  
« Foi de certo em taes dias , que o morgado  
« Do predio universal se vio creado  
« Entre flores , e fructos ; bafejando  
« Do suave galerno o sopro brando.  
« Antes de repartir co'a immensa raça ,  
« Em retalhos da terra a immensa massa.  
« Foi então que luzirão as estrellas  
« Pela primeira vez no polo ; e as bellas  
« Tochas d' outros luzeiros lá do Olimpo ,  
« Ditoza a terra , o Ceo sereno , e limpo. »  
Assim passavão rapidos momentos  
Os incolas dos gratos apozentos ,  
Quando chegaram em fim os conductores  
Da Puerpera Diva : e os dous cultores ,

Como a vissem chegada , a vassalagem  
Vão render a tão alta personagem.

Vio-se então o lugar , de si mimozo ,  
Co' a prezença da Virgem mais formozo.  
Não troavão as boccas de vulcano ,  
Equivoco prazer , som deshumano.  
Pois não tinha inda o orco revelado  
Do pó desolador o infausto achado.  
Não tinião das grimpas retangidos  
Os bronzes festivaes , nem extendidos  
Se avistavão tapizes recamados  
De labores , no Hydaspe trabalhados.  
Nem baluartes de sulfureas massas ,  
Agoiros quasi sempre de desgraças.  
Só murmuravão mais as claras fontes ,  
Ja no fundo dos vales , ja nos montes.  
Os gorgeios das aves recrescião ,  
Que os angelicos ecos repetião.  
Os prados , as florestas perfumavão  
Mais grato aroma , que té li incensavão.  
Retinião nos bosques , e nos arés  
Os vivas , e os applauzos a milhares.  
Ja mais nas manhans frigidias de Agosto  
Assoma a aurora com tão ledo rosto ,  
Bordando as flores , e doirando a esfera ,  
No retorno gentil da primavera.  
Nestes jubilos pois , e neste rizo ,  
Entrava a pompa pelo Paraizo.

Esse, que ao mundo veio, antes que o Mundo  
Fosse tragado pelo mar profundo;  
Ferido de clarão tão dezuzado,  
Extasiou-se: mas o illuminado  
Vidente da Iduméa, que de perto  
Vira hum raio da gloria no dezerto,  
Reverente curvou-se; e desta sorte  
Obrigou-lhe a romper o seu transporte:  
« Oh Deus! Oh grande Deus! sempre estampado  
« Nas obras de teu braço; onde em traslado,  
« Ou ellas sejam grandes, ou pequenas,  
« Nellas descrevem inaffaveis pennas,  
« Em gyroglificos, a sacra historia  
« De teu nome, e poder, de tua gloria.  
« Na rocha colossal certo ar grosseiro  
« Vejo, mas nisto mesmo hum dom fagueiro.  
« A gruta solitaria, a inculta brenha  
« Tua mão poderosa me dezenha.  
« O verme d'oiro, e vil, que o pó revolve,  
« Tambem misterios tem, tambem envolve  
« Graças mil, como a linda pregoeira,  
« Que do Ceo preconiza a luz primeira.  
« E assoalhando a terra, e os mares d'oiro,  
« De Pátaras acorda o Numen louro.  
« Porem se couzas taes são só brinquedos  
« De teu rico pincel; quaes os segredos  
« Serão do nunca visto dezempenho,  
« Onde estala o trovão de teu dezenho?

« Tecem as aves delicados ninhos  
« Aos penugentos languidos filhinhos ;  
« Urde o verme delgados ricos fios  
« Por fugir ao rigor dos ares frios ;  
« Só se gerão nas conxas prateadas  
« As lagrimas da aurora congeladas ;  
« Trono d' óstro, e de gemmas preciozo  
« Para si se adereça o rei vaidozo ;  
« E tu do rei, da perla, da ave, e insecto  
« Senhor, serás tão pobre, ou tão abjecto,  
« Que hum azilo não busques mais prestante,  
« Que a seda, o oiro, a perola, ou diamante ?  
« Que mais florido thálamo fizeras,  
« Quando em pompa de espozo-descenderas  
« Dos paços Paternaes, por humilhar-te,  
« E á natureza escrava despozar-te ?  
« Que misterios de premios, de grandeza  
« Nelle desperdiçados? Que riqueza ?  
« Mas ah? que o tal portento está presente :  
« Deslumbra os olhos meus, deslumbra a mente ;  
« Que se na solidão não vissem parte  
« Ja do lume, que aos Divos se reparte ;  
« Hesitarião nesta conjuntura,  
« Se era Deus, o que vem, se creatura. »  
« Como isto disse, a face fez voltada  
Para a Virgem (que esteve transportada  
Até li contemplando dous humanos,  
Quasi eternaes nos seus longévos annos).

- « Filha dos Patriarcas, disse, o' germe  
« Do Profeta Real, que impubre e inermes  
« Ja rompia leões, teu valimento  
« Não fuge ao meu pensar : n' outro momento  
« Eu te vi nuvem fertil, que desfeita,  
« A' terra a sede mata, e verde a enfeita,  
« Vio Carmelo tambem, Soumér o sente,  
« Que em flagelos do Ceo ardia a gente.  
« Mas vio-se por ventura, o que ora vejo?  
« A virgindade mãe, fecundo o pejo?  
« Quiz-lo assim o Pintor da azul esfera,  
« Quem lhe hade perguntar, por que quizera?  
« Tal da velha raiz, ja corcomida,  
« Brota o pomo feliz, pomo da vida.  
« Tal no leão, ja morto, encontra o bravo  
« Terror dos Filistheus melifluo favo.  
« Oh que distancia vai! Oh quanta altura  
« Do vivo Original á copia escura!  
« Esse ar de magestade, que dardeja  
« Teu rosto Divinal, faz que se veja  
« Em teu porte, eu não sei que Soberana  
« Gra-ça mais que terrena, mais que humana.  
« E's filha, sim és filha do primeiro  
« Que a prole degradou, e o mundo inteiro.  
« Mas herdando-lhe o sangue, e a natureza,  
« As pensões não lhe herdaste da fraqueza.  
« Por quanto o Eternal, ' ja condoido  
« Do flebil réo, decreta ao desvalido

- « Remedio prompto dar ; e assim procura
- « Por ministra fiel apta Creatura.
- « Mãi do Deus , que nas trevas enluctado
- « Acudir-lhe viesse ; o braço irado
- « Desarmando , que lá do alto fulmina
- « O raio vingador ; e que commina
- « Eterna pena á culpa ; e a face volta
- « Ao Colono de Eden , que se revolta.
- « Já nos golfos da universal belleza
- « Do Archetypo Exemplar , que a profundeza
- « Do Eterno Saber no seio encobre ;
- « Rara idéa gentil eis que descobre.
- « Nos olhos virginaes tão pura , e Santa ,
- « Que aos mesmos olhos do Exemplar encanta.
- « E's tu , que d'entre as nuvens , e os frequentes
- « Horrisonos trovoens , raios rubentes
- « Da escura noite do delito enorme ,
- « Em que o proscripto Par sem pejo dorme ,
- « Assomas ; qual aurora auri-raiando ,
- « Do crime as negras trevas dissipando ,
- « Vieste , mais por ser a maravilha
- « Da graça , e nosso ser , que flebil filha
- « Do grão Prev'ricador : mais por salvallo
- « Do naufragio fatal , que tanto aballo
- « Hia cauzar á vasta redondeza ,
- « Que por participar sua fraqueza.
- « Mais por Mãi do Redemptor sublime
- « Que por herdar do Protoplasta o crime.

« Vieste medicar-lhe a peçonhenta  
« Ulcera, na gangrena tão violenta,  
« Que recursos achara o triste enfermo  
« Só no Amor, que em recursos não tem termo.  
« Vieste pois secar o nosso pranto,  
« Ser da Estyge fatal, fatal espanto.  
« Sim vieste por ser nossa vingança,  
« Doce bem, clara luz, certa esperança.  
« De outra sorte seria despojada  
« De ti a natura, ó joia sublimada.  
« Nesse mar do Poder inexaurível  
« Toda engolfada, apenas só possível.  
« Aos olhos dos mortaes sempre escondida,  
« Só do que tudo sabe, em fim sabida. »  
Isto dizendo, ergueo-se diligente  
A ceifar as boninas, que o ambiente  
Estavão perfumando : e entretecendo  
Fresca grinalda, do que foi colhendo ;  
Ao carro sobe, e desmentindo os annos,  
E a Virgem coroando, disse : « Humanos,  
« Não deveis estranhar-me a liberdade,  
« Se esquecido ao dever das cans e idade  
« De flores cinjo a frente de huma filha,  
« Raio do Céos, dos Ceos a maravilha.  
« Filha, que acaba de vencer a morte,  
« Que não pôde da terra o heroe mais forte.  
« Sou raiz desta flor, quem não consente  
« Que hum instante o prazer me escalde a mente?

« Vendo-a Mãe de seu Deus, nossa ventura,  
« Meu sangue honrar, honrar toda a natura?  
« E que causas mais tem, ou que motivos  
« As nações, por poderem os altivos  
« Guerreiros coroar de loiro, e flores,  
« Que voltão das campanhas vencedores?  
« Dem-me a disparidade da proposta,  
« Que se vencido for, cedo á reposta. »  
Surrio-se então a Virgem; e com festejos  
Recebeo do bom velho os bons cortejos.  
Admirando a feliz simplicidade  
Dos homens que nascião n' outra idade.  
Mas a grinalda, dizem, que saltara  
Pelos ventos no Ceo, e se tornara  
Constellação de estrellas, mais brilhante,  
Que a coroa de Ariádne rutilante,  
Ou qual de Berenice a loira coma,  
Que aos astros elevada, o lugar toma  
Junto a cauda do bruto da Nemea  
Silva, e com sete alampadas clarea  
Nossa methamorphose acontecida  
Foi, segundo a razão mais aplaudida,  
Mui longe; pois que a vista a não alcança,  
Nem lentes de alcançar tem esperança.

Neste tempo voltava de seu rapto  
O Santo velho Enoc. Qual mentecapto  
Chorava, e ria; e a Neta elogiava,  
Segundo o que a ternura lhe dictava.

Contando-lhe, que lá nessa priméva  
Idade a lacrimosa infeliz Eva,  
Nas tregoa de seu pranto, ja bebia  
Por ella algumas gotas de alegria.  
Que ja abrazadas ancias, que mil votos  
Lhe acenayão de tempos tão remotos.  
Que os loiros, que do virulento drago  
Alcançara, de Eden depois do estrago;  
No seio das familias conservada,  
Era a victoria em fé não alterada.  
Que as matronas cóevas, que gozayão  
Dos primitivos ares, ja a chamavão  
Porta d' oiro do Ceo, morte da morte;  
Louvando a signa, e lhe invejando a sorte.  
E com razão: « Porque, ditoza Filha,  
« (Acrescenta) entre nós se he maravilha,  
« Luzeiros germinarem das mulheres,  
« Genios de vôo audaz, altos saberes;  
« Que prodigio não he, do teu materno  
« Seio a Prole abrolhar do proprio Eterno?  
« De sublimes heroes ser mãi confesso,  
« Que he sorte de invejar, que he excelso preço;  
« Que he aquelle brazão, aquella gloria,  
« Que atroa o mundo, e que embelleza a historia.  
« Mas o que he, que isto tem de novidade?  
« Transpoem accazo as Leis da humanidade?  
« Porem que huma terrena, huma menina  
« Seja a Mãi de seu Deus, sem ser Divina;

« Isto sim , quanto a mim , he grão misterio ,  
« Que da mortal razão transcende o imperio .  
« Curem êvos debalde ennobrecer-te ,  
« E de titulos vaons enriquecer-te :  
« Chamem-te estrella , chamem-te ornamento  
« Do côro Angelical , do ethereo assento ;  
« Chamem-te os homens gloria soberana  
« Da progenie de Adão , do raça humana ;  
« Lizongeeem-se as Virgens da ventura  
« De seres do seu sexo Creatura .  
« Chame-te o peccador seu forte escudo ;  
« Tu és a Mãi de hum Deus ; nisto está tudo .  
« Mas se deozas não ha , antes a idea  
« De deozas a eternal noção affêa ,  
« Donde vens ? Oû que tens de afinidade ,  
« Para ser Mãi de hum Deus , co' a Divindade ?  
« Procurar-te exemplar inutil fora :  
« És unica , e de ti só imitadôra ;  
« Nem antes , nem depois tens concorrente :  
« Deus nascido , não nasce novamente .  
« Esta ventura pois , esta alegria  
« Só te pertence . » O velho isto dizia  
Todo convulso , fixo no cajado ,  
De pasmo , e de hum prazer doce inundado ,  
E o pranto , que de gosto está brotando ,  
A crespa barba , e algida molhando ,  
(Bem como hum debil , mas perenne rio )  
De gota em gota vai , de fio em fio .

Depois deste cortejo tão luzido ,  
A estes dous mórtaes só permittido ;  
Fizerão à Senhora os Anciões  
Repetidas propostas , mil questões :  
Sobre a vida innocente , sobre o Advento  
Do Messias , da Lei , termo , e ornamento.  
E a estrella de Jacob , como foi preza ,  
Sendo o Arbitro , e Deus da natureza ?  
E o Leão de Judá porque revezes  
Tragou no Mória tão amargas fezes ?  
E o Sello em fim , que á liberdade humana  
Pozera a Mizericordia Soberana ?

« Conta-nos , cara Filha (acrescentarão) ,  
« Os cazos mais notaveis , que passarão ,  
« Teu brilhante triumpho , tua morte ,  
« Pois té nos trouxe aqui tão doce sorte.  
« Já se calão as aves por te ouvirem :  
« Abrem-se as flores para te aplaudirem :  
« Emudece o favonio , dorme a esfera ,  
« Troncos , fructos , ribeiros , tudo espera  
« Com profundo silencio , e ancia louca ,  
« Ouvir noticias taes de tua boca. »

Não se pôde negar a Virgem Santa  
A tantas rogativas , a ancia tanta.  
Rogativas de illustres personagens ,  
Que ja do Filho tinham sido imagens.  
Rogativas de Avós , que merecião  
Por mil outras razões , o que pedião.

## CANTO IV

---

### ARGUMENTO

Narra a Santa Virgem a pregação dos Apostolos. Suscita-se na Igreja de Efezo a primeira perseguição contra os fieis por intriga de hum Ourives, por nome Demetrio, Caridade de S. João Evangelista com hum Chefe de Salteadores. Progressos do Evangelho.

Agora Santa Igreja, tu me inspira  
A narração da Virgem : minha Lira  
Não invoca outra Muza, nem procura  
Do Hélicon beber a Lympha pura.  
Precede-me em vereda tão fragoza  
Que sem a tua faxa luminoza  
Eu não posso atinar, nem hir seguro  
Por entre as densas trevas deste escuro.  
Assim do claro Filho ella te alcance  
Novo grupo de Heroes, que te affiance  
Altas virtudes, feitos não vulgares,  
E sejam os trofeos de teus altares.  
Heroes, de quem tu digas sem receio  
Nas vaidades das cans : « Este á luz veio

« N' hum berço d' oiro, e óstro, a quem ventura  
« Bafejou logo ao vir : mas lá d' altura  
« Desta gloria fallaz tudo despreza ,  
« Honras , cargos , fortunas, e nobreza ,  
« Porque na patria dos contentes herde  
« O bem , que herdado , nunca mais se perde.  
« Aquelle era gentil , hum nobre porte ,  
« Hum lizongeiro ar lhe coube em sorte.  
« A téda nupcial sua aspirarão  
« Puellares votos ; mas em vão tentarão :  
« Que do niveo pudor ao forte abrigo  
« Da gangrena geral foge o perigo.  
« Este o sceptro calcou , este diamantes ,  
« Aquelle o sangue illustre , ou mil prestantes  
« Destinos , affectando de pequenos  
« Nos aureos tectos , nos festins terrenos ,  
« Para serem hum dia poderosos ;  
« Socios dos immortaes , com Deus ditozos. »

Eis vem a Dea, eis vem ! He minha muza ,  
Que ao meu clamor , e votos não se excuza.  
Oh ? quanto he santa, e bella ? Oh ? quanto ? he filha  
Do Ceo ; e do Ceo rara maravilha !  
Dos hombros virginaes lhe está cahindo  
De estrellas d' oiro hum véo : seu rozeo, e lindo  
Semblante Angelical , seus puros olhos ,  
Onde o pudor fez ninhos , por antolhos  
Tem o plano do chão. Tanto he verdade ,  
Que nella brilha a fé, brilha a humildade !

Sobre o peito lhe vibra o raio ardente ,  
Signal do amor com Deus : traz refulgente  
Na dextra huma aurea Cruz ; arrhas, que o Espozo  
Nas nupcias lhe prendou , Jesus mimozo.  
He ella a interprete da voz divina ,  
Quem me aponta a vereda, quem me ensina.  
Ja me sinto em furor , della huma chamma  
Desce a meu peito , e ja meu peito inflama.

Fugi do canto divinal, sublime ,  
Vós, ó fabulas vans, fugi : que he crime  
Mancha-lo da fallaz mithologia ,  
Com que a filha do Caos, a idolatria,  
Banida ja das terras, e dos mares ,  
Proscripta sem mais templos, nem altares ,  
Inda quer ostentar de magestade  
Nas inhospitas aras da verdade.  
Não se esperem de mim turbidos ventos  
Clauzurados em odre : nem portentos  
De cavallo's enormes de madeiras ,  
Que pejarão em si tropas guerreiras.  
Nem gigantes membrudos denegridos ,  
Em cabos tormentorios convertidos.  
Nem matas encantadas , cujas ramas  
Feridas da bipene , arrojão chammass.  
Hipocrene, Aganipe, vós, ó fontes  
Da Beocia, secai em vossos montes ;  
Que em vós não heberei as aguas puras  
De arcanos tão profundos. Taes pinturas

Não finge o sacro vate , e veja a terra ,  
Que os Successos da Igreja , e quanto encerra  
Na pureza do culto de disvellos ,  
Sem pedir emprestado os sonhos bellos  
Dos pagões , tambem luxo, arte e valia  
Tem nas graças, e rizos da Poezia.

Ja calados estavam, anciozos  
Os Profetas de ouvirem os famosos  
Feitos da Virgem Mãi, e as aventuras  
De seus santos trabalhos ; quando as puras  
Pupillas levantando ao cristalino  
Ceo, como a lhe implorar favor Divino,  
Com voz pudica, nobre, e lizongeira  
Começa em fim, e foi desta maneira —  
Depois que o immenso Rei da etheria altura ,  
Do Esplendor Paternal Verbo, e Figura,  
Concatenando a morte, o atro Averno,  
Marcou a Redempção do Sello eterno ;  
Depois que com o sacro ajuntamento ,  
Producto de seu sangue, em hum momento  
Subio azul abobada estrellante ,  
Impassivel, feliz, formozo, e ovante ;  
O mundo, caros pais, para meus olhos  
Foi triste solidão, terra de abrolhos.  
Victima só de hum pranto infatigavel  
(Não sei se viva, ou morta ) inconsolavel  
Passava os dias, como em noite escura,  
Sem prazer, sem repouzo, sem ventura.

Tal era o meu viver, tal meu estado,  
Depois que o Ceo galgara meu Amado.  
Se na terra se pôde chamar vida,  
Pena tão lenta, morte tão comprida.  
Mas já por este tempo a aurea buzina  
Do Evangelho atroava a Palestina.  
E vendo o almo senado pregoeiro,  
Que era curto o terreno; o globo inteiro  
Reparte; por que houvessem os Athletas  
Mais vasta arêa, mais longinquas métas.

Estes são os varões tão conhecidos  
Pelo nome de Apostolos: sobidos,  
Genios raros, predestinados justos  
Para fins pelo Eterno, os mais augustos;  
Que assombrarão de feitos singulares  
D' Africa, Europa, e Azia, a terra e os mares.  
E a Santa Igreja, nossa Mãe, fundarão,  
Que de heroicos exemplos sublimarão.  
Humanos d' outra raça, e d' outra espece,  
Que por seus altos feitos bem parece  
Dignos de repartir co' Verbo as glorias  
De seus rudes combates; das victorias  
Da Cruz apologistas, pregoeiros  
Da Salvação geral; filhos, e herdeiros  
Desse Divino amor, e em seus ardores,  
Entre os maiores Santos, os maiores.

Soffre tudo o mortal, menos se tocão  
Em sua crença, e á duvida revocão.

He cicatriz, que dóe, mal que tocada,  
Nos penetraes do peito radicada.  
Das informes noções, que abrolha a infancia,  
Ao raia a razão, mais importancia  
Tem, e pezo as da fé, que o embalarão,  
Misterios, que seu berço iniciarão.  
Concentrão-se com tanta profundeza,  
Que parecem surgir da natureza.  
Menor duvida pois no innato culto  
Seria hum sacrilegio, ou grave insulto.  
De sorte que, se vem com ellas erro,  
He custozo extirpar-se o seu aferro.  
Era Deus em Judéa conhecido  
Somente : o resto em trevas submergido  
Da idolatria : a qual, como c'os annos  
Engrossasse, era o culto dos humanos.  
Nos Licéos, nos Estóas apurada,  
Na egide das Leis sempre escudada.  
Culto em fim dos senhores, e pequenos,  
De todas as nações, todos terrenos.  
Tambem authorizava a iniquidade,  
Que aborta a mais atroz perversidade.  
E era tal de seus Numes o appetite,  
Que ignorava o pudor freio, ou limite.  
Não só Deozas do Olimpo violavão,  
Mas as mesmas mortaes idolatravão.  
Baixas methamorphozes inventando  
Por haver das paixões o fructo infando.

Desta arte os caracteres tão sublimes  
Da Divindade a denegrir com crimes.  
Mostre a prole de Acrisio as gotas d' oiro,  
E tu, que a Europa déste nome, ó toiro.  
Pois por quem se ultrajarão mil bellezas,  
Ou que premios houverão das fraquezas?  
Fallem por pejo mais, que maravilha,  
Do cisne Leda, e Io da novilha.

Que scenas mais pueris, e extravagantes,  
Que os Deuzes ver correndo dos gigantes,  
Vagar aqui, e ali, sempre assustados;  
Nas grutas, e nas brenhas eclipsados?  
Em ridiculas feras convertidos,  
Por não serem dos monstros percebidos?  
O mesmo Jove que do Olimpo atrôa,  
Com a prole bastarda só povôa  
De Deozes Ceo, de Semideozes terra :  
Feito, que a idéa Divinal desterra :  
Elle foi por lascivo, chuva d' oiro,  
Carneiro, cysne, e aguia, em fim foi toiro.  
Era o orgulho decóro : gentileza  
Immolar o rival, honra e nobreza  
Praticar os horrores da vingança,  
Ou ter em cinza a braza da esperança.  
Eis a tua moral, Polytheismo,  
Que tinha de extirpar o heroismo  
Destes claros varões assignalados;  
Pregoeiros de Deus, do Ceo mandados.

Ja qualquer com denodo avança o norte,  
Que apontou-lhe o destino, ou teve em sorte.

Este golpe fatal bufo o ferro  
Do meu longo esperar. Ja em meu desterro  
Da saudade voraz a sede occulta  
Em novas frágoas meu amor sepulta.  
Ja do pezo terrestre desprender-se  
Quer minha alma, e qual chamma, ao centro erguer-se.  
Crebros votos de fogo aos Ceos voavão,  
Que a meu ver, surdo bronze retratavão.  
Redobráo-se-me as anceas, cresce o espanto,  
Ja não tem tregoa a dor, e no meu pranto  
Chorando sem cessar me parecia  
Que o bem, por quem chorava, mais fugia.

Entretanto o Ancião, que aos mais precede,  
Dos Syros a metropole por séde  
Arroga-se, onde aquelles, que adoptarão  
De Christo a Fê, Christianos chamarão.  
Brazão, de que a Romulea primazia  
Não te litiga, ó celebre Antioquia.  
He este aquelle Cephas atrevido,  
Dos asseclas do Verbo o mais sobido.  
Cujos atrevimentos, e bravura  
Forão filhas do zelo; e se da altura  
Se despenhou, ergueo-se mais ditozo  
Por mil tropheos, que ergueo de lacrimozo.  
Feliz! que revelara a Divindade  
De seu prezado Mestre : alta verdade,

Ao sangue, e á carne impervia; e em consequencia  
Só podia inspirar-lhe a Trina Essência.  
Confissão mais que humana! Fé sobeja!  
Que obteve as chaves da nascente Igreja.  
Didimo, cuja crença mal segura  
Tactea o Vencedor da morte escura,  
Didimo, Anjo veloz, ja voa aos mares  
Eóos, e annuncia entre os palmares,  
Por onde sôa o Indo, e o Ganges mora,  
Aureos berços do Sol, terras da aurora.  
O Araxis, e o Oxa, cujas fontes  
Borbulhão do alto dos Armenios montes,  
O Eufrates, que co'Tigris se mistura,  
E no Persico mar tem sepultura,  
Ouvem o som da tuba sublimada,  
Que por Bartholomeo fora embocada.  
As gentes, que debaixo do Ceo crescem,  
Onde do Hespero os raios resplandecem;  
E os colonos, que Phebo sepultar-se  
Vem nas ondas do Atlante, e os que banhar-se  
Uzão na aurifera corrente fria  
Do occidental Ibéro, tem por guia  
O filho do trovão, filho mais velho,  
Titulo, que adquerio por seu conselho.  
Aquelle, que ao traidor collega avaro  
Succedeo no lugar com zelo raro  
Fez da graça troar as maravilhas  
Nas plagas, que lhe houverão por partilhas.

. . . . . O' Colchida, que outr' ora o grão thezouro  
Guardaste do Lanigero veo d' oiro,  
A quem por conquistar, nautas primeiros  
Sulcão do Euxino o golfo; aventureiros,  
Que emprestarão a vida a fraco lenho  
Com ferreo peito, e nunca visto empenho;  
Tu, ingrata, por premio da doutrina  
Tragico fim lhe deste. Em Palestina  
A palmifera Edom, tão detestada  
Dos Hebreos pela crença adulterada,  
Berço infame, e natal, terra maldita  
Do tigre uzurpador Ascalonita;  
E as tres Arabias, onde torna á vida  
A Fenix dos aromas renascida,  
A Petrea, a Feliz com a Dezerta  
Ouvirão de Thadêo a nova certa.  
O Lavrador do campo precioso,  
Por onde corre o Nilo paludozo,  
O Nilo, que gigantes da arte banha,  
Quando alaga de Menfis a campanha;  
E os que morão na adusta Mauritania,  
Fertil em Tigres, como a bruta Hyrcania,  
Receberão a Lei do Christianismo  
De Simão com as agoas do Baptismo.

Felippe, a quem o Verbo assim prezava,  
Que, como c' hum amigo, concertava  
O soccorro efficaz, e o meio certo  
Da multidão nutrir lá no dezerto;

Felippe á Troade a verdade aclara ,  
Que este foi o paiz que lhe tocára ,  
Malfadado paiz , que em cinzas virão  
Argivos batalhões : onde luzirão  
De Priamo os alcaçares doirados ,  
Hoje , terrenos da charrua arados !

Que direi eu de ti , Tarcense illustre ,  
Vazo d' oiro , e da Fé fulgente lustre ?  
No Ceo a grandes sorvos os arcanos  
Bebeste , e não da boca dos profanos.  
Regarão de ante mão a nós teus olhos  
Efeso , então cerrada só de abrolhos.  
Que nação , que paiz , que mar , ou ilha ,  
Que sendo de teu fogo cara filha ,  
Deixou de ouvir de tua boca d' oiro  
O Evangelho da paz , do Ceo thezouro ?  
Mas que premio valeo teu ministerio ,  
Para o qual fraco premio era hum imperio ?  
Ah ! que duros grilhões ennobreceirão  
Teus pes evangelistas ! Que soffrerão  
De golpes aleivosos , e insolentes  
Os teus virginios membros ! Que vehementes  
Afflições devoraste ! Quanto choro  
Por sustentar a Igreja em seu decoro !  
Mas em quanto ella alçar marmoreos templos ,  
Cujas cupolas trõem dos exemplos  
Do Verbo ; em quanto a ceifa de escolhidos  
Fizer entre a ervilhaca confundidos :

Em quanto confessar de acorde assenso  
Huma fé, hum baptismo; hum Deos immenso;  
Restarão sempre impressos na memoria  
Teus trabalhos, teu nome, tua gloria.

O mais moço Thiago cinge a frente  
Primeiro, que os Collegas, da luzente  
Grinalda do Martyrio na Cidade,  
Que a urna negra encheo da iniquidade.  
O trilho aponta audaz, marcha adiante,  
E ao paiz das estrellas sóbe ovante.  
Pastor Santo, e tão Santo, que sem custo  
Os povos indicavão : *Eis o Justo.*  
Mas de Cephas o irmão, que o exercicio  
Rematou no humilhante Sacrificio  
D' huma aspa dolorosa, a luz espraia  
Por toda a região da nova Achaia.  
Os que pescão nas agoas Eritreas  
Do ramozo coral as ricas veas;  
Onde restão depois mais de mil annos  
(Dizem) triste lição dos Soberanos!  
Do Rei de Taphne perfido as carroças  
Embebidas na area; e as vis palhoças  
De Auxuma, sobre as trevas assentadas,  
Forão pelo Levi regeneradas.  
Em quanto a mim segui por tudo o trilho,  
Que foi traçando meu recente filho :  
Foi ultima vontade, e assim testado  
D' outro Filho no Ceo ja descansado.

E por tudo dizer , as preciosas  
Perolas de seus olhos , que as piedozas  
Faces ião tingindo , e os seus suores  
Regarão de Anatolia os moradores.

Partimos pois da terra Deicida ,  
Onde eu nasci , oh sorte denegrida !  
Para serem meus olhos fontes puras  
De hum pranto assiduo , de mil desventuras.  
E o que sem culpa as penas me cauzava  
Menos por Filho , que por Deos chorava.  
Porque posto ser Mãi , toda a ternura  
Não me cegava o ser de creatura.  
Fugimos pois das lugubres moradas  
De Sólima , que as mãons inda banhadas  
No sangue tinha , e o ferro parrecida ,  
Com que a vida attentou do Author da vida.  
Abordamos emfim na grão Cidade  
De Efezo , centro e azilo da impiedade ,  
Onde o solio assentara , e altivo inspira  
O fôco do erro , o sceptro da mentira.  
Ali se vião inda os bellos restos  
De hum Perystilo , infame dos infestos  
Incensos tributados á figura  
Da Triforme , real só na impostura.  
Aonde o luxo da Azia amontoava  
Columns, e columnas : e ostentava  
Primores de piedade , e de riquezas ,  
Sem perdoar fadigas , nem despesas.

Mas era por chorar, que em muitas partes  
Vendo-se estes trofeos de engenho, e artes,  
Quando se demandava o sacro vulto,  
Alvo das devoções, do seio occulto  
Do Santuario se diviza ufano  
Hum bruto, hum monstro, hum corpo meio humano;  
Ou algum feio e immundo Crocodilo  
Gerado em charcos do septemfluo Nilo.  
O toiro, que na relva ao jugo arava,  
E a quem o camponez aguilhoava,  
Da hi a pouco ja divinizado  
Recolhia, de flores enramado  
Do mesmo camponez Sabéo incenso  
Com magoa, e opprobrio da razão, e senso.  
Tal era o Deus, e taes os Sacrificios  
De tão sublimes aras, e edificios.

Por zelo deste templo decantado  
O cazo aconteeço, tão desastrado  
Aos primeiros fieis da nova Igreja,  
Por obra de Satan, ou sua inveja.  
Este antigo homicida, que tirano  
Protestou sempre ser do fraco humano  
Não podendo tocar na augusta Alteza  
Trina, que o doma; vai sua braveza  
Nas sombras exercer da humana raça,  
Com quem mais vale, se não vale a graça.  
Evoca a si do Caos as negras furias,  
Prestes sempre a vingar suas injurias.

Satellites fieis de sua intriga,  
Dos mizeros mortaes raça inimiga.

Eis ja vem a vingança, espadanando  
Com agudo punhal sangue execrando  
E a ira sua irmãa, que blasfemava  
E com furor os dentes se ferrava.  
Vem a libertinagem com surrizo  
De fel amargo, e sem rubor, e sizo  
Motejando de tudo, seja humano,  
Seja divino, seja emfim profano.  
Vem tambem a calumnia de cem bôcas,  
Que ainda parecião-lhe ser poucas,  
Dilacerando a honra, armando enredos,  
Ja com publica vóz, ja com segredos.  
Monstro, por linguas tantas tão enorme,  
Como por braços o Briareo informe.  
Seguiu-se a inveja, de magreza morta :  
Tumido o ventre, a boca negra, e torta :  
Os olhos vesgos, por madeixas finas  
Grenha uzava de bichas serpentinhas.  
Ja mais Thisiphones, ja mais Megéras  
C' os flagellos nas mãos, forão tão feras,  
Nunca o abismo gerou furia mais feia,  
Cujo dente mordaz a gloria alheia  
De contino tritura : fatal fome!  
Que mais faminta á faz, quanto mais come.  
Apparece o ciume depois disto  
Dos affumados carceres : malquisto

Sempre a si mesmo ; insomne , sem socego  
Tendo a vaga suspeita por emprego.  
Cujas entranhas roe , e nellas pasce  
Hum verme , que não morre , antes renasce ;  
E que arguindo os Ceos , e a dura sorte,  
Em vão em seu soccorro implora a morte.  
Vem outras mil de horrendas cataduras ,  
Varias no officio , varias nas figuras.

Mas de toda esta raça adulterada  
Sómente a Hipocrezia he , quem lhe agrada.  
A Hipocrezia , monstro horrendo infando ,  
Mão agouro do culto venerando :  
Eumenide a mais vil , que vira Phébo ,  
Das irmãs , que abortára a noite , e o Erebo.  
Prothéo da Santa Ley , que toma , e larga ,  
Já com face rizonha , ja co' amarga  
Tantas formas , e gestos , tantas côres  
Quantas vé , que convem á seus horrores ;  
Que no peito tráz fel , na boca favos ,  
A quem perjuros são fieis escravos ,  
Pois nega a mente infame , quanto jura  
A sacrilega boca , a boca impura.  
Obra de ferro vil com casca d' oiro ,  
E tendo só o verniz , finge hum thezoire  
Das virtudes : censora da maldade ,  
Mas dentro apologista da impiedade.

Ja lá do Reino escuro a mensageira  
Do despota infernal parte ligeira ;

E por onde passava, hia deixando  
Ar de peste, que tudo vai matando.  
Perdeo o claro Sol a luz rizonha  
Assombrado de furia tão medonha,  
Seccão os ramos, murcha a relva fria,  
Cahe pelo chão a fructa, que pendia,  
Morre nos áres a ave melindroza,  
Busca a féra o escondrijo de medroza,  
E as flores, ornamentos da campina,  
Perdem o cheiro, e a cor mimoza, e fina.  
Qual cometa sanguineo, e cabeludo,  
Que no espaço do Ceo, que cobre tudo,  
Se apparece, he signal de peste, ou guerra,  
E outros males, com que se o vulgo aterra;  
Tal a furia infernal, feia odioza;  
Ao prado, ao mar, á esfera tão damnoza,  
Por toda a parte em fim, por onde corre,  
Cresta tudo, e invenena, e tudo morre.  
Entãa na terra hum certo artista havia,  
Escravo da avareza, que fundia  
Nichos de argento á Dea; e como o rude  
Vulgo a superstição arrasta, e illude,  
Com elles o fervor da plebe atica,  
Se bem que era seu zelo só cobica.  
Mas ja por este tempo o Evangelho  
Invectivava o erroneo culto: e o velho  
Pagão sem mais lucrar, com sanha dura  
Communa raios, e vingar-se jura.

Occultando o veneno da maldade  
Debaixo do verniz da piedade.  
Então a Hipocrezia, qual cobrinha  
Subtilmente no seio se lhe aninha.  
E depois de enroscar-se mançamente  
Pelo mirrado corpo, mortalmente  
Vai por veias, entranhas, e pulmões  
Derramando a peçonha a borbotões.

Meditando ja meios de vingança  
Busca o leito o perverso, em que descança.  
E os negros dolos, que pensou de dia,  
Traz-lhe em sonhos de noite a fantazia.  
Era ja madrugada; quando o somno  
Mais suave exercita de seu trono,  
N' huma parte do globo, outro emisferio,  
Sobre os lassos mortaes seu doce imperio.  
Toldava a noite o ár da sombra escura;  
Inda a porta rachada, e mal segura,  
Que o inimigo nocturno não recêa,  
Não tinha aberto o rustico na aldêa.  
Ao longe sobre o monte hia assomando  
A fria estrella d' alva, lacrimando  
Fresco orvalho nas flores; e o brilhante  
Clarão doirava a onda tremulante.  
Batia ao longe o mar, silencio havia  
Profundo em tudo, tudo em fim dormia.  
Somente as sentinellas prateadas  
Da caza etherea velão acordadas.

Era o tempo dos sonhos agradáveis,  
Mas para os máos são sempre detestáveis.

Sonhava pois Demetrio (este era o nome  
Do ourives, que de inveja se consome)  
Ver dispersas n' hum campo armas divinas,  
Hum arco, hum carcaz d' oiro, settas finas :  
N' hum ribeiro brincando descuidada,  
De suas nymphas Trivia acompanhada :  
Trivia, que hum caçador fera argnia,  
Que ali veio sem dolo; e tanto ardia  
Em rancor e vingança a Déa insana,  
Que em cervo converteo-lhe a fórma humana.  
Eis contra seu Senhor ja se enfurecem  
Os rabidos mastins, que o desconhecem.  
Qual no dorso lhe ferra, qual nos braços,  
Este ligeiro atraz lhe tolhe os passos :  
Aquelle fila a orelha, e em ira accezo,  
Se mais sacode-o a fera, está mais prezo :  
Outros pela fadiga apresentando  
A rubra lingua estavam arquejando.  
Dando em vão Acteon tristes gemidos  
Entre o estridor confuzo dos latidos,  
Vendo as mãos ja fendidas, e pezada  
A testa da cornigera galhada.

« Eis aqui, ó Demetrio, como eu trato  
« (Diz Diana) o que insulta meu recato.  
« E assim farei contigo, como o culto  
« Meu não cuides zelar. E quem, estulto,

- « Quem te deslumbra a vista, que não veja  
« Os males, que me atrahe a nova Igreja?  
« He crível que hum punhado só de atheos  
« Insinuem no mundo hum novo Deos  
« Estrangeiro, sem nome, e differente  
« Dos que brillão no Olimpo refulgente?  
« Não sabes, que na crença a novidade  
« He por si criminoza, he ja maldade?  
« Depois de tantos évos, que em paz gozo  
« O amor dos Ephezios, tão ditozo  
« Socego vem huns perfidos roubar-me?  
« E eu heide soffrer, e não vingar-me?  
« Se os Gaulezes, porque sómente a caza  
« Sonharão esbulhar, onde se abraza  
« Incenso a meu irmão, o lindo Apolo;  
« Elle eclipsou-se, fez tremer o solo  
« De Cecropia; e o Deus Pan enfurecido  
« Deitou calhãos de hum pezo tão subido,  
« Que os sacrilegos tanto se aterrarão,  
« Que poucos ao natal paiz voltarão;  
« Eu que lá do Acheronte sou Rainha,  
« Eu espoza do Rei, sua sobrinha,  
« Heide aturar com animo indulgente  
« Huma ousadia tal? Não certamente.  
« Dos oráculos da lei terás ouvido  
« Que de Hymineo aos thalamos prezido:  
« Que posso, se me apráz, esses penhores  
« Soffocar ao nascer de seos amores.

« Se pois meu templo santo, o que não creio ,  
« For ultrajado ; juro sem receio  
« Pelas agoas do Extix (ah' juramento ,  
« Que os deozes faz tremer do ethereo assento),  
« Juro tomar dos berços tal vingança ,  
« Que o destroço menor seja a matança : »

Dice : e ja neste tempo á luz febêa ,  
Que a estellifera cinta aurea rodêa ,  
Pelo Horizonte ditido corria  
Em alizares d' oiro os véos ao dia.

Desperta então o idolatra aterrado ,  
De frigido suor mortal banhado ;  
Julgando que da Deoza os rastros vira ,  
Quando aos paços do Olimpo se partira :  
E que ainda sentia a grata , e fina  
Fragrancia , não da terra , mas divina.  
Ja narra á plebe o sonho , que o enganava ,  
E á plebe a narração amotinava.  
Brada logo o tumulto sublevado  
Pela affronta do templo profanado.  
Geme a superstição , queixão-se as aras ,  
Do Oraculo as respostas são aváras ,  
Murmura o erro , ferve a impiedade ,  
Amotina-se emfim toda a Cidade.  
Eis pedras , páos , e ferro , armas , que apanha  
O povo, quando indomito se assanha ,  
Contra os novos fieis subito chovem  
Que cauzão compaixão , e á pena movem.

Nesta moção fatal vio-se envolvido  
Hum mancebo inda imberbe, ja instruido  
Nos misterios da Lei, e de tal sorte,  
Que não temeo por ella expor-se á morte.  
Então o Anjo tutellar da Igreja  
Embóca a trompa curva, e a vóz sobeja  
Que com tumida boca vai soprando,  
Pelos ares retumba; apregoando,  
Que hum mancebo christão hia á verdade  
Da sua crença dar na flor da idade  
Testemunho: attestando a primazia  
Do novo culto sobre a idolatria.  
E assentado depois sobre a mais alta  
Grimpa do templo o som da tuba exalta,  
Por que excite melhor a novidade.  
Ja se espalha o rumor pela Cidade,  
E immensos olhos para ver convida  
O Santo joven, que despreza a vida.  
Aquella, que lha deo, corre apressada,  
Tanto que soube, livida, e assustada,  
A fim de o desviar pela ternura  
De huma acção, que julgava desventura.  
E com esta expressão, e singeleza,  
Que em cazos taes inspira a natureza,  
Mais lacrimoso, e triste, que eloquente,  
Desta arte falla ao Santo adolescente.

« Meu filho, porque arriscas huma vida,  
« Que tambem me pertence: e que perdida

« Não poderei ja mais sobreviver-te  
« Pela força da magoa de perder-te?  
« Inda mal poderia consolar-me  
« Se a razão, que tu tens para deixar-me,  
« Fosse nos seus motivos justa, e pura,  
« Mas ah? que he o summo extracto da loucura.  
« Que? tu deixas as aras da verdade  
« Por hum vago rumor da novidade?  
« Delirio de huma seita mal nascida  
« Apenas sobre a terra apparecida?  
« Ouzas aventurar tua carreira,  
« Que agoirava brilhante e lizongeira  
« Por bens futuros, premios escondidos,  
« Que ninguem vê, que fogem aos sentidos?  
« Dezertas de huma lei, que soberana  
« Marcha ao travez dos seclos, sempre ufana,  
« Recebida, e adorada por verdade  
« Por todos, e por tudo, e em toda idade,  
« Por outra, cujo author desconhecido,  
« Dizem, que pereceo n'hum lenho erguido?  
« E cumpre a esse Deus, que na orfandade  
« Fique a mãe, e mizerrima saudade?  
« E he justa Lei, a Lei, que assim condemna  
« A victima innocente á eterna penna?  
« Não soffre a natureza, que aos penhores  
« Sobrevivão os pais de seus amores.  
« Talvez por lhe poupar a dura sinna  
« Que a magoa da saudade, e amor cõmina.

- « Assim por suas leis, e altos conselhos  
« Descem primeiro ao tumulto os mais velhos;  
« E a prevenir-me o fim, tens a leveza  
« De desmentir a vóz da natureza?  
« Ah! se de tua lei tudo isto emana,  
« Maldize a lei, ó filho, que te engana.  
« Não sentecees logo, ouve o conselho  
« Do amigo fiel, do experto velho.  
« Vê, que da sorte eterna a segurança  
« Deve estribar-se em solida esperança.  
« Em materias de pezo não vulgares  
« Péza o que fazes, faze o que pezares. »

Outras palavras taes dizia a triste  
Mãi, e o Santo mancebo, que reziste,  
Qual rocha ao mar em furia, lhe tornava,  
Que o mais negro pezar, que o acompanhava,  
Era ver, que a deixando, inda existia  
No tenebrozo Cáos da idolatria.

- « Mas aquelle (acrescenta) por quem morro,  
« Espero te dê luzes, e soccorro.  
« E sabe em fim, que a vida que se rende  
« Por elle, se não dura, mais se estende. »  
Tanto da nova lei era o conceito,  
Que a graça havia impresso no seu peito!

Vendo hum tal dezengano a Mãi turbada  
Redobra o pranto, e diz-lhe mais magoada —  
« Eis-aqui no que parão os disvellos  
« De tua creação: e os nimios zelos

- « Daquelle ardente amor na tua infancia ;  
« Ai ! quando nos meus peitos a substancia  
« Nutria , por nutrir-te do alimento ,  
« Sempre entre insonios, sem socego, e alento.»  
(Isto dizendo , afflicta, e soluçando  
O seio femenil foi-lhe apontando.)  
« Desconheces , ingrato , ella acrescenta,  
« As penas que a mulher experimenta  
« Ao dar o fruto á luz, que traz comsigo ,  
« E de a sua perder o igual perigo ?  
« Acazo de meos olhos te apartavas  
« Descontente , se a graça me rogavas ?  
« Gemêste alguma vez , que eu não gemesse ,  
« Ou soffreste tambem , que eu não soffresse ?  
« E agora com espinhos e cruezas  
« Coroas tanto amor , tantas finezas ?  
« Oh seio desditozo ! e quem pensava ,  
« Que nelle hum frio gelo vegetava ?  
« Ah ! se por te criar te confiara  
« A mãos alheias certo confessara ,  
« Que com o leite tu bebestes a insania  
« Da mais raizova tigre lá da Hircania :  
« Ou tóxicos de alguma atra serpente  
« Do frio Caucazo , ou da Libia ardente.  
« Pois bem : se nada valho em teu conceito,  
« E he tão grande o furor , tanto o respeito ,  
« Que esse Deus te merece , eu te conjuro  
« Pelo que ha mais sagrado , santo , e puro ,

« Que me deixes morrer primeiramente  
« Ao menos , pois não tardo : e então contente  
« Sacrifica mil vidas , se tiveres ,  
« Pela lei , pelo Deus , que tu quizeres. »  
Nisto os golpes redobram os algozes ;  
Cahê o Martir , inda a ouvir as tristes vozes  
Da Mãi , que pela dor desfalecida  
Em braços a seu lar foi conduzida.

Venturozo menino , se na idade  
De annos tão juvenis a piedade  
Ouvir tanto fervor , e esforço tanto ,  
Não poderá conter nos olhos pranto.  
Flores espalhará sobre o jazigo ,  
De tuas cinzas virginaes abrigo.  
Teus loiros , teus trofeos , teu peito forte ,  
Farão della invejada a tua sorte.  
Imprimirá seus labios de ternura  
Nos teus quadros , prodigios da pintura.  
Assim na sombra o amor santo illudido,  
Que ao vivo original he só devido.  
E em tanto , que brilhar culto , e verdade  
Nas aras do Evangelho , em toda idade  
O teu busto gravado em aureos templos  
Será trofeo da Fé , será de exemplos.

Foi então , que Aristarco , e o nobre Caio  
Terriveis hum , e outro , como hum raio,  
Contra a impostura , a prova mais sobeja  
Derão de sua fé , e apêgo á Igreja.

Vingadores da lei, a vossa gloria  
Co' tempo avultará na sacra historia.  
Tal o rio no berço he fraco, e pobre,  
Não tem nome famozo, não he nobre;  
Mas depois que do alveo se alongando,  
E de alheios caudaes vai-se engrossando;  
Depois que immensa mata, e mil campinas  
Fertiliza das agoas cristalinas,  
E os gratos camponezes e pastores  
O carregão de bençaons, e louvores;  
Então he hum Monarca apotentado :  
E se ao grande Oceano fero e irado  
A vassalagem tímido tributa;  
He novo mar, que a outro mar disputa.

Não poucos dos fieis neste tumulto,  
Ou tragarão a morte, ou novo insulto.  
Nas victimas não ha rumor, nem queixas :  
Não altercão razões, não soão reixas;  
Antes co' o peito impavido, e silentes  
Olhão a morte, tão indifferentes,  
Como se forão bronzes na dureza :  
Ou d' outra raça, ou d' outra natureza.  
Ja corre d' entre os ossos as entranhas  
Das victimas christiferas, que estranhas  
Flagelações tornavão descarnados,  
Purpurinos de sangue, em vez dealbados.  
Estes seus membros na catasta ardente  
Vem aos poucos torrar-se : outro innocent

As lividas espádoas laceradas  
Por mil unhas de ferro assicaladas.  
Não poucos deslocadas as juntas  
Sobre equileos crueis. Ja das cinturas  
Arrancão das bipeses d' aço fino,  
Os que por bom tem feito tão indino.  
Cahe a victima, e assim triunfa exangue  
Co' a palma dupla da verdade, e sangue.

Feliz perseguição, sangue bem quisto,  
Primicias do martirio dado a Christo,  
Presagio ja seguro, fausto agouro  
Dos triunfos da Lei, em tellas d' oiro  
Tu começa tingir as pudibundas  
Flores niveas, e as rozas rubicundas,  
Que as roupas bordarão da Espoza amante,  
Quando seus loiros e triunfos cante.  
Qual desta vida amara, e descontente  
Passa a gozar d' alegre eternamente!  
Qual do ferro do algoz marcado fica,  
E a marca, mais que hum sceptro o glorifica!  
Qual sem poder erguer as mãos, que atadas  
Atraz estão, apenas orvalhadas  
Ergue as pupillas para o Ceo propicio,  
Para ao Ceo offerter seu sacrificio!

Tal he da Igreja a sorte : a raiva e as furias  
Do cáos se lhe sazão em venturas.  
Assim no mar a rocha, que sustenta  
Dos procellozos Euros a tormenta,

Passada a tempestade, enriquecida  
De perolas se vê; que a embravecida  
Onda a lutar co' as ondas arrancara  
Das entranhas do mar, e lhe arrojara.  
He hum tronco immortal, e germinante,  
Cujo verdor, se com subtil trinchante  
Decepa o agricultor, elle de novo  
De germes substitue hum tenro povo.  
Sua força se engrossa nos tormentos,  
Qual o mar, que se empola com os ventos.  
As rudes tentações a glorificação,  
He oiro em fim, que as chammas purificação.

Qual viagem feliz, que em segurança,  
Vento em poupa á favor, mar em bonança,  
Leva ao hospito porto o fragil lenho,  
Onde o calozo nauta traz o empenho;  
Ou quaes viçoas rusticas lavouras,  
Que animadas de chuvas creadoras,  
Firmão do camponez as esperanças,  
A' mente a lhe trazer meigas lembranças;  
Tal era do paiz a maga vista,  
Monumento immortal do Evangelista.  
Paiz, que a pouco inhospito mostrava  
Ser de lobos vorazes mata brava,  
Ja da Igreja do Ceo era a pintura,  
Tapizado de flores, e verdura.  
Ja se ouvião louvores a milhares  
Da voz, que assusta o cáos, e enfrea os mares :

E sendo de si mesma o desaggravo,  
Foi victima de amor por seu escravo.  
Nas thuricremas aras arvorado  
Vê Sardes ja o signal do Ceo amado  
A Cruz, outrora infame, e aborrecida :  
Ora fonte de luz, norma da vida.  
Sardes voluptuoza, cujo Solo  
Ditão de arêas d' oiro Hemo, e Pactolo.  
Mas se foi dinigrada dos prazeres  
Hoje adopta a virtude, e os seus deveres.  
O' Esmirna, que a gruta venturoza  
Mostras do Cysne, cuja voz mavioza,  
A quem dêste em teu seio alento, e berço,  
Attrahio dos seus cantos o Universo ;  
Agora és mais feliz, porque apprendeste  
Os éccos entoar da Voz Celeste,  
Discipula fiel da nova Igreja  
Com submissa cerviz, com fé sobeja.  
Em Filadelpia a Biblia succedia  
Aos delirios da van mythologia.  
Mentiroza moral, sonhos, quimeras,  
Com que tu, doce metro, ainda imperas.  
Ja sacrilego incenso não queimava  
Nas aras Tiatira, e o culto dava  
Ao vero Nume dos Christãos ; manchado  
Pelas gentes, em tantos variado  
Em Laodicea vião-se proscriptos  
C' os Sacerdotes os antigos ritos.

Lithurgia sem Deus; vão Sacerdocio,  
Do erro apologistas, filhos do Ocio.  
Pérgamo ja adotava com fé pura  
O escandalo da Cruz; verdade dura  
Ao vapor e saber do humano engenho :  
Morrer hum Deus, feito homem, sobre hum Lenho.

Desta sorte hia vendo o bem amado  
Discipulo seu fructo abençoado,  
Sobindo pela mão da caridade  
Ao sacro alcaçar da immortalidade.  
Tu, sublime virtude, parecias  
Que do berço infantil o conduziás.  
Tu, de seu peito debil arrancaste  
Seus primeiros suspiros; tu firmaste  
Seus passos vacillantes mal seguros;  
Tu lhe inspiraste os sons ainda obscuros,  
Com que a lingua pueril balbuciente  
Começou por chamar o Ceo clemente.  
Tu, foste em fim, o movel, alma, e vida  
De sua longa rota : e nesta lida  
Elle tanto amoldou-se com teu tracto,  
Que transformado em ti foi teu retracto.  
Qual aguia, que sublime adeja, e erra,  
Pelo Ceo puro, desprezando a terra,  
Deixando após de si nos elevados  
Vãos a plebe dos Orfeos alados;  
Assim elle tambem, como corrido  
De aqui tratar com Deus, galga atrevido

O Empyreo, e do seio sempiterno  
Discreve a geração do Verbo Eterno.  
Então troou no globo esta verdade,  
Abismada no mar da Eternidade. —

« Sem principio era o Verbo, e o Verbo estava  
« Em Deus, e Deus o Verbo se chamava.  
« Assumio nossa fôrma, e natureza,  
« E com nosco tratou : nossa baixeza  
« Contemplou sua gloria : gloria, e estado,  
« Bem como de hum filho unico gerado  
« Ab-Eterno do Pai no eterno Seio ;  
« Cheio de graça, e de verdade cheio. »

Não cumpre aqui calar huma victoria,  
Que tanto lhe sublima em preço a gloria.  
Que bem publica, que lhe ardia o peito  
No divino furor. Illustre feito,  
Que com tipos lavrado ser devera  
Das rutilas safiras la da esfera.  
Conhecendo, que hum joven, que educara,  
Qual estrella do Ceo se despenhara,  
Gastando o tempo em que estivera auzente  
Em roubos, e assassínios ; derrepente  
Exclama o justo em lagrimas banhado :  
« Oh' destino fatal ! Oh' mal fadado  
« Fructo desse primeiro atrevimento !  
« Não he seguro o homem hum momento  
« Assim somos formados : o mal dura  
« Não medra o bem, se medra não atura.

« Mostraime ande o infame exerce o emprego  
« Impervio á salvação, e á luz tão cego.  
« Mostraime, quero ver, se por ventura  
« Roubo a preza das garras já segura  
« Do dragão infernal : de sangue frio  
« Não posso ver o mal : eu me glorio  
« De ter por Mestre, quem morreo de amores  
« Por salvar os seus proprios matadores.  
« Resta em minha lembrança o sanguinario  
« Sacrificio, e painel la do Calvario,  
« Que com tintas de sangue e de amargura  
« Seu pincel debuxara da ternura.  
« He dever do pastor, elle aconselha,  
« Aventurar a vida pela ovelha. »

Como isto disse, corre atropelado  
Aos trivios onde errava o desgraçado,  
Que assim que o vê, fugio, e de tal sorte,  
Como se foge ao damno, ou mesmo á morte.  
« O' Filho, exclama a Aguia, que o seguia,  
« Filho caro, de hum pai a companhia  
« Tu foges? Pensas, que hei degenerado  
« Do primeiro disvello em ti empregado?  
« Ah! não : antes recresce co' amargura  
« De victima te ver da desventura.  
« Não corras pois, que he feio a hum moço forte  
« Correr de hum velho, que só espera a morte.  
« Se foges, por fugir-me, he inutil tudo :  
« Pois qual gamo fugáz, que o ferro agudo,

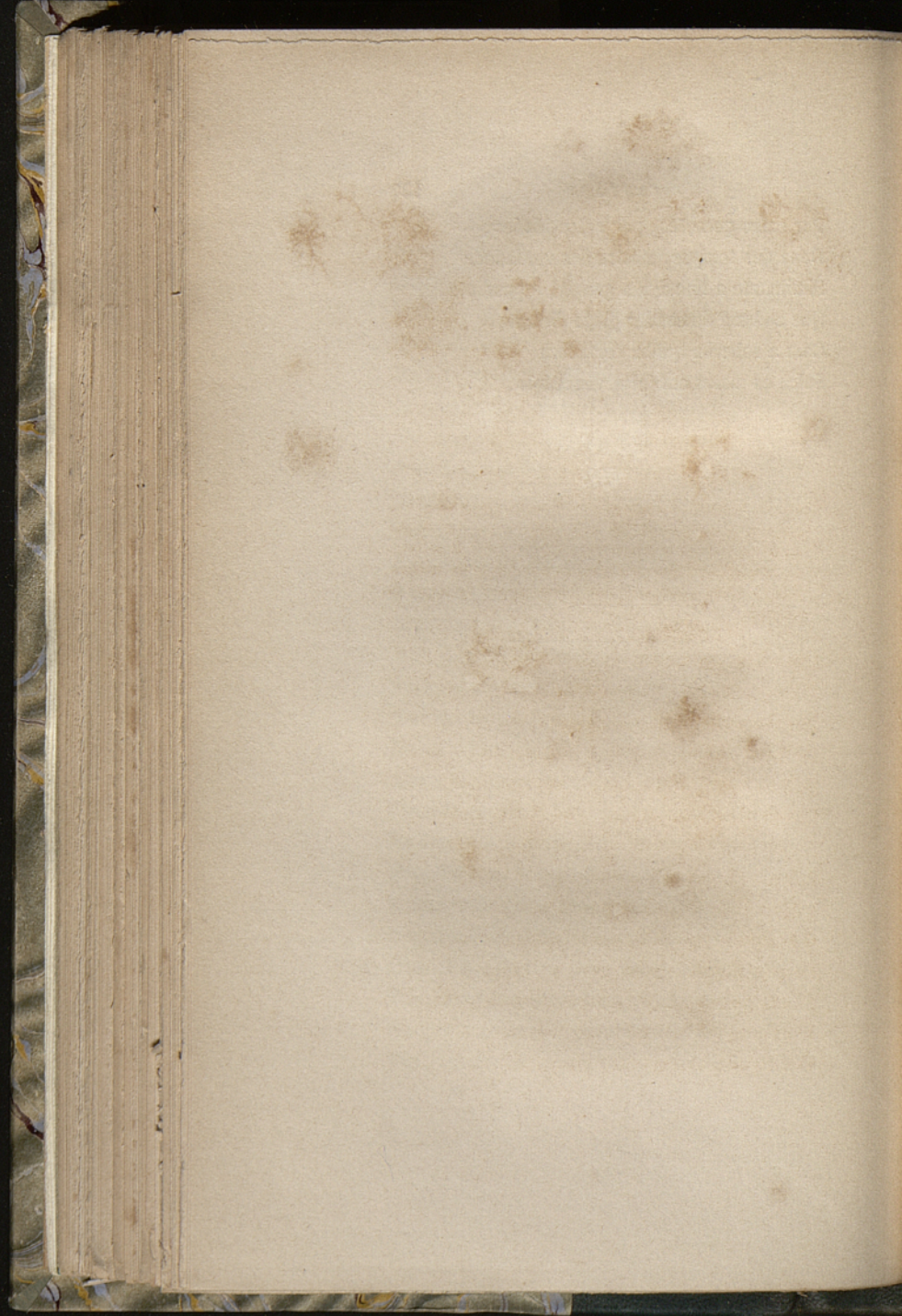
« Que o arco despedio , leva consigo ;  
« Tal fugindo eu hirei tambem contigo.  
« Pára pois : triunfemos nesta lida ,  
« Tu de meu pranto , e eu dessa fugida.  
« Attende a tantas lagrimas peniveis :  
« Molhando rugas, ah! são attendiveis.  
« Equivocas serão n' alguns pezares,  
« Ou orvalhando rozas puellares;  
« Mas nos olhos do ja franzido rosto ,  
« São provas só de dor , só do desgosto.  
« Se a tantos tens sabido dar a morte ,  
« Sabe tambem matar tua vil sorte.  
« Eu te venho ajudar nesta ardua empreza ,  
« Que longe de ser crime, he gentileza.  
« E se te assusta o horror dos teus delictos ,  
« Delictos , que o remorso acuza em gritos ,  
« Ah! não temas, Deus he tão namorado  
« De ti, que por ti fez-se hum desgraçado.  
« Vem pois a mim , thezoiro preciozo ,  
« Serei contigo rico, e venturozo :  
« Vem a meus braços , filho suspirado ,  
« Vem consolar hum velho amargurado.  
« Antes que eu morra da-me esta alegria ;  
« Talvez chores por mim em vão hum dia.  
« Attende , ó Filho , attende ao que te digo :  
« Ouve a voz do pastor , do pai , do amigo.  
« Olha , que a tudo deo remedio Christo :  
« Não creas em mais nada, cre só nisto. »

Cahio por terra o monte em fim tocado  
Pelo raio da voz do seu Amado :  
Voz efficaz, trovão da Caridade,  
Que illumina a razão , força a vontade.  
Emudecerão ambos co'a vehemente  
Dor ; nos braços se estreitão mutuamente.  
Fallão lagrimas só de fio, em fio ;  
E junto estava hum rio de outro rio.  
Viveo depois, chorando de contino  
A lembrança fatal de seu destino.  
E dizem , que acabou sua existencia  
Com lagrimas de dor , com penitencia.  
Oh feito illustre , e digno de memoria !  
Oh cazo singular na sacra historia !  
Em vão se affinem da mortal ternura  
Altos excessos, que a eloquencia apura.  
Em vão prodigios de amizade e estima  
Sublime a fama , que taes dons sublima.  
Este feito me cauza mais espanto ,  
E nem por David , Jonathaz fez tanto.  
Aquelle, por quem Andes se ennobrece :  
E o Patrio Mincio a ouvir ledto adormece ;  
E o Tibre entumecido com tal filho  
Trofeos borbulha de mais alto brilho ;  
O raro amor na tuba altisonante  
De Eurialo , e de Nizo affine, e cante :  
Que esta acção , para mim tem maior preço :  
Nem sei , que amigo algum fez tanto excesso.

Ja do martirio o sangue, a mais fecunda  
Semente dos fieis, qual rio innunda  
Campos, Villas, Aldeas, e Cidades,  
Levando-as de seus crimes, e maldades.  
Pois que tendo manchado todo o mundo  
Do vão Polytheismo o rito immundo;  
Ja mais ovante entrara a Lei Sagrada,  
Não sendo a terra assim toda expiada.  
A medida que a fé se propagava,  
Da mentira o paiz se desolava.  
Taes á face da aurora se desviam  
As sombras do Emisferio, em que dormião;  
E se vão pouco e pouco esvaeendo,  
A proporção que vai o sol nascendo.  
Mas, quando da carreira o meio parte,  
Perseguindo-as vai por toda parte,  
Nem ao menos as deixa estar seguras  
No valle humilde, ou solidões escuras.  
Assim tu, tenra Igreja, ora pequena,  
Cansada em fim a Ley, que te condemna,  
De hum mar a outro mar, de rio a rio  
Hum dia estenderás teu senhorio.  
E sem mais ver altares contra altares,  
Nem nos pontos da Fé novos desares,  
Como Filha do Ceo, sem pena, ou risco,  
Terás hum só pastor, hum só aprisco.  
Sempre a unica só, sempre formosa,  
Fiel, invariavel, vigorosa;

Por entre gerações, por entre idades,  
Dona dos tempos, mestra das verdades.  
Semelhante a huma não grossa, e possante,  
Que audaz a demandar plaga distante,  
Com a soberba quilha cortadora  
Sulca os mares em furia vencedora.

---



## CANTO V

---

### ARGUMENTO

Continua a Santa Virgem com a narração. Saudades que ella tem a respeito de seu Filho : circumstancias de sua morte ; os extasis, e revelações, que teve antes de morrer. Explica os dotes gloriosos que recebeu depois de resuscitada : e acaba a narração com huma especie de acção de graças.

Mas entre tanto como ja disperso  
Visse o clarão da Fé pelo Universo ;  
Julgava nelle inutil a existencia  
De meus cançados dias , e assistencia.  
Sem valor , e sem fructo , e ja proscriptos  
Dos Cordeiros o sangue , e os Legaes ritos.  
A este sangue esteril , e infecundo ,  
Incapaz de expiar o crime , e o mundo ,  
A Hostia succedendo , Hostia infinita ,  
Que todo antigo culto em si limita.  
De cujo fructo o justo vive , e pasce ,  
Aonde morre a Ley , e a graça nasce.  
Em fim ja sobre a terra era chegado  
O Reino do Messias , tão chamado.

Que espectaculos pois, ou que alegrias  
Podião prometter-se mais meus dias?  
Que virião meus olhos desditozos  
Mais nos êrmos dos valles lacrimozos?  
Que occupação em fim, ou que exercicio  
Devera inda aguçar meu sacrificio?  
« O' Flor, então dizia, precioza,  
« Germinada em meu seio; o' Radioza  
« Estrella dos meus olhos, puro espelho,  
« Onde do Eterno adoro o alto conselho.  
« O' porção de mim mesma, e de minha alma;  
« Meu prazer, meu thezoiro, minha palma;  
« Até quando de mim hirão fugindo  
« Teus olhos divinaes? O' doce, e lindo,  
« Como assim tu dilatas o desterro,  
« A quem por merecello não fez erro?  
« Impavida me achaste aos soffrimentos,  
« Apar de ti, apár de teos tormentos,  
« Com tigo o amargo caliz esgotando;  
« Aqui próva do susto, ali chorando;  
« E depois desta lucta transitoria  
« Não repartes co' a escrava tua gloria?  
« O' tu, que o peito lês mais recatado,  
« Se cheguei merecer teu desagrado  
« Por motivo de falta, ou mesmo engano,  
« Que as vezes foge ao fraco peito humano,  
« Ah! culpa foi de amor, força de culto,  
« E não proprio querer, ou visto insulto.

« Vem pois, o' da innocencia doce rizo,  
« Cordeiro, que és a luz do paraizo,  
« Vem depressa aclarar a noite escura,  
« Em que vivo morrendo sem ventura.  
« Véda meu pranto, attende a tanta rixa,  
« Vem acudir-me em morte tão prolixa.  
« Sim, da-me a vida, o' Filho, acode, e corre,  
« Que quem vive sem ti, não vive, morre. »

Assim fallava; e o pranto, que pulava  
Dos olhos, minhas queixas me vingava.

Entretanto repouzos passageiros  
Davão-me em sonho instantes lizonjeiros.  
Este doce impostor dos desgraçados,  
Que nos fantasmas seus os deslumbrados  
Torna de escravos filhos prediletos  
Da fortuna, e da gloria; e em seus aspetos  
Illude o triste reo, lhe adoça a sorte  
Nas bordas do patibulo, ou da morte;  
Depositando-lhe, antes que pereça,  
Sceptro na mão, coroa na cabeça,  
Até que em fim chorando, e ja desperto  
Vê que he tudo illuzão, e seu fim certo;  
O Somno, como dice me augurava  
Venturas mil, e então não me enganava.  
Não sei se era o desejo, ou vaticinio  
De que estava a acabar meu exterminio;  
Sonhava algumas vezes, que sobia  
Sobre a primeira esfera, e de la via

Rolar os grandes corpos luminosos  
Debaixo de meus pes, ja venturozos.  
Solta da terra em fim, que se mostrava  
Qual átomo, que aos olhos escapava.  
Esse abismo, que a cerca, e que he chamado  
Soberbamente o immenso mar salgado,  
Huma gotinha vil me parecia,  
Desmentindo do nome a ufania.  
Outras vezes, que errava por campinas  
Por mim desconhecidas; de boninas  
Matizadas, e flores tão brilhantes,  
Quaes nunca vi na terra semelhantes.  
Campos afortunados dos prazeres,  
Onde a morte não tem jamais poderes.  
Da mais brilhante Corte acompanhada,  
Prompta em lizongear-me, e empenhada  
Em render-me taes mostras de cortejos,  
Que excedião meus votos, e desejos.  
Outras em fim, que á descripção dos ventos  
Navegava, e de mares turbulentos,  
Por ver se encontro o centro, e doce objecto,  
Por quem meu coração gira inquieto.  
Em portos abordando, e vendo estranhas  
Gentes, varios lugares, novas manhas:  
Até que em fim achava o meu Amado  
N' hum paiz estrangeiro: « O' suspirado  
« Filho meu, lhe dizia de contente,  
« Onde estiveste tanto tempo auzente?

« Tenho vivido em alternados gyros  
« Até aqui de saudades, e suspiros.  
« Sahia o sol do mar, no mar entrava,  
« E eu por ti a chamar, em vão chamava. »  
Quando fallava assim, era meu peito  
Para tanta alegria vazo estreito;  
Hia abraçallo de prazer chorando,  
Famintos beijos em seu rosto dando,  
Ai! foge o somno, e sinto, ja acordada  
Em vão a face de chorar molhada.

Nesta fadiga andava, quando hum dia  
Huma voz quazi ouvi, que me dizia :  
« Ja não he tempo mais de amargurar-te :  
« Refrêa o pranto, cessa de queixar-te :  
« Que bem cedo verás teu rosto unido  
« Ao rosto, que teu peito traz ferido.  
« Ja o inverno escabrozo não impera,  
« Veio o rizo da eterna primavera,  
« Finaliza-se a dor, acaba a lida,  
« A porta vai-se abrir da immortal vida. »

Qual depois da prolixa tempestade,  
No fim do mez lunar, toda humidade  
Da terra enxuta, e os putridos vapores,  
Recobra o Ceo de novo seus fulgores,  
E apparece no fim da etherea scena  
A lua nova fina, mas serena,  
Tal a imagem raiou-me deleitoza  
Do dia, em que cessei de ser choroza.

Dia, que me empossou todo respeito  
Do meu grande destino; e que o direito  
Com o cunho marcou do Sello eterno  
Do alto e divinal meu grão materno.  
Dita, de que não sei porque desdita,  
Entre os mortaes vivi sempre proscripta.  
Dia de meus dezechos suspirado,  
Que mil vezes saudei, em vão saudado.  
Que dos duros grillhões quebrou-me os ferros,  
Que arrastei, como escrava em mil desterros.  
Dia, que me enxugou meus turvos olhos,  
Que só fantasmas tinha por antolhos :  
E o Summo Bem me trouxe em dote, e sorte :  
Tal foi o dia em fim de minha morte.

Oh ! e quanto ella he doce, e linda, oh ! quanto !  
Para o triste, que a chama neste pranto ;  
Da mortal digressão porta dourada  
De lavores de perolas brincada ,  
Que ao tocar-se na meta transitoria  
Patentea do Eterno o rosto, e a gloria.  
Em vão n' hum carro a pintem arrastada  
De esqueletos mirrados, tendo armada  
A mão do curvo ferro illacrimavel ,  
Que tudo sacrifica inexoravel.  
Céga ao pranto da espoza desgrehada ;  
Surda ás queixas da orfã desolada.  
De contino sobre ella esvoaçando  
De palidas doenças tetro bando :

Os gemidos, os ais, os leves sonhos,  
Nas terrificas formas tão medonhos;  
Febres de azas de fogo, a vil magreza,  
E a importuna vigilia de olho acceza.  
Em vão do escuro trono pavorozo  
Ar ferino lhe dem, ar desdenhozo,  
Sobre as honras da terra, as mais preclaras,  
Purpuras, togas, sceptros, e tiaras.  
Emfim a julgue a humana natureza  
Seu ultrage fatal, sua baixeza;  
A que o triste mortal liga, e condemna  
Da primeira revolta a dura pena.  
Para mim, direi sempre, que foi bella :  
Alto dom do Senhor, rizonha estrella,  
Mensajeira do Ceo, guia segura  
Que me arrancou das mãos da desventura.

Mas como ja meo peito presentia  
Pular-me o coração d' alma alegria;  
O cantico entoei da liberdade  
Sobre os destroços da mortalidade,  
Assim o niveo cisne a voz sublima,  
Quando sente, que a morte se aproxima :  
E as margens do Caistro, que rolando  
Areas d' oiro tráz, o colo alçando,  
Faz do canto soar saudozo, e altivo,  
Suas exequias celebrando vivo.  
E haverá quem me increpe dô transporte,  
Que meo peito alterou, propinqua a morte?

Que? Alegra-se o guerreiro com o esbulho  
Dos ganhados trofeos : hum nobre orgulho  
As feridas prefere á immortal gloria ,  
Que derrama a lembrança da victoria ;  
Banhado de prazer o nauta duro  
Beija a area natal, o voto puro  
Ledo a cumprir no olvido dos perigos ,  
Que tragara nos golfos inimigos ;  
E só eu restaria indifferente  
Conseguindo hum laurel tão eminente ?  
Sem de alvoroço dar signaes sobejos  
A' estrella polar de meus dezejos ?  
Vendo a gloria , que instava ; o Ceo aberto ,  
Solta dos ferros, livre do dezerto ;  
Dos Celicolas turmas á porfia  
Anciozos por dar-me a primazia ;  
O Deus rico nas dadivas abrindo  
A mão inexaurivel, repartindo  
Comigo os seus troféos, as nobres palmas,  
Bem merecidos dons das fortes almas ?  
Ah' que pensar assim, he não pensares ,  
O que he morrer em Deus , e a Deus gozares.

Mas ja por este tempo hia gastando  
O sacro ardor Celeste o alento brando  
Da debil força, que inda em mim havia ,  
De momento em momento, cada dia.  
Qual a bella nos Canticos cantada ,  
Que em perfumes , e pomos reclinada ,

Languia de suspiros, eu de amores  
Supportava o punhal, e iguaes rigores.  
Do arco d' oiro do Divino amante  
Sibilou setta aguda auricortante,  
Que meu languido peito traspassando,  
Por pedaços a vida foi roubando.  
Tal pela noite velha em sala interna,  
Tristonha, e moribunda enea lucerna  
Vai afracando a luz, e amortecida  
Redobra seu clarão, e perde a vida.  
Os poucos, que do leito em torno estavam,  
Sobre mim sem medida pranteavão.  
A fim de os consolar, eu lhes dizia,  
Que tudo, quanto a mim sobrevivia,  
Ja mais era immortal : pois he patente  
Morrer huma só vez mortal vivente.  
Que se pela saudade he que carpião,  
Bem depressa comigo se unirão.  
Que eu marchava a diante a abrir as portas  
Da patria das estrellas, nunca mortas.  
A implorar ao Eterno, que apreçasse  
Seos dias, e de gloria os coroasse.  
Que a morte era espantoza e desabrida  
Só a quem idolatra o mundo, e a vida.  
Que a do justo, por mais ludibrioza  
Sempre aos olhos do Eterno era formosa.  
Que o triste humano, que no mundo nasce  
Se este certo tributo não pagasse

Attendidas, que soffre, as desventuras,  
Era a mais infeliz das creaturas.  
Que ser eterno em lacrimozos valles  
Era do inferno retratar os malles.  
Que a vida, sendo prova dolorosa,  
Se breve for, será menos penosa :  
Que no mundo o viver, sendo hum degredo,  
Deve-se dezejar que acabe cêdo.  
Que emfim era da morte o fausto dia  
Termo do pranto, porta da alegria.

Entretanto minha alma se abismava  
Pela gloria, que ja presagiava,  
Nas delicias de Deus, nessa riqueza,  
Que abisma o Ceo, a terra, e a natureza.  
A fé, que em mim do berço rezidia,  
Qual nevoa da manhã se desfazia,  
A medida que a morte, e a eternidade  
Corria o véo ao rosto da verdade.  
Só crescia a esperanza na alegria,  
Mas era por morrer, que ella crescia.  
Pois do bem, que na terra foi seu norte,  
Vindo a posse, igualmente vem-lhe a morte.  
Tal o amor maternal todo insoffrido  
Suspira ver o fêto ja nascido :  
Porem succede as vezes nesta lida  
Que dando á luz o fructo, perde a vida.  
Não és assim, fervente Caridade,  
Porção do Justo, simblo da amizade,

Que he da tua partilha tal a sorte,  
Que encendrada resurges com a morte.

Morre a flor na campanha ; morre o fructo  
Ou agro, ou ja maduro : morre o bruto  
Em forças superior : morre na esfera  
A cantora gentil da primavera.  
Morre nas sarpas de ferrinho adunco  
Faminto aquicola, suspenso ao junco :  
Morre tudo, e esta lei igual condemna  
O Monarca e o vassallo á mesma pena.  
Cessão lingoas tambem, e profecias :  
Passa o tempo, e com ella os breves dias  
Acabarão as artes, e os inventos.  
Por terra cahirão os monumentos,  
Orgulhosos trofeos dos Soberanos :  
Falhará mesmo a raça dos humanos ;  
Mas tu, que da luz vive Sempiterna,  
Tu serás immortal, serás eterna.

Então extasis crebros, alienavão  
Meus sentidos, ao passo que apportavão  
Os instantes finaes. Me parecia  
Que ao presago futuro o veo corria  
Hum Celite, que impervios aos profanos  
Me conduzia a ver altos arcanos.  
Vi hum pastor em lobo transformado  
Roubando minha gloria, e o tão alçado  
Nome de Mãe de hum Deus : querendo nisto,  
Que só me appellidassem Mãe de Christo.

Ja lá das sédes do orbe se ajuntavão  
Illustres vingadores, que marcavão  
Do immortal scello a minha dignidade.  
Vi banhar-se em prazer huma Cidade,  
E as portas da assemblea impacientes  
Matronas fervorozas, com ardentes  
Cirios nas mãos queimando em preciosas  
Piras de prata essencias odorozas :  
Que a seus lares triunfantes conduzião  
Os Padres, que o misterio diffinião,  
Logo femineo côro está patente  
Ante meus olhos, coroada a frente :  
Na dextra palmas, no regaço lirios  
E julgando sonhava só delirios;  
Decifrou-me o Celeste « São aquellas  
« Intactas Virgens, inclitas puellas  
« Que os teos jasmins virgineos imitando ,  
« Hirão teu nome no porvir alçando. »  
Vi tambem pela terra ao Ceo erguidos  
Templos mil, a meu culto dirigidos.  
Assim que n' hum só anno não havia  
Mez algum; nem no mez ja mais hum dia,  
Que não prestasse ritos á memoria  
De meu Nome Immortal : por minha gloria  
Corporações augustas se alistavão  
Sob estandartes meus, que só cuidavão  
Celebrar com perenne vos erguida  
As mais bellas acções de minha vida.

Depois me pareceo, que pelos ares  
O Anjo me levava, e alem dos mares  
Via outro mundo, e neste mundo occulto  
Tambem meu nome tendo ja seu culto.

Estas, e outras vizões de varia sorte  
Em raptos me pintava a instante morte,  
Quando em fim chega o prazo dicizivo  
Para todo o mortal. De mim esquivo  
O tempo escapa, escapa a flor do mundo.  
Abre os thezoiros seus o Ceo jucundo.  
Ja está batendo a porta a eternidade :  
Ja por mim não ha dias, nem idade.

Então sem os aculeos penetrantes,  
Com que a muitos affligem taes instantes;  
Sem esse horror, que afeia esta passagem,  
Fructo do crime, e sua triste imagem;  
Tranquilla como quem adormecia  
Entre os braços serenos da alegria;  
Fexei os debeis olhos c' hum sorrizo,  
E abraçada me achei no paraizo  
Com meu doce Jezus. Oh' novo estado!  
Nunca por mim bemditto, e assás louvado!  
Oh' morte! Oh' lance doce, e lizongeiro!  
Oh' dia, do meu ser dia primeiro!  
Em que tornei achar meu dezejado :  
Meu Filho, meu Senhor, meu Bem amado.

Não ha pincel, ó Pais, nem ha talento,  
Que pinte, ou louve o meu contentamento.

Não ha palavras, nem se faz conceito  
Do que então se passara no meu peito.  
Vós mesmos, de algum modo ja immortaes,  
Vós mesmos não sabeis, não o pensaes.  
Se eu disser, que de hum ermo despertada  
Achei-me de repente em sala ornada  
Entre os montões dos bens appetecidos,  
Que enchem o peito, adulão os sentidos;  
Não he bem acabada esta figura:  
Não vale o simil a mendaz pintura.  
Se eu disser, que de hum carcere escapando,  
Em que andara grilhões mil arrastando,  
Derrepente cantei minha soltura  
No mimozo regaço da ventura;  
He com effeito lindo este dezenho:  
Mas inda não me serve ao dezempenho.  
Se eu disser, que passei de atra cegueira  
Innata a ver a luz tão lizongeira,  
Que abrindo as portas do puniceo Etonte,  
Doira o mar, pinta a flor, faz rir a fonte;  
Inda assim esta imagem degenera,  
Não he original, não he sincera.  
Se eu disser a final, que renascida  
Vi-me n' outros paizes, n' outra vida,  
Na posse da ventura mais ditoza,  
Immortal, impassivel, glorioza;  
Digo-vos, que esta idéa tem seu geito,  
Mas podeis fazer vós todo o conceito?

Oh! se o Ceo se dignasse pôr patentes  
Os seus dons, e thezouros! Quantas gentes  
Que ás cegas andão, forão medicadas  
Da magia, que as arrasta fascinadas?  
Quantos thóros brilhantes e floridos  
Serião dos mortaes aborrecidos!  
Que rizos de fortuna desprezados,  
Que nauzeas para o mundo, e seus agrados?  
Que desprezo, que horror, para a riqueza,  
Essa Circe da humana natureza,  
Essa bella que a todos enamora,  
Idolo, que em altar o cego adora!  
E o que póde offerter esta falsaria  
Alem de huma fortuna imaginaria?  
Eu vi o rico afflicto, e sem ventura,  
Extendido n' hum leito de amargura :  
Exhalando suspiros, e gemidos,  
Como o mais infeliz dos desvalidos.  
Sobre seu pavilhão d' oiro adejando  
Cruéis remorsos, que lhe estão cravando  
Sobre o peito hum punhal; sem que a riqueza  
Lhe podesse valer, nem ser defeza.  
Não he no leito assim do pobre justo;  
Cuja san consciencia ignora o susto :  
E na dor, que padece, só lhe pena  
Para o Ceo merecer ser tão pequena.  
Em fim não póde a mizera mesquinha  
Trazer a formuzura, a quem não tinha;

A honra, o brio, os bellos sentimentos,  
Nobres acções, heroicos pensamentos,  
Altas virtudes, dotes de valia,  
O valor (e o que he mais) sabedoria.

Mas por que raciocinios indiscretos?  
Não he Deus immutavel nos decretos?  
Não basta que elle o diga, e desta sorte  
Chegue o merito ás portas té da morte?  
Por que razão, ó homem, cegamente  
Te deixas arrastar do que he presente?  
Por que, como humo fera embrutecido,  
Adoras só o que fere o teu sentido?  
Ah! que és louco, e tenaz, tudo te culpa,  
Não mereces perdão, não tens desculpa.

Quiz então o Senhor, que a primavera  
Se anticipasse em mim, que a carne espera.  
Pois sendo de mim parte ja ditoza  
No meu Jesus, não era glorioza  
Acção, restar exposta outra ametade  
Aos insultos da vil mortalidade.  
Inda a aurora o horizonte não tingia  
De roza, e nem co' a roza ella se ria;  
Fulgurava no Ceo a estrella acceza,  
Mudo o Emisferio, em somno a natureza,  
Quando para o Sepulcro me transporta  
A animar meu Cadaver frio, e morto.  
Oh maravilha! Oh cazo de estranheza!  
Outro ser, outra nova natureza

Trazendo-me o vigor, e antigo alento,  
Me veio remogar em hum momento.  
Tal a flor da grinalda maltratada  
Revive, se do orvalho he rociada.  
Eis o calor vital ardentes brios  
Vai espalhando pelos membros frios.  
A idade juvenil ja pinta o rizo  
Nã arrugada feição; e o rosto lizo,  
Orvalhado das gotas da frescura,  
Cobra de novo a antiga formozura.  
As graças pueris, as pudibundas  
Rozas do pejo, cores'tão jucundas,  
Vem-me as faces corar desfalecidas,  
Da palidez mortal amortecidas.  
Os olhos froxos, debeis, e embaçados  
Tornão-se estrellas, brilhão engraçados.  
Assim da primavera a gentileza  
Novo verniz trazendo á natureza,  
O secco tronco aviva dos verdores,  
Vestindo-o de mil folhas, e mil flores.  
Assim nedia crisalida doirada,  
Depois de estar hum tempo clauzurada  
No seu tenue cazulo, rompe a leve  
Sepultura, onde quazi morta esteve:  
E ostenta viva, e cheia de altiveza  
As debeis azas d' oiro á natureza.  
Tal da Fenix, se diz, que renascida  
Da cinza, dos perfumes reduzida;

Dezerta da Sabeia, patrio assento ,  
Que testemunha fora do portento ;  
E as cores vai mostrar das suas pennas  
As campanhas Niloticas serenas.

Tambem meu corpo ja não tem mais prezo  
Os vôos de minha alma com seu pezo.  
Zomba da solidez ; inda sem furos  
Ouza compenetrar volumes duros.  
Não ha de diamante , ou bronze , rijos  
Obstaculos ; nem duros escondrijos ;  
Nem muralha de pedra forte , e grossa ,  
Que a mim a entrada disputar-me possa.  
Trazei-me se he possivel hum penedo ,  
Ou de todos formai hum só rochedo ;  
Que tudo passarei n' huma carreira  
Sem prejuizo meu , nem da barreira.  
Nada póde igualar minha presteza ,  
Nem comigo apostar a ligeireza ;  
Phebo mesmo , que o ceo gira n' hum dia ,  
Se a tanto se atrevesse , perderia.  
Como o trisulco lume , que no instante  
Abre no Oeste , aclara no Levante ;  
Reina em mim certo dom de agilidade ,  
Que julgarieis dar-me immensidade.  
Alem desta espantoza subtiliza ,  
Nova Luz , como vedes sempre acceza  
Chrializa meu corpo ; e he tão fulgente ,  
Como a tocha do Sol no Ceo patente.

Se accaso lá na esfera acontecesse ,  
Que este Eoo luzeiro perecesse ;  
As trevas enlutando a face inteira  
Do globo ; nestas trevas , e cegueira ,  
Do antigo Cáos retrato ; eu so seria  
Novo Sol , nova Luz , nova alegria.

Bem a nosso pezar vemos no mundo  
Ser o corpo mortal , campo fecundo  
De misérias ; e em tanta desventura ,  
Que cede ao tronco inerte , e á pedra dura.  
Elle marcha pezado , e sempre exposto  
A sensações , que cauzão-lhe desgosto.  
Alvo de mil molestias : da sedenta  
Febre , nuncia da morte , se he violenta.  
Dissolve-se , e arruina-se , bem como  
A flor , que murcha , ou ja passado pomo ;  
A quem o verme surdamente rala  
E inda vivo infecções crueis exhala.  
O corpo estranho , que seus órgãos tange ,  
He só quanto elle sabe. Não abrange  
O que he seu , e nem entra em lar alheio ,  
Vedada a porta , e interceptado o meio.  
Mas esta massa , prova do perigo  
Perpetuo , oh grão misterio ! he no abrigo  
Da gloria , subtil , agil , impassivel ,  
E hum grão de luz consegue , tão incrivel ,  
Que a azul safira , a perola fulgente ,  
A neve , o leite , o niveo eburneo dente ,

Ja mais disputarão o radiozo  
Do corpo , que he immortal , que he gloriozo.  
De sorte que parece ter passado  
A estado espirital , do terreo estado.

Em fim, prezado Pai (fallando a Elias)  
Aquelles claros dotes , regalias ,  
Que viste rutilar no monte santo  
Sobre o Verbo ; e de Cephas foi o encanto  
Comigo á proporção se repartirão ,  
E tambem c' os heroes , que a Deus servirão.  
Quando da morte renascendo hum dia ,  
Da morte insultarão a tirania.

Pois não quer o Senhor , que o corpo sendo  
Socio das lutas d'alma , e que bebendo  
Com ella os mesmos transes , defraudado  
Venha a ficar do fruto suspirado.  
Assim que por taes feitos , tão subidos ,  
E por toda concordia , com que unidos  
Se estreitarão na terra , gloria immensa  
Recebão a final na recompensa.

Mas apenas do tumulto surgia ,  
Quando os nuncios das novas de alegria ,  
Tração por decorar-me a bella imagem  
Deste carro triumphal para a passagem.  
Tudo na arquitetura havendo posto ,  
Que o luxo tem de preço , a arte de gosto.  
Mas não contente o Deus brioso , e forte ,  
Descem outros de novo , que o transporte

Viessem retocar, d' Elle enviados  
Em dom sublimes, em dever alçados.  
Athe que em fim com hymnos de alegria  
Aqui me trouxe a fausta companhia,  
Para o prazer vos darem de me veres,  
E a mim, de vós tambem, iguaes prazeres.

Vede agora se accazo a tanta alteza  
Merecia subir minha baixeza.  
Que meritos eu tinha, que altos feitos  
Para colher taes loiros, e respeitos?  
Quaes forão as acções, quaes os disvellos?  
Quaes as lagrimas puras, quaes os zelos,  
Qual em fim o espantozo sacrificio  
Por ser comigo grato, e tão propicio?  
Ah! que he rico e fatal nos premios seus,  
Por tudo a blazonar em fim, que he Deus.

Salta pois de prazer, e adora em tudo  
Meu coração o Deus, que he meu escudo.  
Do alto de seu Solio, cravejado  
De estrellas, quaes safiras, derramado  
Houve em mim doces vistas de ternura;  
E fez-me a nobre inveja da ventura.  
Por maravilhas taes, nunca pensadas,  
Apenas só comigo executadas,  
Exaltarão as raças minha dita,  
Chamando-me feliz, Santa, e bemditta.  
Que prodigios não tem por mim obrado  
Seu braço fulminante? Que mudado

De decretos por mim? Que de inviolaveis  
Leis pelo meu respeito revogaveis?  
Seja seu nome o nome da grandeza,  
Seja, seja : e o publique a redondeza.  
Transpoz esse Romuleo Capitolio,  
E olhando com desdem seu aureo solio,  
Aprole regeitou dos vencedores  
Bravos da terra, e d'ella então senhores.  
Vio tambem com horror os mãos dictames  
Dos paços do Idumeo; paços infames  
Por mil scenas crueis : e avante passa,  
Detestando do intruzo a impia raça.  
Deixa as filhas emfim dos optimates,  
E arrancando-me ao pó dos meus penates,  
Confidente elegio-me dos projectos,  
Que elle hia trevejar, grandes, e rectos.  
Fecundo em dotes, rico em formozuras,  
Se quiz reproduzir nas creaturas.  
Extrahindo dos entes os milhares,  
Só de suas idéas exemplares  
No meio da recente natureza  
Hum ser appareceo de tal belleza,  
De tantas perfeições, e lindos modos,  
Que bem mostrava ser o rei de todos.  
Tal era o Pai primeiro, nesta idade,  
Que he rizonha estação da puberdade.  
Houve o dom da palavra articulando  
Os sons, que vão as fauces exalando.

Dadiva singular : cuja riqueza  
Negou-se á belluina robusteza.  
He certo que com esta rica herança  
Elle soube lucrar ; quando a lembrança  
Teve de retratar com mil figuras  
As noções de seu peito, as mais escuras.  
Ouzando transmittir aos fins da terra  
Os segredos occultos , qué elle encerra.  
Tambem porção Celeste luminoso  
Da eterna razão , fôrma garboza ,  
Recta por ver o Ceo , ja nelle brilha ,  
Ao resto avantajando-se em partilha.  
Senhor de si , senhor dos appetites ,  
A vontade , e razão nos seus limites ,  
Desta animada estatua a extremidade  
O ápice fexou da santidade.  
Avança a mais do Eterno a grão ternura ;  
Qual solicita Mãi , que a creatura  
Antes que aos olhos dê , ja está cuidando  
No infantil enxoval , mimozo , e brando ;  
Desta arte elle tambem tem construido  
Hum pavilhão de estrellas embutido.  
Por que quando o ditozo for chegado  
Ache tudo a seu gosto. Eis que postado  
Apparece o Feliz n' hum predio acceito ,  
Das delicias do Ceo quadro perfeito ,  
Mimozo em fructos , de jasmins cerrado ,  
Da innocencia e da paz solar prezado ;

Troféo, onde a destreza Eterna falla,  
A quem nenhum trofeo d' arte se iguala.

Por estas alamedas tão serenas,  
Pelas margens das fontes quatro amenas,  
Por aquellas florestas venturozas,  
Orlada a frente de purpureas rozas,  
Marchava o Protoplasta rico, e ufano,  
Como quem de tudo era Soberano.  
Elle afagava as feras, que o entendião,  
E a seu mando e voz obedecião.  
Ja dos leões as jubas entrancava  
De tecidos de flores; e brincava  
C' os tigres mosqueados, e guerreiros,  
Como se forão timidos cordeiros.  
Debaixo de seus pés hião nascendo  
Manojos de boninas, recendendo;  
Prestando a terra humilde de seu seio  
A seu Rei e senhor todo recreio.  
Os ricos passarinhos, e tão ricos  
Que ja mais semearão, com os bicos  
D' oiro, ou murice rubro, sobrevinhão  
Roubar-lhe o fruto, que seus labios tinhão.  
A par d'elle marchava a virgem bella:  
Brilhante, e linda, qual polar estrella;  
Ao consorte mostrando hum rizo ameno,  
Como ri para terra o Ceo sereno.  
De mil virtudes novas adornada,  
Qual a roza purpurea, aljofarada

Das gotas matinaes. Graça a vestia,  
De sorte que a nudez não offendia.  
Apenas flores ornão-lhe os cabellos  
Cahidos em aneis, loiros, e bellos.  
Quando do Sol os raios os ferião,  
Erão dous astros, que se respondião.  
Não he tão bella a abobada azulada,  
Das rotantes safiras semeada :  
Nem a Titonia aurora matutina,  
Pintando as filhas da vernal campina.  
Na floresta a bonina se curvava  
Por lhe beijar os pés, quando passava.  
O prado ameno, a fonte, a relva fria,  
Tudo ria de gosto, assim que a via.  
Vinhão os Anjos ser espectadores  
De seus rizonhos virginaes amores.  
Ditozo par ! Ditoza companhia !  
Se nunca a invenenara a rebeldia.

Tal era deste humano o berço, e aurora;  
Quando huma vóz fatal e seductora  
Solta do Cáos, envolta em pestilente  
Fumo, fez tudo hum sonho vão, que mente.  
E avinagrando aquelle santo rizo,  
Converteo em inferno o Paraizo.  
Oh' desgraça ! a belleza nobre e solta  
Contra o seu bemfeitor ja se revolta.  
E dando fé e ouvidos á mentira,  
Cahio na indignação de sua ira.

Esta queda he a cauza da tristeza  
De que se vê enlutada a natureza.  
D'aqui nascem as guerras assanhadas  
Pelas medrozas mãis tão detestadas.  
D'aqui a ingratidão, mal tão sublime,  
Que excede a todo mal, a todo crime.  
D'aqui a fome, as dores, a doença,  
E a alluvião de males tão extensa,  
Que inundou nossos pais, que a nós innunda,  
E vai tudo inundando em dor profunda.  
D'aqui o peccado, e o negro cáos do Inferno,  
Com que ao réo ameaça a Lei do Eterno.  
E se o louco mortal attenção presta  
A cazo tão fatal, nada o molesta.  
Nem lhe parece couza muito enorme,  
Mas antes quasi hum sonho de quem dorme.

O homem pois a pouco tão mimozo,  
Anjo em carne, na graza venturozo,  
Ja marcha nú, de feno vil cingido,  
E pobre, e desditozo, e desvalido.  
Oh! se elle conservasse na memoria  
Da sua fatal queda a negra historia!  
Veria com horror as aureas gallas,  
Mais proprias de chorar, do que adoralas.  
O oiro, o bisso, a purpura, que o cobre,  
Inculção a nudez de hum ente pobre.  
Se o primitivo ornato não perdera  
Da original justiça; não fizera

Novos reparos vão, com que procura  
Fugir dos ares a inclemencia dura.  
Roubando a lã da ovelha, e com incrível  
Arte tecendo o feno desprezível.  
Fazendo com vaidade, pouco seria,  
Ostentação da propria vil miseria.  
E quantas vezes, quantas? asquerosas  
Ulceras ornão tellas preciosas?  
O' filaucia do humano pensamento!  
O' culpa original! O' louco intento!

Victima triste da immortal vingança,  
Murchou pela raiz toda esperança?  
Não ha recurso? Gemerás nas dores  
Eternas, como os anjos desertores?  
Mas ah! o que he que eu oiço? Oh Ceo sensivel!  
Oh ternura de hum Deus incomprehensivel!  
Ja nova traça inventa; ja descobre  
De soccorrer ao lacrimozo. O' nobre  
E doce culpa! O crime, feliz crime,  
Que hum vingador houveste tão sublime!  
Alviçaras, mortal: enxuga o pranto:  
Que tanto ao Verbo mereceste. Ah tanto!  
Do seio do Sacrario inacessivel  
Eu escuto huma voz, voz quasi incrível,  
Voz doce mais que o mel: encantadora  
Mais que da cythra o som: « Cante, o que chora,  
« Ella diz, ó mortal, de amor interno  
« Amo-te, qual a mim meu Pai Eterno.

« Escravo me farei por teu respeito ,  
« Como sejas tu Deus, e a Deus acceito, »  
Isto dizendo ; as duas naturezas  
Na Pessoa Divina ficão prezas.  
Tem pois Deus feito homem soffrimento  
E o homem feito Deus merecimento.  
Logo, se o Eterno irado pela offensa  
Exigir igual paga, se compensa  
Pelo ineffavel vinco ; e desta sorte  
Nossa quebra se torna inda mais forte.  
Mas oh ! eu insensata , que disserto ,  
Ante quem sabe os factos mais de perto !  
Porem, como do Eterno são favores,  
He doce os repetir , são seus louvores.

Então por mim commuta a especie humana  
A condição servil em Soberana.  
Pois por minha feliz maternidade  
Chegou a aparentar-se á Divindade.  
Em attenção a tanta maravilha ,  
Do seu alto poder somente filha ,  
Abre os thezouros seus , mostrando a sua  
Innefavel ternura : e continúa  
Como atravez dos seculos corre e passa ,  
De pais a filhos , e de raça em raça.  
Mas o monte de orgulho altivo e ouzado  
Por sua planta enorme he suplantado  
Então os aureos sceptros se quebrarão ,  
Purpuras pelo pó se conculcarão

E de sua prezença os Reis espalha,  
Qual tufão, que arrebatava debil palha.  
Mas o pobre, humilhado que gemia,  
Beijando a mão occulta, que o feria,  
De repente se viu rico, abastado,  
Feliz seu thoro, illustre o seu estado.  
O pastor, que por tecto d' oiro o feno  
Tinha, e por leito a relva do terreno;  
Veste a opa real, de gloria exulta;  
E o Rei ingrato inglorio a campa occulta.

Tambem os que dos bens e das herdades  
Abuzarão por fim de iniquidades:  
E aquelles, que do Ceo dons alcançarão,  
E contra o Ceo com elles se irritarão;  
Por castigo de tão negra insolencia,  
Atufados ficarão na indigencia:  
Arrastando os grilhões desta desgraça  
Seus filhos, vil, escura, e infame raça.  
Em fim de suas benções a riqueza  
Choveo com profusão, com mais franqueza  
Sobre o Santo Israel: seu povo amado,  
Seu povo, ja de longe abençoado.  
De sua estirpe illustre, e descendentes  
Sahio o Dezejado, a Luz das gentes:  
O Cordeiro, que o pacto sempiterno  
Rubricou de seu sangue, em preço eterno.  
Autor da graça, Fonte da innocencia,  
E victima do Ceo por Excellencia.

Germinarão os dogmas, e a doutrina  
Do Evangelho, que os povos illumina.  
O novo culto, os sette Sacramentos ;  
Fontes, que lavão ; e da mancha izentos  
Deixão os reos. Sahirão os primeiros  
Da nova Lei sublimes pregoeiros,  
Economos da graça bemfazeja ;  
Sahio em fim a nossa Mãe, a Igreja. »

Desta sorte a Exemplar das virgens puras  
Acabou suas Santas aventuras.  
Deixando os circumstantes venturozos  
Banhados de prazer, inda anciozos  
De muito mais ouvir : se mais tornara  
De novo a repetir, o que contara.  
Louvavão entre si o magesto  
Ar, com que referira, e o som gracioso,  
O montão de successos tão diversos  
Pelo texto seguidos, ou dispersos  
Hum e outro com gosto memorava  
Aquelle que impressão mais lhe cauzava.  
Ora a perseguição, que foi tramada  
Pelos ourives d' Efezo : ora a alçada  
Cegueira, e tão nefanda idolatria,  
Com que se este lugar prostituia.  
Ora os incendios da Agua, que deixando  
A terra voa ao Ceo, e penetrando  
Impavido de Deus o seio interno ;  
A geração teceo do Verbo Eterno.

Ora em fim outros cazos , que da historia  
Inda impressos retinão na memoria.

Nas planices do Ceo, entre sombrio  
Arvoredo copado , ha hum desvio.  
He hum grato retiro affortunado ,  
Somente pelos Anjos frequentado :  
Que ali vão varias vezes de passeio  
Por mudar , ou de sitio , ou de recreio.  
Aqui de fino jaspe antiga gruta  
Existe, de huma fonte nunca enxuta ;  
Que desce murmurando cristalina  
Por areas de prata. Aqui domina  
A taciturna imagem do segredo.  
Ja mais de Orfeos aligeros o enredo  
Doce gorgeia : não susurra o vento ,  
Nem range , ou bate porta de apozento.  
Não soa ao longe la da torre enorme  
O relógio fiel , que nunca dorme.  
Nem a voz da atalaya , que desperta  
Gritando ao camarada : alerta, alerta.  
Não freme o duro quicio ao carro prezo ,  
A força estranha a resistir do pezo.  
Nem late o cão fiel ao vão ruido ,  
Guardando a grei do armento espavorido.  
Está tudo em silencio , eternas flores  
Matizão o lugar , e os seus verdores.  
He propriamente a Lapa , e os taes matizes ,  
Habitação dos Extasis felizes ,

Que ali morão , e estão sempre suspensos ,  
A contemplar do Eterno os dons immensos.  
Azas d' oiro elles tem por seu emprego ,  
Posto que vivão n' hum feliz socego.  
Com que fendem o ár , e em torno gyrão  
Dos justos , que da terra ao Ceo suspirão.  
Rapidos voão lá do ethereo assento ,  
E descem sobre o Virgem cento , e cento.  
Que de louvar a Deus já inebria , e acceza ,  
Ora delles restou inda mais preza.  
Mas como a vissem os profetas Santos  
Extatica , e entregue a seus encantos ;  
Aproveitão o tempo sem demora ,  
Que lhes concede o rapto da Senhora.  
Por se informar co' Nuncio do alto Imperio  
Da gloria , sobre os sensos , e misterio ,  
Que encerravão as tarjas esculpidas  
No carro , por emblemas repartidas.

---

## CANTO VI

---

### ARGUMENTO

Em quanto a Senhora esteve extasiada o Archanjo São Miguel explicou aos Profetas os emblemas do Carro, que descrevião varias passagens da mesma Senhora. Havia mais hum emblema, e era huma descripção do Rio de Janeiro, Cidade muito devota da Virgem pelo culto do Terço. Em fim exclamações do Profeta Elias ao retirar-se a comitiva.

O TU, Igreja Santa, linda Espoza  
Do Cordeiro de Deus; minha mimoza  
Clara Muza gentil, que por capellas  
Brilhantes cercaduras tens de estrellas;  
Tu, que por tua mão me tens guiado  
Atequi por caminho não trilhado,  
Respira hum pouco, toma novo alento;  
Descança da fadiga algum momento :  
Que inda temos de andar outra jornada,  
Não menos trabalhoza que a passada.  
Annue aos votos, ri aos innocentes,  
Os emblemas decifra, poem patentes :  
Aclara, ó Dea, aos Padres a verdade,  
Pois he digna de escuza esta vaidade.

Logo ao principio os olhos descubrião  
Huma lamina de oiro, em que luzião,  
Por destreza gentil do ferro experto,  
As ruinas de hum portico dezerto.  
Ali no debil feno reclinado  
Se via por dois brutos adorado,  
O tenro Amor Jesus, recém-nascido;  
Tritando ao ar, em faxas envolvido.  
A Phenix unica, da graça filha;  
Concha argentea da Perla, maravilha  
Do Empyreo; ali taes raios reverbera,  
Que bem se deixa ver Mãi de quem era.  
Ora com rozeos beijos afagando  
O Celeste Penhor : ora o chegando  
A's fontes virginaes, que o Lindo fosse  
Nutrido do seu nectar casto, e doce.  
Pasmou a natureza de tal vista :  
Tudo se reanimou : e o destro artista  
O segredo encontrou maravilhozo,  
Que faz seu atrevido, seu garbozo.  
E tu das artes todas que és princeza,  
Muda eloquencia, maga gentileza,  
Pintura, teus pinceis santificaste,  
Quando a primeira vez delineaste  
Hum Deus, tingindo os labios na doçura  
Do seio de huma debil creatura.

Por entre os velhos restos, que existião  
Do escarpado portal; quazi se ouvião

Dos Celites concertos , mais que humanos ,  
Que davão gloria a Deus , paz aos mundanos.  
Do vizinho reconcavo os cajados ,  
Pelo Nuncio do Olympto convocados ,  
Adorar parecião de tumulto  
O tenro Deus , no veo terreno occulto.  
Cada qual offertando , o que apromptara :  
Qual a ovelha , que á triste mãi roubara :  
Qual o par de pompinhos tenros , novos :  
Qual na cêsta de vime os brancos óvos :  
Qual o favo mellifluo da colméa :  
Qual o coração só , que o amor atêa.

Vizinho a este quadro outro importante  
Insculpido se vê : no ar brilhante  
Insolito planeta fulgurava  
Formosa luz , que o velho lar banhava.  
Guia fiel , que vinha conduzindo  
Dos montes Nabatheos , que o sol sahindo  
Doirando logo vem , tres potentados ,  
N' arte de ler os astros consumados.  
A' luz da nova estrella , que assomara  
La nos ermos do Ceo , a nova , e clara  
Estrella de Jacó , tão suspirada  
Buscão , de hum vate seu preconizada.  
Eis aborda ja o portico aluido  
Da grão cavalgadura o grão ruido.  
Enormes elefantes corajozos ,  
Dromedarios ligeiros , e os gibozos

Camelos de alto collo tão erguidos,  
C' o pezo dos volumes opprimidos.  
Abrem os cofres, tirão a prezada  
Massa do metal rico; e a congelada  
Lagrima, que evapora precioza  
De Cinyras a filha incestuoza.  
E a cristalina, que ao Sabeo goteja;  
Com que o templo e o altar cheiros bafeja.  
Os dons ao Infante Deus apresentavão,  
Que misterios sublimes eclipsavão,  
Pois de longe promettem, se bem penso;  
Mirra a morto, oiro a Rei, a Deus incenso.

Mais avante traçara o ferro fino  
Templo vasto, no gosto peregrino  
De arrogante fachada, e de dezenho  
Que honra a Pallas, e ao Dedaleo engenho.  
Nelle arrugado Ancião, que o venerando  
Sacro Penhor nos braços reclinando,  
Avidos olhos turvos lhe encarava,  
E encarando com elle profetava.  
Logo senil matrona, encanecida  
Nas virtudes, a hum lado era esculpida:  
Em ar de que ao Infantinho repetia  
Ternas caricias, que a ternura ordia.  
Matrona, que esperava ardentemente  
O grão Libertador da Hebreia gente.

« Oh que painel sombrio, e tão medonho  
(Exclamarão os dois) a tão rizonho

« Sucede! Nelle ve-se affigurado  
« Hum fero drago humano coroado!  
« Elle grotreja sangue, elle descreve  
« O cum'lo da desgraça em ponto breve! »  
Este painel sombrio e turbulento  
(O Archanjолhes tornou) de paz izento,  
Pinta o paço fatal, e o triste azilo  
D'hum Phalaris, d'hum Nabis, d'hum Perilo;  
Ou de outros despotas, com que tu podes  
Vangloriar-te, o' Roma. O nome, Herodes,  
Se pelos ambitos do tecto augusto  
Vedes pintada a morte, o horror, e o susto;  
He que nelles adejão, quaes cardumes  
De aves nocturnas, os crueis ciumes.  
Se pelas salas tristes fluctuando  
Correm ondas de sangue, inda fumando;  
São os tragicos fins, e as duras mortes  
Dos cáros filhos, das gentis consortes.  
Os olhos do tyrano ameaçadores,  
Que a tudo vibrão iras, e terrores,  
São rubidos, ferozes, inquietos,  
Como a quem inquietavão mil projectos.  
A bôca, tal que do Aqueronte a bôca,  
Só mortes proferia com voz rouca.  
Era o rumor de hum Rei, de pouco nado  
Quem perplexo o tem feito. Do malvado  
A negra consciencia em grito o insulta,  
Dictando-lhe: que extranha mão occulta

Lhe rouba o scetro, lhe derruba o throno,  
De que era usurpador, e não o dono.  
Eis ja se agasta o somno com seus olhos :  
Ja nas flores do Scetro colhe abrolhos :  
Cuidando só no crime, só no engano,  
Que são sempre os cuidados d'hum tyrano.

Troveja a regia voz : ja parte o forte  
Satellite fatal, raio da morte.  
Ja toda Tetrarquia da Judêa,  
Corte, cidades, villas, pobre aldêa,  
Retinem c' os soluços, e vagido  
Das mãis, que perdem, do penhor perdido.  
Eis ali os corpinhos mutilados,  
Em tanto amor nascidos, e gerados.  
Porem mais bellos, que os numismas d' oiro,  
Que o avaro amontoa em seu thezouro.  
Cordeirinhos devidos ao Cordeiro,  
Que em Moria se imolou, Deus verdadeiro.  
Victimas simples, que no altar estando  
C' o as palmas, e seu sangue estão brincando.  
Qual da floresta o plano, que juncado  
Tem de alheio matiz o nóto irado ;  
Quando em rijo tufão, que não se espera,  
Rouba os iris da nova primavera ;  
Taes estavam por terra, a côr perdida,  
Os Santos martrisinhas, ja sem vida.

A Puerpera, a quem o amor, e o Susto  
Perturba; ao triste morticínio injusto

Fugindo está : sem mais outra assistencia,  
Que esconder no regaço a Providencia.  
Salvando por debaixo das palmeiras,  
E Egypcios terebintos as primeiras  
Esperanças da fé, nossa alegria  
Do sacrilego rei , que o perseguia.

Logo num Fano o Celite apontava  
O Joven Deus em ár, que dissertava.  
Era o Senado dos espectadores ,  
Os escribas da Lei, e os seus doutores ;  
Confuzos de ter tal sabedoria ,  
Quem mal tres olympiadas teria.  
No calor da disputa eisque assomava  
A Mãi, que os puros olhos enxugava  
Do pranto, que cauzou-lhe o sentimento  
Da prematura auzencia. Oh violento  
Punhal de penas ! Por gentis finezas  
Parece, que colhia só estranhezas.  
Seu rosto angelico , da dor magoado ,  
Era hum formozo Ceo , meio nublado.  
Chorava pois , e a magoa era bem justa ;  
Que achar hum Deus perdido he raro , e custa.

Depois desta gravura os Padres vião  
Outras scenas mais gratas , que fingião  
Esplendido festim : perfeita idêa  
Do Hymeneo em Caná de Galilea.  
Gravara a destra mão nas ricas tellas  
Esquisito manjar , aureas baixellas.

Via-se a noiva ricamente ornada ,  
A madeixa de perolas brincada.  
Em tropel quasi o lar, e parecia  
Soar o reboliço da alegria.  
Por huma e outra parte estão sentados  
Os parentes, e cónvivas honrados,  
Que aos noivos alternavão dittos finos ;  
Dos Syros velha uzança, e Palestinos.  
Nhum distincto lugar mais eminente,  
Depois de recuzar urbanamente,  
Brilhava o Redemptor, que ja no aspeito  
E ar mostrava ser varão perfeito.  
O rosto e os olhos lindos dardejando  
Huns vizes divinaes, de quando em quando.  
Assim da opaca nuvem sol ardente  
Vibra as vezes hum raio d' oiro ingente  
La estava tambem o Architriclino ,  
Increpando o copeiro ; que sem tino  
Agota reservara mais mimoza  
Para o fim. Mas constou , coiza pasmoza !  
Que em atenção á Mãi , Jesus mudara  
Em mosto generoso a lympha clara.  
Desorte que a primeira maravilha ,  
Com que se distinguio , foi mera filha  
Do culto filial ; do acatamento ,  
Que sempre lhe prestou : certo argumento,  
De que o Filho á Mãi tinha obediencia,  
E a Mãi no filho em fim muita ascendencia.

Outros muitos emblemas explicando  
Hia o Nuncio c' os nobres Vates; quando  
Entre as mais se diviza huma gravura,  
Estranha, nova, e de entender-se dura.  
« Mas que quadro he estoutro? (perguntava  
O Thesbite ao Celeste, que explicava)  
« Ou que misterio aqui está affigurado?  
« Juro, que assás me tem maravilhado.  
« Além dos mares vejo, além das ilhas  
« Ah! que immenso paiz! que maravilhas!  
« Vejo hum novo Emispherio, novos ares,  
« Outros Ceos, outros bosques, outros mares,  
« Aves estranhas, flores nos matizes  
« Diversas, das que vi nos meus paizes.  
« Pelo longo da costa demandando  
« As regiões austraes, debaixo estando  
« Do semicapro péixe, que he patente  
« Meta meridional do sol ardente;  
« N' um braço do Oceano, que ali morre,  
« Pulquerrima Cidade: logo occorre  
« De nobres edificios; torreada  
« De bronze, e revelins a angusta entrada.  
« Inda mais vejo ali, se não me engana  
« Em painel tão escuro á mente humana,  
« Que pela praça vai a generosa  
« Deipara em triumpho: e populoza  
« Companhia com tochas mil acezas  
« Parece celebrar suas grandezas.

« Dizei-nos, nobre Archanjo, o que isto intima.  
« Para mim he misterio, he tudo enigma,  
« Tudo sombras escuras, e tão densas  
« Que as azas da razão me tem suspensas. »

O vasto continente, que afigura  
(Diz o Nuncio do Eterno) esta gravura,  
He hum grande paiz, quazi dezerto :  
No tracto ao mundo antigo inda encoberto.  
Mas em fim por hum genio denodado  
Será das densas trevas arrancado  
C'o soccorro da Agulha, e do Astrolabio,  
Novo invento subtil do engenho Sabio.  
O' Ligure immortal, nesta ardua empreza  
Tornaste a abrir a porta á natureza :  
E obrigaste adorar do mundo a gente,  
Como de novo, a mão do Omnipotente.

Que cythara tão doce, ou que profundo  
Engenho poderia neste mundo  
Huma parte cantar de tua gloria !  
Não mais, não mais blasone a antiga historia  
As proezas do Grego, ou do Troiano ;  
Nem a fabula desse tão ufano  
Pelos doze trabalhos. Os seus feitos  
Com os teus confrontados são defeitos.  
Ou antes hum pigmeo, ou huma aranha  
A' vista do gigante, ou da montanha.  
Por ti hum grão de gloria soberana  
Recebe, e mais se exalça a especie humana.

Nova serie de coizas eis que assoma ,  
E o orbe inteiro nova face toma.  
Aplanadas dos golfos as passagens  
Novos meios se abrirão , mil vantagens  
Aos tractos mercantis : e os bons talentos  
Ditarão-se de luzes , e de inventos.  
Tocaste a meta da terraquea esfera ,  
Rasgado o veo dos seclos , que a escondera.  
Então do Creador novos primores  
Resplenderão , progões de seus louvores.  
Que quando o seu saber mais patentea ,  
Delle nos cresce o amor , crescendo a idea.  
Em fim , mostrada em parte a Natureza ,  
Agora tu lhe expões toda riqueza ;  
Mas confessa , que a honra assim o ensina ,  
Que aprendeste os segredos e a doutrina  
Dos bravos , dos affeitos Luzitanos ,  
Que primeiros traçarão-te os teus planos.

He tamanho o paiz , tão vasto o Sólo ,  
Que se estende de hum pólo a outro pólo.  
Ali vegetão varias alimarias ,  
Varios troncos , e frutas ; flores varias.  
Achão-se ricas pedrarias finas ,  
Oiro , e prata , e mil drogas peregrinas.  
Os tres reinos aqui que a opulencia ,  
E bazes são da humana subsistencia ;  
Em minas , animaes , e vegetantes ,  
Tão uberrimos são , e tão prestantes ;

Que não resolve a sabia subtileza ,  
Para onde mais pendeu a natureza.

Cria tudo , que o mundo velho envia ;  
E o mais , que o velho mundo jamais cria.  
Porque , como huma e outra zona apanha ,  
Produce Lioo , e a fructa d' oiro estranha ,  
No jardim das Hesperides nascida ,  
Por quem foste , Atalanta , ja vencida.  
E o caixo , que de Rhodes gera o seio ,  
Melhor tornado neste clima alheio.  
Abrilhanta o ananaz , sazona a pêra ,  
E o pomo , que discordia ja tecera  
Entre as deozas do Olimpo no monte Ida ,  
Que fez Dardania em cinzas reduzida.  
Os dons da Ceres loira , em competencia  
C' os celeiros Egypcios na affluencia.  
Quando o provido Hebreo amontoava  
Nelles o grão , que areas igualava.  
Alem das farináceas , e raizes ,  
Que os povos fazem fartos , e felizes.  
Que direi desse reino vegetante.  
Em dilatar a vida tão prestante ?  
Aqui colheita salutar descobre  
O Fármaco , em vigílias uteis nobre.  
Rica mina por certo , grão thezouro  
De mais alto valor , que a prata , o oiro ,  
E o lustre vão de pedrarias finas ;  
Do nume de Epidauro prendas dignas.

A palmachristi , a nova Ipecacuanha  
Do velho Dioscorides estranha.  
Da Cupaiba o oleo preciozo ,  
Que vence a dor e o golpe mais prigozo.  
Hervas , plantas em succos e virtude  
Ferteis de vida , fontes de saude.  
Encontrão-se tambem tribus errantes  
Nos bosques ; que entre si belligerantes  
Vivem de singular , e extranho povo ,  
Que parece outra raça , germe novo.  
Antropophagos são , que a tão sobido  
Grão de horror chega humano embrutecido !  
Pintão o rosto seu mal encarado  
De verde , croceo , rocho , e de encarnado.  
E por fugir á vespa o corpo todo  
De resinas agrestes , ou de lodo.  
Tecer ignorão ; mas as suas téllas  
São as plumas das aves , cores bellas.  
A vida paixão em continuas festas  
De crápulas , e danças inhonestas.

A cidade , que ali vedes traçada ,  
E que a mente vos traz tão occupada ,  
Será nobre colonia , rica , forte ,  
Fecunda em genios , que assim quiz a sorte.  
Será pelo seu porto desmarcado  
A feira do oiro , o emporio frequentado.  
Aptissimo ao commercio ; pois profundo  
Póde as frotas conter de todo o mundo.

Será de hum povo excelso, germe airozo  
La da Lizia, o lugar mais venturozo.  
Pois dos Luzos Brazilicos hum dia  
O centro deve ser da Monarquia.  
Alçarão outras no porvir da idade  
Os trofeos, que tiverem por vaidade.  
Humas nas artes levarão a palma  
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.  
Outras irão beber sua nobreza  
Nos tratos mercantis. Tal que se préza  
De ver nas suas scenas, e tribunas,  
Maior brazão, mais inclitas columnas.  
Aquella dos Timantes o extremo  
Pincel com estro imitará fogo.  
Muitas serão mais destros no compasso,  
Que as linhas mede do celeste espaço.  
Mas cuidar de seu Rei, ser sua Côrte,  
Dar ás outras a Lei; Eis desta a sorte.

Gravarão do rigor de impostos novos  
Os Dynastas crueis a terra, e os povos  
Egypcios, por alçar massas estranhas,  
Que tú, transpondo o leito, o' Nilo, banhas.  
Fosse superstição, ou só vaidade  
Da fama dilatar por longa idade;  
He certo que o sentio o povo santo,  
Que tanto ali gemeo por tempo tanto.  
Hoje busca o viajor o immenso lago  
De Méris, e só topa hum campo vago.

E se restão taes obras peregrinas ,  
São sobejos do tempo , e só ruínas .  
Aqui pelo contrario poz natura ,  
Por braços da primeva architectura ,  
Volumes colossaes , corpos enormes ,  
Cylindros de granito desconformes  
Massas , que não erguerão nunca humanos ,  
Mil braços a gastar , gastar mil annos .

Vedes na foz aquelle , que apparece  
Pontagudo , e escarpado ? Pois parece ,  
Que deo-lhe a providente natureza ,  
(Além das obras d'arte ,) por defeza ,  
Na derrocada penha transformado  
Nubigena membrudo , sempre armado  
De face negra , e torva ; e mais se o croa  
Neve , e trovões , e raios , com que atroa .  
Que co' a frente no Ceo , no mar os rastros  
Atrevido ameaça o pégo , e os astros .  
Se os delirios da vã mythologia  
Na terra inda vagassem , dir-se-hia ;  
Que era hum desses Aloidas , gigante ,  
Que intentou escalar o Ceo brilhante .  
Que das deozas do Olympo namorado  
Foi no mar por audaz precipitado .  
E as deozas por acinte lá da altura  
Lhe enxovalhão de neve a catadura .  
Do seio pois das nuvens , onde a fronte  
Esconde , vendo o mar até o horizonte ;

Mal que espreita surgir lenho inimigo ,  
Prompto aviza , e previne-se o perigo.

Por huma e outra parte ao Geó subindo  
Vão mil rochas , e picos ; que existindo  
Desde o berço do mundo , e d'então vendo  
Os sec' los renascer , e hirem morrendo ;  
Por tanta duração , tanta firmeza ,  
Deozes parecem ser da natureza.  
Ossos da grande mãe , que ao ar sahirão  
Na voz da criação ; e mal que ouvirão  
Que devião parar , logo pararão  
Nas fôrmas , e extensões , em que se acharão.  
Que affigirão exercitos cerrados  
De mil negros Tipheos petrificados.  
Ao resto sobresahe co' a frente erguida  
Dos orgaos a montanha , abastecida  
De grossas matas , de sonoras fontes ,  
Que despenhando-se de alpestres montes ,  
Vem engrossar o Lago da agoa amara  
Do grão Netheroy , do Ganabára.  
Tal a fabula diz , de Alfeo que o rio  
Faz por baixo do mar longo desvio  
Thé Ortygia , em demanda de Arethuza ,  
Que abraçar-se com elle não recuza.

Então , Brazil , virá tua ventura :  
O seculo d' oiro teu , tua cultura.  
Pelas largas espadoas penduradas  
Não te-verão mais settas aguçadas.

Nem de penas multicolôr textura  
Teus braços cingirá, tua cintura.  
Debalde o Caiman se pinte enorme  
De rojo a tuas plantas, qual o informe  
Do Ichnéumon rival, que gera o frio  
Em lodózos paêses septemfluo rio.  
Correo-se o pano á scena : roçagante  
Estellifero palio, auriflammante.  
Dezenho do primor, obra de custo  
Adornará teu vulto baço, e adusto.  
Sceptro na mão terás, e na cabeça  
Corôa, donde santa resplandeça  
Com raios de rubis a cruz erguida ;  
A cruz, que he tua crença recebida.  
Os frutos de teus bosques, de teus prados,  
Mais doces hão de ser : porque cantados  
Dos Tityros serão na agreste avena,  
Nas silvas resoando a cantilena.  
O aureo cambucá, fruta que unida  
Nasce á casca da rama : a denegrida  
Jaboticaba doce, que bem vinga  
Nas frescas varzeas da Piratininga.

Vos tambem, o' alados, que em plumagens  
Da filha de Thaumante sois imagens ;  
Vos sereis celebrados, que girando  
Lindos jardins no Ceo andais pintando.  
O Psitaco loquaz, grossas Araras,  
Os loiros Canindez de plumas raras ;

O trombudo Tucano, que no peito  
A côr formosa traz, daquelle geito,  
Que Daphne ja troucera nos cabellos,  
Em crespos fios d' oiro rico, e bellos :  
A Iraponga nivea, que nos montes  
Arremeda em tinir sordidos Brontes.  
Os ceruleos Sahis, e tambem verdes,  
Onde tu, esmeralda, o preço perdes.  
Os rozeos Colhereiros, e os vermelhos  
Guarás, que pennas trajão sendo velhos  
De escarlata, se bem que negros nascem :  
Mas quando as salsas conxas do mar pascem,  
Rubras côres recebem tão sobejas,  
Que tu, rei dos jardins, ó cravo, invejas.  
O raro Carajoá, que grão thezoiro  
Tem na gorja de azul, de roxo, e d' oiro.  
Que beatifica os Goytacazes prados  
De sons angelicos, de mil trinados,  
E as tuas margens ama, e as agoas liba,  
O' sereno, e austrino Paraiba.  
E o Tyâ, que o mûrece escurece,  
Com que a praia de Tyro se enobrece :  
E outras muitas em fim, que são diversas  
No canto, e fórmas pelo ar dispersas.

Tambem colonias mil serão fundadas  
De praças, e lugares : affamadas  
Por nobreza e commercio; de maneira  
Que qualquer julgará ser a primeira.

Da latitude austral no grão trezeno,  
N' hum rico e fertilissimo terreno,  
A primeira cidade o navegante  
Saudará do mar, ninho importante :  
Que no cume de hum monte se sublima ;  
Qual o da aguia, que alturas tanto estima.  
Mãi de nobres colonias, que algum dia  
Serás, ó Soteropole Bahia.

He d'aqui que tu, inclito Janeiro,  
Tomas o berço, e o fundador primeiro.

Assim matrona illustre, grave e annoza  
Vê, prolifica em fructos glorioza,  
Cem filhos dos seus filhos despozados,  
Esgalhos de hum só tronco derivados.  
Assim arvore exotica estimavel,  
Que restou singular, inexgotavel  
De si reparte garfos a milhares  
Para mil hortas, para mil pomares.  
Do porto seu baixeis empavezados  
Irão cortando mares empolados.  
O paiz demandar fronteiro a este,  
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.  
Coacervando no seio em seu proveito  
O oiro das nações : como tem feito  
Antes de se abraçar, Tyro, e Carthago :  
Esta em Ausonio, aquella em Grego estrago.  
Subindo hum pouco mais, verão Olinda  
Surgir das ondas marcial, e linda ;

Cujos trofeos soberbos escurecem  
Os trofeos, com que as Dunas se ennobrecem.  
Em vão o Leão fero das Asturias  
Castigar jure Belgicas injurias.  
Innutil tentativa! vão reforço  
Só Olinda arrostar pôde á tanto esforço.  
Ao resto do paiz, como engrenhadas  
Matas tiver, cidades isoladas,  
(Prosegue o Archanjo) e Amphitrite em meio,  
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.  
Se algum porto ou lugar for esbulhado,  
Não será pelas hostes conservado.  
Que tendo além dos mares a esperança,  
Não soffre o instante mal menor tardança.

Mais a cima a cidade se descobre  
Em lares não humilde, em copia nobre  
Do arminho vegetal, da casca ardente,  
Com que tu, Maranhão, és excellente.  
Colonia que o Gaulez sagaz fundara,  
E dos Brazis corrido não gozara.  
Quando do Ebro seguia a infausta estrellla  
A princeza do Tejo, Lizia bella.  
Viuva de legitimos senhores  
No jugo, e nos grilhões de usurpadores.

Mais la por onde a noite iguala o dia,  
Linha equinocial na hydrographia,  
Por ultimo a cidade nobre impera,  
Com o nome, onde o Verbo á luz viera.

Bem sobre a foz de hum rio , que no mundo  
He capitão das agoas sem segundo.  
O Tejo , que ja perolas da aurora  
E Hydaspicos mares houve outrora ;  
O Tibre , que nos giros , que rodêa ,  
Troféos volvia , como agora arêa ;  
O Rheno , cujas margens se glorião  
Do roxo nectar , que fecundas crião ;  
A' vista do Amazonas , representão  
Quaes ramos sobre os troncos , que os sustentão.  
O' nautas , que contaes coizas tamanhas ,  
Vendo extranhos paizes , novas manhas ,  
Dizei ao morador do velho mundo ,  
Que n' outro hum rio vistes tão profundo ,  
Que no seu vasto seio huma ilha aponta  
Que tres vezes cincoenta milhas conta.

Paiz , quazi ao desdem ; até que hum dia  
Lhe imprima dextra mão nobre energia.  
Analogo rival , quadro imitante  
Do cheirozo terreno , do abundante ,  
Que o Indo rega , morador da aurora ,  
E o Ganges , cuja fonte em Eden mora.  
Aqui as plantações tão lindas crescem  
Do extremo Chim , que indigenas parecem .  
A estomacal raiz , acre , e pungente ;  
A negra pipereira , o cravo ardente ;  
O muscado adoriferante fructo ,  
De que as aves recebem grão tributo.

E aquelle, cuja amendoa cria a massa  
Da potagem balsamica, que passa  
Em delicias o nectar delicado,  
Dos Immortaes nas mezas só brindado.  
A canfora, antevermis preciozo,  
O áloes, o sandalo cheirozo;  
E a salutar cortiça da canela,  
Com que tu, Taprobana, és rica, e bella.  
Bem poderião pois ser transplantadas  
Estas substancias todas : trasladadas  
Aqui vantagens taes : e deste geito  
Mais proficuo o Brazil, de mais respeito.  
Quem ouzára affrontar golfos tão altos,  
Expondo o peito a tantos sobresaltos?  
Quem ver quizera a horrenda catadura  
Do gigante, ao presente rocha dura;  
Tendo aqui lastro prompto, fresco, e certo,  
Por mar mais social, rumo mais perto?

Voltando ao Austro, os bosques senhorea  
A illustre provação de Paulicea;  
Aprazivel lugar, cuja campanha  
O Tamandatahy cercando banha.  
Cujos alumnos fortes, e briozos,  
Rios transpondo, montes escabrozos,  
Atropos insultando, e os seus perigos  
Sem rotina segura, sem abrigos,  
De pantheras e serpes assaltados,  
E do indigena bruto; em fim cançados

Darão com as terras pingues e abundantes  
Das veias d' oiro ricas, e diamantes.  
Aquelles que forrando o peito duro  
De triplicado bronze, o mar escuro  
De Helle na aventureira faia arando  
Voltão de Colcos ledos, transportando  
D' oiro a lan; não disputem as conquistas,  
Que hão de tentar os inclitos Paulistas.

Contigua a esta terra a terra péga  
Do metal que a fortuna a muitos nega.  
Tudo quanto de Ophir se tem fallado,  
E de riquezas d' oiro exagerado;  
Em grão aqui se encontra tão sobejo,  
Que pode terminar qualquer dezejo.  
Nunca tamanhas, tão exuberantes  
Copias de metais finos e diamantes  
Em cofres eclipsarão chapeados  
Da riqueza os heroes: nem celebrados  
Senhores forão ja de tanto preço,  
Atalo em Pergamo, e na Lydia Cresso.  
E se nada exagero, ou dissimulo,  
Em vão se aggrave contra mim Luculo.

Descendo á costa hum pouco ao meio dia  
A Ilha Linda se-verá que hum dia  
Nomeada será florente, e culta  
Da Illustre Martyr que o Sinai sepulta.  
Por quem a antiga Grecia se esquecera  
De Chipre, Chio, Samos, e Cithéra.

Em fim nas margens de hum soberbo rio,  
Quazi termino austral do Senhorio  
Luzo; em gentis e deleitosos prados  
Dos dons da flava Ceres lourejados;  
Ficará Portalegre, cujo nome  
Natura deo-lhe, que ninguem lho tome.  
E tu, inclita Villa da Victoria,  
Que ja em teu nome ostentas tua gloria;  
Não penses que de ti se esquece a muza,  
Que o merito exaltar jamais recuza.  
Tu ergueste soberba os teus pavêzes  
Contra o Belga, e o Tamoia muitas vezes.  
Tu abundas de aromas, e rezinas,  
E, o que he louvor, de mentes peregrinas.  
Mas se alguém contraditta quanto allego  
Venhão vingar-te as muzas do Mondego.

A bella estatua, que com bello arranjo  
Sobre aureos serafins (prosegue o Archanjo)  
He levada entre a turma, que abrazada  
De amor, laudes lhe-rende em voz alçada;  
Já mostra, que será da vencedóra  
Do Erébo a cidade grão cultôra.  
E he por esta razão, e he neste intento,  
Que mereceu aqui distincto assento.  
Ella fará subir á clara esfera  
Em seu nome trofeos, onde a arte impera.  
Soaráo pelos Lares, e nas ruas  
Hymnos mil, e canções em glorias suas.

Não vedes acolá como apartada  
Colina, ora de silvas errigada,  
Ninho de serpes, placida guarida  
De feras? Será então no cume erguida  
Caza á Virgem, mediocre na altura,  
Mas no risco primor de architectura.  
Que ostentará por timbre de memoria,  
O titulo pompozo desta Gloria.  
Troféo, que inda será, da piedade  
Do trato mercantil desta cidade.  
Celebraráõ a volta deste dia  
Nella os povos com fogos de alegria.  
Por marmoreas escadas a subida  
Conduz ao alto, e ao portico da ermida.  
Sobre lagedos de granito em quadro  
Descança a baze, que ali tem hum adro.  
Dos lados peitoris; descanso, e meio  
Dos olhos pastearém seu recreio.  
Situação risonha, sobranceira  
Ao mar, entre a vaidosa cordilheira  
De rochas e de serras mil erguidas,  
De palmas e arvoredos abastecidas.

Oh! que novo fulgor! Oh! que serena  
Luz innunda, e abrilhanta a rica scena!  
De piedade inuzitado exemplo  
Eu vejo, eu vejo neste augusto Templo.  
Este dia, Brazil, com typos d'oiro  
Transmittão teus annaes athé o vindoiro.

Marcha a pompa dos nobres, e senhores,  
Brilha o oiro, e o ostro, e os seus primores.  
Entre todos levanta o Magestoso  
Collo o Principe, qual ergue frondoço  
Plátano a verdejante copa ingente  
Sobre a vergontea debil. Eis que contente  
Vem ao Templo Offertar com fé, que espanta,  
A' nova Imperatriz dos Ceos a Planta  
Bragantina. Dicando agradecido  
A'quella, por quem tinha recebido.  
Arde a Panchaia, sobe o odor aos ares  
Descança a Linda Offerta nos altares.  
Entre as grimpas da torre ao Ceo erguidas  
Festeão bronzeas bocas retangidas.  
A varia cor purpurea das bandeiras  
Nutre os olhos, dá vistas mil fagueiras.  
Ribomba pelo espaço do oceano  
Em crebras explozões rouco Vulcano.  
Sobem votos de amor ao Ceo propicio,  
Porque ria de cima ao Natalicio.  
Clama o povo, e no longe os arredores  
Vão repetindo os eccos dos clamores.  
Em fim tudo he festivo e prazenteiro  
Nas venturozas ribas do Janeiro.  
Aqui nautas virão cumprir o voto,  
Trazendo em hombros o velacho roto :  
Co' a roupa mal enxuta, inda assustados  
Dos euros e escarceos encapellados.

Virão também Romipetas , trazidos  
Da devoção , de offertas opprimidos  
Assim que por tal fé , tão extremada ,  
Bem podéra esta praça ser chamada  
A Cidade da Virgem : bem como ella  
He Cidade de Deos rizonha , e bella.

E tu , fausto lugar , que inda algum dia  
Nobre assento serás da Monarquia ;  
Tu que ja foras inclito , e florente  
Nas artes , na riqueza , e illustre gente ;  
Escuta agora os dons esclarecidos ,  
Que á ti do Ceo estão apercebidos.  
Verás soberbas filhas do Oceano ,  
Prenhes de rico pezo , que cada anno  
Feudos te pagarão das ricas téas  
Das plagas orientaes , das Europêas.  
Verás do Reino fizico aclarados  
Seus segredos , telli não revelados ,  
Madeiros de fabrico primorozos ,  
Casca de tintas , oleos preciozos ,  
Tantas rezinas , massas e perfumes  
Que ora desprezão barbaros costumes.  
E outras mil raridades descobertas ,  
Reduzidas á classe , e a regras certas.  
Thezoiros a meu ver , mais importantes ,  
Do que teu oiro , do que teus diamantes.

Verás brilhar as artes , florecendo  
Novos inventos : maquinas nascendo :

O premio honrando do talento o zelo,  
E este o premio a honrar com merecelo.  
Respeitado o cinzel dos Praxitelles,  
Com letras de nobreza a arte de Apelles.  
Verás das Santas Leis ao doce abrigo  
Da donzella o thezouro sem perigo.  
A orfãa lacrimoza consolada,  
A viuva de insultos resguardada.  
Do avido tutor o desvalido,  
Innocente pupillo protegido.  
Verás, verás então com grande lustre,  
Renascer do teu seio prole illustre;  
Nova raça de heroes, bravos guerreiros  
Dos heroes da Nação filhos, e herdeiros.  
Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,  
Que farão renascer as Luzas famas,  
Que farão respeitar a patria cara,  
Tornando-a por seus feitos grande, e clara.  
Levando, a ser precizo, o fogo e a guerra  
A' ilha mais longiqua, aos fins da terra.  
Verás do Santo culto a Lei Sagrada  
No ultimo esplendor depositada.  
Ao Ceo subir sagrado, puro incenso,  
Por mãos mais puras, dado ao Deus immenso.  
O Santo Sacerdocio irreprehensivel,  
O Templo venerando, o altar terrivel.  
Que todos estes bens em fim se esperão,  
Quando as virtudes n' hum lugar imperão.

Verás. . . mas ah ! não quer o Ceo que a humanos  
Eu revele inda mais os seus arcanos.  
Porém se tudo, que na claridade  
Divina eu posso ver, he só verdade;  
Se os destinos e seculos futuros  
Não me podem faltar, por longe, e escuros;  
Tu, cidade (darei por derradeiro)  
Tu has de ser o Rio de Janeiro. —

Assim os dois se estavam recreando  
Com o Nuncio do Ceo sereno; quando  
A Virgem Mãi desperta, e a equipagem  
Dos Anjos se dispõem para a viagem.  
Mas o Vate de Thesbe impaciente  
Mostrou inda huma vez o estro ardente :  
Em fogo o peito, e os olhos; meneando  
A cabeça trez vezes; como quando  
Vaticinava a impia Samaria,  
A' pompa, que se vai, assim dizia. —  
Abri-vos, O' Sion; portas eternas,  
Salas das alegrias sempiternas,  
Abri-vos: dai lugar, rompa-se a entrada  
A' Princeza, por vós tão suspirada.  
He tempo, he tempo ja, que o Ceo vingado  
Seja na sua herança: e espoliado  
O mundo no seu roubo: oh pompa! oh filha!  
Do empenho Angelical! Ah não, não brilha  
O apparato assim dos vencedores,  
Que a frente orlando o loiro, entrão senhores

Nas capitaes : sem se lembrar entrados,  
Que os loiros molhão olhos lacrimados.

E tu, Filha do Eterno, obra primeira  
Do Archetypo exemplar; tu estrangeira  
Sempre na terra, fuge do desterro :  
Foge o mundo, de tigres gruta, e serro :  
Apressa-te em fugir, desaparece ;  
Não he digno de ti, não te merece.  
Não beberás jamais succos amargos,  
Que elle te fez beber a sorvos largos.  
Conheça esse malvado, esse perverso  
Quem és no Ceo, na terra, no Universo.  
Sóbe com pompa, ó radiante aurora,  
Ergue a cabeça, mostra-te Senhora.  
Orna-te dos listões d' oiro fulgentes  
De mil virtudes, de mil dons ingentes.  
Sacode o negro pó do abatimento,  
Quebra os grilhões do antigo soffrimento ;  
Enxuga as rubras faces, véda o pranto,  
Amanheça em teu rosto prazer santo,  
Torne outra vez a calma, torne o rizo  
A teus labios, paineis do Paraizo.  
Eis o dia feliz, ó mulher forte,  
Dos mimos receberes do Consorte.  
Hoje entregou-te do segredo a chave  
De suas Graças, teu poder suave.

Como hum astro novel, teu nome agora  
Vai brilhar desde o occazo até a aurora.

Não vergue o pólo em tão remoto canto,  
Que ouze desconhecer teu Culto Santo.  
O morador do Syrio, o do Carneiro,  
Os que vêm ou por ultimo, ou primeiro  
Nascer o Sol do mar, nelle immergir-se;  
E aquelles, que se folgão de tingir-se  
Nas ondas do Phizon, que enchendo banha  
Da Thebas de cem portas a campanha;  
Os da Scythia, e tambem da Libia quente,  
E os que habitão as filhas do Tridente;  
Todos celebrarão tua memoria,  
Teus combates, teu nome, tua gloria.  
Vos mesmos, vos talvez desconhecidos  
Do Soldado feroz; cujos ouvidos  
Inermes inda não forão troados  
De aguias bifrontes, de carretões falcados;  
Vos cobrireis, o' povos, suas aras  
De ricos dons, de victimas preclaras.  
Em fim Princeza, em quanto vão passando  
As raças; florecendo, ou ja murchando;  
Em quanto o grão farol, luz do Universo,  
No Oeste esquife achar, no Leste berço;  
Em quanto os rios para o mar correrem,  
O tributo a pagar-lhe; em quanto houverem  
No Ceo estrellas, na campina flores;  
Vivirão sobre a terra teus louvores.

Mostra-te pois ao Ceo, ao Orbe inteiro,  
Que és a Esposa de hum Deus, Mãe do Cordeiro.

O' bemaventurança : ó gloria! ó Sorte!  
Eu vejo o Ceo revoltado : eu vejo a Côrte  
Dos Anjos toda em gala : eu vejo a Trina  
Magestade suprema, que se-inclina,  
Para te dar o premio : ah premio incrível!  
Premio da mão de hum Deus, fiel, sensivel.  
Entretanto serena vai passando  
Os assentos do Empyreo ; atraz deixando  
Os Córos purpurados dos valentes  
Martyres ; e das Virgens innocentes.  
Deixa as Cadeiras dos Leaes Monarcas :  
Deixa os Apostolos, deixa os Patriarcas.  
Passa os profetas, passa as Jerarquias,  
Distinctas pelas nove Companhias :  
Elevando no teo pompozo carro  
Do lacrimozo Adão o feliz barro ;  
No mais alto lugar do firmamento,  
Vizinho quazi a Deus, da-lhe o assento.

---

## CANTO VII

---

### ARGUMENTO

Torna o Inferno a urdir novo dolo para desviar o Santo Triunfo. Descobre-se o artificio, trava-se horrivel combate entre os Anjos e os ministros infernaes. Forão estes precipitados em varias partes do globo. Falla da Santa Virgem. Reflexões dos Anjos sobre os effeitos da Soberba.

Outras palavras taes o grão Vidente,  
Ferteis de predições em estro ardente,  
Vociferava; e os écos repetião,  
Que ja pela distancia mal se ouvião,  
Trilhava a turba angelical a estrada  
Do mais longinquo Ceo; a suspirada  
Méta quazi a tocar, e eis no profundo  
Outra vez brame, e espuma o Drago immundo.  
Descontente do antigo dolo ordido,  
Que tão mal lhe sortio, e ja esquecido  
Da pena atroz, dos horridos tormentos,  
Que soffrera, inda vem com vãos inventos  
Tramar novos embustes, atro engano  
A' pompa Virginal; tenta o tirano

Na capa da virtude, nova farça,  
Se accazo he mais feliz : nella disfarça  
Seus ministros de trevas, e escolhia  
Sua amiga fiel, a Hypocrizia.  
Era todo seu plano, e negro intento,  
Desviar o Celeste ajuntamento  
Para plagas occultas, e remotas,  
Ao Ceo impervias, e da terra ignotas.  
Pois não podia (com pezar interno)  
Arrastalos ja mais para o Inferno.

Ha no rabido Cáos, na mais interna  
Escuridão do abismo, huma Caverna  
Vastissima; lugar espavorido,  
Sempre da clara luz aborrecido.  
Ar exala de si tão pestilento,  
Que hum vivo mataria n' hum momento.  
Ali aves lucifugas revoão,  
Que de guinchos agudos tudo atroão.  
Ali passeia de contino hum vulto,  
Cujo semblante as trevas tem occulto,  
Mascilento, mui longo, deslocado,  
Não se sabe se he a morte, ou se o peccado;  
De sombras vans seguido, e de figuras  
De feio ver, de horrendas cataduras :  
Que apenas por hum falso, e mago lume,  
Que mal fere das trevas o negrume,  
Se deixão ver; como o lugar, tristonhas,  
Sempre a contrafazer fôrmas medonhas.

Neste retiro habita o Egoismo,  
Monstro o mais execravel, que ha no abismo,  
Em alvergue mais commodo, e aceado,  
Fertil de provizões, de luz banhado.  
He grosso, pouco vê, não tem ouvidos  
Por não ver prantos, nem ouvir gemidos.  
O ventre volumozo, os braços curtos,  
Mas longos, e subtis para seus furtos.  
Menos enorme pinta o Mantuano  
O sordido barqueiro do Sumano.  
A seu lado se via o seu recreio,  
Moxo nojento de penugem feio.  
Só para este animal he accessivel,  
A pluma a lhe affagar meigo, e risivel.  
Em tudo mais o monstro inexoravel  
He carrancudo. Sempre insaciavel  
Só cuida enriquecer; e em tal cuidado  
Tem quazi todo Averno expoliado.  
Reter o alheio em paz he seu socego,  
He todo seu prazer, seu doce emprego.  
Não ha neste ferrenho negro peito  
Briozas sensações de honra, ou direito.  
Ja mais ouviu a voz da humanidade,  
Nem sabe, o que he prestar, nem amizade.  
Em seu conceito patria, brio, gloria  
He quimera: ou das fadas van historia,  
Que as aias contão aos pequenos, quando  
Estão indoceis, e sem dor chorando.

Como quer que em regalos e tranquillo  
Passe a vida, abastado em seu azilo,  
E nem turbem-lhe o somno, e nem a porta :  
Que esteja , ou caia o Inferno ; pouco importa.  
Duas ordens de sombras volteando  
Em torno estão do monstro sempre. Hum bando,  
Que he por certo o mais triste , e mais avulta ,  
Que a rapina lhe exprobra , e audaz o insulta ,  
He desses malfadados desvalidos ,  
Cujos bens uzurpara ; e que retidos  
Os pedem , mas em vão ; pois quem reúne  
Grão somma de dinheiro , he sempre impune.  
Dos Clientes he o outro, que ali ferve ;  
A que o bruto promette , e nunca serve :  
Que se nutrem de esperas largos annos ,  
Nunca avizados pelos desenganos  
E no longo esperar , e na tardança  
Perdem o tempo, mas nunca a esperança.  
De contino a mão traz delgada cana ,  
Com que afugenta a debil chusma insana  
Das sombras importunas , que o rodeião ,  
E seus insultos avidos lhe afeião.  
Taes , assim que as Estróphades chegavão ,  
Do Teucro os companheiros afastavão  
C' os ferros nus as sordidas Arpias ,  
Que vierão manchar-lhe as iguarias.  
Não sei porque segredo do destino ,  
O antro deste aborto tão maligno

As farças de Cocyto esconde e encerra  
Com que a gente do mundo o Orco aterra.  
Talvez seja este o prestimo no abismo  
Unico, que exercita o Egoismo.  
Ou talvez porque assim se céva, e nutre  
A rapina e avareza deste abutre.  
Nesta caverna entrava a Hypocrizia  
Para a trama ultimar, que astuta urdia.

Aqui pois mil vestidos ha medonhos,  
Que trajão os do Averno, quando em sonhos  
Se mostram aos viventes; ou se inventão  
A sacrilega magia; ou quando tentão  
Turbar com falsa luz, panicos sustos,  
No fervor da Oração os homens justos.  
Pendentes ali estão discos, e céstos,  
Malhas, elmos, belligeros aprestos,  
Para quando algum monstro toma o inteiro  
Fantasma de hum athleta, ou de hum guerreiro.  
Qual vestido, que imita o vulto ingente,  
Que o velho Antheo tivera; e juntamente,  
O teu, monstro, que a Alcides ja roubaras  
Os animaes, que em Memphis tinham aras.  
Qual pinta as tres irmãas, que se dizião  
Gorgonas, e de hum olho se servião.  
Qual o Jano bifronte, qual a Esfinge,  
Qual Protheo, que mil fórmas larga ou finge,  
E as Celenos de grifos espantozas  
Aos festins tão nojentas : quaes musgozas

Do mar equoreas fórmas, até o meio  
Mulher, e o mais de escamas peixe feio,  
Como são Acheloidas Sereas,  
Que as salsas ondas cortão Eritreas.

Dentro deste covil hum outro havia  
Sem melhorar em uzo; ali se via  
Rico deposito de preciosos  
Ornatos, no lavor mui primorosos.  
Varias larvas, e varias joias ricas  
De mulheres formozas, e impudicas,  
Que vestem os do Tartaro; se a empreza  
He teus lyrios murchar, santa pureza.  
Ou quando com taes vestes e matizes  
Affectão ser Celicolas felizes.

Quanto Azia tem de efeminado luxo,  
Que ao molle Sibarita forte influxo  
Ja cauzara, e tambem em nossa idade  
Irrita, e encanta a mulheril vaidade;  
Quanto inventa das artes a destreza,  
Ou por ornar a natural belleza,  
Ou ja por garantila dos defeitos,  
A que o crime de hum pai nos fez sujeitos,  
Tudo ali se apromptava, e se trazia  
Para o enredo fatal da Hypocrizia.  
Ricas arcas despejão-se pejudas  
De aneis, brincos, pulceiras, arrecadas,  
Enfiaduras de aljofar, chamejantes  
Gargantilhas de perlas, ou diamantes.

Aqui pois os ignicolos tomavão  
As farças, que a seu geito mais quadravão.  
Ja aos cerastes crueis, e outras serpentes,  
Que em tranças se lhes nastrão pelas frentes,  
Vão succedendo circulos de rozas,  
Ou grinaldas de pedras preciosas.  
Huns os cintos apertão com doirados  
Fraldões de rica tella, outros malvados  
Abroxão refulgentes braceletes.  
Estes no peito provão os coletes,  
Em cujo campo as flores, que esmaltavão  
Ricos fios de aljofar enlaçavão.  
Huns dourados cothurnos vão calçando  
De rica filagrana; outros atando  
Estão ao colo fulgido adereço,  
Onde a arte a materia vence em preço.  
Aquelle pulveriza a crespa coma  
De popolina d' oiro : est' outro toma  
Nos hombros rubro manto de veludo,  
Brincando perolas, e oiro em tudo.  
Alguns se impunhão tôcas elegantes  
Da transparente garça, mui brilhantes  
Pela rica espeguilha d' oiro fino,  
Que ali traçara risco peregrino.  
Nem falta em cima a pluma tremulante,  
Ultimo gosto, moda dominante.  
Não deitarão no rosto a côr mimoza  
Que imita a côr da pudibunda roza :

Nem outros enfeitinhos, ou levezas,  
Que tanto prezão fernenis bellezas,  
Por temerem que taes desenvolturas  
Trahissem seus enredos. Nas larguras  
Das espaduas adumbrão aureas pennas,  
Que o vasto azul do Ceo varrem serenas.  
Qual avido colono, que da herdade  
Vem tratar seus litigios á cidade,  
E os passos para o artista dirigindo,  
O traje idoneo a Corte está vestindo :  
Ora prova este ornato, ora exprimenta  
Se tal, ou tal vestido bem lhe assenta ;  
Assim a negra Esthyge florecia  
Nas cavernas da infame rouparia.

Ja muitos vão tomando das delgadas  
Hasteas d' oiro, no extremo sublimadas  
As memorias da Virgem, arranjando  
Ala dupla vistoza : concertando  
Com passo grave a marcha, e desta sorte  
Vai encontrar-se a infernal cohorte.  
Vinhão primeiro os mais ennobrecidos,  
Das gerarquias posthumas seguidos.  
Os que gozarão mór celebridade  
Nas aras vans da van gentilidade.  
Os deozes, que em Sidonia, Tyro, e Egipto  
Templos houverão ja, cultos, e rito.  
O que por Deoza Cypria recebera  
Incenso em Gnido, Paphos, e Cithera.

Onde, o culto insultando a Divindade,  
Erão as oblações impuridade.  
Aquelle, que com titulo de Astarte  
Aras teve na Syria : grande parte  
Dos idolos de Amon, dos Moabitas,  
Fataes tropeços dos Israelitas.  
Não deixou tambem vir, e com justiça,  
O monstro que inspirara a Pythonnissa.  
Os que gesticularão fórmãs feias  
Nas Sybilas de Cumas, e Eritreas.  
E os que de sanha encherão as Bacchantes,  
O Druida Gaulez, os Coribantes  
Que com tições accezos, e atra orgia,  
Os povos inquietavão noite, e dia :  
E toda a Ilha Gnossia, e a selva Idea  
Deste rito immoral festa tão fêa ;  
Tambem vieste ali rico, e affeitado,  
Cruel Moloch, que la no detestado  
Valle de Henon co' as bronzeas mãos ardentes  
Reduzias a cinza inda viventes  
Victimas tenras, cujo enternecido  
Lamento do estridor não era ouvido.  
Em fim mil outros, vinhão disfarçados,  
Em cargos e nobreza abalizados :  
Que como era de empenho a tal empreza  
Erro fora não vir toda a grandeza.

Ao som acompassado dos accordes  
Mil instrumentos muzicos, concordes

Vão entoando em proza solta ou verso  
Encomios a Princeza do Universo.

« Quanto ostentou da Lei a prisca idade  
(Hum monstro ja cantava) « em Santidade

« No sexo feminino, Sara, e Anna,

« Judith, e Esther, Abigail, Suzana,

« Forão preconios ja de ti, Senhora,

« Saudozas madrugadas dessa aurora.

« Tu foste o Lenho, guardador do humano,

« Quando esfaimada a boca do Oceano

« Toda terra engolio, sanha divina,

« Que atrahio a peçonha serpentina.

« Tu foste o monte santo assinalado,

« Monte pingue de hum Deus, monte coalhado,

« No qual, bem como em thalamo florido

« Mezes nove eclipsou-se submergido.

« Tu foste essa vergontea generosa,

« Que a flor abrolha de Jesse mimoza.

« Mas porque fatigar meu peito rudo?

« Tu foste a Mãi de hum Deus! Tu foste tudo. »

« Salve, Germe feliz (outro doloço  
Acrescenta) « por vir de hum venenozo

« Tronco velho fatal, em que a riqueza

« Da Graça prevenio a natureza.

« Pomba nivea sem mancha, que a virente

« Oliva da paz trouce a mortal gente

« No diluvio do crime, que primeiro

« Que o das agoas crestara o globo inteiro.

« Salve, Lirio rizonho entre os espinhos,  
« Sempreigual, sempre santa em teus caminhos;  
« Oiro sem liga, vara sem tortura,  
« Lua sem fazes, nova Creatura,  
« Canal da Salvação, porta da vida  
« Da triste humana raça ja perdida. »  
« Salve, gemma do Empyreo (outro insolente  
Continuava) « dom do Omnipotente,  
« Maravilha fatal, que inda adumbrada  
« Era ao Céos ja terrível o teu nada.  
« Esmagando a cabeça da Serpente  
« Escabroza teu pé não existente.  
« Nunca a morte de hum Deus fora baldada,  
« Sendo só tu da nodoa prezervada. »

Bem contra seu querer isto dizião,  
Porem melhor desta arte se encobrião.

Assim obsequios placidos e amigos  
Recolhe dos seus feros inimigos,  
E das sulfureas fauces da mentira  
Triunfante verdade a Virgem tira.  
Fingia ser o hypocrita cortejo  
La do Empyreo estellifero, ao festejo  
Dizendo vir por ordem veneranda  
Daquelle alto Poder, que ao Orco manda.  
Não derão logo os Celites na teia,  
Que quem o mal não faz, não o receia.  
Antes reciprocavão á porfia,  
Hymnos de gloria, cantos de alegria.

E com os novos côros exultavão,  
Pois alheios do ardil jamais cuidavão  
Que o inimigo fatal da Santidade  
Huma vez a trajasse por maldade.  
Virão com tudo, que nenhum trazia  
O Thau da Redempção, nem proferia  
Aquelle nome Augusto, a cuja alteza  
Curva o joelho, e acata a redondeza.  
Isto fez novidade, e fez reparo  
No claro habitador do Olimpo claro.

Em tal desconfiança finalmente  
O sagaz Gabriel vio claramente  
Que emergião das furias mascaradas  
De quando em quando bagas abrazadas.  
« Alerta, bradou logo, alerta, amigos,  
« Contra os traidores, contra os inimigos.  
« Ah! coragem e esforço, que atacados  
« Somos de mil Tartareos condenados.  
« Não são lumes do Empyreo, não descerão  
« Dos Outeiros eternos, nem vierão  
« Gozar com nosco de prazer tão puro.  
« São Vampiros do Estix, he o flami-escuro  
« Cáos que torna com louco atrevimento  
« A vir paralizar dos Ceos o intento;  
« He piedosa actriz, a Hypocrizia  
« Que na capa se embuça meiga e pia  
« Por melhor pôr em praxe, e exercicio  
« Da tartarea vingança o artificio. »

Não acabava, quando de improvizo  
Muda-se a farça, desaparece o rizo :  
Não faz mais hum misterio o negro enxame  
De seu ardil, de seu projecto infame.  
Taes como são se mostram : brazeados,  
E em turbilhões de fumo ennovellados.  
Sem ninguem pressentir, em hum momento  
Transmuta-se o falsifico ornamento  
Em lanças, capacetes, ferreas massas,  
Espadas, arcos, frechas, e coirças.  
Tal nos nossos theatros de repente  
Erguida a aulêa, a scena he differente.

« Até quando, ó dragões, a sorte accerba  
(O Arcanjo lhes bradou) » da van soberba  
« Vos impedirá ver com razão pura  
« O gráo em que jazeis da desventura !  
« Que lucros tirar pôde, que partido  
« Contra seu Deus, o ente enfraquecido !  
« Que tentar ouza o nada realizado  
« Contra o pulso de hum braço illimitado ?  
« Desde o instante fatal, em que perjuros  
« Vos vistes, e proscriptos dos Ceos puros,  
« Descaidos da graça, e da belleza  
« Natal, ja conseguistes huma empreza ?  
« Accazo a contumacia extravagante,  
« Que vos caracteriza, hum só instante  
« Vos salvou do naufragio miserando,  
« Que de contino estaes experimentando ?

« Ou em fim fazeis flor, fazeis jactancia

« De vosso opprobrio, e dor, vossa ignorancia ?

« Oh cegueira fatal ! Oh sorte dura !

« Fazer das trevas luz, do mal ventura. »

« Refrea a lingua audaz, ó raça ignava

« Do atroz Empireo (hum monstro lhe tornava

Por nome Bel, que teve antigamente

Incenso, e altar na Babilonia gente)

« Calai-vos, que vós fostes só creados

« Para arrastar grilhões. Ah malfadados !

« Nós outros somos livres, nosso peito

« He indocil ao jugo, temos feito

« Igreja e Reino a parte, não queremos

« Que estranho leis nos dê, nem entendemos.

« Somos Reis, e Senhores, temos culto

« Sem soffrer, como vós, eterno insulto. »

« Oh Igreja... (o Celeste respondia

Com sardonico rizo) « oh Monarquia...

« Oh Liberdade... Sim tendes altares

« Não soffreis damno algum, nenhuns pezares.

« Nós vemos, oh ! Nós vemos, quando accezos

« Nadais sobre hum sulfureo estagno ; prezos

« Sem recurso, e opprimidos pelo austero

« Braço de hum Deus, que he vingador severo.

« Ouvi, trevas do abismo, e sua escoria,

« He a nossa humildade nossa gloria ;

« Nós tributamos doce rendimento

« A'quelle, a quem se humilha o Firmamento.

« Se o amor lhe prestamos, se o cortejo,  
« Não nos resta a dever hum só dezejo.  
« E servir a quem honra em tanto extremo  
« O servo não he servo, he Rei supremo.  
« Mas istó vos sabieis, ó infames,  
« Ao principio erão estes os dictames  
« Vossos; e se o negaes, fazeis se veja  
« Quanto em vós o rancor, ou póde a inveja. »

Não acabava, e ja pavor he tudo :  
Se hum mortal visse, gelaria mudo.  
Negreja o vasto Ceo, tremidos riscos  
Tração na esfera rubidos coriscos :  
Crebros rebombos dos fuzis atroão,  
E os éccos reiterados dezentão,  
Nunca trovões tão feros remugirão  
Do polo, quando as aguas submergirão  
A terra no seu seio, os altos montes,  
Os palacios dos Reis, e as claras fontes.  
Nem quando os salsos monstros, e os peixinhos  
Virão das aves naufragas os ninhos.  
Rugia hum borborinho ao longe vago  
Dos Euros, que luctavão com estrago;  
E querer parecião do eixo eterno  
Sacar a terra, o mar, o mesmo inferno.  
A tamanho tumulto, a tal bravura  
Descóra o Cáos, errica-se a natura.

Voão serpes de fogo, espectros feios  
No ar exercem bellicos torneios.

Não de outra sorte la na idade antiga  
Os Asmoneos sentirão crua briga  
No ar tinir de escudos, e de malhas  
Féros encontros, fervidas batalhas.  
Em fim investem-se de parte a parte  
Com estranho rancor, não visto Marte  
Bate o ferro no ferro sem tardança,  
No broquel o broquel, na lança a lança,  
Na malha a malha com fatal ruido  
Medonho, estrepitozo, nunca ouvido.  
E o choque era tão rude, e furibundo,  
Que julgarieis deslocar-se o mundo.  
Nunca o tufão do Oeste pregoeiro  
Da turbida procella, tal nevoeiro  
De ramos, e de folhas arrebatada  
Com ellas a juncar o ar, e a mata;  
Como os golpes, que os Anjos descarregão  
Sobre as furias, que em mal já mais socegão.

No meio deste horror, que o execrando  
Orco palido excita, hum Drago infando,  
Que la no abismo ignipotente impera;  
Lusbel por nome, nome que troucera  
Antes de ser das nuvens fulminado,  
Sahindo a campo, eisque exbraveja ouzado:  
E com vóz de trovão, que a esfera espanta,  
Taes blasfemias vomita da garganta; —  
« Se dessa turba laxa, vil, malquista,  
« Por onde com horror extendo a vista,

« Ouza alguém arrostar-me , e não recea  
« Comigo se medir , venha thé a area :  
« Venha , que o espero : e ja de agora juro ,  
« Que a coragem decida do futuro.  
« Mas que digo ? Ouza alguém fazer-me frente ?  
« A mim ? Conquistador Omnipotente ?  
« A mim ? Que cultos tenho , tenho altares  
« Fumando o incenso ? A mim ? a quem milhares  
« Se prostão lá no Estix , que nada temo ,  
« Quesou Nume do Cáos , hum Deus supremo ?

Os incolas do Ceo com taes sarchasmos  
Estremecerão , e ficarão pasmos  
Quando ouvirão hum Deus fora daquelle ,  
Do orbe Author , e quanto existe nelle.  
Tal no valle se lê do Therebinto  
Que hum Philistheo membrudo , armado o cinto  
De bronzeas malhas contra o Ceo bradava :  
Mas a furia brutal , que blasfemava  
Do Jeovah , acabou no debil braço  
De hum inerme pastor sem peito d' aço.

Recuzarão os Anjos o duello  
Por faltar igualdade. Mas o zello ,  
Que a Michael inflama , não podendo  
Mais moderar-se , que lhe está fervendo  
Fello pular , e o colo da altiveza  
Espezinha sanhudo. Tal presteza  
Mostra açor se de hum vóo em terra tomba  
E entre as garras empolga a incauta pomba.

O monstro suffocado , inutilmente  
Revolve o resto do volume ingente.  
Tal a cobra no colo se he calcada ,  
A cauda enrola , e desenrola irada.  
Rabido arqueja , tumido assobia ,  
E em vão contra o Celeste o dente afia.

Não podendo escapar , com mil atrozes  
Ardiz passa a inventar metamorphozes.  
Agora em fogo , agora em agoa fria ,  
Agora em lodo vil se convertia.  
Humas vezes o corpo dividindo  
Em particulas mil , está fingindo  
O mineral voluvel prateado ,  
No solo derretido , ou boleado.  
Outras em pó , fumaças , e granizo  
Volvia-se o maldito d'improvizo ;  
Mas o Celeste Campião com pezo  
Debaixo de seus pés sustinha-o prezo.

« Insolente , lhe diz , porque te alçaste  
« Contra o Senhor , e resistir-lhe ousaste ?  
« Vazo de orgulho , se do Artista houveste  
« Tudo o que tens , e delle recebeste  
« O ser , porque intumeces atrevido ,  
« Como se nada houveras recebido ?  
« Quem como Deus , que sopra , e n' hum momento  
« Se apaga o Sol , se enluta o firmamento ,  
« E volta o antigo Cãos ? Quem como Deus ?  
« Que espreita o Orco , que previne os teus

« Embustes , e projectos sempre impuros ,  
« Seção presentes , seção só futuros ?  
« Quem como Deus ? que aos olhos escondido ,  
« Não visto em tudo , em tudo he conhecido ? »

Em quanto assim dizia , o monstro irado  
He de golpes horriveis tão malhado ,  
Como em ferros malharão sujos Brontes  
Outrora em Lipari , atroando os montes.  
Neste extremo fatal o Rei das furias  
Só blasfemias soltava , e só injurias.

Assanhou-se o tumulto , redobrados  
Feros golpes tinirão : os malvados  
Forão dos Celites tão perseguidos  
Que em lugar de bater forão batidos.  
Excita o odio a raiva , não descança  
De fileira em fileira a atroz vingança.  
Vião-se os Anjos com os brazeados  
Moradores do fogo misturados.  
Anjos , Demonios , tudo juntamente  
Em tumulto , em montão , em sanha ardente.  
Alguns se alevantavão mais terriveis  
Da derrota mortal : quaes invenciveis  
Antheus membrudos , que cahindo em terra ,  
Fazem a Alcides mais cruenta guerra.  
Outros perdendo no conflictio braços ,  
Cabeças , pernas , mãos , a poucos passos  
Cobram tudo outra vez : e endurecidos  
Parecem ser de novo renascidos.

Assim dos dentes do dragão já morto  
Vio Cadmo renascer, oh raro aborto!  
Dura cohorte de noveis soldados,  
Ferozes, aguerridos, e já armados.  
Baquea sobre os montes da soberba  
Trisulca chamma com saraiva acerba.  
E em tanta quantidade baqueava,  
Que da saraiva o numero igualava.  
Muitos tinham a cara chamuscada  
Do fogo dos fuzis; carapinhada  
Da mesma chamma a coma: vera copia  
Dos indigenas brutos da Ethiopia.  
Na confusão hum monstro la nos ares  
Estoirou; eu não sei por que dezares;  
Só sei que foi esta explozão tão fera  
Que o mundo estremeceu, nutou a esfera.  
Por muito tempo esteve enfumaçado  
O ar, como de enxofre ali queimado.

Blazonava hum maldito de impudente  
Ter ao Orco arrastado copia ingente  
De almas por sugestões, quando tremendo  
Raio arrojou-lhe hum Celite, dizendo:  
« Se a tantos tens no Averno sepultado,  
« Eis o premio, sé la tambem lançado: »  
Dispara, e fere, e o perfido ferido  
Nas voragens do Estyx foi submergido.  
Outro, que veio despicar o amigo,  
Teve igual paga. Mas hum inimigo

Que era hum demo brutal, de talhe enorme,  
De quem o capacete era hum informe  
Tigre de olhos em fogo, e de aguçadas  
Prezas, de dessengrar nunca abastadas :  
Monstro que ao mesmo Cáos cauzava medo  
Achou, onde não sei, grosso rochedo ;  
E depois de improperios insultantes  
Vomitou contra o Ceo, com as mãos possantes  
Ambas nos Anjos deita, mas sem damno ;  
Que em vão contra o Senhor lucta o Sumano.  
Todavia, com doze destes creio  
Que o combate seria inda mais feio.  
Tal na Trinacria o grão pastor gigante  
Monoculos fazia, quando avante  
Do Peloro penedos arrojava  
No Ithaco baixel, que lhe escapava.  
A rocha foi cahir la no gelado  
Mar austral, junto ao cabo de Horn achado  
As Ilhas augmentando cujos cumes  
Sempre algidos de neve arrojão lumes.

Foi quando Gabriel, que se interpreta  
Fortaleza de hum Deus; Divino Athleta,  
Que só pezava hum esquadrão inteiro,  
Desempenhou seu nome. Este guerreiro,  
Por trez vezes o dardo sopezando  
Bradou em ira accezo : « La vos mando,  
« Amigos, acceitai este presente :  
« He do Empyreo, vos vem do Omnipotente. »

Disse, arremessa, e tendo aremessoado,  
Hum milhão de infernaes foi derrotado.  
Se he paradoxo o conto, que da terra  
Hum dos bravos Terrigenas, na guerra  
Contra os deozes, de hum golpe disparava  
Cem frexas por cem maons; a sanha brava  
Do Paranympo aqui contra o Sumano,  
Foi sem fabula ser, d' hum Centimano.

Se a bixa, cujos pés bronze calçava,  
Tyrinthio immola; se da sua aljava  
A setta o monstro traspassou, que espanto  
Derramara no bosque de Erimanto;  
Se a hydra virulenta, que a emboscada  
Houve no lago Lerneu, e esquamea, e armada  
De cem cristas medonhas, serpe incrivel,  
Não afroxou seu arco irresistivel;  
Se Antheu aborto, que abortara a terra,  
Tocando a mãe, tornava-se na guerra  
Contra o heroe mais audaz, e alevantado  
Expirou-lhe entre os braços esmagado;  
Não fez Alcides mais, que este guerreiro,  
Inda que Alcides fora verdadeiro.

Muitos cabos do Empyreu se illustrarão  
Nesta acção com valor: elles contarão,  
Que hum dos collegas seus de encantadora  
Face, ditto dos mais o Anjo da aurora,  
Com flamigera espada tanto estrago  
Cauzou nas hostes, que no Aonio lago

Vates, que bebem do licor ardente,  
Deverão celebrallo eternamente.  
Pode bem ser que fosse, o que o Juizo  
Do Eterno poz de guarda ao Paraizo :  
Des que nelle o sacrilego attentado  
Fez o credulo Par recém-creado.

De huma virgem porém escudo, e guia,  
Que pelo Ceo viadora inda gemia  
Hum outro; que entre os seus não tinha fama  
Por estes claros feitos que ella acclama,  
Foi hum raio esta vez; e por taes modos  
Destinguio-se que encheu de assombro a todos.  
Foi o filho de Nave celebrado  
Por talhar Canaan; foi invejado  
O rival de Saul, quando immolava  
Dez mil, e o Rei somente mil cortava.  
Levi tambem o foi, que só co' archeiro,  
De Sichem desolara o povo inteiro.  
Mas nem estes, nem outros por espanto,  
Nem mesmo os Machabeos fizeram tanto,  
Mas o velho voraz, que os filhos come,  
Não nos quiz conservar, oh dor! seu nome.

Tambem da tropa imiga hum monstro entre elles,  
Chamado Leviathan; bem como aquelles,  
Que os mares glaciaes dos polos crião,  
Vendo que os seus aos golpes succumbião  
Dos Anjos; elle só co'a mole ingente  
Julgou-os vingar, julgou inutilmente.

E tu, a quem o Syro culto, e altares  
Consagrou por proezas não vulgares;  
Tu manchaste, Astharoth, tua memoria,  
Pois fugindo da acção, fugiste á gloria.  
Mas foi só nesta vez, que o gelo e o susto  
Domou teu coração feroz e adusto.

Largo espaço indeciza esteve a luta,  
Tanto das furias foi a sanha bruta!  
Mas hum genio feliz tendo a lembrança  
De baixar sobre a terra, e sem tardança  
Trazendo hum resto sacro soberano  
Do trofeo destructor do jugo humano,  
Apresentou, e mal que o apresenta,  
Todo Estyx se debanda, e se affugenta.  
Ja vão deixando o campo, e com rugidos  
Fogem desbaratados, e vencidos.  
Em fim restou a fama da Victoria  
Pelas milicias inclitas da gloria.

Dos ignicolas huns sendo apanhados,  
Ao alto Egypto forão relegados.  
Outros ardendo se precipitarão  
Nos lagos, e nos rios que seccarão.  
Alguns derão no mar com choque horrivel,  
E o damno, que cauzarão, não he crível.  
Pois foi tal o calor, que converterão  
Em cinzas as producções que ali se gerão.  
Qual fervura, que faz o ferro em braza,  
Seguro do tenax na escura caza

Do sordido ferreiro, que o mergulha  
Na agua para esfriar, tal era a bulha  
Dos impios no oceano : e assim fervia  
Tartarea chusma, que no mar cahia.

Do alto em giros vem, e bate hum bruto  
Sobre o Athos, então de coma hirsuto ;  
Que o verdor dessecou, e combustivel  
Tanto o fez, que ardeo seclos, cazo incrível !  
Nunca explozão se vio , nem tal fracasso  
No monte de Parthénope ameaço ,  
Quando lavas de fogo arroja a boca ,  
Que a terra escalda , e torres mil soffoca.  
Ja mais pedras tão grossas dardejara  
De accezo enchofre , quando sepultara  
Enselado em seu seio o Mongibello ,  
Que vio Pachino, e estremeceo de vello.  
Nem tu, Vulcapeo Chimborazo , atéas  
Tão fataes erupções, quando incendeas  
Dos Andes os cabeços empinados ,  
Triste herança dos Incas malfadados !  
Convulsa esteve a massa da montanha  
Longo espaço , tremeo toda a campanha ,  
Tremerão os vizinhos arredores  
E chegarão thé Lemnos os tremores.  
He este o monte celebre , que ouzara  
Propor ao Macedonio mente rara ,  
Para o atalhar em colossal figura  
Maravilha do engenho. Esta escultura

Da dextra pegaria huma Cidade  
De nobres edificios, oh vaidade!  
Da esquerda hum copo enorme, onde estarião  
As aguas, que do monte ali corrião.  
Se accazo assombro foi varar hum grosso  
Pinhe infunado as bazes do Colosso,  
Que a fama inda apregoa em toda parte,  
Hum dos sete trofeos do engenho, e arte;  
Que seria a Cidade, e esta figura?  
Mas isto, ou era brinco, ou foi loucura.

Huma furia porém, da cavalgada  
Que sahio mais que todas maltratada,  
Com horrivel fracasso, e mechanismo  
Cahio junto ao chadrez do escuro abismo.  
E vendo-o neste estado o grão porteiro  
Do Averno, que era amigo, em tom fagueiro,  
Por lhe adoçar a affronta, eis que dizia —  
« O' bravo Beelfegor, ó alegria  
« Dos povos de Moab, e desta Corte,  
« Ah! não arguas, não, a tua sorte;  
« Nem te pene o dezar deste successo,  
« Que feito vil não foi, antes de preço.  
« Que emulação excita esta aventura,  
« No que estima o valor, préza a bravura?  
« Ah! victima não foras do insolente,  
« Se foras no valor menos valente.  
« Como heroe immortal eternizaste  
« De teu Despota o nome: sustentaste

« Teu decoro ; dos teus jamais trahiste ,  
« Não foi logo por laxo, que cahiste ;  
« E ser cahido assim não he victoria ,  
« Que longe de rubor, cauza antes gloria ?  
« Esse infame agressor , esse homicida  
« Ai ! que ultrajou teu nome ; pela vida  
« Minha juro, e meu cargo (isto dizendo ,  
« Enorme chave ergueo de hum pezo horrendo )  
« Juro, e torno a jurar, que sem tardança  
« Meu ferro provará , minha vingança ,  
« E que as lividas manchas , que em ti vejo ,  
« Lavarei no seu sangue, e com sobejo. »

Assim rosnava aos membros extendidos  
Do triste, que roncava sem sentidos.  
Com effeito era digno este malvado  
De lastima, se hum Demo he lastimado :  
Deitava sangue negro a borbotões  
Pela bocca, e narizes : os pulmões  
Mal arquejavão ; tinha deslocado  
Hum braço ; o enorme corpo amortizado ;  
Em fracturas o dorso , e no fendido  
Craneo se via o cerebro aluido.  
Qual no curro espaçoso , e rodeado  
De espectadores mil, o toiro irado ,  
Depois de crebros golpes , e feridas ,  
E de farpas de ferro ao coiro unidas  
Para fóra he tirado ; e o triste exangue  
Não tarda a expirar ; tal no seu sangue

Emvolto, e inda pior era o inimigo,  
Que no infernal chadrez foi dar comsigo.

Vio a Phenix da graça a furia tanta  
Do horrisono Cáos, e meiga, e Santa,  
Vendo os perigos que o mundano corre,  
Movida de piedade, assim discorre. —

- « Se contra mim feliz, e da ventura
- « Ja no seio tranquilla, ha tal bravura ;
- « De maneira que á Voz do mesmo Eterno
- « Ouza recalcitrar o infame Averno ;
- « Quaes serão destas Hydras os rancores ,
- « Contra os fracos mortaes inda viadores ?
- « Que enredos ordirão ? Que cavilozos
- « Tropeços, porque caião desditozos ?
- « Quem poderá salvar-se dos perigos ,
- « Trahidos de tão feros inimigos ?
- « Como em seu throno estar pode a virtude
- « A' lucta exposta, tão prolixa, e rude ?
- « Não ha de ser assim : Escudo eterno
- « Dos mortaes eu vou ser : de affecto interno
- « Sou Mãi do peccador, e não me pèza
- « De ser : (dice co' a face em chamma acceza)
- « Deste cargo Jesus me decorava
- « Quando da inveja o ferro o immolava.
- « Foi misterio esta voz, e qual preceito
- « Altamente arreigou-se no meu peito.
- « Ella vai ser no Empyreo minha gloria ,
- « Como ja foi na rota transitoria.

« Verá dos Seclos a longeva idade  
« Se soube, ou não encher a dignidade.  
« Venhão pois ter comigo os assustados,  
« Nos mais cenzos charcos atufados.  
« Venhão sem hesitar, não desesperem.  
« Sou seu recurso, sou : em mim esperem.  
« Tentem primeiro, e de tentar não deixem,  
« E se eu faltar, consinto que se queixem.  
« Protesto, que dos tristes os gemidos  
« Serão por meus disvellos recolhidos,  
« E apresentados ante o Eterno Lume,  
« Em pyras d' oiro fino, qual perfume ;  
« Pois tudo enfim acabarei com elle,  
« Huma vez que ja o Filho alcancei delle. »  
Dice, e jurou. E o Sacro ajuntamento  
Dos Anjos invejou o juramento.

Desfeita a liga em fim do Averno escuro,  
Ja os Anjos respirão ar mais puro.  
Os successos passados discutião,  
E os prestigios do orgulho, que podião  
Transformar em terrificas figuras,  
Anjos de origem, nobres creaturas.  
« Tal he, hum accrescenta, o triste e feio  
« Fructo da vil soberba. Foi no seio  
« Das esferas do Ceo, que o berço teve ;  
« De la brotou raiz crestando breve  
« Os incolas noveis do Paraizo.  
« Antes disto a candura e o doce rizo

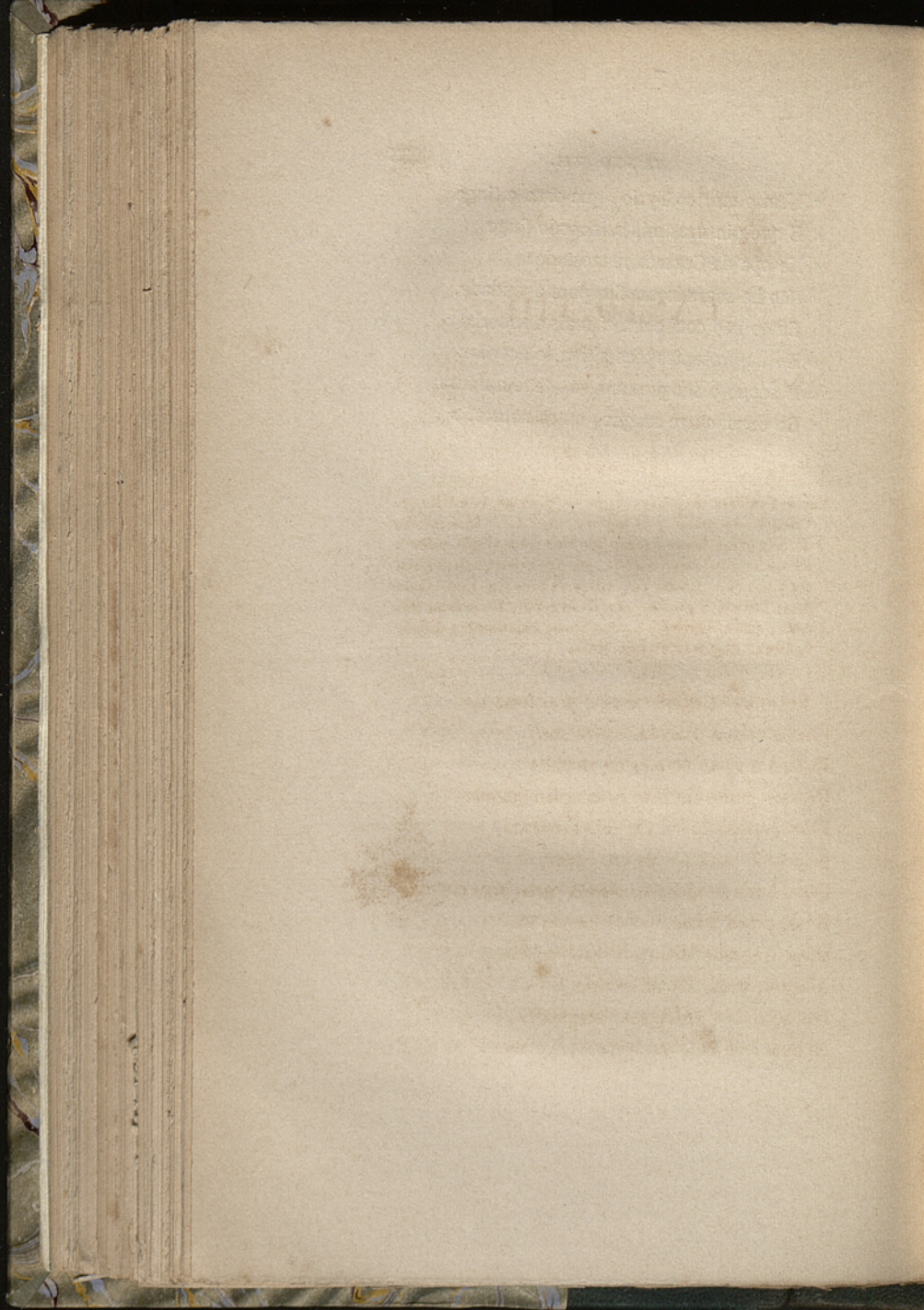
- « Era a mortal partilha; erão ditozos,
- « Da justiça e da paz filhos mimozos
- « Colhendo os fructos da mimoza idade,
- « Em que puro era amor, liza amizade.
- « Dias do Ceo, idade tão florida,
- « Pelo seculo d' oiro conhecida.
- « Em que o homem da fome e dependencias
- « Não via o rosto, nem as consequencias.
- « Quando a terra sem relhas, nem culturas,
- « Dava regalos, dava mil doçuras.
- « Contento cada hum com sua sorte,
- « Ignorando as paixões, sem susto a morte.
- « Então inda a bigorna não gemia
- « Debaixo do martello, que tinia,
- « Forjando a espada, que na dura guerra
- « Devora os homens, despovo a terra.
- « A discórdia civil, a fraude, a intriga,
- « E a má fé, que a desordens mil obriga,
- « E que ora abortão seculos de ferro
- « Inda bramião no seu vil desterro.
- « Era tudo commum : não se sabia
- « O pezo da medida, o que valia.
- « Nem a effigie do Rei no cunho impresso,
- « Mostrava estimação, nem o seu preço.
- « Desconhecida a imparcial balança,
- « Que tira aos tractos a desconfiança.
- « Mas depois que do orgulho o atro veneno
- « O gangrenou, thé li puro e sereno

- « De males mil cobrio-se a natureza  
« De que brinco elle foi , e foi a preza.  
« Então nada bastou , tudo foi pouco  
« Ao hydropico orgulho. O fausto louco  
« Inventa luxo , e precizões crescidas ,  
« A que o vão pondonor não poem medidas.  
« Os grandevos pinheiros enramados ,  
« Tão velhos como a mãe , que os mostra alçados ,  
« Deixando de intrincar copa frondoza  
« Na aprazivel campanha , ou mata idoza ;  
« Do agudo ferro o golpe exprimentarão ,  
« E em veligeros páos se transformarão.  
« Taes se cantou , que em Tiberinas Lymphas  
« Voltarão-se os baixéis do Teucro em Nymphas  
« Já lá vão as náos impias profanando  
« O mar sagrado , nelle perpetrando ,  
« Os sacrilegos crimes , e attentados ,  
« Já sobre a terra iniquia perpetrados.  
« E voltando dos terminos remotos ,  
« Vendo estrangeiros Ceos , climas ignotos ,  
« Ao paiz paternal em fim chegarão  
« Co' as estranhas riquezas que pejarão.  
« Tendo dado por troca e recompensa  
« Novos uzos e leis , a praga immensa  
« De contagios , e mortes infelizes  
« Desconhecidas pelos seus paizes :  
« E o que he mais a chorar , a crua guerra  
« As inermes nações dos fins da terra.

- « Os funestos reptis ja mais previão ,  
« Que seusinhos aos olhos se exporião.  
« Nem as feras tambem , que nas escuras  
« Brenhas dos bosques fossem mal seguras.  
« A panthera sanhuda , o urso horrivel  
« Não vio seu escondrijo innaccessivel.  
« Tudo o homem soberbo, ja deposta  
« A vergonha , e o decoro tenta , e arresta ,  
« Por ensacar sem termos o sublime  
« Preciozo metal , fonte do crime.  
« Oiro sacrilego , que em seu conceito  
« He o deos favorito do seu peito.  
« Julgando-se immortal zombou da morte :  
« Os rios vadeou , e afoito , e forte ,  
« Não se temeo das escarpadas minas ,  
« Que comsigo os sepultão nas ruinas.  
« Armou-se astuto laço ao innocent  
« Castor que estima as margens da torrente  
« Que habita em lares de salões dobrados ,  
« Nos tractos , e no acceio sublimados.  
« E á rica Moscovita pelle fina  
« Nos gelos Boreaes da zebelina.  
« Pesquisou-se com ancia o niveo dente  
« Da besta enorme no Ceilão frequente.  
« Não escapou no fundo da onda fera  
« O fino aljofar , que a conconxinha gera.  
« Nem singular thuriferante massa ,  
« Que os fumos Nabatheos em cheiro passa.

« Nem o murice Tyrio, que orna e tinge  
« E que pinturas mil brincando finge  
« Na opa da Cezarea magestade :  
« Não ha segredo em fim para a vaidade.  
« Então não coube em si mais a soberba :  
« Novas prosapias tece altiva, e acerba :  
« E sendo o sangue hum só, teve a finura  
« De crear outro sangue, outra natura. »

---



## CANTO VIII

---

### ARGUMENTO

Vai a Comitiva Angelica vendo as diversas Constellações Celestes. Ao passar pelo signo de Astrea, se lhes antolha de improvizo huma figura, que tece hum elogio sobre a pureza Virginal; confessando, que nas Esferas Celestes ella era o signal da futura Virgindade da Senhora. Entre tanto ~~dace~~ Christo a receber sua illustre Mãe. Le-se hum Decreto, que a condecora : descobre-se finalmente a Cidade de Deus : descripção de seus Muros.

Entre tanto os do Olimpo ja o formozo  
Ceo de cristal pizavão. No radiozo  
Espaço e vasto seio estão rolando  
Grossos golfos de luz; bem como quando  
Pelas resteas do sol em sala escura  
Brilhão átomos varios em figura.  
Quasi huns se ajuntão, outros quasi aberrão,  
E nos orbes inhospitos se encerrão.  
Giros traçando dentro d' outros giros  
Alheios, como fazem crebros tiros  
Dos seixinhos nas agoas estagnadas,  
Se hum leve bafo as deixa socegadas.

Nunca se turbão , nunca em fim se chocão ,  
Cada hum pelos orbes que lhe tocão.  
Argumento fiel da força immensa  
Para o filosofo , que humilde pensa !  
Ceo das estrellas ; onde se evapora  
A mente humana , e o grão Motor adora.  
De soes alvergue , immensos no luzeiro ;  
Ante os quaes nosso globo he tenue argueiro.  
Nitidas perolas , que o manto escuro  
Da noite desabroxa no Ceo puro.  
Onde não raio Eóó ; e se conclue ,  
Que a luz he propria , e nelles nada influe.  
Mares de fogo , que de tanta altura  
Tremulos vibrão fulgida pintura.  
Psalterio , e notas , onde de contino  
Cantar deve o mortal o ser Divino.

Deixa o genio sublime o patrio berço ,  
E errar affeito vai pelo universo ;  
Como intente ditar os seus talentos  
De altas ideas , de altos pensamentos.  
Peragra o mundo , exposto a mil fadigas :  
Que tu , ó sapiencia , a mais obrigas.  
Corre as Saturnias plagas , e os vaidozos  
Campos da Ausonia ; aonde os preciosos  
Partos dos Lacios Fideas , e Timantes ,  
Licções nobres lhe off'recem , leis prestantes.  
Absorto vê pedaços , ou thesoiros ,  
Que restão para inveja dos vindoiros.

Que as artes consagrarão ás virtudes ,  
Ou lizonja tambem a peitos rudes.  
Lédo bebendo exemplos delicados  
Em taes originaes, em taes traslados.  
Peregrino ja vai pelas campinas ,  
Onde atrevidas massas, e ruinas  
Sofregos olhos nutrem ; e inda existem  
Indomitos ao tempo , a que rezistem.  
De Sesostris o carro onde puxarão  
Mimozas mãons , que sceptros empunharão.  
Vê depois os estragos de Palmira ;  
E vendo estragos taes , pasma , e suspira.  
Alcaçares por terra da Princeza ,  
Digna de melhor sorte : que a grandeza  
Da Romulea fortuna vira altiva  
Inhospita viver , morrer captiva.  
Chama prodigios inclitos das artes  
Os padrões , que encontrara em varias partes.  
O colosso de Sol : nos ares pensos  
Os jardins de Semirames immensos.  
A pedra sepulcral , funerea , honroza ,  
Que a femenil saudade ergueo choroza.  
O fanal com que luz e alvo tranquillo  
Ao naufrago baixel aponta o Nilo.  
O delubro Efezino ; os embarços  
Dedaleos , que houve Minos em seus paços.  
Onde ao Semifero escapando , e á fome ,  
Que a flor juvenil Attica consome ;

Vencedor de Meduza , sahés illezo  
Pelas traças de amor , por ti ja accezo.  
Tudo em fim o viajor pasma , e admira :  
Mas o bello esquadrão , que nos Ceos gira ,  
Não : e se o olha , mira com vileza  
Tão soberbos trofeos , tanta belleza.

Hia pois ja tocando a comitiva  
Estes corpos flamigeros na altiva  
Aurea cinta gentil ; que mil figuras  
Finge d' homens , e feras nas alturas.  
Assim pensa a celeste astronomia ;  
Se he , que restos não são da idolatria.  
De quicios d' oiro a roda , aqui fexada ,  
De Phebo tem a Ecliptica estrellada.  
Marcando nas entradas , que fizera ,  
Estio , Outono , Inverno , e Primavera.  
Vendo pois vão no vacuo prateado ,  
Os que brilhão no Arcthuro congelado :  
Esses , que o Austro tem ; e as partes , onde  
Nasce o disco do Sol , e o Sol se esconde.  
E os do meio , em que Delio mais dardeja ,  
E faz , que igual ao dia a noite seja.

O bidente do pello preciozo ,  
Que com a Irmãa de Frixo o procellozo  
Golfo nada , e a puella naufragando  
Co' a morte , áquelle mar nome foi dando ;  
Foi visto dos Celicolas , cravado  
No oitavo Ceo ; de estrellas doze orlado.

Se só por este feito a bruta fera  
O erro collocou na azul esfera;  
Christianos fieis, que radiantes  
La sereis, sendo os vossos tão prestantes?  
Dizem, que esse farol, que no Ceo gira,  
Neste Signo do Archetypo sahira.

O Toiro serpeado de grinaldas,  
Não ja de rozas, mas das esmeraldas  
Astriferas, ali tambem brilhava  
Garbozo, como quando carregava  
Pelas ceruleas ondas do Oceano  
A prole de Agenor; ah deshumano!  
A incauta dama deixa em praia alheia,  
Q' altiva do seu nome hoje se arreia.  
Deste exemplo fatal, tão decantado,  
Com vizes de verdade, ou só sonhado,  
A donzella se escude; e sempre astuta  
Racêe, thé da insonte fera bruta.

Vos tambem rutilaveis, o' brilhantes  
Tyndarides, Luzeiros nunca errantes,  
Que os gemeos dezenhaes; lucido signo,  
Ao flebil navegante astro benigno.  
Dous infantinhos são, tenros, formozos,  
Que se abração amigos, e amorozos.  
Prole de Jove, em Cisne transformado,  
Quando por Leda andou louco, e abrazado.  
Fazendo igual entre ambos a divina  
Partilha; por fugir á Libitina.

Quando Jovens, voarão denodados  
A roubar a lan d' oiro, acompanhados  
Do Cytharedo Orfeo ; dos Minyas : nautas,  
Que a fama inda publica os Argonautas,  
São desoito os brilhantes luminares,  
Que este ceo formozeão : nos seus láres  
Entra o Apollineo faxo , e accezo raia  
No mez dicado á Dea , linda Maia.

Rutilo o Cancro vem, de estrellas cheio ;  
Retrogrado na volta em seu rodeio.  
Desta méta Flegon o raio envia ,  
Quasi sem força , ao Ceo da Ursa fria.  
O testaceo lhe abraza ardor sobejo ,  
Ja quando o agricultor do ameno Tejo  
Recolhe a nova pera : testemunho ,  
Que chega o São João no mez de Junho ,  
He tambem neste Signo prazenteiro ,  
Que o colono do campo Brasileiro  
Começa a doce ceifa ; e lédo corta  
A loira canna , que , se passa , a borta.  
Ja se expurgão os pastos da erva estranha ,  
Que o gramineo verdor cresta. Campanha  
Onde tem de pascer o boi tardio ,  
Izento do tabão , e quente Estio.  
O boi do jugo a muito ja folgado ,  
E óra a novas fadigas parelhado.  
Repara-se o edificio , ja se aceição  
Os grossos vasos eneos , que mareão

Do fabrico passado com as fezes :  
Ou tambem co' descanso de seis mezes.  
Junto a eira da fabrica se acama  
A grossa lenha, destinada á chamma.  
E em vizinho depozito descança  
Do camponez em molhos a esperança.  
Ja os ferreos cylindros de herva e flores  
Se enramão : e se implora ao Ceo favores.  
Trabalha a mole em fim : girão as rodas,  
Gemem com grão fragor as peças todas :  
Cahe com ruido a agoa , que se encana :  
Voltea o rolo , estala a doce cana :  
Ferve a gente , parece huma anarquia :  
Mas toda esta moção cauza alegria.  
Na grão fornalha ja se a flama agita,  
Cuja boca do Averno á boca imita.  
E nos vasos enormes borbulhando  
Ferve o nectareo sumo, evaporando  
Grato aroma subtil, e tão ingente,  
Que perfuma dos campos o ambiente.  
Corre o aureo licor , qual o thezoiro  
Melifluo , que correu na idade d'oiro  
Das colmeas na terra , e assucarado ,  
Ou em niveos pedaços coagulado ,  
He no rico désert , festim altivo ,  
Em varias confeições grato incentivo.  
Soão longe as agrestes cantilenas  
Nas madrugadas mortas , e serenas.

Desta sorte a enganar co' a voz singella  
De Tityro a Morfeo a Sentinella.  
Reina em fim o prazer : reina a abundancia  
Do saborozo mel por toda a estancia.  
Mas ah! ó cego eu , que me desvio ,  
Cantando o meu paiz , do antigo fio.  
Muza , perdoa a quem a Patria exalta.  
Se he culpa , a culpa he leve, he leve a falta.  
Dirige-me outra vez , poem-me na estrada ,  
Donde sahi , da empreza começada.

Outras estrellas hião devizando  
Em grupos , e que os Ceos estão bordando ,  
Como flores. O Leo truculento ,  
Que na selva Nemea o corpulento  
Alcides esmagara : huma victoria  
Das douze , que sublimão sua gloria.

Tu tambem , ó Chiron , centauro illustre.  
Da solar Zona d' oiro eterno lustre ;  
Foste ao longe nos Orbes descuberto  
Da turma Angelical. De ti mui perto  
O thuricremo altar ja mais falece  
Entre a cabeça da hostia , e onde fenece  
Do Escorpião a cauda : alto argumento  
De teu culto ao Motor do ethereo assento.

Sim : não foi dos Nubigenas , que ouzarão  
O sacrilego arrojo ; e que emendarão  
O Pelion , Ossa , e o Olimpo Soberano ,  
Contra o que lança os raios de Vulcano ,

Antes por ser cultor piedoso e justo  
No Ceo tem aras, nas estrellas busto.  
He fama, que gozou preeminencias  
Nas artes de Minerva : as excellencias,  
E salutar virtude conhecendo  
Das hervinhas, que ao prado vão nascendo.  
E os succos salutiferos, que achava,  
Ao som da lira eburnea celebrava.  
Feliz! que mereceo de ter por mestra  
A bella Trivia, caçadora dextra.  
Debaixo de seus olhos e cuidados  
Dous Indigetes forão educados.  
Hum, que jurou sanguinolenta guerra  
Aos monstros, expurgando toda a terra,  
Ao Gerião triforme, Antheu terrivel,  
Aos Centauros, a Cáco, monstro horrivel;  
A' Hydra, ao Javali. Mas ai que o bravo  
Tyrinthio heroe de Omfale vio-se escravo!  
Porque tu, fero amor, tu tens sugeito  
De cera hum coração, ou de aço hum peito.

E a quanto obrigas, ou quem vive izento  
De teu furor, de teu poder violento?  
Por ti arbitro do Olimpo o mesmo Jove  
Em vez de raios, gotas d' oiro chove.  
E seu solio de trevas, e inviolavel,  
Não he dos tiros teos invulneravel,  
A sordida cabana, o paço augusto,  
Victimas são de teu grilhão injusto.

Por ti se vê no mundo hum grão segredo,  
Duro de dicifrar-se ; e he o enredo :  
Que do femineo sexo o peito humano  
He mil vezes escravo , he mil tirano.  
Por ti se fexa da ventura a porta  
Mais de huma vez ; e prematura aborta  
A esperança que o lar se prometera  
D' hum joven na fortuna, a ver-lhe a esfera.  
Por ti do ferro do assacino impuro  
O pai, o espozo, o irmão não he seguro.  
Tu, és fonte de estupros e adulterios,  
Semente de discordias e improperios.  
Por teus encantos, ou antes fraqueza ,  
Foi Frigia desditoza em chamma acceza.  
Pois quem desceo as sombras do profundo  
A inquietar ali Dite iracundo ?  
Dos escarcéos de Bosforo accazo  
De Abydo o nadador fez algum cazo ?  
Dem a resposta com dizer sincero  
Pyritóó e Theseo, Leandro e Ero.  
O outro Achilles foi , raio de insania ;  
Que os muros poz por terra de Dardania.  
Só tu podeste, só, mandar a morte  
A Heitor ; dos Teucros o broquel mais forte.  
E huma vido a vingar sublime, e chára ,  
Outra sacrificaste, inda mais clara.  
Eis que aos celestes olhos se apresenta  
O monstro singular , que representa

O Semicapro peixe. Antigo Egyptio  
Nesta forma voltou-se ; quando o exicio  
Vio, e pasmou, com que Tipheo da terra  
Contra os numes tentava a bruta guerra.  
Estupefacto Jove com a scena  
De figura tão horrida ; de pena  
Tocado, como tu, ó Egypto, assellas ;  
O collocou no Ceo entre as estrellas.  
Vinte são as que esmaltão a figura :  
Duas no peito , seis tem a postura  
Sobre o ventre : nos pés duas se contão :  
Huma engasta o nariz : duas apontão  
A cauda do animal : sete estão postas ,  
Pela parte do dorso , sobre as costas.  
Tal, em ponto pequeno, d' oiro o artista  
Da avidez femenil expõe á vista  
Riscos em novidade extravagantes ,  
Cravejados de perlas , ou diamantes.

La rodava tambem entre as estrellas  
O Joven mais gentil , que as deozas bellas ,  
Que , pela ave de Jove arrebatado ,  
Entre os signaes do Ceo foi numerado.  
Imberbe , cujo rosto lizongeiro  
Do Deus do raio obteve ser copeiro.  
Aos immortaes em urnas d' oiro fino  
Deita o grato licor, nectar divino.  
E por emprego tal tão honorario,  
Entre os astros he tido pelo Aquario.

Daqui não longe brilha o bruto alado,  
Cuja pata feroz tendo rasgado  
A penha; brota a fonte cristalina,  
Que bebe o Vate; és tu, ó Cabalina.

Os peixes também virão, que aos gemidos  
Da fermoza Dione condoidos,  
E da prole gentil, em si os tomando,  
Do Eufrates os caudaes forão cortando.  
Desta sorte a salvалlos da ouzadia  
Do gigante brutal que os perseguia.  
Virão Libra, o Escorpio, as tristes Hyadas  
E ensifero Orion, e as sette Pleiadas;  
As Pleiadas, que brilhão la na esfera  
Sobre a fronte do toiro á primavera.  
A Hydra, o Cisne, a Lyra, o altar sagrado,  
Em que tinhão os deozes protestado  
Rebater dos Terrigenas a guerra.  
Finalmente se erguendo cá da terra  
Os olhos; ás estrellas das alturas  
A fabula deo nomes, e figuras;  
Certo se infere; e a prova he concludente;  
Que raiara o clarão á humana gente  
Das artes; quando o Cáos da idolatria  
Ja a terra de seu manto denegria.

Mas quando pela esfera atravessarão,  
Que de Virgo os astrônomos marcarão;  
E he neste mez, que o Sol astro benigno  
Sahindo do Leão abraza o Signo

De Astrea; aconteeo o encontro ledo,  
Que não convem passar aqui em segredo.  
E foi : que de improvizo huma figura  
No ar se lhes antolha linda, e pura :  
De aspeito virginal ; e nesta idade,  
Que dous lustros avança á puberdade.  
Dentro de hum globo vinha transparente,  
Diafano, e formozo ; e assáz fulgente  
Pelo luzeiro d' hum montão de estrellas,  
Grossas, miudas ; porém todas bellas.  
De roupa côr de Ceo vinha trajada,  
De pequenos colibrios d' oiro orlada.  
Cujo campo brincavão mil primores  
De hum vistozo lavor de varios flores.  
Tinha os olhos vendados : huma espada  
De aço fino na dextra : equilibrada  
Da esquerda de oiro puro huma balança :  
Emblemas da Justiça, e da vingança.  
E disse assim : « O' inclita belleza,  
« O' prodigio da graça ; vem, Princeza,  
« Vem tambem alegrar a pura esfera,  
« Que eu prezido, e que a muito ja te espera.  
« O' Virgem singular, Virgem primeira  
« De quantas vão brilhando da carreira  
« Dos évos : pois, se os fastos bem contemplo,  
« Jamais antes de ti se aponta exemplo.  
« He custozo, eu confesso, á humanidade  
« Conservar illibata a virgindade.

- « A virgindade, flor tão melindroza,  
« Que o menor bafo impuro a torna idoza.  
« Que perde a côr, e o cheiro tão mimozo,  
« Se he tocada de hum dedo criminozo.  
« Que não nasce entre o luxo, entre as vaidades  
« Das grandes Cortes, das fataes Cidades.  
« Ninives peccadoras denegridas,  
« Pentapoles nos lagos submergidas.  
« Com tudo tão angelica virtude  
« Mais que humana; e aos mortaes penoza, e rude,  
« No teu seio intrincou mimozo ninho  
« Da debil pluma do mais branco arminho.  
« Filha celestial, planta estrangeira  
« Na terra, ah! tua face lizongeira  
« Não roubes ao mortal: mostra teu berço,  
« Que te venha adorar todo Universo.  
« Sei, que innocente meio se concede,  
« Com que possa sedar-se a ardente sede.  
« Mas tu, ó Mãi do destructor da morte,  
« Com bronzeo coração, com peito forte  
« Nem succumbiste á força tão armada,  
« Nem usaste da graça tolerada.  
« Ouzando aventurar as regalias  
« De consaguinea ser do Alto Messias  
« Antes, do que manchar tua inteireza,  
« E as niveas assuscenas da pureza.  
« Mas esta nobre rama do Ceo vinda,  
« Que quanto mais exotica, mais linda;

« Que d' outro solo desconhece o seio ,  
« Como roubada do terreno alheio ;  
« Este lirio , que langue , e murcha os brios  
« Pelas margens mortiferas dos rios  
« De Babilonia ; nem fragrante impera  
« Nas fontes de Amathunta, ou de Cythera ;  
« Esta flor , que detesta as assembleas ,  
« E os gestos criminozos das choreas ;  
« Que o leito d' ostro, que a baixella impura  
« Desseca seu humor , torra a frescura ;  
« Cujo paiz natal , se bem acerto ,  
« He o fundo da brenha, ou do dezerto ;  
« No Judeo era, como infame carta ,  
« Que da estirpe de hum Deus desherda, e aparta.  
« Tres luas pranteou de magoa pura  
« A linda Hebreia a barbara loucura  
« De voto, que a degrada desse acceito-  
« Doce nome de Mãi ; que dá o direito  
« Natural ; e a donzella assim corrida  
« Passou em luto e pranto a triste vida.  
« Qual foi pois teu Liceo ? A lei escripta ?  
« Na Lei a Virgindade era proscripta.  
« Ah! foste de ti mesmo a linda aurora ,  
« Das Virgens Luz, da virgindade auctora.  
« Mas onde me arrebatão meus ardores ?  
« Em vão afino a voz, traço louvores :  
« Se a minha bocca languida te exalta ,  
« Quanto mais digo, mais dizer me falta. »

Hia mais proseguindo o vulto; quando  
Michael perguntou-lhe, a voz alçando :  
« Quem és tu? que em tem maravilhado  
« Esse gesto, e esse traje desuzado?  
« Como galgaste alturas tão distantes,  
« Inhospitas da terra aos habitantes?  
« Nunca ideei, pois era idéa insana,  
« Ver vestígios aqui de raça humana. » —  
« Eu sou » (lhe torna o espectro refulgente,  
Como quem da pergunta era contente :)  
« Eu sou aquella virgem, tão sabida  
« Pelo nome de Astrea; cuja vida  
« Foi trofeo da justiça, hoje exulada :  
« Que inda sou das Camenas celebrada,  
« Se cantão com saudoza competencia  
« A idade d' oiro, os dias da innocencia.  
« Horrorizada em ver, quanto a impureza  
« Avilta a mente, e ultraja a natureza;  
« Fugí da terra : vendo-a assim manchada,  
« E do sangue dos Justos ensopada.  
« Por força pois occulta transferida  
« A esta esfera fui; e aqui retida,  
« Porque fosse meu nome alvo e memoria  
« Da illustre Virgem que hoje sobe á gloria.  
« Mil figuras contavão, e mil schemas  
« Suas bellas acções; só nos emblemas  
« Faltava á Virgindade hum monumento :  
« Eu fui : de longe data o documento :

» E agora, que a missão vejo acabada,  
« Sou fabula, sou sombra, não sou nada. »

Dice : e subito aos olhos se esvaece ;  
E apenas se aniquilla, e desaparece  
Hum orvalho celeste, e rescendente  
Borrifa toda a pompa de repente.  
Se ja vistes no ár o cristalino  
Globo vão dissipar-se ; que o menino  
Soprou do tubo ; e rozeo e prateado  
Serenos sobe á esfera, e socegado ;  
Não de outra sorte a maquina brilhante,  
E a figura sumio-se n' hum instante.  
Os Anjos forão pasmos, no que virão :  
E a Deus immensas graças dirigirão :  
Pois dizião, que até de inanimadas  
Bocas, verdades tira, e sublimadas.

Dissipado o fantasma apologista  
Dos Lirios virginaes ; eis que imprevisa  
Luz serena no Ceo rizonha brilha ;  
Qual nunca traz de Hyperionio a filha.  
Era o sacro cortejo, ovante, honrozo  
Do Assolador do crime, que briozo  
Com rica pompa a receber baixava  
A doce Mãi, que á gloria ja abordava.  
No seio de huma nuvem refulgente  
D' oiro e carmim descia : tão ingente  
Clarão a transbordar de Divindade ;  
Que divina tornava a humanidade.

Pizava d' oiro puro hum escabello  
De alados Serafins, mui rico : e a vello ,  
Nunca vira das artes a destreza  
Chefe d' obra melhor , igual belleza.  
Marchavão a seus pés , fazendo corte ,  
Seus ministros fieis , o tempo , e a morte.  
Que n' hum golpe de vista , ou inda em menos ,  
Cumprem de seu querer os seus accenos.  
Era a fragancia , que se pressentia ,  
Certo do Altar do Eterno , póis vencia  
Os aromas sabéos , e a fina massa ,  
Que cria o mar , e a Arabia em cheiro passa.  
Vião-se aqui , e ali no ar dispersos  
Grupos gentis de Celites diversos ;  
Alternando concertos de harmonia ,  
Tal , que hum vivo de alegre morreria.

Nubeculas se vião multicores  
Pelo Ceo , que feridas dos fulgores  
Da prezença do Verbo , que ali passa ,  
Reflectem hum matiz de estranha graça.  
Taes nos terrenos fogos, ou nas bellas  
Illuminações , bem como as estrellas ,  
Tintas mil em cristaes deita o artista ,  
Que faz ao longe hum ver de encanto á vista  
Dez mil Santos dos grãos os mais sobidos ,  
Quaes nobres , e senhores , que os vestidos  
A' móda dos astriferos trajavão ;  
A grave Corte celica formavão.

Na chusma festival se destinguião  
Os Santos Patriarchas, que dizião  
A' filha encomios mil, como em reclamo,  
Avitos troncos de tão alto ramo.  
Ali se via o casto e nobre Espozo,  
Mortal entre os mortaes o mais ditozo;  
Na vara preza a candida açucena,  
Do virginio candor seu caro emblema.  
Via-se a Voz tambem, que abrio caminho  
Ao Verbo no dezerto: o cordeirinho  
Nos braços não falece: hostia bemdita,  
Que o crime proscreveo da mãi proscripta.  
O Sceptrigero Vate ao som cantava  
D' arpa d' oiro; nem mais ja profetava:  
« Sobi, Senhor, ao lucido Repouzo  
« Vós, e o vosso depozito formozo;  
« Arca Santa, ditoza, sublimada  
« Por vossa mão bemdita, e preparada. »  
Pintava ainda o Ceo por mais primores  
Varios Iris pulcherrimos nas cores.  
Affectando talvez nestes brilhantes  
Vistozos arcos, arcos triunfantes:  
Proprios para o triunfo, que convinha  
A' Mãi do Rei dos Ceos, dos Ceos Rainha.  
Ja mais se vio de pompa igual idéa,  
Des que a terra germina, e o Sol clarêa.  
Perdoe o bello, o casto Israelita,  
Se crê, que esta asserção desacredita

A sua gloria : quando aliviado  
Das algemas se vio no carro alçado  
Do despota do Nilo : o povo em grito  
Ledo acclamando-o salvador do Egipto.  
E tu, clara horoina, que soubeste  
Salvar a patria; e interrita podeste  
Truncar o collo do brutal Soldado,  
Que arrazala no chão tinha jurado;  
Tu não entraste com tamanha gloria  
No patrio lar, depois da grão victoria.  
Da linda Hebreia o pedagogo austero,  
Se no nedio frizão do rei severo  
Em triumpho he levado ao som da trompa;  
Tambem da Virgem não dezenha a pompa.  
Em fim se o esplendor, com que os poderes  
Do mundo solemnizão seus prazeres  
Podesseis confrontar com tal riqueza;  
Dirieis, que erão sordida pobreza.

Hum Anjo juvenil de tenra idade  
Era o porta-signal da liberdade :  
Das ternuras de hum Deus troféo, e arcano,  
Cruzado immenso do resgate humano.  
Que mortal ser podera nesta vida  
Interprete da voz, ja mais ouvida,  
Com que os dois corações se entretiverão,  
E mesmo no silencio se entenderão?  
Que Angelica e serena cortezia  
Naquelle par Santissimo á porfia?

Que modo de saudar tão novo e bello  
Neste encontro de amor, neste duello?  
Em Jesus, que mellifluas.doçuras!  
No seio de Maria, que ternuras!  
Que grossas labaredas deitarião  
Os dois volcões de amor, que se revião!  
Erão, por me exprimir humanamente,  
Hecla e Vesuvio accezos frente a frente.  
« Em fim chegou (diria o generoso  
Verbo do Eterno) o instante preciozo  
« De se rasgar a sombra, e o veo espesso,  
« Que eclipsava misterios de alto preço.  
« A tua vida, ó Mãi, ignota, e inculta,  
« De minha face no segredo occulta.  
« O sacrilego mundo, uzado a crimes  
« Ja mais reconheceo teus dons sublimes.  
« Antes curvada ao pezo, e á dura lida  
« Da sorte mais choroza; aborrecida  
« De contino arrastaste a ferrea massa  
« De dias de amargura, e de desgraça.  
« Dias de descontar; que o pensamento  
« No vazo negro põe do esquecimento.  
« Nos teus pompozos dotes ignorada,  
« De tuas regalias degradada,  
« No abandono total, na displicencia  
« De teu destino occulto; na vehemencia  
« Da mais dura afflicção, da dor mais dura,  
« Sem esplendor, sem nome, sem ventura.

- « Taes sacrificios devorou teu peito ,  
« Por ver se me obrigavas deste geito ;  
« Obrigaste-me : e agora exponho ao dia ,  
« Quem és tu , qual teu merito , e valia .  
« Colhe o loiro immortal , a immarcessivel  
« Palma , que te plantara hum Deus sensivel .  
« Empunha o sceptro , cinge a croa ingente ;  
« He hum Deus teu Filho , que te adorna a frente .  
« Ninguém desceo por elle a tal baixeza  
« Como tu , sobe agora a mór alteza .  
« Foste na terra a imagem da desgraça ,  
« Sê no Ceo da ventura , que não passa .  
« Blazone o Empirio , saiba o mesmo Inferno ,  
« Que és Princeza da Gloria , e Mãi do Eterno .  
« Celebre o teu cultor teu doce abrigo ,  
« E inveje o teu lugar teu inimigo .  
« Lugar , que nem revezes , nem haveres  
« Jamais arrancaráo de teus poderes .  
« A aurora eu fabriquei : equilibrados  
« Tenho em meu dedo os montes mais alçados ,  
« As massas de valor , que elles sepultão ,  
« Oiro , prata , e rubis , que tanto avultão  
« A' sofrega avidez do vão terreno ;  
« Ao meu poder custarão só o aceno .  
« Eu decido dos Reis : dou paz ás gentes :  
« Aos arbitros inspiro Leis prudentes .  
« Eu mando ao mar , e o mar a meu mandado ,  
« Faz navegar-se o arido alagado .

« No mirrado verdor succos derramo :  
« Dezato a flor : sazone o fructo ao ramo.  
« Por mim coagula o raio , que nos rastros  
« Derroca a torre , que ameaça os astros.  
« Por mim germina a terra ; do Ceo chove ,  
« E sem o meu querer , nada se move.  
« Tu pois , se és minha Mãi , o que eu confesso :  
« Calcule o Orbe , se puder , teu preço.  
« Em fim por todo premio , ouve dizerte  
« Que sou Deus , e consinto obedecer-te. »

Oh misterio de amor ! Oh infanda alteza !  
Oh premio ! Oh gráo da feminil fraqueza !  
Outras caricias ferteis d' honra e brilho  
A' terna Mãi diria o terno Filho.  
Doces vozes de hum Deus , dons ineffaveis ,  
Pela terrena voz inexplicaveis.

Se eu tivera huma boca , ou tal garganta  
De tão forte vigor , de força tanta ,  
Que imitasse a explozão que o duro Marte  
Nos ferreos tubos faz do baluarte ;  
Ou se das grimpas retinisse ao longe ,  
Qual bronze enorme , que desperta o monge  
Nas horas mortas de repouzo brando ,  
Por cantar , quem de tudo tem o mando ;  
Ou se troasse , como o gráo ruido ,  
Que o raio faz , das nuvens expellido ,  
Pelas furnas das terras , e dos mares  
Tremendo os montes , e atroando os ares ,

Ou se rugisse, como as agoas rugem  
Do Nilo, quando saltão, e remugem  
Por fragas ingrimes com tal fracasso,  
Que leguas ouvem de mui longo espaço;  
Inda assim tal garganta, ou esta boca  
Era debil, franzina, inepta, e rouca  
Para exprimir os sons dulcissonantes,  
Que alternarão no encontro os dous amantes.  
Não mostra nem natura, nem artista  
Exemplar, que dezenhe esta entrevista,  
Duas náos, a salvar-se mutuamente,  
Imagem são de estrepido afligente.  
Duas aves, no prado em desafio,  
He simil pueril, he exemplo frio.  
As graças do monarcha, as mais fagueiras,  
São idéas de hum pobre, e mui rasteiras.  
Confesse pois a mente, que he misterio,  
E adore, onde não chega seu Imperio.

Então hum Querubim, que o Averno assola,  
O pergaminho d'oiro desenrola,  
Onde escrevera do Eternal o dedo  
Letras do amor de hum Deus, de hum Deus segredo.  
Emmudeceo o Orbe : e attento ouvia  
O Decreto do Ceo, que assim dizia. —  
« Apraz ao alto Paí da Eternidade;  
« E he tambem meu poder, minha vontade;  
« Que este germe de Adão, Ceo animado,  
« Que em seu virgineo seio humanizado

- « Transportou-me ; e que impavida tragara ,  
« A' largos sorvos , minha taça amara ;  
« Reconhecida seja desde agora  
« Asilo dos mortaes , do Ceo Senhora.  
« Outro sim : que , do humano desvalido  
« Sendo eu Mediador pelo sobido  
« Preço da minha Cruz , e soffrimento ;  
« Ella seja tambem por valimento.  
« Que no meu Reino o pé ninguem arrede  
« Sem ordem sua : e nem jamais se cede  
« Graça alguma , ella invita : que he primeira  
« Dos frutos de meu sangue dispenseira.  
« Assim tenha entendido o Orco horrivel :  
« Tudo o que sente , todo o insensivel :  
« Assim ordeno ; esta he minha vontade ;  
« Cumpra-se pois por toda eternidade. »

    Saltarão de prazer o mar , e a terra ,  
Salta o vivente , que qualquer encerra.  
Os anfoens alados gorgearão  
Novas áreas , que as silvas alegrarão.  
Os frondozos cylindros do perfume  
Evaporarão , fóra do costume.  
Tornou-se em prata o mar , quêdo , e sereno ;  
Como costuma ser o campo ameno.  
E sobre a flor das agoas cristalinas  
Luzirão as cohortes argentinas.  
Só o Averno remuge , e as suas furias  
Blasfemando de dôr , soltão injurias.

Aplaudio a Celeste Gerarquía ;  
Bateo palmas o Emyreio ; e parecia  
Ufano receber nova realeza  
Co' a presença da nova alma Princeza.  
Ella, que vio o angelico e sereno  
Rosto do Filho em regozijo pleno ,  
De heroica gratidão reconhecida,  
Em Vezuvios de amor foi convertida.

Os Anjos, que de novo erão chegados,  
Famintos de a mirar não saciados ,  
Todos juntos n' hum tempo a rodeavão ,  
E por vella , em montão se atropelavão.  
Tal na manhã de Agosto lizongeira ,  
Junto á copa da verde larangeira  
Branquejada de flor, anda girando  
Grosso enchame de abelhas, susurrando.  
Ou das hortas demandão as falenas  
O claro lar; e vão entre as serenas  
Lucernas revoar, fugindo a escura  
Noite, a gozar da luz formosa, e pura.  
Hum porém , que impedido pela turba,  
Não a ve com vagar, pois tudo o turba,  
Da massa etherea cristalina inventa  
Novo cristal , que objectos representa ;  
E neste espelho , só , bem a seu gosto ,  
Contempla o virginal celeste rosto.

« Eis a Jeruzalem nova , escondida ,  
(Huns aos outros dizem) que vestida

« De graças mil , de luz , de formozura ,  
« Remonta , e vem da solidão escura.  
« O Sol , que lá do Archetypo sahindo ,  
« Rio-se toda a natura , ao ver tão lindo ;  
« O Sol , astro de influxos bemfeitores ,  
« Que Oceano de Luz , e resplendores  
« Empresta aos outros astros claridade ;  
« Nunca ostentou tão linda magestade.  
« Mas tambem esta rara formozura  
« Não he para aggravar ; que he fera e dura  
« Contra o Orco fatal , contra o inimigo ,  
« A favor do infeliz , que implora abrigo.  
« Tal o aspecto do Ceo he rutilante  
« Com o seu esquadrão , por elle errante :  
« Mas as vezes torvado , ár feio encerra ,  
« Que o vasto mar assusta , assusta a terra. »

Nunca os Orfeos do prado verdejante,  
Abrindo a aurora as portas de diamante,  
Festejarão com tantas cantillenas  
O seu novo nascer : nem as serenas  
Abobedas do altar , quando he chegado  
O Pontifice augusto , circumdado  
De gloria , e mil Levitas ; rompe a orquestra  
Tão varios sons da consonancia destra ;  
Como á Virgem louvores consagravão  
Os Anjos , e a porfia os alternavão.

Mas hum , que atraz se tinha demorado ,  
Chegou em fim ; da preça fatigado.

E foi da comitiva, o que em segredo  
Eclipsou-se, e tramara o santo enredo  
Da falsa Virgem, que na sua esfera  
Aos jasmims do pudor encomios dera.  
Assim festivo e ledó fielmente  
Depoz aos companheiros; e igualmente  
Com prazer foi dos outros applaudido  
Da idéa, que a ninguém tinha occorrido.

Entretanto hum Ceo novo já se via  
De hum ether mais subtil: já se sentia  
Suavissima fragrancia, signal certo,  
Que a Cidade de Deus estava perto.  
Tal ao longe no mar pressente o cheiro  
Da Taprobana o Luzo marinheiro,  
Procedido da mata abastecida  
De Caneleiras, por ali nascida.  
Já se vião os altos frontespícios,  
Os aureos coruchecos dos edificios:  
E as torres, que por longe inda erão finas,  
Alcaçares de hum Deus, torres divinas.  
Cada vez mais avultão, parecendo,  
Que do seio dos Ceos vinhão nascendo.  
Tal nos golfos immensos do Oceano  
O Lenho, que foi visto altivo e ufano  
No Horizonte; á medida que vem vindo  
Parece, que das ondas vai sahindo.

Vale-me agora, ó Muza, tu somente,  
Tu só me tens valido até o prezente,

Que aquelles mesmos, que nos meus suores  
Deverião ter parte, são peores.  
Surdos se tem mostrado, e indifferentes  
A' tão nobres vigílias. Vê que gentes,  
Que estima pelas muzas, que alto brio  
Produce do teu Janeiro o illustre rio.  
Não tem em seu conceito preço a rima;  
Pois quem ignora a arte, não a estima.  
Se esta valer as filhas da memoria,  
Não sei que jus terão á nossa gloria.  
Mas vingo-me, que o fim deste projecto  
He sómente cantar tão raro objecto.  
Guia-me pois, e audaz, e venturozo  
Faze, que eu corte mar tão procellozo.  
Nós não temos da Grecia a liberdade,  
Que sonhava a seu geito e por vaidade  
Os seus Elyzios; campos mentirozos,  
Moradas de seus manes, ja ditozos.  
A fé só quer, e soffre, que cantemos  
O que ella revellou, e nós o cremos.  
Tu pois, que és o depozito ditozo  
De sua voz, seu cofre preciozo,  
Cossente agora abrírmio; por que temo  
Que o meu baixel se alague neste extremo.  
No Apocalypse adoro só espalhadas  
Sombras terriveis, trevas mil Sagradas  
Da Cidade de Deus as maravilhas  
Narra pois; de que és parte, e tanto brilhas.

Não digão teus rivaes, que tu és mesquinha,  
O que não soffrerei, nem te convinha.

Era esta Architectura construida  
De pedra : pelo ferro assás pulida  
Da mortificação ; era quadrada,  
Desde a origem do mundo começada.  
Hum Anjo a mensurava de contino  
Com longa debil cana d' oiro fino.  
Do mesmo os muros são , que he a pureza  
Dos justos. A Celeste Fortaleza  
Mostrava doze portas preciosas,  
Maravilhas do engenho , obras pasmozas.  
Qual porta , que o Piropo compozera ,  
Que faúlhas flamantes reverbera.  
Qual era da esmeralda rutilante,  
Que de Anfitrite azul he semelhante.  
Qual da amethista , còr , que ao pensamento  
Roxa a idea nos traz do sentimento.  
Qual do berilo , que nas ondas desce  
Do Phison , que da fonte se ennobrece.  
Qual em fim d'outras massas cristalinas ,  
Nos preços grossas , e nas côres finas.  
Douze bazes contem por fundamento  
Dos bem aventurados o apozento.  
Que os Apostolos são ; e , por grão preço ,  
Mostrão de cada hum o nome impresso.  
Os Justos são as pedras , que tecião  
A Celeste estrutura : ali se vião

Os doutores da Lei, Padres conscriptos,  
Que aclararão a fé com seus escriptos.  
Dispostos pelo muro em varias artes,  
Formando torreões, formando partes.  
Os quatro Evangelistas na fronteira  
Traçando estão faxada lizongeira.  
E bem mostrava ser a maravilha,  
Risco de hum Deus, de sua idea filha.

N' hum lugar mais distincto e sublimado  
O humano Serafim se via alçado;  
Sombra fiel do Redemptor Divino;  
Singular joia, ornato peregrino:  
Pois nos cinco rubins, que blazonava,  
Em clarão outras pedras eclipsava.  
La se via hum festão de refulgentes  
Perlas, que erão os tenros e innocentes  
Meninos, que ao raiair o Eterno lume,  
Immolara de hum déspota o ciume.  
As molduras das portas são formadas  
Das crianças, que morrem baptizadas.  
Gemas finas, lindissimas pedrinhas,  
Novo asterismo d' outras estrellinhas.  
Tal na pedra anular o destro engenho,  
Toda a magia a mostrar de seu empenho,  
De aljofares encrava a cercadura,  
Seu Chefe d' obra, e da arte a formozura.  
Tambem formava ali distincto lustre  
Dos piedozos Pontífices o illustre

Coro : os Bispos, que a grei edificarão,  
E edificando os dias consumarão.  
E os claros Patriarcas fundadores,  
Que deixarão milhões de imitadores.

Aquellas heroínas, que atrevidas  
Triunfarão do mundo, e as escolhidas  
Virgens intactas, cujos membros castos  
Pelo Espozo, das chammás forão pastos;  
Lavravão, por tão arduo Sacrificio,  
Primores mil no fulgido edificio.  
Que direi eu dos Coros numerosos  
Desses milhões de Athletas generozos?  
Que zombavão do ferro dos tiranos  
Por esforço, e triunfos mais que humanos?  
Que estrutura fazião? Que ornamento  
Na Cidade do Santo, Eterno assento?  
O Ceo puro e sereno, cravejado  
De seus cristaes rotantes, e banhado  
Da diafana luz; mui fraca e escura  
Idéa póde dar desta pintura.

Outros Justos emfim de diferentes  
rãos de boas obras eminentes,  
Pelo vasto edificio se espalhando,  
Columnas, arcos, frizos vão formando.  
E qualquer rica pedra ali fazia,  
Conforme o que requer a Simmetria.  
Os vastos pavimentos da Cidade  
Erão, por mais grandeza, e raridade,

D' oiro puro e cristal chadrezes varios,  
Que compunhão os Justos ordinarios,  
E os poucos, que a morrer se converterão,  
E na paz do Senhor em fim morrerão.

Tal era a perspectiva rica e nobre,  
Que por fora de longe ja descobre  
A nova Hierosolima triunfante,  
Do Cordeiro de Deus Espoza amante.  
Que mais dita hia ter, que mais belleza  
Com a Mãi de seu Deus, sua Princeza.  
Pouco, e pouco estas couzas divizando  
Vinha a pompa ditoza; ja abordando  
As moradas Empyricas, e augustas,  
Em que Deus embriaga as almas justas.  
O resto, que por dentro está patente,  
Sómento dizer póde, quem o sente.  
Nem elles mesmos bem explicarião  
A visão, com que eternos se glorião.  
Ja vão entrando nos portaes luzidos,  
Ja nos Paços de Deus são recebidos:  
O carro, que brilhante a pouco viste,  
Terminado o mister, ja não existe.  
Não transponhas além, ó clara Muza,  
Porque ainda o entrar se nos recuza.  
Suspende a lira d' oiro, o eburneo plectro  
Guarda tambem; por ora cesse o metro.

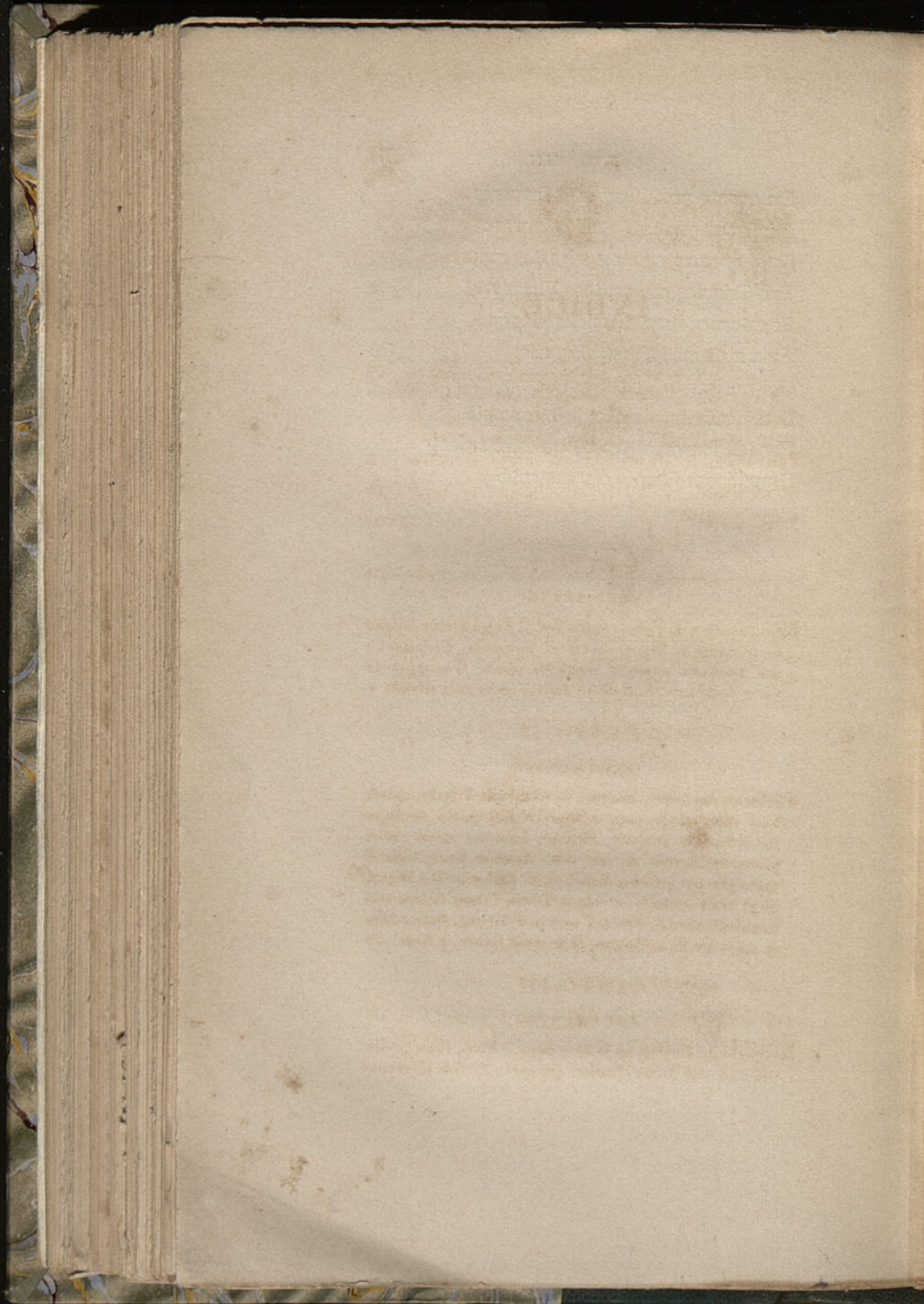
Em quantô a mim, Bemdita, se eu tivera  
O oiro, que da terra o seio gera;

As massas, que em seu fundo cristalinas  
O avaro escava de mil pedras finas ;  
E essas lagrimas puras, que odorosa  
Nos bosques chora a Arabia venturoza ;  
Deste rico thezouro ao Ceo alçara  
Hum Fano em tua gloria ; e ali queimara  
Aquelles fragrantissimos perfumes ,  
Em aureas piras de inextinctos lumes.  
Mas pois que o meu poder não chega a tanto ,  
Recolhe os votos , abençoa o canto  
No metro intonso , no conceito obscuro ,  
Mas que tu sabes , que he sincero , e puro.  
Nem sempre as arcas da riqueza abertas  
O preço fazem das feis offertas.  
Olha , que engenhos andão tão sobidos  
Com pueris objectos distrahidos.  
Cantando assumptos de tão pouca monta ,  
Que affronta o metro , que a razão affronta.  
Vê outros celebrando em toda a parte  
Os estragos que deixa o fero Marte :  
Chamando heroes , chamando heroicidade ,  
O flagello que assola a humanidade.  
Outros co'a Muza altares levantando  
Vão a lizonja infame : profanando  
Com sacrilegos feios Sacrificios  
Os dotes , que lhe derão Ceos propicios.  
Mas em quanto estas aguias tão sublimes  
Cantão desgraças , e celebrão crimes ;

Em quanto prostituem seus louvores  
A infames paixões, a mil horrores;  
Eu só procuro com meus versos rudes  
Teus Triunfos cantar, tuas Virtudes.  
He este meu braço, minha alegria,  
Nada mais me infatua a fantasia.  
Oh! queiras tu, que lá no eterno templo  
Com doce rima de não visto exemplo  
Por teu louvor eu trace, em estro ardente,  
Grandiloqua Epopéa eternamente.

FIM DOS CANTOS.





# INDICE

---

PREFACÃO. . . . .	I
BIOGRAPHIA. . . . .	IX
JUIZO CRITICO. . . . .	XXIII

## CANTO I

### ARGUMENTO

Parte a Senhora de Epheso para o Ceo. O Padre Eterno ordena ao Archanjo S. Miguel que a vá encontrar. Exclamações dos Apostolos vendo o Sepulchro vazio. Descripção do Carro do triumpho. Entretanto desce a embaixada celeste. 1

## CANTO II

### ARGUMENTO

O Principe das trevas, invejozo do triumpho da Virgem, ajunta hum conciliabulo para o impedir. Entretanto os Anjos vão levando a Senhora, narrando hums aos outros varias passagens illustres da sua vida. Arma-se hum temivel oppozição por artificio diabolico. O Archanjo São Miguel chega nesta occasião, e com a Milicia Celeste dissipa esta manobra infernal. Faz seu cortejo á Virgem. Determinão os Anjos levalla ao Paraizo, onde estão Enoch, e Elias. 33

## CANTO III

### ARGUMENTO

Descripção do Paraizo, onde estão Enoc, e Elias. Hum ligeiro esboço de sua Missão. Pratica, que teve o Profeta Elias com



a Senhora, em que lhe prova sua izempção á culpa Original. Elogio, que lhe fez o Patriarcha Enoc. Enfim rogão-lhe, que lhe narre sua morte, e seu triunfo . . . 73

## CANTO IV

## ARGUMENTO

Narra a Santa Virgem a pregação dos Apostolos. Suscita-se na Igreja de Epheso a primeira perseguição contra os fieis por intriga de hum Ourives, por nome Demetrio. Caridade de S. João Evangelista com hum Chefe de Saltoadores. Progressos do Evangelho. . . . . 101

## CANTO V

## ARGUMENTO

Continua a Santa Virgem com a narração. Saudades que ella tem a respeito de seu Filho : circumstancias de sua morte; os extasis, e revelações, que teve antes de morrer. Explica os dotes gloriozos que recebeu depois de resuscitada : e acaba a narração com huma especie de acção de graças. . . . . 139

## CANTO VI

## ARGUMENTO

Em quanto a Senhora esteve extasiada o Archanjo São Miguel explicou aos Profetas os emblemas do Carro, que descrevião varias passagens da mesma Senhora. Havia mais hum emblema, e era huma descripção do Rio de Janeiro, Cidade muito devota da Virgem pelo culto do Terço. Em fim exclamações do Profeta Elias ao retirar-se a comitiva. 171

## CANTO VII

## ARGUMENTO

Torna o Inferno a urdir novo dolo para desviar o Santo Triunfo. Descobre-se o artificio, trava-se horriavel combate entre os Anjos e os ministros infernaes. Forão estes pre-

citados em varias partes do globo. Falla da Santa Virgem.  
Reflexões dos Anjos sobre os effeitos da Soberba. . . 203

## CANTO VIII

## ARGUMENTO

Vai a Comitiva Angelica vendo as diversas Constellações Celestes. Ao passar pelo signo de Astrea, se lhes antolha de improvizo huma figura, que tece hum elogio sobre a pureza Virginal; confessando, que nas Esferas Celestes ella era o signal da futura Virgindade da Senhora. Entre tanto desce Christo a receber sua illustre Mãi. Le-se hum Decreto, que a condecora : descobre-se finalmente a Cidade de Deus : descripção de seus Muros. . . . . 237

FIM DO TABLAO.

